

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**ANA GERMANA PONTES RODRIGUES**

**VARIAÇÃO E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REALIZAÇÃO DE FRICATIVAS**  
**NO FALAR DE FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA – CEARÁ**  
**2018**

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES

VARIAÇÃO E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REALIZAÇÃO DE FRICATIVAS NO  
FALAR DE FORTALEZA-CE

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo.

FORTALEZA – CEARÁ  
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Sistema de Bibliotecas**

Rodrigues, Ana Germana Pontes.

Varição e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza-CE [recurso eletrônico] / Ana Germana Pontes Rodrigues. - 2018.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 282 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018.

Área de concentração: Linguagem e interação.

Orientação: Prof. Ph.D. Aluiza Alves de Araújo.

1. Varição fonético-fonológica. 2. Glotalização de fricativas pós-alveolares. 3. Sociolinguística Variacionista. 4. Avaliação sociolinguística. I. Título.

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES

VARIAÇÃO E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REALIZAÇÃO DE FRICATIVAS  
NO FALAR DE FORTALEZA - CE

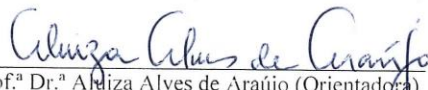
Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

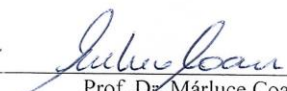
Área de Concentração: Linguagem e Interação

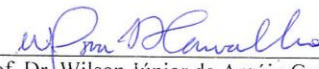
Orientador: Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo.


Aprovada em 30 de maio de 2018

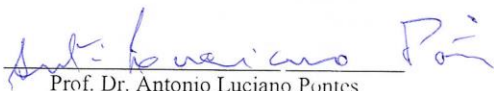
BANCA EXAMINADORA


  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

  
Prof. Dr. Márluce Coan  
(Membro externo)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

  
Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho  
(Membro interno)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

  
Prof.<sup>a</sup> Dr. Valdecy de Oliveira Pontes  
(Membro externo)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

  
Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes  
(Membro interno)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

  
Jamille Azevedo da Cunha  
Secretaria do Programa de  
Pós-Graduação em Linguística Aplicada  
Universidade Estadual do Ceará 04/06/18

Aos professores que me incentivaram a fazer este tipo de pesquisa e que vêm me acompanhando desde a graduação, especialmente Aluiza Alves de Araújo, Antonia Dilamar Araújo, Bôsko Luna, Hebe Macedo de Carvalho, Maria do Socorro Silva de Aragão, Márluce Coan e Valdecy Pontes.

Aos meus filhos de quatro patas, Frido (*in memoriam*), Roxette e Esperança, companheiros dedicados e amorosos em todos os momentos.

A todos que me “aturaram” durante esse período sacrificante e feliz, especialmente os meus amigos e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proteger e me proporcionar virtudes necessárias para conseguir alcançar mais este objetivo.

À minha psicóloga, Dra. Adriana Dias, e ao meu psiquiatra, Dr. Ricardo Rodrigues, pelo carinho, profissionalismo e dedicação, dando-me um enorme suporte mental para não desistir dessa empreitada e sair dela ainda com sanidade mental.

Aos meus pais, pela vida, pela casa, pela comida (deliciosa), pela roupa lavada (e cheirosa) e por cuidarem dos meus filhos de quatro patas quando eu estava no “aperreio”. Ao meu irmão e à minha cunhada, por me apoiarem nessa empreitada e ainda me darem de presente o Joaquim. À minha prima Suelen, por ser a melhor irmã e amiga que Deus poderia ter me dado.

À minha querida orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo, que teve tanta paciência comigo ao longo do mestrado e do doutorado. Você me inspira a cada dia! Espero que, finalmente, a nossa relação passe a ser simplesmente de amizade, sem as tensões acadêmicas de outrora!

Aos professores Dr.<sup>a</sup> Márluce Coan, Valdecy Pontes e Luciano Pontes, pelas indispensáveis contribuições para a versão final desta tese. E um agradecimento especial ao professor Dr. Wilson Carvalho, que esteve presente nas minhas bancas desde o mestrado e que veio me dando brilhantes orientações, tirando minhas dúvidas, principalmente as fonológicas.

Aos professores Cláudia Brescancini, Gredson dos Santos e Goez Kaufmann, que enviaram prontamente seus trabalhos e mais alguns outros essenciais para a presente pesquisa.

Aos informantes do PORCUFORT, com os quais só tive contato de “oitiva”. E, em especial, aos meus queridos participantes do teste de atitudes linguísticas. Muito obrigada por terem disponibilizado algumas horas do tempo de vocês para a realização deste trabalho!

Às colegas de pesquisa e irmãs de orientação, Lidiane Souza, Rakel Beserra, Tatiane Guimarães, pelo carinho, pelos conselhos, pelos empréstimos e por terem continuado apostando na Sociolinguística, ajudando-me a não desistir do doutorado.

A todos os meus amigos, pelo carinho, pelos momentos de alegria, de aprendizado e de compreensão (principalmente devido à minha ausência em vários encontros nos últimos anos): Aline, Eveline, Herica, Humberto, Karym, Kélvia, Paulo, Viviane.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pela bolsa concedida durante os últimos meses de pesquisa.

“O pluralismo cultural pode até ser um elemento necessário na extensão humana da evolução biológica.” (LABOV, 2008).

“As atitudes linguísticas (que, bem entendido, nada têm a ver com a linguística interna) são poderoso fator de evolução.” (CALVET, 2002).

“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Portanto, não temeremos [...]” (Salmo 46, 1-2).

“Facilmente não existe por aqui  
Simplesmente não é assim como se diz  
Mesmo assim não vou me arrepende daquilo  
que não fiz.

Desconfio que foi sempre assim  
Chega de mentir e de iludir  
Encarar de frente  
É o que temos a fazer  
Desconfio que é bem melhor assim!”  
(Luciano; CPM 22. *Chegou a hora de  
recomeçar*. 2002.)

## RESUMO

Com base na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) e nos estudos sobre atitudes linguísticas, como os de Lippmann (2010), Lambert (1960), Labov (2008), entre outros, essa pesquisa aborda, a respeito do português falado em Fortaleza-CE, a realização variável da fricativa pós-alveolar vozeada /gê/, em ataque silábico, e da fricativa labiodental vozeada /z/, em ataque e coda silábicos, como em: “já” ~ [h]á”, “mesmo” ~ “me[h]mo”, “desde” ~ de[h]de”. Os objetivos desta pesquisa são: descrever e analisar linguisticamente essa produção variável no português culto falado na cidade de Fortaleza-CE, a partir de inquéritos do projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT); e analisar as atitudes linguísticas de falantes do Português do Brasil sobre a produção aspirada dos fonemas supracitados – expostos a esses participantes por meio de trechos de áudios gravados por fortalezenses e de imagens da página do Facebook Suricate Seboso –, a partir da aplicação de testes de atitudes linguísticas. Para atingirmos o primeiro objetivo, utilizamos uma amostra composta por 17 informantes do projeto PORCUFORT. Os dados, submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb X (2005), revelaram que as variáveis apontadas como relevantes para os 12,9% de aspiração de /gê/ foram: Natureza do Vocábulo (Vocábulos Usuais “já”, “a gente”, “gente” e “seja”), Faixa Etária (51 anos em diante), Contexto Fonológico Subsequente ([u], [u], [i], [e], [a] e [in]), Sexo (masculino) e Posição na Sílabla e na Palavra (Ataque em Interior de Palavra). Para os 13,7% de aspiração de /z/, foram: Contexto Fonológico Subsequente ([l], [n], [m], [b], [en], [a] e [on]), Contexto Fonológico Precedente ([o], [a], [é] e [e]), Posição na Sílabla e na Palavra (Coda em Fim de Palavra e Coda Interna), Natureza do Vocábulo (Vocábulos Usuais “precisar”, “coisa”, exemplo, “mesmo”, “pois”, dizer”, Pronome “nos” e Morfema de 1ª pessoa do plural “-mos”), Sexo (Masculino), Faixa Etária (51 anos em diante) e Tonicidade (Pretônicas). Os resultados obtidos apontaram-nos que a maior parte dos dados de aspiração deve-se à difusão lexical (CHEN; WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991; 1992; 1995) de vocábulos usuais, além de um consequente avanço destes em direção a uma mudança sonora influenciada por ambientes fonéticos presentes nesses vocábulos que acabaram se tornando favoráveis para a ocorrência da glotalização. Para a análise das atitudes linguísticas sobre a produção aspirada dos fonemas mencionados, foi aplicado um teste de atitudes em 16 informantes, contendo 42 questões, das quais apenas 10 – as demais questões foram arquivadas para futuras pesquisas – buscavam especificamente as avaliações linguísticas dos participantes diante do fenômeno, exemplificado em trechos de inquéritos dos projetos NORPOFOR (Norma Oral do Português



Popular de Fortaleza), PORCUFORT e em imagens da página do Facebook Suricate Seboso. As variáveis analisadas constituem características dos participantes do teste: Gênero (masculino e feminino), Escolaridade (com Ensino Superior e sem Ensino Superior), Naturalidade (fortalezense e não nordestina) e Cidade/Estado onde mora atualmente (em Fortaleza e fora do Nordeste). A análise dos dados mostrou-nos que os elementos que fizeram as avaliações mais positivas foram, para a aspiração de /gê/: os trechos do PORCUFORT, as participantes de gênero feminino, os indivíduos sem Ensino Superior, os informantes não nordestinos e aqueles que residem fora do Nordeste; para a aspiração de /z/: foram os mesmos citados para /gê/, porém com os participantes de ambos os gêneros avaliando a variante aspirada de /z/ de maneira igual. Assim, concluímos que: a glotalização das fricativas /gê/ e /z/ apresenta uma forte tendência de uso no falar Fortaleza (cf. NORPOFOR, PORCUFORT e Suricate); é aceita por quase todos os participantes; não se trata de um fenômeno linguístico sexista ligado ao gênero masculino. Entretanto, essa realização ainda é estigmatizada por estar ligada apenas ao plano fonológico e por ter sido avaliada negativamente pelos participantes com Ensino Superior, fatores que dificultam sua implementação no sistema linguístico. Por isso, entendemos que o fenômeno constitui um caso de variação estável e não de mudança em progresso.

**Palavras-chave:** Variação fonético-fonológica. Glotalização de fricativas pós-alveolares. Sociolinguística Variacionista. Avaliação sociolinguística.

## ABSTRACT

Based on Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) and studies on linguistic attitudes, such as those of Lippmann (2010), Lambert (1960), Labov (2008), among others, this research deals, about spoken Portuguese in Fortaleza -CE, the variable realization of the post-alveolar fricative voiced /gê/, in syllabic attack, and of the voiced alveolar fricative /z/, in syllabic attack and coda, as in: “já” ~ [h]á”, “mesmo” ~ “me[h]mo”, “desde” ~ de[h]de”. The objectives of this research are: to describe and analyze linguistically this variable production in the cult spoken Portuguese in the city of Fortaleza-CE, based on surveys of the Oral Cult Portuguese Project of Fortaleza (PORCUFORT); and to analyze the linguistic attitudes of Brazilian Portuguese speakers about the aspirated production of the aforementioned phonemes - exposed to these participants through excerpts from audios recorded by fortalezenses and images from the Facebook page Suricate Seboso –, from the application of tests of linguistic attitudes. To achieve the first objective, we used a sample composed of 17 informants from the PORCUFORT project. The data, submitted to the statistical analysis program GoldVarb X (2005), revealed that the variables identified as relevant to the 12.9% aspiration of /gê/ were: Nature of the Vocabable (Usual Vocabables “já”, “a gente”, “gente” e “seja”), Age Range (51 years and over), Subsequent Phonological Context ([u], [u], [i], [e], [a] e [in]), Sex (masculine) and Position in the Syllable and in the Word (Attack in Word Interior). For the 13.7% aspiration of /z/, were: Subsequent Phonological Context ([l], [n], [m], [b], [en], [a] e [on]), Previous Phonological Context ([o], [a], [é] e [e]), Position in the Syllable and the Word (Coda in End of Word and Inner Coda), Nature of Vocabable (Usual Vocabables “precisar”, “coisa”, exemplo, “mesmo”, “pois”, dizer”, Pronome “nos” e Morfema de 1ª pessoa do plural “-mos”), Sex (Male), Age Group (51 years old) and Tonicity (Pretonic). The results showed that most of the aspiration data is due to the lexical diffusion (CHEN; WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991; 1992; 1995) of usual words, as well as a consequent advance of these towards a sound change influenced by phonetic environments present in these words that ended up becoming favorable for the occurrence of glottalization. For the analysis of the linguistic attitudes about the aspirated production of the mentioned phonemes, a test of attitudes was applied in 16 informants, containing 42 questions, of which only 10 – the other issues were archived for future research – specifically sought the linguistic evaluations of the participants in face of the phenomenon, exemplified in excerpts from surveys of the NORPOFOR projects (Oral Norma of the Popular Portuguese of Fortaleza),

PORCUFORT and in images of the Facebook page Suricate Seboso. The analyzed variables are characteristics of the participants of the test: Gender (male and female), Schooling (with Higher Education and without Higher Education), Naturality (fortalezense and not northeasterly) and City / State where you currently live (in Fortaleza and outside the Northeast). The analysis of the data showed that the elements that made the most positive evaluations were, for aspiration of /gê/: PORCUFORT excerpts, female participants, individuals without Higher Education, non-Northeastern informants, and those residing outside the Northeast; for the aspiration of /z/ were: the same as for /gê/, but with participants of both genders evaluating the aspirated variant of /z/ in the same way. Thus, we conclude that: the glottalization of fricatives /gê/ e /z/ presents a strong tendency of use in the Fortaleza (see NORPOFOR, PORCUFORT and SURICATE); is accepted by almost all participants; it is not a sexist linguistic phenomenon linked to the masculine gender. However, this realization is still stigmatized because it is linked only to the phonological plane and because it has been negatively evaluated by the participants with Higher Education, factors that make it difficult to implement it in the linguistic system. Therefore, we understand that the phenomenon is a case of stable variation and not change in progress.

**Keywords:** Phonological-phonetic variation. Glottalization of post-alveolar fricatives. Variationist Sociolinguistics. Sociolinguistic evaluation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Representação dos contextos de variação de /ʒ/ e de /z/ que serão analisados.....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 2 – Representação da variação eneária de /S/.....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 3 – Representação da variação ternária de /S/ no falar cearense.....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 4 – Representação das variáveis dependentes.....</b>	<b>93</b>
<b>Figura 5 – Representação da análise da variação aspirada de /ʒ/, /z/ e coda /z ʒ/ diante de /d/, no falar culto de Fortaleza.....</b>	<b>106</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Visão geral da distribuição das ocorrências de /ʒ/ por variante nos dados do PORCUFORT.....	107
Gráfico 2 –	Glotalização X Manutenção de /ʒ/: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT.....	108
Gráfico 3 –	Comparação dos percentuais da variação de /ʒ/ encontrados em Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 1988), em Salvador (CANOVAS, 1991) e em Fortaleza (no PORCUFORT).....	108
Gráfico 4 –	Pesos relativos da Faixa Etária sobre a glotalização de /ʒ/, nos dados do PORCUFORT, e de /v/ no estudo de Rodrigues (2013).....	113
Gráfico 5 –	Glotalização X Manutenção de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT.....	120
Gráfico 6 –	Visão geral da distribuição das ocorrências de /z/ por variante nos dados do PORCUFORT.....	124
Gráfico 7 –	Glotalização X Manutenção de /z/: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT....	125
Gráfico 8 –	Comparação dos percentuais da variante glotalizada de /z/ encontrados em Fortaleza (no PORCUFORT), em Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 1988), em Salvador-BA (CANOVAS, 1991), em Helvécia-BA (SANTOS, 2012), em Belém-PA (CARVALHO, 2000), em Tefé-AM (MARTINS, 2007), em Parintins (MARTINS, 2007), no Rio de Janeiro-RJ (AULER, 1992) e em Paraty (SANTOS, 2009).....	127
Gráfico 9 –	Glotalização X Manutenção de /z/ sem os vocábulo específicos: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT.....	147
Gráfico 10 –	Visão geral da distribuição das ocorrências de /z ʒ/ por variante nos dados do PORCUFORT.....	154
Gráfico 11 –	Glotalização X Manutenção de /z ʒ/: distribuição das ocorrências	

por variante, após retirada dos nocautes nos dados do  
PORCUFORT..... 154

**Gráfico 12 – Glotalização X Manutenção de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos:  
distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos  
nocautes, nos dados do PORCUFORT..... 158**

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Correlação entre problemas e hipóteses nesta pesquisa.....	27
Quadro 2 –	Distribuição dos informantes da amostra do PORCUFORT por sexo, idade e tipo de registro.....	87
Quadro 3 –	Perfil social dos informantes do Teste de Atitudes.....	88
Quadro 4 –	Contextos fonológicos precedentes a /ʒ/, a /z/ e a /z ʒ/.....	94
Quadro 5 –	Contextos fonológicos subsequentes a /ʒ/, a /z/ e a /z ʒ/.....	95
Quadro 6 –	Posição na Sílabla e na Palavra.....	96
Quadro 7 –	Natureza do Vocábulo.....	97
Quadro 8 –	Resumo da rodada glotalização X manutenção de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	118
Quadro 9 –	Resumo da rodada glotalização X manutenção de /ʒ/, sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	124
Quadro 10 –	Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z/ nos dados do PORCUFORT.....	145
Quadro 11 –	Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z/, sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	153
Quadro 12 –	Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	157
Quadro 13 –	Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z ʒ/, sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	160
Quadro 14 –	Respostas de <i>todos</i> os participantes para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	162
Quadro 15 –	Respostas de <i>todos</i> os participantes para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	168
Quadro 16 –	Resumo da <u>análise geral</u> das respostas dos 16 participantes do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.....	172
Quadro 17 –	Respostas do gênero <i>Feminino</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	173
Quadro 18 –	Respostas do gênero <i>Masculino</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no	

	NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	174
Quadro 19 –	Respostas do gênero <i>Feminino</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	179
Quadro 20 –	Respostas do gênero <i>Masculino</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	180
Quadro 21 –	Resumo das respostas por <u>Gênero</u> do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.....	185
Quadro 22 –	Respostas da escolaridade <i>Com Ensino Superior</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	186
Quadro 23 –	Respostas da escolaridade <i>Sem Ensino Superior</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	187
Quadro 24 –	Respostas da escolaridade <i>Com Ensino Superior</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	192
Quadro 25 –	Respostas da escolaridade <i>Sem Ensino Superior</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	193
Quadro 26 –	Resumo das respostas por <u>Escolaridade</u> do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.....	198
Quadro 27 –	Respostas da naturalidade <i>Fortalezense</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	199
Quadro 28 –	Respostas da naturalidade <i>Não Nordestina</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	201
Quadro 29 –	Respostas da naturalidade <i>Fortalezense</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	205
Quadro 30 –	Respostas da naturalidade <i>Não Nordestina</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	207
Quadro 31 –	Resumo das respostas por <u>Naturalidade</u> do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.....	212
Quadro 32 –	Respostas dos que moram <i>Em Fortaleza</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....	214
Quadro 33 –	Respostas dos que moram <i>Fora do Nordeste</i> para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate...	215



<b>Quadro 34 – Respostas dos que moram <i>Em Fortaleza</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....</b>	<b>220</b>
<b>Quadro 35 – Respostas dos que moram <i>Fora do Nordeste</i> para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate.....</b>	<b>222</b>
<b>Quadro 36 – Resumo das respostas por <u>Cidade/Estado onde mora</u> o participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.....</b>	<b>226</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Atuação da Natureza do Vocábulo sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	109
Tabela 2 –	Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	112
Tabela 3 –	Atuação do Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	114
Tabela 4 –	Atuação do Sexo sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	115
Tabela 5 –	Atuação da Posição na Sílab e na Palavra sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....	117
Tabela 6 –	Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	120
Tabela 7 –	Atuação do Sexo sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	122
Tabela 8 –	Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	122
Tabela 9 –	Atuação da Dimensão do Vocábulo sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT.....	123
Tabela 10 –	Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....	127
Tabela 11 –	Atuação do Contexto Fonológico Precedente sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....	131
Tabela 12 –	Atuação da Posição na Sílab e na Palavra sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....	133
Tabela 13 –	Contexto Fonológico Subsequente x Posição na Sílab e na Palavra sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....	134
Tabela 14 –	Atuação da Natureza do Vocábulo sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....	136
Tabela 15 –	Atuação do Sexo sobre a glotalização de /z/ nos dados do	

	<b>PORCUFORT.....</b>	<b>141</b>
<b>Tabela 16 –</b>	<b>Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>142</b>
<b>Tabela 17 –</b>	<b>Atuação da Tonicidade sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>144</b>
<b>Tabela 18 –</b>	<b>Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos, nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>148</b>
<b>Tabela 19 –</b>	<b>Atuação da Posição na Sílab e na Palavra sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>150</b>
<b>Tabela 20 –</b>	<b>Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>151</b>
<b>Tabela 21 –</b>	<b>Atuação da Dimensão do Vocábulo sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>151</b>
<b>Tabela 22 –</b>	<b>Atuação da tonicidade sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>152</b>
<b>Tabela 23 –</b>	<b>Atuação da Tonicidade sobre a glotalização de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>155</b>
<b>Tabela 24 –</b>	<b>Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>156</b>
<b>Tabela 25 –</b>	<b>Atuação do Sexo sobre a glotalização de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>156</b>
<b>Tabela 26 –</b>	<b>Atuação da Tonicidade sobre a glotalização de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>159</b>
<b>Tabela 27 –</b>	<b>Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>159</b>
<b>Tabela 28 –</b>	<b>Atuação do Sexo sobre a glotalização de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT.....</b>	<b>160</b>

## LISTA DE SÍMBOLOS

[v]: fricativa, labiodental, vozeada	[a]: vogal, central, baixa, aberta
/v/: realização com [v] ou com [h]	[ẽ]: vogal nasal, central, baixa, fechada
[s]: fricativa, alveolar, desvozeada	[ə]: vogal, central, baixa, aberta, postônica
/S/: arquifonema dos segmentos [s, z, ʃ, ʒ]	[e]: vogal, anterior, média, fechada
[z]: fricativa, alveolar, vozeada	[ɛ]: vogal, anterior, média, aberta
/z/: realização com [z] ou com [h, fi]	[ẽ]: vogal nasal, anterior, média, fechada
[ʃ]: fricativa, palato-alveolar, desvozeada ou pós-alveolar surda	[i]: vogal, anterior, alta, fechada
/ʃ/: realização com [ʃ] ou com [h]	[ĩ]: vogal nasal, anterior, alta, fechada
[ʒ]: fricativa, palato-alveolar, vozeada ou pós-alveolar sonora	[ɨ]: semivogal, anterior
[ž]: fricativa, palato-alveolar, vozeada	[j]: semivogal, anterior
/ʒ/ ou /gê/: realização com [ʒ] ou com [h]	y: semivogal, anterior, em transcrição grafemática
/ž/: realização com [ž] ou com [h]	[ɪ]: vogal, anterior, alta, fechada, postônica
[h]: fricativa, glotal, desvozeada ou constrictiva faríngea	[o]: vogal, posterior, média, fechada
[fi]: fricativa, glotal, vozeada	[ɔ]: vogal, posterior, média, aberta
[x]: fricativa, velar, desvozeada	[õ]: vogal, nasal, posterior, média, fechada
[ɣ]: fricativa, velar, vozeada	[u]: vogal, posterior, alta, fechada
[ʁ]: fricativa, uvular, vozeada	[ũ]: vogal nasal, posterior, alta, fechada
[R]: vibrante, uvular, sonora	[ɯ]: semivogal oral, posterior
[b]: oclusiva, bilabial, vozeada	[w]: realização vocalizada da lateral /l/
[d]: oclusiva, dental, vozeada	ø: zero fonético ou ausência / apagamento de fone
[dʒ]: oclusiva, alveolar, palatalizada, vozeada	
[t]: oclusiva, dental, desvozeada	
[tʃ]: oclusiva, alveolar, palatalizada, desvozeada	
[k]: oclusiva, velar, desvozeada	
[l]: lateral, alveolar, vozeada	
[n]: oclusiva, nasal, alveolar, vozeada	

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>32</b>
2.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	32
2.2	ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	37
2.3	A DIFUSÃO LEXICAL E A MUDANÇA SONORA.....	45
<b>3</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>52</b>
3.1	ESTUDOS SOBRE A ASPIRAÇÃO DAS FRICATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	52
<b>3.1.1</b>	<b>Estudos dialetológicos e/ou sociolinguísticos: no falar cearense.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Estudos dialetológicos e/ou sociolinguísticos: no falar de outros Estados.....</b>	<b>60</b>
3.2	ESTUDOS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS REALIZADOS NO BRASIL.....	74
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>84</b>
4.1	CONTEXTO DA PESQUISA E MÉTODO EMPREGADO.....	84
4.2	FONTES DE INFORMAÇÃO: A AMOSTRA E OS INFORMANTES.....	86
4.3	TÉCNICAS DE COLETA E PROCEDIMENTOS.....	89
4.4	VARIÁVEIS.....	93
<b>4.4.1</b>	<b>Variável dependente.....</b>	<b>93</b>
<b>4.4.2</b>	<b>Variáveis independentes.....</b>	<b>94</b>
4.4.2.1	Intralinguísticas.....	94
4.4.2.2	Extralinguísticas.....	98
4.5	ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	102
<b>4.5.1</b>	<b>Coleta de dados e codificação.....</b>	<b>102</b>
<b>4.5.2</b>	<b>Ferramenta estatística para a amostra do PORCUFORT.....</b>	<b>103</b>
<b>4.5.3</b>	<b>Estatística para o teste de atitudes.....</b>	<b>104</b>
4.6	INTERSEÇÃO DAS DUAS ANÁLISES.....	105
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS: A VARIAÇÃO DE /ʒ/ E DE /z/ NO FALAR CULTO DE FORTALEZA.....</b>	<b>106</b>
5.1	A VARIAÇÃO DE /ʒ/ NO PORCUFORT: UMA VISÃO GERAL DOS DADOS.....	106

<b>5.1.1</b>	<b>A variação de /ʒ/ no PORCUFORT: glotalização <i>versus</i> manutenção.....</b>	<b>107</b>
5.1.1.1	Resumo dos resultados da variação de /ʒ/ no PORCUFORT: glotalização <i>versus</i> manutenção.....	118
<b>5.1.2</b>	<b>Glotalização <i>versus</i> manutenção de /ʒ/: sem os vocábulos usuais.....</b>	<b>118</b>
5.1.2.1	Resumo dos resultados da glotalização <i>versus</i> manutenção de /ʒ/: sem os Vocábulos Usuais.....	123
5.2	A VARIAÇÃO DE /z/ NO PORCUFORT: UMA VISÃO GERAL DOS DADOS.....	124
<b>5.2.1</b>	<b>A variação de /z/ no PORCUFORT: glotalização <i>versus</i> manutenção.....</b>	<b>125</b>
5.2.1.1	Resumo dos resultados da variação de /z/ no PORCUFORT: glotalização <i>versus</i> manutenção.....	145
<b>5.2.2</b>	<b>Glotalização <i>versus</i> manutenção de /z/: sem os Vocábulos Usuais e sem o Morfema de Primeira Pessoa do Plural “-mos”.....</b>	<b>146</b>
5.2.2.1	Resumo dos resultados da glotalização <i>versus</i> manutenção de /z/: sem os Vocábulos Usuais.....	152
5.3	A VARIAÇÃO DE /z ʒ/ EM CODA NO PORCUFORT: UMA VISÃO GERAL DOS DADOS.....	153
<b>5.3.1</b>	<b>A variação de /z ʒ/ no PORCUFORT: glotalização <i>versus</i> manutenção....</b>	<b>154</b>
5.3.1.1	Resumo dos resultados da variação de /z ʒ/ no PORCUFORT: glotalização <i>versus</i> manutenção.....	157
<b>5.3.2</b>	<b>Glotalização <i>versus</i> manutenção de /z ʒ/: sem os Vocábulos Usuais e sem o Morfema de Primeira Pessoa do Plural “-mos”.....</b>	<b>157</b>
5.3.2.1	Resumo dos resultados da glotalização <i>versus</i> manutenção de /z ʒ/: sem os Vocábulos Usuais.....	160
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS DO TESTE DE ATITUDES LINGUÍSTICAS..</b>	<b>161</b>
6.1	ANÁLISE GERAL: RESPOSTAS DE TODOS OS 16 PARTICIPANTES SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/.....	162
<b>6.1.1</b>	<b>Análise geral para a produção aspirada de /ʒ/.....</b>	<b>162</b>
<b>6.1.2</b>	<b>Análise geral para a produção aspirada de /z/.....</b>	<b>168</b>
<b>6.1.3</b>	<b>Resumo da análise geral: respostas de todos os 16 participantes sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/.....</b>	<b>172</b>

6.2	RESPOSTAS POR <u>GÊNERO</u> DO PARTICIPANTE: FEMININO E MASCULINO SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/.....	173
6.2.1	<b>Gênero: atitudes linguísticas dos gêneros Feminino e Masculino sobre a produção aspirada de /ʒ/.....</b>	173
6.2.2	<b>Gênero: atitudes linguísticas dos gêneros Feminino e Masculino sobre a produção aspirada de /z/.....</b>	179
6.2.3	<b>Resumo das respostas por <u>Gênero</u> do participante: Feminino e Masculino sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/.....</b>	184
6.3	RESPOSTAS POR <u>ESCOLARIDADE</u> DO PARTICIPANTE: COM ENSINO SUPERIOR E SEM ENSINO SUPERIOR SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/.....	186
6.3.1	<b>Escolaridade: atitudes linguísticas dos níveis de Escolaridade Com Ensino Superior e Sem Ensino Superior sobre a produção aspirada de /ʒ/.....</b>	186
6.3.2	<b>Escolaridade: atitudes linguísticas dos níveis de Escolaridade Com Ensino Superior e Sem Ensino Superior sobre a produção aspirada de /z/.....</b>	192
6.3.3	<b>Resumo das respostas por <u>Escolaridade</u> do participante: com Ensino Superior e sem Ensino Superior sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/.....</b>	198
6.4	RESPOSTAS POR <u>NATURALIDADE</u> DO PARTICIPANTE: FORTALEZENSE E NÃO NORDESTINO SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/.....	199
6.4.1	<b>Naturalidade: atitudes linguísticas dos participantes Fortalezenses e Não Nordestinos sobre a produção aspirada de /ʒ/.....</b>	199
6.4.2	<b>Naturalidade: atitudes linguísticas dos participantes Fortalezenses e Não Nordestinos sobre a produção aspirada de /z/.....</b>	205
6.4.3	<b>Resumo das respostas por <u>Naturalidade</u> do participante: Fortalezense e Não Nordestino sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/.....</b>	212
6.5	RESPOSTAS POR <u>CIDADE/ESTADO ONDE MORA</u> O PARTICIPANTE: EM FORTALEZA E FORA DO NORDESTE SOBRE A	

	PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/.....	213
<b>6.5.1</b>	<b>Cidade/Estado onde mora: atitudes linguísticas dos participantes que moram Em Fortaleza e Fora do Nordeste sobre a produção aspirada de /ʒ/.....</b>	<b>214</b>
<b>6.5.2</b>	<b>Cidade/Estado onde mora: atitudes linguísticas dos participantes que moram Em Fortaleza e Fora do Nordeste sobre a produção aspirada de /z/.....</b>	<b>220</b>
<b>6.5.3</b>	<b>Resumo das respostas por <u>Cidade/Estado onde mora</u> o participante: Em Fortaleza e Fora do Nordeste sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/....</b>	<b>226</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>228</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>237</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>245</b>
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO APRESENTADO AOS PARTICIPANTES DO TESTE DE ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	246
	APÊNDICE B – ARQUIVO DE CONDIÇÕES COM AS CHAVES DE CODIFICAÇÃO.....	248
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA O TESTE DE ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	251
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>273</b>
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISAS.....	274
	ANEXO B – IMAGENS DA PÁGINA SURICATE SEBOSO UTILIZADAS NO TESTE DE ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	278
	ANEXO C – QUADRO DE INFORMANTES DO PORCUFORT COM O NÚMERO DOS INQUÉRITOS UTILIZADOS NA AMOSTRA.....	282



## 1 INTRODUÇÃO

É fato que toda língua comporta variações, e que o português do Brasil também apresenta grande diversidade de falares. No meio dessa diversidade, observamos muitos fenômenos linguísticos, passíveis de regularidade, cuja investigação é de grande importância para a descrição do português atual. Além disso, percebemos que são fenômenos cujo uso pode acarretar diferentes julgamentos sociais, ao avaliar socialmente o falante a partir da escolha de uma determinada forma linguística ele utiliza dependendo da situação sociocomunicativa em que o mesmo se encontra.

No português popular<sup>1</sup> falado na cidade de Fortaleza, já verificamos, em um outro estudo<sup>2</sup>, que a realização da fricativa /v/ constitui-se um fenômeno variável. Esse fonema ora se realiza como fricativa labiodental vozeada [v], ora como fricativa glotal desvozeada [h], ilustrado na palavra “[v]ai” ~ “[h]ai”. Ao analisarmos esse fenômeno, verificamos que, entre variáveis intra e extralinguísticas, as que mais influenciaram o uso da variante aspirada foram: frequência de uso (termos extremamente usuais)<sup>3</sup>, contexto fonológico subsequente (as vogais [õ], [ẽ], [a] e [ɛ]), tonicidade (as sílabas postônicas), dimensão do vocábulo (monossílabos e dissílabos), contexto fonológico precedente (as vogais [a], [ẽ], [ũ], [u], [ɛ] e [e], a semivogal [j] e a pausa), classes de palavras (verbos e a locução interjetiva “A[h]e Maria!”), *status* morfológico do segmento (morfema gramatical), grupo fônico (palavras com /ava/), faixa etária (a mais avançada, com 50 anos ou mais) e escolaridade (com 0 a 4 anos de escolarização).

Por isso, nessa pesquisa (RODRIGUES, 2013), como o resultado favoreceu, principalmente, os de faixa etária mais avançada e com menor escolaridade, constatamos indícios de uma mudança em progresso, apontando para o uso apenas da manutenção. No entanto, não pudemos verificar se esse resultado seria condizente com as atitudes dos falantes fortalezenses (com ou sem nível universitário) residentes em sua cidade natal nem dos fortalezenses que já moram há muito tempo fora de Fortaleza ou dos migrantes de outras regiões (de fora do Nordeste) que vivem nesta cidade nem de brasileiros que não moram na região Nordeste do Brasil.

---

<sup>1</sup> Os conceitos de culto e popular serão abordados na seção *Fundamentação teórica*.

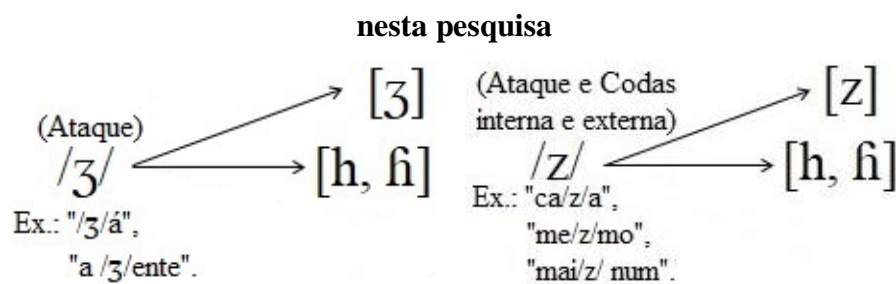
<sup>2</sup> RODRIGUES, 2013.

<sup>3</sup> Entre parênteses, colocamos o fator que, na maioria das análises, obteve o maior peso relativo para a variante aspirada.

Durante esse estudo anterior (RODRIGUES, 2013), ao ouvirmos inquéritos do NORPOFOR (Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), encontramos variação semelhante com o uso das fricativas /s, z, ʃ, ʒ/, tanto em posição de ataque silábico quanto de coda, como vemos em: “uma vei[s] foram ~ uma vei[h] foram”; “ca[z]a ~ ca[h]a”; “mai[z] num tinha ~ mai[h] num tinha”; “me[z]mo ~ me[h]mo”; “ma[ʃ]tigar ~ ma[h]tigar”; “a gente ~ a [h]ente”; “de[z ʒ]<sup>4</sup>de de manhã ~ de[h]de de manhã”; “atrai[z ʒ] dela ~ atrai[h] dela”.<sup>5</sup> Em seguida, resolvemos verificar se tal uso também ocorre nos inquéritos do PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza) e constatamos que sim.

Assim, observamos que: /v, s, z, ʃ, ʒ/ se realizam como [v, s, z, ʃ, ʒ] (manutenção), como [ø] (apagamento) ou como [h, h̃] (reificação). Pelo fato de termos encontrado um número bem menor de casos de aspiração envolvendo as fricativas /v/, /s/ (alveolar desvozeada) e /ʃ/ e de apagamento, envolvendo todas elas, resolvemos restringir nossas análises às variantes da manutenção e da glotalização de /ʒ/ e de /z/ nos contextos silábicos de: ataque, no início, e ataque, interno, para /ʒ/; ataque para /z/; e coda, interna e externa, para /z/.

**Figura 1 – Representação dos contextos de variação de /ʒ/ e de /z/ que serão analisados**



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dessas observações, percebemos que esta proposta de estudo converge para os seguintes problemas:

- a) Qual a relevância dos fatores intralinguísticos (contextos fonológicos precedente e subsequente, posição na sílaba e na palavra, tonicidade, dimensão

<sup>4</sup> Como não conseguimos, de oitiva, diferenciar entre [z] e [ʒ] nos nossos dados, resolvemos considerá-los como uma só variante que representaria os casos de manutenção, com [z ʒ].

<sup>5</sup> Exemplos retirados de nossa amostra, cujos inquéritos, foram, respectivamente, os de números: 46 (PORCUFORT), 06 (NORPOFOR), 06 (PORCUFORT), 06 (PORCUFORT), 99 (NORPOFOR), 06 (PORCUFORT), 99 (NORPOFOR), 99 (NORPOFOR).

e natureza do vocábulo) para o favorecimento das variantes da manutenção e da aspiração dos fonemas /ʒ/ e /z/ no falar culto de Fortaleza?

- b) Qual o papel das variáveis extralinguísticas sexo e faixa etária para a realização de cada variante no falar culto de Fortaleza?
- c) A realização de /ʒ/ e de /z/ reflete uma variação estável ou há indícios de uma mudança em progresso no falar culto de Fortaleza?
- d) Qual o papel das variáveis gênero (masculino, feminino, outro(s)), escolaridade (com ou sem Ensino Superior), naturalidade (ser fortalezense ou não ser nordestino) e lugar onde o participante mora atualmente (em Fortaleza ou fora do Nordeste) na avaliação linguística sobre a aspiração de /ʒ/ e de /z/ no teste de atitudes?

Para responder a esses questionamentos, formulamos, com base na literatura analisada e na audição de alguns inquéritos, as seguintes hipóteses:

- a) Os fatores intralinguísticos que exercem influência sobre a realização variável do fenômeno, favorecendo o uso da forma glotalizada são: natureza do vocábulo, contexto fonológico subsequente (quando o segmento vem seguido pelas vogais [a] ou [ẽ]), posição na sílaba e na palavra (quando /ʒ/ se encontra em ataque interno e quando /z/ está em coda externa), tonicidade (postônicas), tamanho do vocábulo (quanto maior).
- b) Os fatores extralinguísticos que exercem influência sobre a realização variável do fenômeno, favorecendo o uso da forma glotalizada são: faixa etária (quanto maior) e sexo (masculino).
- c) No falar culto de Fortaleza, a realização das fricativas /ʒ/ e /z/ é um fenômeno que reflete variação estável, embora o seu maior uso ocorra na faixa etária mais avançada.
- d) No teste de atitudes, os fatores analisados exercem influência sobre a realização variável do fenômeno da seguinte forma: os diferentes gêneros dos participantes dão respostas semelhantes; os participantes que possuem Ensino Superior fazem uma avaliação mais negativa do fenômeno do que os demais participantes; para os fortalezenses natos, há uma atitude positiva, de identidade, e de não estigmatização do uso da variante aspirada, e os participantes não nordestinos apresentam uma atitude neutra em relação ao uso

enfraquecido dessas fricativas; os participantes que moram fora do Nordeste (tanto os fortalezenses quanto os não nordestinos) apresentam uma atitude negativa em relação às variantes aspiradas de /ʒ/ e de /z/, e os participantes que residem em Fortaleza fazem uma avaliação positiva sobre esse fenômeno.

Os problemas e as hipóteses deste estudo estão correlacionados no quadro a seguir:

**Quadro 1 – Correlação entre problemas e hipóteses nesta pesquisa**

PROBLEMAS	HIPÓTESES
Qual a relevância dos fatores intralinguísticos (contextos fonológicos precedente e subsequente, posição na sílaba e na palavra, tonicidade, dimensão e natureza do vocábulo) para o favorecimento das variantes da manutenção e da aspiração dos fonemas /ʒ/ e /z/ no falar culto de Fortaleza?	Os fatores intralinguísticos que exercem influência sobre a realização variável do fenômeno, favorecendo o uso da forma glotalizada são: natureza do vocábulo, contexto fonológico subsequente (quando o segmento vem seguido pelas vogais [a] ou [ẽ]), posição na sílaba e na palavra (quando /ʒ/ se encontra em ataque interno e quando /z/ está em coda externa), tonicidade (postônicas), tamanho do vocábulo (quanto maior).
Qual o papel das variáveis extralinguísticas sexo e faixa etária para a realização de cada variante no falar culto de Fortaleza?	Os fatores extralinguísticos que exercem influência sobre a realização variável do fenômeno, favorecendo o uso da forma glotalizada são: faixa etária (quanto maior) e sexo (masculino).
A realização de /ʒ/ e de /z/ reflete uma variação estável ou há indícios de uma mudança em progresso no falar culto de Fortaleza?	No falar culto de Fortaleza, a realização das fricativas /ʒ/ e /z/ é um fenômeno que reflete variação estável, embora o seu maior uso ocorra na faixa etária mais avançada.
Qual o papel das variáveis gênero (masculino, feminino, outro(s)), escolaridade (com ou sem Ensino Superior), naturalidade (ser fortalezense ou não ser nordestino) e lugar onde o participante mora atualmente (em Fortaleza ou fora do Nordeste) na avaliação linguística sobre a aspiração de /ʒ/ e de /z/ no teste de atitudes?	No teste de atitudes, os fatores analisados exercem influência sobre a realização variável do fenômeno da seguinte forma: os diferentes gêneros dos participantes dão respostas semelhantes; os participantes que possuem Ensino Superior fazem uma avaliação mais negativa do fenômeno do que os demais participantes; para os fortalezenses natos, há uma atitude positiva, de identidade, e de não estigmatização do uso da variante aspirada, e os participantes não nordestinos apresentam uma atitude neutra em relação ao uso enfraquecido dessas fricativas; os participantes que moram fora do Nordeste (tanto os fortalezenses quanto os não nordestinos) apresentam uma atitude negativa em relação às variantes aspiradas de /ʒ/ e de /z/, e os participantes que residem em Fortaleza fazem uma avaliação positiva sobre esse fenômeno.

Fonte: Elaborado pela autora.

A presente pesquisa tem os objetivos de descrever, analisar e avaliar atitudes linguísticas sobre a realização variável das fricativas /ʒ/ e /z/ no falar de Fortaleza, a partir de testes de atitudes linguísticas e de inquéritos do projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Para a descrição e análise dessa realização variável no PORCUFORT,

aplicaremos o modelo teórico-metodológico da sociolinguística laboviana. Esse modelo procura sistematizar os dados linguísticos, descrever a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social e estabelecer relações entre os fatores intra e extralinguísticos. Para avaliar as atitudes linguísticas dos falantes, a Sociolinguística propõe-se ainda a estudar essas atitudes, constituindo uma das cinco questões fundadoras <sup>6</sup> (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), referindo-se ao problema da avaliação, ou seja, relacionado ao julgamento subjetivo dos falantes quanto à sua própria variedade linguística e à dos demais membros de sua comunidade.

O primeiro objetivo serve de embasamento para o segundo, pois, em primeiro lugar, sentimos necessidade de provar, quantitativamente, que a variante aspirada é bastante recorrente no falar fortalezense, e em que contextos intra e extralinguísticos ela o seria. Comprovado esse fato, vem o nosso segundo objetivo: descobrir como é a avaliação dos falantes do PB diante disso, a fim de entendermos o estágio em que o fenômeno se encontra na comunidade de fala fortalezense e na não nordestina: se em variação estável ou em mudança em progresso. E, por último, objetivamos verificar se haveria alguma possibilidade de implementação desse uso no sistema linguístico.

Por estarmos trabalhando com situações concretas de uso da língua, a partir das conversações obtidas pelas entrevistas promovidas pelo projeto PORCUFORT, este trabalho pode contribuir para o ensino de língua materna e estrangeira, se levarmos em consideração o conceito de *competência comunicativa*, desenvolvido por Hymes (1974). Tal conceito, imprescindível para a construção de metodologias para o ensino de línguas, diz que uma criança, quando adquire um sistema gramatical, incorpora também o sistema de uso relacionado a pessoas, lugares, objetivos e outras formas de comunicação juntamente com atitudes e crenças a eles relacionados. Dessa forma, um programa de ensino de línguas preocupado com as diferenças socioculturais, dentre elas a variação linguística, deve trabalhar com a questão da diversidade linguística.

Este tipo de trabalho poderá contribuir, também, para que professores e alunos conheçam melhor a diversidade linguística brasileira e saibam como lidar com as inúmeras situações de heterogeneidade linguística com as quais se defrontam. Por exemplo: o professor passa a reconhecer que a variedade linguística que o aluno aprendera com a sua família é igualmente legítima e passa a respeitá-la, mas sem deixar de fazer com que ele se torne capaz de expandir suas competências, ao saber escolher o registro adequado a cada situação na qual

---

<sup>6</sup> De acordo com esses autores, para investigar uma mudança linguística, o pesquisador terá que lidar com cinco problemas: fatores condicionantes, transição, encaixamento, avaliação e implementação.

se processa a comunicação, a fim de que consiga se identificar também com a variedade culta da língua, prestigiada, e que deve ser o alvo do trabalho escolar.

Essa atitude é o que prega a *pedagogia da língua materna* (CAMACHO, 2001), segundo a qual a escola, ao proporcionar aos alunos o acesso a todos os bens simbólicos – sendo a variedade culta um deles –, cumpre um papel político muito importante. De acordo com os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), o ensino de língua portuguesa deverá promover a discussão acerca do eixo USO→REFLEXÃO→USO. Para essa discussão, o professor poderá, por exemplo, perguntar: como se dá o uso dessa variante na nossa cidade e em outros locais? Quais são as regras do uso? Por que em alguns ambientes uma determinada forma existe e em outros não? Em quais contextos devemos monitorar o seu uso a fim de não sofreremos preconceito?<sup>7</sup>

Da mesma forma, ao verificarmos as atitudes linguísticas dos alunos e de outros usuários da língua – um dos objetivos de nossa pesquisa –, podemos investigar as implicações que poderiam existir no desenvolvimento de habilidades desses falantes no uso das variedades prestigiadas, visto que ainda existe uma distância entre o prestígio da variedade culta da língua utilizada pela escola e os dialetos previamente desprestigiados dos alunos, podendo gerar nestes indisposições para o desenvolvimento dessas habilidades.

Na presente pesquisa, escolhemos abordar o aspecto fonético-fonológico por este ser um dos que mais rapidamente revelam as variações linguísticas, tanto as diatópicas quanto as diastráticas<sup>8</sup>. A escolha desse tema em específico (realização variável de /ʒ/ e de /z/) deuse, primeiramente, por já termos constatado semelhante variação com o uso de /v/ no falar popular de Fortaleza e, como forma de completarmos o estudo sobre o enfraquecimento dessas fricativas na comunidade de fala fortalezense, resolvemos expandi-lo para os fonemas /ʒ/ e /z/, passando a analisá-los com falantes cultos da mesma cidade, a partir do *corpus* do projeto PORCUFORT.

Além disso, essa escolha justifica-se ainda pelo fato de o enfraquecimento das fricativas /ʒ/ e /z/ ter uma notável ocorrência no falar fortalezense, apesar de ser um dos fenômenos linguísticos estigmatizados nos resultados das pesquisas de outros autores que já abordaram esse fenômeno, como: Aguiar (1937), Bueno (1967), Seraine (1972), Silva Neto (1979), Roncarati (1988), Aragão (2009). Em outros locais do País, o fenômeno já foi

<sup>7</sup> Discussão proposta por Coan e Freitag (2010).

<sup>8</sup> A variação diatópica é aquela que se relaciona a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação diastrática é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais (BAGNO, 2003).

registrado também por Canovas (1991), Pelicioli (2008), Hora (1999), Marques (2001), Carvalho (2000), Martins (2007), Santos (2009) e Bassi (2010). Assim, este estudo pretende investigar os resultados encontrados em trabalhos anteriores e até mesmo verificar a existência de resultados diferentes dos nossos, propondo-se a fazer uma discussão mais aprofundada e atual sobre o assunto.

Esta pesquisa leva em conta os interesses da linha de pesquisa 2, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará, ao investigar as relações entre linguagem e cognição, sob a perspectiva da linguagem enquanto conhecimento gerado na interação, em situações concretas de uso, e sob a perspectiva da linguagem enquanto sistema (re)criado na interação, ao investigar variação e mudança de regras de uso. Além disso, o presente trabalho está inserido na proposta do projeto “Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE”, pertencente a essa linha de pesquisa e coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo. O objetivo principal desse projeto é descrever e analisar diversos fenômenos linguísticos do português falado em Fortaleza-CE – podendo-se incluir a variação de /ʒ/ e /z/ –, buscando “entender mecanismos linguísticos e sociais da variação estável e da variação que envolve mudança em progresso” e utilizando os *corpora* dos projetos NORPOFOR e PORCUFORT<sup>9</sup>.

Na presente pesquisa, dividimos o trabalho essencialmente em sete partes. A primeira é esta, contendo as considerações iniciais. Na segunda, falamos sobre os pontos mais relevantes da teoria de base da nossa pesquisa, a teoria da variação e mudança linguística, cuja proposta metodológica também embasa uma de nossas análises. Dando continuidade a essa fundamentação teórica, versamos algumas abordagens acerca de atitudes linguísticas. Em seguida, apresentamos alguns pontos-chave da teoria da difusão lexical, a qual se fez necessária para analisarmos os resultados obtidos na análise estatística. Na terceira seção, fazemos uma revisão da literatura acerca da realização das fricativas /s, z, ʃ, ʒ, h/ na língua portuguesa e em outras línguas, com o objetivo de verificar os fatores linguísticos e sociais que influenciaram os resultados dessas pesquisas. Em seguida, apresentamos algumas pesquisas que se propuseram a analisar as atitudes linguísticas no Brasil.

Na quarta seção, explicamos a metodologia de análise dos resultados que encontramos com os testes de atitudes linguísticas e a metodologia de análise dos dados que

---

<sup>9</sup> Para mais informações, consultar: <<http://www.uece.br/posla/index.php/projetos-de-pesquisa/linha-02>>. Acesso em: 4 fev 2017.

obtivemos a partir dos inquéritos do PORCUFORT. Na quinta seção, temos a apresentação e análise dos dados obtidos nesses inquéritos. Na seção seguinte, apresentamos e discutimos os resultados com os quais nos deparamos nos testes de atitudes linguísticas. Por último, há a seção com as considerações finais sobre a pesquisa.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, abordaremos os principais pressupostos da teoria de base da nossa pesquisa, a teoria da variação e mudança linguística, que também guiou metodologicamente o estudo de análise e descrição linguística das fricativas /ʒ/ e /z/ nos dados que apresentamos do projeto PORCUFORT. Aliado a essa teoria, está o estudo sobre atitudes linguísticas que embasam a análise que fizemos sobre as avaliações linguísticas de falantes do PB no teste de atitudes. E por último, esta seção apresentará, de forma panorâmica, alguns fundamentos sobre o difusionismo lexical, o qual se tornou imprescindível para explicar os resultados que encontramos nos dados do PORCUFORT.

### 2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Considerando a existência do caráter social da linguagem e a dicotomia língua/fala, optamos pela abordagem laboviana<sup>10</sup> (LABOV, 2008), que reelabora o conceito de Saussure (1973) e reduz língua/fala a uma única concepção, sem dividi-las, tomando como tema central a noção de que “fato social” é a existência da língua na comunidade, que, por sua vez, é exterior ao indivíduo. Além disso, essa abordagem focaliza a maneira como esse “fato social” é apreendido e modificado pelo falante, o que nos leva ao entendimento de que a língua pode variar de um indivíduo para outro, dependendo das situações sociocomunicativas em que eles a utilizam. No entanto, segundo Labov (LABOV, 2008), a explicação para a variação não se encontra no indivíduo, mas sim na comunidade à qual ele pertence.

Essa concepção de língua-sociedade enquanto estrutura, e não uma “coleção de itens” (BRIGHT, 1974), ficou conhecida como sociolinguística, cujo papel principal é o de “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção.” (BRIGHT, 1974, p. 17).

Para a sociolinguística, as diferenças nos hábitos de fala de uma comunidade, antes tratados como “variação livre”, seriam condicionadas por fatores, também, sociais, os quais são responsáveis pelo papel que essas variações têm na língua (LABOV, 2008). Com isso, essa concepção rompe com a associação entre estrutura e homogeneidade, prevista por adeptos do estruturalismo, da glossemática e do gerativismo. O que encontramos nas comunidades de fala é justamente a variação de estruturas heterogêneas, abolindo, dessa

---

<sup>10</sup> Também chamada de sociolinguística variacionista e de sociolinguística quantitativa.

forma, a ideia de falante com estilo único (LABOV, 2008). É nesse sentido que a sociolinguística encontra seu objeto de estudo: a diversidade linguística dentro da comunidade de fala. Essas variações na língua comportam regularidades, encontradas no final do processo e não no início, passíveis de definição, o que garante à língua a sua sistematicidade dentro do universo aparentemente caótico da variação. É a chamada variação sistematizada.

Ainda de acordo com a concepção laboviana, a língua torna-se um elemento indicador de mudança social, quando verificamos que a mudança da posição social do falante provoca também mudança em seu comportamento linguístico (LABOV, 2008). O desenvolvimento dessas diferenças linguísticas tem valor positivo na evolução cultural humana – “e que o pluralismo cultural pode até ser um elemento necessário na extensão humana da evolução biológica.” (LABOV, 2008, p. 372).

Como exemplo, o autor comenta que, em sua pesquisa sobre Martha’s Vineyard, “entre os chilmarkenses [os 'típicos velhos ianques' da ilha] e os demais habitantes da ilha, as diferenças fonéticas se tornam cada vez mais marcadas à medida que o grupo luta por manter sua identidade.” (LABOV, 2008, p. 49). A comunidade sofreu influências sociais tocantes provocadas por veranistas do continente. A variação encontrada por Labov na ilha apresentava duas maneiras de pronúncia da vogal-núcleo dos ditongos /aw/, como em *out* e *house*, e /ay/, como em *white* e *right*. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada, tinha a pronúncia da vogal-núcleo [əu] e [əy]. A variante inovadora – aos falantes nativos da ilha – e de prestígio, pois se assemelhava à pronúncia do inglês-padrão, era a forma trazida pelos veranistas. Labov verificou que a variante conservadora, não-padrão e estigmatizada, como em *house* [heus], era a forma mais forte dentro da comunidade. Com isso, o autor pôde perceber que os habitantes da ilha de Martha’s Vineyard, ressentindo-se da invasão cultural e econômica dos veranistas, exageravam na pronúncia da vogal-núcleo como forma de demarcar seu espaço, sua identidade, sua cultura, seu perfil de comunidade e de grupo social.

Para a análise do *corpus* do PORCUFORT, adotaremos o ponto de vista laboviano quanto às concepções de comunidade de fala e de indivíduo, segundo o qual o indivíduo não existe como uma unidade; ele é estudado porque fornece os dados para descrever a comunidade, mas ele, em si, não constitui uma unidade linguística, isto é, um objeto onde encontraremos explicações para fenômenos linguísticos. A realidade linguística estaria, sim, na comunidade de fala. Apesar de adotarmos esse ponto de vista, reconhecemos a existência

de outros posicionamentos<sup>11</sup> – os quais buscam o controle do modo como os indivíduos de uma comunidade organizam sua comunicação –, que podem, de fato, mostrar resultados que expliquem o uso de diferentes variáveis de fala dentro de uma comunidade.

A sociolinguística laboviana focaliza, por sua vez, a forma como o “fato social” (que é a própria existência da língua na comunidade) é apreendido pelo indivíduo e a maneira como este muda, enquanto sujeito social, adquirindo a língua através da interação com os membros da comunidade, mas só podendo criá-la ou modificá-la a partir de um acordo com os membros da ordem social (SILVA, 2009).

Labov (2008) ressalta ainda que uma comunidade de fala não consiste num grupo em que todos os falantes usam as mesmas formas, mas sim compartilham as mesmas normas a respeito da língua. Complementando esse conceito, Guy (2001) ressalta que os indivíduos de uma mesma comunidade linguística devem: compartilhar traços linguísticos diferentes de outros grupos, ter uma frequência de comunicação alta entre si e as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Por exemplo, na comunidade de fala de Fortaleza, os falantes de 22 a 35 anos, quanto à realização de /ʒ/, costumam inibir a sua forma aspirada [h, fi], enquanto os falantes de 51 anos ou mais, da mesma comunidade, favorecem essa forma. No entanto, percebemos que há um compartilhamento de normas, pois a realização variável de /ʒ/, em ambas as faixas etárias, dá-se apenas entre três variantes: [ʒ], [h, fi] e zero fonético. Já, em relação às atitudes diante da variante glotal de /ʒ/, pudemos constatar que a maior parte dos fortalezenses natos faz uma avaliação negativa a respeito desse uso do que o fazem os falantes de naturalidade não nordestina.

Sobre os conceitos de variação e mudança linguística, a abordagem variacionista considera que a variação é observada dentro de um determinado período de tempo em que duas ou mais formas competem em uma mesma gramática. A mudança linguística, por sua vez, consiste em um (re)arranjo na estrutura do sistema. É através da variação que as línguas mudam, e mudança é uma característica das línguas naturais. Ou seja, para que haja mudança, é necessário que haja primeiro variação, mas nem sempre a variação provocará uma mudança, pois podemos encontrar

um estágio intermediário característico enquanto uma mudança linguística caminha rumo a se completar. Ou podemos testemunhar um enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua (LABOV, 2008, p. 188).

---

<sup>11</sup> Cf. MILROY, 2002; FIGUEROA, 1994.

Por exemplo, no caso do enfraquecimento de /v/ no falar fortalezense, a ocorrência na forma aspirada [h] é de apenas 12,5% (1.379/11.017), de acordo com a pesquisa que fizemos (RODRIGUES, 2013), cujos dados foram coletados entre os anos de 2003 e 2006; e essa pesquisa apresenta, ainda, indícios de uma mudança em progresso, pois há um *continuum* de diminuição do uso de [h], conforme a diminuição da faixa etária. No entanto, quando verificamos os resultados da pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), cuja coleta de dados (da mesma comunidade de fala) foi feita cerca de quinze anos antes da coleta do NORPOFOR, deparamo-nos com um uso ainda menor (6,85%: 104/1.519) da variante aspirada. Por isso, podemos entender que este seria um caso de “enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua” (LABOV, 2008, p. 188) e não necessariamente de mudança linguística.

Já o conceito de variante linguística diz respeito justamente às formas em variação, ou seja, são as diversas maneiras que podem usar para elementos que tenham o mesmo significado, em um mesmo contexto e que tenham um mesmo sentido referencial (LABOV, 2008). No entanto, esse mesmo significado atribuído a diversas formas não costuma ser aceito de imediato pelos falantes, havendo ainda uma forte tendência a atribuir outros diferentes significados a elas, visto que

valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. [...] Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística (LABOV, 2008, p. 290).

Por sua vez, essas formas alternativas configuram um fenômeno variável, conhecido como variável dependente. “Dependente”, porque “o emprego das variantes não é aleatório, mas sim condicionado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.” (MOLLICA, 2004, p. 11). Por isso, o conceito de “variável” abrange dois significados: tanto diz respeito ao fenômeno em variação quanto ao grupo de fatores.

Como utilizaremos um *corpus* em nossa pesquisa (PORCUFORT) contendo dados de fala culta, é necessário falarmos ainda sobre os critérios utilizados para o emprego desses adjetivos (popular e culto). O conceito de *norma*, no entanto, não está presente na literatura sociolinguística laboviana, justamente porque, para esta teoria, a variação é vista como intrínseca ao funcionamento do sistema linguístico, e não como algo que possa se opor

ou que venha a prejudicar tal sistema; na sociolinguística, norma e sistema estão “fundidos” (LUCCHESI, 2002).

Para conceituarmos norma popular, buscamos os trabalhos de Lucchesi (2002), Bagno (2003) e Preti (1999). Para o primeiro, a realidade linguística brasileira não é apenas variável e heterogênea (como prevê a sociolinguística laboviana); ela seria ainda “plural”, ou mais precisamente “polarizada”, extraído-se dela dois grandes subsistemas, os quais, por sua vez, também são heterogêneos e variáveis, definidos por Lucchesi (2002) como “normas”. Esse “diassistema polarizado” da realidade brasileira é distinguido, por um lado, como “norma culta” e, por outro, como “norma vernácula ou popular”. Assim, a norma popular envolveria os padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população, alheia aos direitos básicos de cidadania e mantida à margem da sociedade; os antepassados dessa parcela da população, em geral, eram também excluídos desses direitos. Já a norma culta englobaria os padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que possuem formação escolar e acesso a todos os espaços de cidadania; essa norma provém, linguisticamente, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos entre as elites colonial e imperial, que, por sua vez, se inspiraram na língua da Metrópole portuguesa.

Para Bagno (2003), a norma popular constitui um conjunto de

variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades (BAGNO, 2003, p. 59).

Na norma culta, por sua vez, no Projeto Norma Urbana Oral Culta – NURC (PRETI, 1999) – que serviu de inspiração para a elaboração dos projetos NORPOFOR e PORCUFORT –, o principal critério de escolha de seus informantes foi o grau de escolaridade (o nível universitário), passando o adjetivo “culto” a se referir apenas aos falantes com essa escolarização.

Quando a variação começa a apresentar indício de mudança, para investigá-la, o pesquisador passa a lidar com cinco problemas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). O primeiro está relacionado às restrições, as quais estão ligadas aos fatores linguísticos e extralinguísticos que indicam possíveis mudanças numa direção específica, pois o processo de mudança dificilmente modifica todo o sistema (normalmente, é apenas um conjunto de variáveis que, gradativamente, sofre modificação).

O segundo problema é o da transição, que investiga como uma mudança linguística acontece, quer dizer, como uma dada forma se modifica de um estágio para outro,

sendo, então, estudada como um *continuum*. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), esses estágios são, essencialmente, três: (i) os falantes aprendem uma forma alternativa; (ii) os falantes passam um período convivendo com a forma inovadora e com a antiga; (iii) finalmente, apenas uma dessas formas passa a ser usada pelos falantes.

O encaixamento constitui o terceiro desses problemas, e ele procura dar conta de como uma mudança se encaixa nas estruturas social e linguística da comunidade e que resultados essa mudança poderá acarretar no sistema linguístico (já que uma mudança pode desencadear outra).

Já o problema da avaliação diz respeito ao julgamento feito pelos membros da comunidade em relação à mudança e qual o efeito dessa avaliação sobre ela. Esse quarto problema está relacionado às atitudes linguísticas dos falantes. No início, eles não fazem julgamento sobre a mudança porque, nesse estágio, ela ainda se encontra abaixo do nível de consciência social. Em seguida, já começam a surgir alterações estilísticas e estratificação social. O falante, dessa maneira, avalia positivamente as formas com as quais se identifica no seu grupo social ou aquelas que julga pertencer a um grupo de prestígio, embora ainda produza, de maneira inconsciente, as formas que avalia negativamente.

O último problema relatado pelos autores é a implementação, a qual procura responder quais os fatores que causaram a implementação da mudança e por qual motivo ela acontece em uma língua em um momento específico e não em outro.

Portanto, em síntese, para análise dos nossos dados, utilizaremos como pressupostos da Sociolinguística variacionista, os conceitos de: comunidade de fala, variação e mudança linguística, norma culta e os problemas relacionados à mudança linguística, especialmente, restrições, encaixamento e avaliação.

## 2.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Dentre esses cinco problemas que acabamos de citar, investigaremos nesta subseção, mais detidamente, o da avaliação. Os estudos de atitudes linguísticas tiveram início com o psicólogo social Wallace Lambert (1960), em uma pesquisa sobre bilinguismo realizada no Canadá. O experimento utilizado passou a ser conhecido como *matched guise* (comparação de modalidades) e sofreu várias modificações. Quanto à escala de avaliação proposta pelo experimento de Lambert, podemos destacar a do diferencial semântico, a qual envolve “a construção de uma série de escalas bipolares de sete pontos, com adjetivos de valores opostos colocados em ambas as extremidades de cada escala” (CYRANKA;

RONCARATI, 2009, p. 3), como esta: “Rápido \_\_:\_\_:\_\_:\_\_:\_\_:\_\_: lento (CYRANKA; RONCARATI, 2009, p. 3)”. Dessa forma, poderemos quantificar as respostas dadas e chegarmos às conclusões sobre quais seriam as atitudes dos entrevistados.<sup>12</sup>

Segundo Fishman (1972) e Fasold (1984), o estudo das atitudes linguísticas está inserido na dimensão da macrossociolinguística (que aborda temas, como bilinguismo, diglossia, atitudes, planejamento linguístico, padronização educacional e educação em língua vernácula), abrangendo assuntos relacionados à língua, cultura e sociedade e, carregando, portanto, fortes influências das estruturas sociais.

Para Calvet (2002), a língua não pode ser considerada um simples “instrumento de comunicação”, pois isso poderia dar margem ao pensamento superficial de que há uma relação neutra entre o falante e sua língua. No entanto, sabemos que os falantes possuem “sentimentos” e atitudes para com as variantes linguísticas e seus respectivos usuários. Os falantes criam normas a respeito da língua e do seu uso. À sociolinguística interessa o comportamento social provocado por essas normas. Sobre as manifestações de julgamento que os falantes fazem, quando se trata de fazer isso sobre a própria fala, eles costumam valorizá-la, ou tentarão, ao invés, mudá-la para um modelo considerado de maior prestígio; no entanto, quando se trata de avaliar a fala de outras pessoas, eles as jugam segundo seu modo de falar. Para esse autor, aceitar ou não uma determinada variante pode não influenciar sobre o modo de expressão da pessoa, mas sim sobre o modo com que percebem o discurso dos outros (CALVET, 2002). E é nesse contexto que a expressão “atitude linguística” passa a ser utilizada efetivamente (PINTO; FRAGA, 2011).

Trudgill (2000) realizou uma pesquisa em Norwich, no Reino Unido, que mostra atitudes diferentes de homens e mulheres em relação à pronúncia da palavra “*tune*” (pronunciada prestigiosamente como [tju:n] e não prestigiosamente como [tu:n]). Os resultados revelaram que 29% das mulheres (contra 0% dos homens), apesar de não pronunciarem a forma prestigiosa, autoavaliaram-se como usuárias desta. Sobre isso, o autor comenta que: “os falantes se veem como quem utiliza a forma a que aspiram e que para eles tem conotações favoráveis em comparação à forma que realmente usam.” (TRUDGILL, 2000, p. 97).

Esse comportamento, concretizado na língua, tem explicação em outros comportamentos sociais historicamente atribuídos às mulheres, como afirma Bourdieu:

---

<sup>12</sup> Ver Apêndice C, Parte 3.1.

As mulheres parecem mais predispostas a aceitar desde a escola as novas exigências do mercado de bens simbólicos. Tal atitude ocorre, de um lado, porque elas são condenadas a uma postura de docilidade em relação aos usos dominantes e, por outro, por conta dos efeitos derivados da divisão do trabalho entre os sexos, tendente a especializá-las no domínio do consumo. Enfim, são também movidas pela lógica do casamento que constitui para elas a via principal, e talvez a única, de ascensão social, permitindo-lhes circular de baixo para cima (BOURDIEU, 1996, p. 37).

No entanto, é importante considerarmos as diversas mudanças que têm ocorrido nas últimas décadas em relação ao papel das mulheres na sociedade, o que pode refletir em consequentes mudanças no uso da língua. Exemplo disso é a pesquisa de Marques (2001), sobre a aspiração de /v/ em João Pessoa (na Paraíba), na qual, embora a diferença seja pequena, foram as mulheres as que mais favoreceram o enfraquecimento (0,54), enquanto os homens (0,45) mostraram-se inibidores. A autora assim explica o comportamento feminino na comunidade pessoense: “[ele] é latente, ou seja, em certo momento, não se manifesta, mas é capaz de se revelar ou desenvolver quando as circunstâncias são favoráveis.” (MARQUES, 2001, p. 84). Em Fortaleza, os resultados sobre esse mesmo fenômeno (RODRIGUES, 2013) também revelaram um olhar “cauteloso” sobre o uso da aspirada ser predominante entre os homens (0,53 contra 0,46 entre as mulheres), pois o peso relativo que lhes é atribuído está muito próximo do ponto neutro, o que nos leva a acreditar que os dois sexos não destoam muito no emprego da variante aspirada. Portanto, temos os resultados sobre o uso que as mulheres fazem, mas qual seria a avaliação das mesmas sobre esse uso? Para isso é que sentimos a necessidade de aplicar um teste de atitudes linguísticas.

Meyerhoff (2006) desenvolve uma pesquisa envolvendo gênero, linguagem e atitudes linguísticas a respeito do significado que algumas palavras foram adquirindo ao longo dos anos. Um dos processos descritos pela autora é o “relativismo linguístico”, segundo o qual nossa forma de falar sobre os outros e as palavras que usamos para isso fazem mais do que simplesmente denotar entidades ou eventos no mundo, mas, em vez disso, propõem que a forma como percebemos o mundo contribui para a estruturação da linguagem (MEYERHOFF, 2006). Esse processo, em oposição à linguagem sexista, racista ou heterossexista, pode, por exemplo, trazer o seguinte caminho:

As pessoas que promovem ativamente a mudança da língua, fornecendo diretrizes sobre como evitar uma linguagem sexista, baseiam seus argumentos na suposição de que, se elas escolhem suas palavras com mais cuidado, isto, por sua vez, afetará a maneira como elas pensam sobre as relações entre homens e mulheres.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Tradução própria. Citação original: “People who actively promote language change by providing guidelines for how to avoid sexist language base their arguments on the assumption that if people choose their words



Um exemplo disso é a palavra “*queer*”, cujo significado, durante séculos, carregou conotações negativas associadas a uma descrição de grupo externo (*outgroup*) de gays e lésbicas. Na década de 1990, a palavra ganhou conotações positivas dentro da comunidade de homossexuais e se tornou um termo relativamente neutro para muitos falantes de inglês atualmente. A redefinição positiva dessa palavra contrariou o que existia de legitimidade de atitudes negativas contra os homossexuais, o que desestabilizou a posição privilegiada (como autoridade) de heterossexualidade. No entanto, a predominância de normas heterossexuais ainda persiste em muitas áreas.

Outra linha de pensamento sobre o relativismo linguístico considera o contrário, de que

É necessário mudar primeiramente a maneira como as pessoas pensam do que tentar mudar a forma como as pessoas falam através de políticas linguísticas e publicando orientações para evitar uma linguagem sexista ou racista. Sob este modelo, uma vez que a forma como as pessoas pensam mudou, a mudança da linguagem seguirá esse caminho.<sup>14</sup>

Essa teoria foi levada em consideração na nossa pesquisa para verificarmos se a glotalização seria uma marca de uso apenas masculina<sup>15</sup> ou se essa variável não seria relevante de acordo com a avaliação linguística dos participantes do teste de atitudes.

Outra definição descrita por Meyerhoff (2006) é a da “teoria social da identidade”, proposta inicialmente pelo psicólogo social Tajfel, em 1978, na obra “*Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations*”. Essa teoria distingue entre as identidades que são pessoais e as identidades associadas a um grupo, podendo uma estar mais evidente (*salient*) do que a outra em determinados estágios da interação. Quando a primeira está em maior evidência, nosso comportamento, inclusive a forma como falamos, estará sujeito a uma maior variabilidade. Se a segunda forma de identidade estiver mais saliente, a maneira como nos comportamos e falamos tende a acentuar a uniformidade entre grupos (*within groups*). Ou seja,

---

more carefully this will in turn affect the way they think about the relationships between women and men.” (MEYERHOFF, 2006, p. 62).

<sup>14</sup> Tradução própria. Citação original: “It is necessary to change the way people think first rather than trying to change the way people talk through language policies and publishing guidelines to avoid sexist or racist language. Under this model, once the way people think has changed, language change will follow.” (*Ibid.*, p. 62).

<sup>15</sup> Cf. RONCARATI; UCHOA, 1988; CARVALHO, 2000; MARTINS, 2007; PELICOLI, 2008; SANTOS, 2009; SANTOS, 2012.

nós nos atraímos para o que consideramos a maneira normal ou típica de falar por um membro desse grupo (e abstraímos a partir das diferenças internas que sabemos que todos os grupos têm). Além disso, a TSI [teoria social da identidade] sustenta que, quando um contraste é feito entre os grupos, o nosso comportamento acentuará as diferenças entre os grupos como sendo boas.<sup>16</sup>

No entanto, de acordo com Tajfel, a identidade puramente pessoal provavelmente não exista, pois, mesmo quando parecemos estar agindo apenas individualmente, o nosso comportamento pode ser interpretado como mais ou como menos consistente com as identidades de grupo que nós também possuímos.

Esses comportamentos levam ao que Calvet (2002) chama de “segurança/insegurança linguística” (p. 63):

Fala-se de *segurança linguística* quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua* norma *a* norma. Ao contrário, há *insegurança linguística* quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam (CALVET, 2002, p. 63-64, grifos do autor).

Um exemplo de insegurança linguística se manifesta na hipercorreção: quando a pessoa, por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso, tenta imitar, de maneira exagerada, as formas prestigiosas. Desse modo, ela pode ser vista como “ridícula” por aqueles que já dominam a norma prestigiosa, os quais desvalorizam tanto a forma surgida da hipercorreção quanto quem as fala.

Para entendermos melhor o papel das atitudes linguísticas na variação e na mudança, é importante recordarmos o mecanismo do processo de mudança explicado por Labov (2008). No estágio inicial, a forma é uma variável linguística indefinida, essa forma linguística que começou a mudar, normalmente, era um marcador de *status* regional (distribuído irregularmente dentro da comunidade), pertencente a um subgrupo restrito da comunidade de fala, cuja identidade diferenciada tinha sido enfraquecida por pressões internas ou externas. No uso da variante glotal de /ʒ/ e de /z/, esse estágio pode estar relacionado ao que a primeira pesquisa sobre o falar cearense, a de Aguiar (1937), relatou sobre isso, como uma “linguagem infantil e dos rústicos” ou “da criança e do povo” (AGUIAR, 1937, p. 290 e 298).

---

<sup>16</sup> Tradução própria. Citação original: “we would gravitate towards what we consider the normal or typical way of talking for a member of that group (and abstract away from the internal differences we know all groups have). In addition, SIT [social identity theory] holds that when a contrast is made between the groups, our behavior will accentuate the differences between the groups as well.” (*Ibid.*, p. 71).

No estágio seguinte que Labov (2008) denomina de *mudança vinda de baixo* (abaixo do nível da consciência social), essa forma passa a ser generalizada para todos os membros do subgrupo, e a variável linguística passa a ser um *indicador*, isto é, uma função de pertencimento ao grupo – Aguiar (1937) afirma, ainda, sobre a variante aspirada de /z/ que ela ocorre até “mesmo na fala descuidada das pessoas cultas” do Ceará (AGUIAR, 1937, p. 299).

Em seguida, no estágio da *hipercorreção vinda de baixo*, a variável linguística passa a avançar mais um passo por meio das gerações sucessivas de falantes dentro do mesmo subgrupo, sendo agora uma função de pertencimento ao grupo e à faixa etária. No português culto de Fortaleza, verificamos que a variante glotal de /ʒ/ e de /z/ está mais presente na faixa etária de idade mais avançada (51 anos em diante).

No estágio seguinte, outros grupos da comunidade de fala passam a adotar os valores do subgrupo original, passando a ter a sua função redefinida em estágios sucessivos. Depois que a mudança sonora, juntamente com seus valores associados, saiu dos limites da comunidade de fala e alcançou os limites de sua expansão, a variável linguística passou a ser uma das normas que definem a comunidade de fala, sendo agora um *marcador* e apresentando variação estilística, e todos os membros passam a reagir de maneira uniforme a seu uso (sem necessariamente ter consciência disso). Identificamos esse estágio ao constarmos o uso bastante frequente da variante aspirada de /ʒ/ e de /z/ entre os falantes do PORCUFORT e ao verificarmos os participantes do teste (também fortalezenses com Ensino Superior) reagindo de forma semelhante a esse uso (negativamente). Ou seja, eles usam, mas sem necessariamente ter consciência disso, e reagem negativamente a esse uso, quando ouvem outras pessoas fazendo-o.

Posteriormente, a variável linguística passa a provocar reajustes em outros elementos do espaço fonológico, levando a outras mudanças sonoras que passam a ser tratadas como o estágio 1 de *reciclagem*, podendo ser a fonte primária para o surgimento contínuo de novas mudanças. Isso foi o que constatamos, nos dados do PORCUFORT, com a glotalização de /ʒ/ e de /z/ em palavras como “igreja” e “rapa(i)z”, que provavelmente foram influenciadas pela difusão lexical de vocábulos como “já” e “ma(i)s” – cujo contexto fonológico é semelhante ao de “igreja” e “rapa(i)z” –, que apresentaram um alto índice de uso com a variante glotal.

No entanto, se a mudança não se originou no grupo de maior *status* social na comunidade de fala, esses membros de maior *status* acabam estigmatizando a forma

resultante de mudança, através das várias instituições comunicativas que eles controlam, dando início à *mudança vinda de cima* e fazendo com que a variável linguística apresente uma estratificação estilística e social regular, pois o modelo da fala casual passa a competir com o modelo de audiomonиторamento dos estilos mais cuidados. Constatamos essa situação quando os participantes do teste que possuem Ensino Superior responderam, em sua maioria, que a variante glotal de /ʒ/ e de /z/ ocorre mais em situações de maior informalidade, como: na profissão de vendedor(a) ambulante, em novelas e na escola.

Após esse estágio, há ainda o da *hipercorreção vinda de cima*, no qual os membros dos grupos de menor *status* modificam sua fala monitorada a ponto de ultrapassar o alvo designado pelo grupo de maior *status*. Em seguida, a forma que se torna assunto de comentário social explícito passa a ser tratada como um *estereótipo* e pode acabar desaparecendo. Por outro lado, e encerrando essas etapas, Labov explica que, se a mudança tiver se originado no grupo de maior *status*, ela se tornará um modelo de prestígio para todos da comunidade.

Por fim, caso venha a desaparecer completamente da língua falada, uma variável linguística pode sobreviver como uso estereotipado de algumas palavras, depois pode se transformar em um gracejo padronizado e, por último, “como um fóssil, cujo sentido ficou completamente esquecido.” (LABOV, [1972] (2008), p. 363).

Esses dois últimos estágios, entretanto, não correspondem ao fenômeno que estamos analisando – como já exemplificado nos estágios anteriores. Por isso, a nossa hipótese é de que ele não se trata de uma mudança, mas sim de uma variação estável.

Marcadores, indicadores e estereótipos dizem respeito ao nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável em relação à avaliação social a que estão sujeitos. Os marcadores estão relacionados às estratificações sociais e estilísticas, mas estão abaixo do nível de consciência dos falantes, apesar de algumas vezes ser possível proceder a alguma avaliação a respeito deles, em testes subjetivos. Exemplo de marcador é o uso dos pronomes “tu” e “você”, com o primeiro (“tu”) flexionando o verbo como se fosse o segundo (“você” – terceira pessoa do singular).

Os indicadores, por sua vez, também presentes num nível inconsciente, relacionam-se aos elementos linguísticos sobre os quais quase não haveria avaliação, mas o seu uso permite a distinção entre um grupo e outro de falantes, mas nem sempre é avaliado de forma negativa em testes de avaliação subjetiva das variantes. Exemplo de indicador é o uso ou não do plural redundante no sintagma nominal, como em “as caixas” ou “as caixa”.

Já os estereótipos, de acordo com Labov (2008), são marcados socialmente e reconhecidos pelos falantes como típicos de uma variedade linguística desprestigiada. Mas nem todos os estereótipos são estigmatizados socialmente, podendo apresentar um prestígio que varia de um grupo para outro; ou podem ser estigmatizados e conduzirem a uma mudança linguística rápida, extinguindo a forma estigmatizada. Exemplo de estereótipo é o rotacismo presente em palavras como “planta ~ pranta”.

Para Lippmann (2010), os estereótipos, além de serem avaliativos, criam expectativas que são “imagens em nossas mentes”, as quais podem ser feitas pela própria pessoa ou transmitidas a ela. Essas imagens fazem com que as pessoas poupem tempo e preservem-se de algum efeito constrangedor que possa ver o mundo e compreendê-lo de forma mais aprofundada (LIPPMANN, 2010). Elas podem até ser fictícias, mas revelam, sim, um imaginário social: “Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura” (LIPPMANN, 2010, p. 85).

Por outro lado, o estereótipo é um procedimento considerado indispensável para a cognição, são eles que fornecem os conteúdos das categorias sociais e favorecem a integração social do indivíduo. Em comunidades minoritárias, principalmente, eles são muito importantes para a defesa da identidade de seus membros, reforçando ainda a autoestima. Portanto, “se negativo, o estereótipo se vincula a questões relacionadas ao preconceito e à tensão entre grupos sociais; se positivo, relaciona-se às questões de identidade social.” (LEITE, 2011, p. 96), e o estilo de fala é uma das características para que os indivíduos sejam categorizados no processo de estereotipização (HEWSTONE; GILES, 1997).

Um exemplo disso é a pesquisa de López Morales, de 1989 (CALVET, 2002), feita em Porto Rico, a respeito da pronúncia velarizada do /r/ (típica do espanhol dessa ilha). Nesse estudo, as atitudes de cada falante variaram de acordo com a região geográfica de onde eles se originavam (capital, leste, norte, centro, oeste e sul). Na capital, no Leste e no Norte, foram os locais onde houve maior rejeição à pronúncia. E, embora essa seja (como já mencionado) uma pronúncia típica desse país, os falantes que a rejeitaram disseram que ela seria típica de camponeses, os quais costumam ser desprezados em lugares onde a urbanização predomina. Por outro lado, as atitudes positivas em relação a essa pronúncia predominavam na região sul, e eles a justificavam como sendo uma pronúncia típica de Porto Rico.

Em resumo, para analisar os dados do teste de atitudes que aplicamos, levaremos em consideração, especialmente, os conceitos de: aceitação e atitude linguística (CALVET,

2002), quando verificamos os resultados obtidos por falantes cultos fortalezenses no PORCUFORT e comparamos ao modo como os participantes do teste que possuem Ensino Superior percebem o seu próprio discurso em relação ao uso da variante glotal de /ʒ/ e de /z/; teoria social da identidade (MEYERHOOF, 2006), quando verificarmos os resultados relacionados às variáveis naturalidade e lugar onde mora atualmente o indivíduo; segurança/insegurança linguística (CALVET, 2002), quando comparamos as respostas dadas pelos participantes do teste em relação à admissão (ou não) do uso da variante aspirada de /ʒ/ e de /z/ ao fato de terem (ou não) vergonha de uma outra pessoa que a utiliza; marcadores, indicadores e estereótipos (2008), quando constatamos, a partir da comparação entre o uso bastante frequente no PORCUFORT e da avaliação feita no teste de atitudes, que a glotalização de /ʒ/ e de /z/ constitui um marcador na comunidade de fala fortalezense.

### 2.3 A DIFUSÃO LEXICAL E A MUDANÇA SONORA

Nesta seção, faremos a revisão de algumas propostas de abordagem do modelo da difusão lexical, relacionando-o com algumas teorias sobre a mudança sonora. O ponto de partida será a proposta de Chen e Wang (1975). Derivados dela, apresentaremos as formulações de Labov (1981) e Oliveira (1991; 1992; 1995; 1997), além de pesquisas sobre o PB envolvendo mudanças fonéticas a partir de uma abordagem da difusão lexical (RONCARACTI; UCHOA, 1988; AULER, 1992; MOLLICA; MATOS, 1992). O objetivo desta seção não é fazer uma fundamentação aprofundada sobre o modelo da difusão lexical e o da mudança sonora, mas sim elencar os principais pontos deles que foram relevantes para analisar os resultados da aspiração de /ʒ/ e /z/, no falar culto dos fortalezenses, que serão apresentados na seção 5.

A hipótese neogramática da mudança sonora afirmava que o fonema seria a unidade fundamental da mudança, e o falante, ao modificar seu modo de produzi-los, afetaria um fonema a cada incidência, independente da natureza de qualquer forma linguística em particular na qual o fonema ocorre (BLOOMFIELD, 1975); assim, a mudança sonora aplicar-se-ia ao mesmo tempo em um igual contexto de palavras que possuem as características fonéticas da mudança. Nas palavras de Oliveira (1991), para os neogramáticos: “mudanças de

som são foneticamente graduais e lexicamente abruptas.”<sup>17</sup> (OLIVEIRA, 1991, p. 93, tradução nossa).

O modelo de difusão lexical proposto por Chen e Wang (1975) tem o objetivo de investigar a mudança sonora a partir de sua implementação e do que a fez acontecer (*actuation*), a partir de dados históricos do chinês (21 dialetos), do inglês e do sueco. Segundo os autores, a “mola mestra”<sup>18</sup> de uma mudança sonora estaria nos componentes fisiológicos e perceptuais dos falantes, e sua implementação dar-se-ia por difusão lexical. Chen e Wang (1975) sugerem o que determinaria o padrão, a direção e o ritmo da mudança sonora: “É pelo menos plausível suspeitar que a resposta possa ser encontrada nas propriedades físicas dos sons da fala.”<sup>19</sup> (CHEN; WANG, 1975, p. 270, tradução nossa). A respeito da “mola mestra”, os autores propõem que sejam “principalmente as propriedades concretas e fonéticas dos sons da fala que acionem ou permitam que as mudanças ocorram no sistema de som e determinem seu desenvolvimento subsequente.”<sup>20</sup> (CHEN; WANG, 1975, p. 278, tradução nossa). É importante ressaltar que as “propriedades fonéticas” às quais os autores se referem não dizem respeito ao contexto fonético, mas sim às propriedades inerentes dos sons individuais que são de natureza fisiológica e perceptual. Assim, uma vez que se concretize essa mudança, ela seria implementada lexicalmente. Com base nos resultados da pesquisa que fizeram, Chen e Wang (1975) constataram que a regra variável que analisaram se propaga gradualmente no léxico, afetando inicialmente itens mais relevantes até que todo o léxico seja atingido.

Para determinar que itens seriam mais atingidos, Phillips (1984) propõe que a frequência seria um fator importante para isso. Com base na afirmação de que a mudança é motivada por fatores fisiológicos, atuando nas formas fonéticas de superfície, ela atingiria primeiro as palavras mais frequentes; caso a mudança não seja fisiologicamente motivada, são as palavras menos frequentes que são atingidas primeiro. Do primeiro tipo, seriam os fenômenos, como redução vocálica, assimilações e cancelamentos de *shwas*; do segundo, seriam as mudanças que se originam na “esfera conceitual da linguagem [...]”<sup>21</sup> (PHILLIPS, 1984, p. 336-7, tradução nossa), agindo sobre as “formas subjacentes”, às quais estariam

---

<sup>17</sup> Tradução própria. Citação original: “sound changes are phonetically gradual and lexically abrupt.” (OLIVEIRA, 1991, p. 93).

<sup>18</sup> “Mola mestra” foi a tradução dada por Oliveira (1995) para *actuation*.

<sup>19</sup> Tradução própria. Citação original: “It is at least plausible to suspect that the answer may be found in the physical properties of the speech sounds.” (CHEN; WANG, 1975, p. 270).

<sup>20</sup> Tradução própria. Citação original: “mainly the concrete, phonetic properties of speech sounds that trigger or allow changes to take place in the sound system, and determine their subsequent development” (CHEN; WANG, 1975, p. 278).

<sup>21</sup> Tradução própria. Citação original: “conceptual sphere of language [...]” (PHILLIPS, 1984, p. 336-7).

relacionadas à analogia, ou seja, à tentativa que o indivíduo faz de regularizar itens com o objetivo de corresponder som e significado.

Oliveira (1995), por sua vez, propõe que frequência seja vista como um traço [+/-Frequente] e que ele seja concedido a um item léxico como “uma função da frequência do contexto onde este item léxico vai ocorrer.” (OLIVEIRA, 1995, p. 87). Assim, a frequência de um determinado item léxico não seria a mesma de falante para falante, fazendo com que determinado item não tenha a mesma marcação de [+ ou - Frequente] de falante para falante, ou de comunidade para comunidade. Portanto, de acordo com essa proposta, um item léxico “será marcado como + ou – dependendo da frequência do contexto onde ele ocorre na ‘práxis’ linguística dos falantes individuais (ou de grupos de falantes).” (OLIVEIRA, 1995, p. 87). Outro traço sugerido pelo autor que seja conferido aos itens lexicais é o de [Formalidade]. Segundo Oliveira (1995), “este traço será atribuído a partir da marca a ser atribuída à própria situação de fala (ou, dizendo de outra forma, à empatia entre o falante e a situação de fala).” (OLIVEIRA, 1995, p. 87). O autor fez essa proposta com base, também, em sua pesquisa de 1992 sobre o alteamento de pretônicas no falar de Belo Horizonte-MG, quando sugeriu que “mesmo correndo o risco da heresia, [...] o comportamento do indivíduo é mais homogêneo do que o comportamento do grupo.” (OLIVEIRA, 1992, p. 39).

Entretanto, esse tipo de análise vai de encontro ao conceito de indivíduo proposto por Labov (2008) que já mencionamos na seção sobre a Sociolinguística variacionista e que será o modelo teórico-metodológico predominante para a coleta dos dados de variação das fricativas /ʒ/ e /z/ no falar culto dos fortalezenses. Ao mesmo tempo, na medida do possível, procuramos conciliar essas duas propostas ao revelarmos detalhadamente qual(is) informante(s) produziu(ram) determinados itens.

Labov (1981), ao escrever um artigo intitulado “*Resolving the Neogrammarian Controversy*”, propõe uma posição conciliadora sobre o modelo neogramático e o da difusão lexical. Para o autor, existem situações em que o primeiro é aplicável e que, também, certas mudanças são de natureza do segundo. Assim, seria necessário examinar “as condições sob qual cada um dos pontos de vista opostos é válido.”<sup>22</sup> (LABOV, 1981, p. 268, tradução nossa). Segundo Labov (1981), são exemplos de situações em que o modelo neogramático é aplicado: o alteamento de (ohr) e (oy), a anteriorização (*fronting*) de (uw) e (ow) e outros. Nesses casos, não se poderia provar que o mecanismo fundamental selecionaria palavras

---

<sup>22</sup> Tradução própria. Citação original: “the conditions under which each of the opposed viewpoints is valid.” (LABOV, 1981, p. 268).



individuais. Por outro lado, o caso de cisão do “a” breve necessitaria da explicação do modelo da difusão lexical. Portanto, para Labov (1981):

Todo o conjunto de variações sonoras, sem dúvida, mostrará muitas combinações intermediárias dessas propriedades discretas, abstratas, condicionamentos gramaticais e condicionamentos sociais (LABOV, 1981, p. 304, tradução nossa).<sup>23</sup>

Ainda sobre o modelo de difusão lexical, Oliveira (1992) propõe que “as mudanças sonoras sejam vistas como sendo lexicalmente graduais e foneticamente abruptas.” (OLIVEIRA, 1992, p. 32). Ou seja, o contrário do que propunha o modelo neogramático. Segundo o autor, o que respalda (ou não) a modificação de um segmento é o item léxico, e possível vulnerabilidade desse segmento é consequência da vulnerabilidade do item léxico que o contém, pois “o que muda é a palavra, e não o segmento (ou parte dela).” (OLIVEIRA, 1992, p. 34). Para que uma alteração vingue, é necessário que o segmento se coloque numa relação harmônica com os segmentos vizinhos. Um exemplo de relação harmônica é o processo de assimilação. Dessa maneira, o contexto fonético deve ser visto não mais como um condicionador, mas sim como uma forma de estabilizar uma inovação, funcionando a nível lexical, ou seja, o contexto fonético funcionaria como “um respaldo local para a fixação da inovação em determinados itens lexicais.” (OLIVEIRA, 1992, p. 40).

Oliveira (1991) admite que há casos em que, em algum ponto, uma mudança sonora pode atingir uma regularidade total. Isso pode ocorrer, no exemplo citado por ele, caso Z ofereça um ambiente fonético natural para Y, numa mudança de som da forma  $X \rightarrow Y / Z$ . Se não o for, aparecerá irregularidade e então teremos a “seleção lexical” (OLIVEIRA, 1991, p. 104). Nas palavras do autor: “um ambiente fonético natural pode destruir, em longo prazo, as barreiras para uma mudança de som.”<sup>24</sup> (OLIVEIRA, 1991, p. 104). Segundo Oliveira (1995), o modelo difusionista admite a existência de “coincidências fonéticas” persistentes, ele só não aceita que o contexto fonético seja uma explicação para uma dada mudança sonora. Por exemplo, no falar culto dos fortalezenses, o vocábulo “ma(i)z”, muito usual no léxico, apresenta muitos casos de aspiração e tem como contexto fonológico antecedente a semivogal [j], porém nem todos os vocábulos antecidos por essa semivogal foram glotalizados, o que nos faz concluir que o fenômeno que ocorre nesse item é explicado pela difusão lexical. No entanto, verificamos casos frequentes de glotalização com os vocábulos “fai/z”, “nói/z”,

<sup>23</sup> Tradução própria. Citação original: “The whole array of sound changes will undoubtedly show many intermediate combinations of these properties of discreteness, abstractness, grammatical conditioning, and social conditioning” (LABOV, 1981, p. 304).

<sup>24</sup> Tradução própria. Citação original: “a natural phonetic environment may destroy, in the long run, the lexical barriers for a sound change.” (OLIVEIRA, 1991, p. 104).

“coi/z/a”, “poi/z/”, “talvei/z/”, “depoi/z/”, “vei/z/”, “demai/z/”, “trêi/z/”, “sei/z/”, “doi/z/”, “fei/z/” e “dei/z/”, cujo contexto fonológico antecedente é o mesmo de “maiz”, o que nos fez pensar que esse contexto seria um ambiente fonético natural para a ocorrência da glotalização de /z/.

De acordo com Oliveira (1992), após um item ser atingido, ele será submetido a uma avaliação local, o que pode levar a uma reestruturação do léxico ou a uma flutuação (variação). Na aspiração de /ʒ/ e /z/, no falar culto dos fortalezenses, não há, ainda, nenhum caso de reestruturação.

Outro postulado proposto por Oliveira (1992) é a respeito da lista de itens afetados em cada dialeto por uma determinada inovação:

Dialeto diferentes possuem listas diferentes (tanto em termos de tamanho quanto em termos de elementos contidos na lista) de itens afetados por uma dada inovação. A consequência disto é que as diferenças inter-dialetais, com relação a uma inovação qualquer, serão sempre maiores do que as diferenças intra-dialetais (OLIVEIRA, 1992, p. 38).

Exemplo disso é o que acontece com a aspiração. Em lugares, como Salvador-BA, Helvécia-BA e Rio de Janeiro-RJ, o item lexical mais marcante e que domina quase todos os casos de glotalização é o vocábulo “me[fi]mo” (“mesmo”). No entanto, em Fortaleza-CE, no falar culto, a aspiração se estende para outros casos também muito marcantes, como “co(i)[h]a” (“coisa”), “poi[h]” (“pois”) e “mai[h]” (conjunção) e “mai[h]” (advérbio).

Por fim, encontramos em Santos (2012) um resumo de quais seriam os três principais fatores que, segundo Oliveira (1991; 1992; 1997), Chen e Wang (1975) e Phillips (1984), servem para acionar a alteração fônica em evidência: “a frequência dos itens, o fato de eles serem itens comuns, compartilhados por falantes de qualquer nível sociocultural, e o fato de apresentarem um ambiente fônico propício à alteração em destaque.” (SANTOS, 2012, p. 175). Destes fatores, verificamos que apenas os dois últimos mostraram-se, de fato, relevantes para o uso da variante glotal de /ʒ/ e de /z/ nos dados do PORCUFORT.

No PB, encontramos pesquisas que buscaram conciliar as abordagens variacionista e difusionista. Duas delas se encontram na seção de Revisão da literatura: a de Roncarati e Uchoa (1988) e a de Auler (1992) – que abordam o fenômeno da aspiração. Outro estudo bastante relevante é o de Mollica e Mattos (1992) a respeito do processo variável de assimilação de /d/ no contexto de /-ndo/ em palavras, como “falando”, “mundo” e “ando”.

De acordo com Mollica e Mattos (1992), esse fenômeno não atua de maneira uniforme no léxico da língua portuguesa, tanto pelo fato de não atingir os itens potencialmente sujeitos ao afetamento quanto por não atingir todas as categorias gramaticais. Para o estudo, as autoras utilizaram 64 falantes não universitários do Rio de Janeiro-RJ que compunham a Amostra Censo. No total, foram encontrados 4.235 dados, sendo 4.101 variáveis. Para classificar os tipos de dados de contexto de “-ndo”, as autoras fizeram uma espécie de junção entre categoria morfológica e grau de variabilidade do fenômeno. “Por exemplo, os verbos receberam uma classificação tripartida: verbos no ‘presente do indicativo’, ‘gerúndios verbais’, ‘gerúndios fáticos’.” (MOLLICA; MATOS, 1992, p. 55).

Nos resultados da análise variacionista, a variável que se mostrou mais relevante foi a Extensão do Vocábulo: quanto maior fosse o vocábulo, maior seria a possibilidade de ocorrer assimilação. Em seguida, veio a variável Segmento Fonológico Seguinte, cujos resultados só mostraram relevância quando as formas de gerúndio foram analisadas separadamente, demonstrando que essa variável não estaria atuando em todo o léxico e que necessitaria de um exame que diferenciasse os tipos de itens lexicais. Assim, nas formas gerundiais, quanto ao Segmento Fonológico Seguinte, /d/ tende a ser preservado diante de silêncio.

Para a análise difusionista, as autoras elaboraram um glossário com o objetivo de controlar o afetamento e o não afetamento dessa assimilação no universo lexical abordado. Ao utilizar a variável frequência (com base em PHILLIPS, 1984), Mollica e Mattos (1992) relacionaram a frequência de todos os itens à taxa de preservação de /d/. Com isso, constataram que quase todos os itens invariáveis (que preservaram /d/) são, também, itens de baixa frequência. Por outro lado, os itens que sofreram assimilação mostraram uma distribuição mais equilibrada entre as faixas de frequência. As autoras relacionaram, também, o percentual de variação -ndo/-no e a categoria gramatical do item. Nessa situação, as formas gerundiais apresentaram a maior variabilidade.

Na relação entre a variável Extensão do Vocábulo (controlada na análise multivariacional) e a Frequência lexical, as autoras verificaram a atuação das categorias de gerúndio, substantivo comum, substantivo próprio, adjetivos e verbo no presente. As formas gerundiais constituem a maioria dos itens lexicais atingidos no *corpus*; e a maior parte dos não atingidos é composta de polissílabos, revelando que a variável Extensão do Vocábulo não exerce influência, cedendo lugar para o fator Frequência do Item. No entanto, em relação aos itens atingidos pela variação, o fator preponderante passa a ser a Extensão do Vocábulo, pois a maioria dos itens atingidos tem mais de duas sílabas. Quanto aos substantivos comuns, as

autoras verificaram que os não atingidos pela variação são os menos frequentes; e os atingidos foram os mais frequentes. Os substantivos próprios, por sua vez, têm baixa ocorrência, sendo, portanto, uma categoria pouco afetada. Quanto aos adjetivos, a maioria apresenta baixa frequência no *corpus*. Os verbos no presente não atingidos têm como variável atuante a Frequência do Item que inibe o afetamento do processo de assimilação; e os verbos atingidos pela variação apresentam um balanceamento entre Frequência e Extensão.

Finalizando o artigo, Mollica e Mattos (1992) consideram que os dois modelos analíticos (variacionista e difusionista) se complementam. No entanto, a força dessa complementaridade depende de uma maior certeza a respeito dos condicionamentos lexicais e estruturais indicados por cada um desses dois modelos. Além disso, as autoras ressaltam que, para atender de fato às premissas de um modelo difusionista, seria necessário trabalhar com dados de diferentes estágios de tempo, o que a análise que elas apresentaram não pôde fazer.

Por fim, é importante reiterar que, embora tenhamos constatado a predominância do difusionismo lexical nos resultados que obtivemos para a variação de /ʒ/, /z/ e /h/ no falar culto dos fortalezenses, o modelo metodológico utilizado na coleta de dados foi de natureza variacionista. A discussão dos resultados, porém, é que procurou seguir uma linha de abordagem difusionista.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, relatamos os principais estudos de outros autores que abordaram temas semelhantes ao deste trabalho, ou seja, a aspiração das fricativas e as atitudes linguísticas sobre falares do português do Brasil.

#### 3.1 ESTUDOS SOBRE A ASPIRAÇÃO DAS FRICATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Para alguns autores, como Santos (2012) e Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), numa perspectiva fonética, o enfraquecimento de uma consoante deve-se basicamente à modificação de seu ponto de articulação e da intensidade com a qual ela é produzida. No caso que estamos analisando, o fenômeno caracteriza-se por um processo de posteriorização do segmento, o qual passa a ser produzido no espaço glotal (Ex.: [ʒ] > [h]), onde há diminuição da tensão das cordas vocais e da perda de intensidade desse segmento, tendo como consequência o efeito acústico de aspiração. Assim, a aspiração pode ser considerada como um nível de enfraquecimento que pode ou não culminar com o apagamento. Por isso, podemos afirmar que as fricativas /ʒ/ e /z/ vêm mostrando uma tendência, em alguns ambientes, à lenição – quando ela é pronunciada com o som glotalizado [h] ou com o zero fonético.

Roncarati e Uchoa (1988) explicam que a pronúncia enfraquecida é produzida “em uma região que compreende o véu palatino (velar, como em ‘porta’ [pɔxtə]), a úvula (uvular, como em ‘gordo’ [‘goɾdu]) e a glote (glotal, como em ‘rádio’ [‘fadʒu]).”<sup>25</sup> (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 5). Os autores explicam que: “no latim, a aspiração representada pelo ‘h’ inicial de morfema não durou muito (como em ‘hodie’, ‘hoje’), não chegando às línguas neolatinas.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 6). Mas o fonema /R/<sup>26</sup> é proveniente da vibrante apical múltipla, ou seja, o “rr” latino, que era o oposto de “r” (vibrante de uma só “batida” ou *tepe*). Posteriormente, no português e no provençal, a vibrante apical múltipla foi substituída pela vibrante uvular. Provavelmente, essa substituição iniciou-se no norte (ou centro-oeste) da Europa, pois ainda é predominante em alto-alemão e

<sup>25</sup> Estes exemplos pertencem a dialetos diferentes do português do Brasil e estão com os mesmos símbolos fonéticos utilizados pelos autores.

<sup>26</sup> Representação igual à original (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 5).

ocorre também em holandês, sueco, norueguês e dinamarquês, ou seja, em línguas germânicas. Na França, em zonas urbanas, o “r” uvular apareceu apenas no século XVII (RONCARATI; UCHOA, 1988).

Nesta seção, procuramos utilizar como critérios de exposição dos textos a sua ordem cronológica e o seu agrupamento por Estado em que as ocorrências foram registradas.<sup>27</sup> Além disso, demos preferência aos trabalhos em que as fricativas /S/ se realizam de forma aspirada (mesmo que em número reduzido). E as pesquisas em que somente outras variantes de /S/ apareceram (como as sibiladas) não as registramos aqui.

### 3.1.1 Estudos dialetológicos e/ou sociolinguísticos: no falar cearense

Nesta subseção, apresentaremos os trabalhos que seguiram uma metodologia de base sociolinguística e/ou dialetológica. São trabalhos que datam do século passado até a primeira década do século XXI: Aguiar (1937), Seraine (1972), Roncarati e Uchoa (1988), Roncarati (1999), Alencar (2007), Aragão (2009).

O primeiro deles é o de Aguiar (1937, p. 290) que, ao traçar uma fonética do português do Ceará, descreve a ocorrência do *r* velar, também chamada por ele de faucal, no lugar de *j*, como em *hente* (gente), *hiro* (giro), *hanela* (janela), *hogar* (jogar), e *humento* (jumento), na linguagem infantil e dos rústicos. O *s*, no dialeto popular, também passa a *r*, antes de *d* e de consoante nasal, como em: *ur-dia* (os dias), *derde* (desde), *mermo* (mesmo), *ur-nome* (os nomes). Além disso, no final de palavra, o *s*, representando ou não o plural, apaga-se nesse dialeto, como em: *o alferê*, *os livro*. E o *z* é por ele registrado, na linguagem da criança e do povo, como *fahê* (fazer), *fahia* (fazia), *fahenda* (fazenda). O autor registra ainda que até mesmo na “fala descuidada de pessoas cultas” é comum ouvir: *mah-eu* (mas eu), *mah-é-isso* (mas é isso).

De Florival Seraine, podemos citar o artigo “Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri<sup>28</sup>” (1972). Com essa pesquisa, Seraine pretendia trabalhar com aspectos diastráticos, utilizando o critério etário. Foram feitas gravações das pronúncias de três pessoas

<sup>27</sup> A região Centro-Oeste foi apresentada por nós apenas brevemente na pesquisa de Corrêa, de 1998, que foi mencionada no panorama feito por Hora (1999). Sobre esse fenômeno, nessa região, ainda não encontramos nenhum trabalho.

<sup>28</sup> Cariri é uma região localizada no sul do Ceará, com área total de 6.342,3 km<sup>2</sup>, envolvendo os municípios: Abaiara, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Porteiras e Santana do Cariri. Na época em que foi produzido o Atlas, a região possuía a extensão de 10.543 km<sup>2</sup> e compreendia 20 municípios, a saber: Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Potengi, Porteiras, Penaforte e Santana do Cariri.

naturais do Crato, com idade entre 30 e 40 anos. Uma dessas pessoas era “possuidora de regular instrução (monitora do Centro de Treinamento) e a outra, semiculta (contínua da Faculdade [de Filosofia do Crato])” (SERAINÉ, 1972, p. 12). Elas leram, no quadro negro, frases e vocábulos que tinham sido previamente selecionados por conterem os fonemas cuja pronúncia era de interesse do pesquisador<sup>29</sup>. O terceiro informante era analfabeto. A ele, foram mostrados alguns objetos, escolhidos antecipadamente por apresentarem os fonemas que se buscava, além de ser mantida com ele uma “conversação dirigida” (falando sobre temas propícios para se coletar o material desejado).

A partir dessa metodologia, a pesquisa de Seraine registrou, entre outras peculiaridades do falar caririense, a pronúncia de “s”: “que se transforma[m] em ligeira aspiração faríngea ou [são] ouvidas como um sopro surdo velar ou uvular na fala rural, inculta e até semiculta, das zonas centro e norte do Estado.” (SERAINÉ, 1972, p. 17). Como exemplo, o autor cita: “**ma(h) êw**” / “mas eu”. Sobre essa pronúncia “faucal”, o autor reconhece ser necessária “a análise instrumental, isto é, o recurso às técnicas e aparelhos usados pela Fonética experimental, para melhor conhecimento dos sons e suas gradações e matizes.” (SERAINÉ, 1972, p. 18).

Utilizando o método de análise quantitativa, Roncarati e Uchoa (1988; RONCARATI, 1999)<sup>30</sup> estudam a aspiração e o apagamento das fricativas /v, z, ž/ na fala cearense, procurando determinar o seu contexto linguístico e pragmático, medindo também o nível de estigmatização do fenômeno, através de um teste de atitudes linguísticas. Os autores consideram que o fenômeno pode ser mais bem explicado à luz do difusionismo lexical<sup>31</sup>. Esses dados foram baseados em uma pequena amostra, com 10 falantes moradores de Fortaleza: 6 homens e 4 mulheres, com escolaridade de 1º (Ensino Fundamental) e 2º grau (Ensino Médio) e uma informante analfabeta. A faixa etária é dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14 e outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24 anos) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42 anos).

O resultado global das ocorrências foi de 4066 realizações plenas e 449 aspirações (11,04%). Quanto ao efeito do enfraquecimento em cada uma das fricativas, os resultados

<sup>29</sup> Esses fonemas eram: oclusivas linguodentais **d** (sonora) e **t** (surda) e nasal sonora **n**, sendo todos eles seguidos da vogal **i**, tanto oral, como nasal, em posições iniciais, no meio e no final de sílabas, sendo tônicas ou átonas (SERAINÉ, 1972).

<sup>30</sup> Como se trata de um trabalho bastante semelhante ao nosso, os resultados serão mais detalhados do que os das outras pesquisas. No entanto, para não nos estendermos muito, eliminamos os resultados referentes ao apagamento das fricativas.

<sup>31</sup> O difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfolexical, prevendo afetamento gradual do léxico (RONCARATI, 1999, p. 2).

foram: em /z/, 16,11% (284/1763)<sup>32</sup>, e, em /ž/, 12,88% (60/466). Quanto aos fatores sociais, os resultados apontaram que a aspiração é mais frequente: entre os falantes jovens (0.79)<sup>33</sup> e adultos (0.70), os das séries iniciais do Ensino Fundamental (0.84), os de sexo<sup>34</sup> masculino (0.54) e os pertencentes à classe baixa (0.63). Os resultados gerais para os fonemas /v, z, ž/, quanto à escolaridade, foram: analfabetos (0.45 – 42/46), séries iniciais do Ensino Fundamental (0.78 – 99/130), séries finais do Ensino Fundamental (0.30 – 161/235) e Ensino Médio (0.42 – 68/97); quanto à classe social, foram: classe baixa (0.55 – 235/306) e classe média (0.44 – 135/202); quanto ao sexo, foram: homens (0.30 – 207/331) e mulheres (0.69 – 163/177); quanto à idade, foram: criança (0.85 – 25/26), adolescentes (0.28 – 3/5), jovens (0.38 – 149/212) e adultos (0.40 – 193/265). E concluem que “entre os falantes de sexo masculino, mais jovens e menos escolarizados está sendo registrada uma tendência para enfraquecer segmentos.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 18).

Os fatores linguísticos inicialmente analisados para as três fricativas, ao mesmo tempo, foram: distância de tonicidade e qualidade vocálica. Quanto ao primeiro, com /z/<sup>35</sup>, a distância da tônica antecedente 1 (0,66) também foi a mais relevante e, da tônica seguinte, a distância 2 (0.62); com /ž/<sup>36</sup>, nenhuma das distâncias tônicas antecedentes foi considerada estatisticamente relevante e, da tônica seguinte, as distâncias 3 (0.60) e 5 (0.93) foram relevantes.

Quanto à qualidade vocálica, com /z/, no agrupamento de vogal mais tonicidade zero, como em “tem mai[h] não”, o índice foi o mais alto (0.86 – 96/208), já a vogal /ε/, estando na posição seguinte, obteve 0.80 (10/77), como em “ma[h] é porque”, e a vogal /a/, nessa mesma posição, obteve 0.57 (26/433), já a vogal /e/, ocupando a posição antecedente,

<sup>32</sup> Quer dizer: de 1.763 dados encontrados, 284 foram de ocorrências aspiradas.

<sup>33</sup> O número com duas ou mais casas decimais corresponde ao peso relativo, cujo conceito será detalhado na seção de Metodologia. Em alguns, essa separação está com ponto-final, em outros com vírgula, sempre obedecendo à forma como aparece nos trabalhos originais.

<sup>34</sup> Todas as pesquisas que relataremos usaram a classificação de sexo. Por isso, não colocamos a expressão “gênero/sexo” quando nos referirmos aos resultados delas.

<sup>35</sup> Exemplos de frases de cada distância da tônica antecedente para /z/: 0 – “Ah! O[h] menino diz assim”; 1 – “no esporte me[h]mo agora”; 2 – “vou bater nã[h] bolinha”; 3 – “Você pa fa[h]er cê...”; 4 – “é exatamente que ele[h] leva”; 5 – “chega na final[h] não.”. Exemplos da distância da tônica seguinte para /z/: “0 – “... é grosseiro me[h]mo.”; 1 – “Você pa fa[h]er cê...”; 2 – “É ma[h] ou meno.”; 3 – “... é por ca[h]o da taxa.”; 4 – “Ele precisa[h]a de estudar”; 5 – “Está ouvindo ma[h] nã tá entendendo.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 30 e 33).

<sup>36</sup> Exemplos de frases de cada distância da tônica antecedente para /ž/: 0 – “# [h]á tem rua lá.”; 1 – “Aí [h]ente tem...”; 2 – “Problema assim que a [h]ente fica”; 3 – “O salário da [h]ente num aumenta.”. Exemplos da distância da tônica seguinte para /ž/: 0 – “Ela ho[h]e num...”; 1 – “num dava pa [h]ente sair”; 2 – “Ela [h]á tá matando é o povo”; 3 – “Ho[h]e no Aécio de Borba”; 4 – “Eu [h]á sou um cara de idade”; 5 – “Ela [h]á foi operada” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 31 e 34).



apresentou o índice de 0.71 (76/242), como em “me[h]mo”, e a semivogal /y/, na mesma posição, obteve 0.52 (77/243); com /ž/, em posição intervocálica, há um maior índice de enfraquecimento (0.85 – 4/8), como em “Eu fiquei [h]á acreditando”, já a vogal /a/, tanto antes (0.53 – 23/158) quanto depois (0.82 – 31/120) ou antes e depois (0.79 – 7/17), é novamente relevante para o enfraquecimento, como em “aí a [h]ente”, “ele [h]á quer” e “o cara [h]á tá”, e a vogal /ẽ/, por sua vez, obteve um índice de 0.71 (17/102).

Separadamente, os fatores linguísticos foram, para /z/: a natureza do segmento seguinte, apresentando como relevantes a alveolar /l/ (0.84 – 12/25), a dental nasal /n/ (0.83 – 67/110), a dental /d/ (0.81 – 55/105) e a bilabial nasal /m/ (0.72 – 88/216), e a marca de plural, sendo a posição de fim de palavra sem marca de plural a relevante (0.59 – 150/559), como ocorre em “no Goia[h] a maioria...”. O resultado da variável natureza do segmento seguinte, deve-se, segundo os autores à usualidade dos itens *mais* (*maih ligado*, *maih novo*, *gosta maih de ler*) e *mesmo* (*mais esses mehmo*). A fricativa /z/ é enfraquecida mais usualmente em itens com segmento enfraquecido antes da consoante nasal: “o alto índice de aspiração de ‘mesmo’, face a todas as outras categorias vem ao encontro da hipótese de que o fenômeno pode estar lexicalmente condicionado.” (RONCARATI, 1999, p. 5). A distância 1 da tônica antecedente obteve o peso relativo de 0.70 e associa-se à usualidade dos itens lexicais *mesmo* e *gente*. Para /ž/: apenas a variável posição do segmento, sendo a relevante a de início de palavra, como em “Ela [h]á tá é” e “a [h]ente”.

Esses resultados fizeram com que os autores buscassem medir o nível de usualidade, associando-o ao grau de favorecimento ou não do enfraquecimento. Como a hipótese inicial dos autores previa que os fatores que condicionavam o fenômeno seriam de natureza discursivo-pragmática e lexical, Roncarati e Uchoa (1988) utilizaram grupos de fatores que permitissem isolar o efeito do léxico e dos condicionantes discursivos. Para fazer esse levantamento lexical, os autores incluíram, além das 10 entrevistas: uma entrevista de IMP (Interação Médico-Paciente), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará, com 3 participantes, e mais 4 gravações de falantes do interior, pertencentes ao Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). Os falantes do interior possuíam as seguintes características: três mulheres, uma de 41 anos, da classe alta; outra, de 9 anos, da classe baixa; e a terceira, de 46 anos, da classe média; e um homem, de 45 anos, também da classe média<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> Os níveis de escolaridade não são especificados, apenas o da mulher de 46 anos, que possuía o 1º grau (atualmente, Ensino Fundamental) incompleto.

Os autores consideraram como itens “mais frequentes” aqueles que seriam produzidos pela totalidade dos falantes da amostra e aqueles que fossem muito frequentes no léxico de um falante, incluindo o seu uso interiorano ou cidadão<sup>38</sup>, distinguindo um caso do outro. Além disso, esses autores elaboraram uma espécie de verbete para cada item lexical, contendo suas realizações plenas (manutenção), enfraquecidas e apagadas. Ao final, foi organizado um dicionário para cada fricativa analisada (/v/, /z/ e /ž/) e foi feito um cálculo das frequências globais dos informantes.

Em relação à usualidade da amostra, os autores fizeram uma classificação dos itens lexicais, relativamente ao seu uso na língua, em três grupos: a) formas que não dependem de um tópico específico, registro de linguagem ou grupo social, como: vocábulos gramaticais (“mais”, “já”, “mesmo”), verbos auxiliares de tempo, voz, aspecto e modo, a pró-forma “a gente” e as palavras vicárias “jeito”, “coisa” e “gente”; b) formas que dependem de assunto específico, mas não de registro ou grupo social, por pertencerem ao léxico comum de qualquer falante ou das experiências habituais de cada um, como “casa” e “hoje”; c) formas que dependem de registro ou grupo social, pelo fato de serem mais específicas, sendo pouco conhecidas ou usadas por indivíduos de outros grupos, como: “basear” (não gíria), “desacreditado”, “fase”, “resumido”; “junção”, “estágio”, “dirigente”, “invejável”.

Dentre os resultados desse levantamento lexical, a fricativa /z/ teve o percentual, na amostra de fortalezenses (amostra básica), de 84,74% (1650/1947) com realização plena e 14,32% (279/1947) com enfraquecimento; na interação médico-paciente (IMP), foi 61,9% (85/138) de realização plena e 38,4% (53/138) de enfraquecimento; e na amostra de interioranos (ALECE), foi de 45,26% (10/243) de realização plena e 50,20% (112/213) de enfraquecimento. A fricativa /ž/ teve o percentual, na amostra básica, de 81,56% (593/777) de realização plena e 9,90% (72/727) de enfraquecimento; na IMP, foi 43,75% (14/32) de realização plena e 56,25% (18/32) de enfraquecimento; e no ALECE, foi 31,31% (62/198) de realização plena e 62,62% (124/198) de enfraquecimento. Em seguida, os autores fizeram o cruzamento entre os condicionantes linguísticos com o levantamento lexical. Entretanto, os autores não expuseram todos os pesos relativos referentes a essa rodada.

Com /z/, o programa selecionou as seguintes variáveis (nesta ordem): consoante seguinte, distância 1 da tonicidade antecedente, falantes da classe baixa com séries do Ensino Fundamental I, segmento enfraquecido do final de palavra sem marca de plural, falantes crianças e adultos e distância 2 da tonicidade seguinte. A fricativa /z/ teve o item “mehmo”

<sup>38</sup> Exemplos: ca[h]alo (interiorano) e [h]ente e esta[h]a (cidadãos) (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 58).

como o único enfraquecido por todos os informantes das três amostras. Segundo os autores, isso se deve “à grande usualidade deste item.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 75). Outro item citado por quase todos os informantes foi “mah” (conjunção) e “maih” (advérbio).

E com /ʒ/, o programa selecionou as seguintes variáveis (nesta ordem): vogal seguinte (/a/), falantes do Ensino Fundamental I, falantes de classe baixa, falantes de sexo masculino e distância 1 da tonicidade seguinte. A fricativa /ʒ/ tem como item lexical mais usual com segmento enfraquecido no início de vocábulo o advérbio *há* (já). O pronome *a hente* ocupa o primeiro lugar na amostra dos interioranos, e o segundo nas duas outras amostras.

Quanto à correlação entre relevância informacional e usualidade, verifica-se que o enfraquecimento se dá mais entre os morfemas gramaticais e não entre os morfemas lexicais, portadores de conteúdo informacional. Quanto à hipótese de que quanto menor o nível de formalidade maior seria o enfraquecimento, os autores não a confirmaram no *corpus* analisado, mas sugeriram que ela fosse retestada.

Com um intervalo de quase duas décadas, o assunto sobre as fricativas no falar cearense voltou a ser descrito. Alencar (2007), em sua tese de doutorado, ao fazer um estudo sócio-dialetal sobre a realização dos róticos (/r/ e /r/) na língua falada em Fortaleza, observa, em seus dados, e descreve a ocorrência da reificação nas fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos. Seu *corpus* constituiu-se de entrevistas feitas com 24 informantes fortalezenses, de diversos bairros, e distribuídos igualmente entre as faixas etárias de 18 e 30 anos e de 45 a 60 anos, entre os sexos masculino e feminino e entre Ensino Fundamental e Ensino Superior. A autora utilizou o QFF (Questionário Fonético Fonológico), o QSL (Questionário Semântico Lexical), os TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) e as PM's (Perguntas Metalinguísticas) do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

A sua análise conclui que a reificação de /z/ ocorre em posição medial, antes de consoante vozeada (ex.: me[h]mo, de[h]de) e, em posição final, seguida de vogal ou de consoante vozeada (ex.: fai[h] muita), tendo maior ocorrência com o item “mesmo” e, no contexto fonológico seguinte, as consoantes nasais /m/ e /n/, a lateral /l/ e a oclusiva dental /d/. A reificação de /ʒ/ se dá em posição inicial, sendo mais frequente com as vogais /a/ e /ẽ/ (ex.: [h]á e [h]ente).

Além disso, a autora constata que há o predomínio da realização plena dessas fricativas, em posição inicial de vocábulo e em início de sílaba no meio da palavra. No

entanto, numa situação menos monitorada, ocorre, com maior frequência, a reificação delas e, até mesmo, o apagamento (este em menor número). Uma hipótese que a autora apresenta para isso é que haveria “a perda do ponto de articulação, permanecendo apenas a fricção.” (Alencar, 2007, p. 120). Quanto à análise quantitativa de seus dados, Alencar apresenta apenas em relação à realização dos róticos – objeto de estudo de sua tese. No final, faz a seguinte consideração:

A “reificação” das fricativas [...] /v/, /z/ e /ʒ/, que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB [português do Brasil] (ALENCAR, 2007, p. 138).

Em seguida, Aragão (2009) procura complementar esses estudos, falando sobre a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ e sua realização com a variante aspirada [h] do fonema /r/, utilizando o *corpus* do projeto Dialectos Sociais Cearenses (ARAGÃO *et al.*, 1996), que fora obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e IMP (Interação Médico-Paciente) – para este trabalho, a autora utilizou 6 entrevistas. Essa amostra foi organizada levando em consideração as seguintes variáveis: sexo; faixa etária – de 10 a 11 anos, de 14 a 15 anos e de 18 a 25 anos; grau de instrução – primário, ginásio e 2º Grau<sup>39</sup>; classe social – B (média) e C (baixa).

E, para efeito de comparação, a autora utilizou também 4 inquéritos experimentais do projeto ALiB, estado do Ceará, referentes à Fortaleza, com itens lexicais do QFF e do QSL, também distribuídos em: sexo; faixa etária – de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos; e grau de instrução – até a 4ª série do Ensino Fundamental<sup>40</sup> e Ensino Superior. A pesquisadora também leva em consideração os seguintes fatores: internos à estrutura fonética da palavra; diastráticos – registro culto e popular; e diatópicos – marca regional do fenômeno.

Seus resultados, não quantificados, concluíram que, dos fatores internos, os que mais marcaram foram: vogal seguinte (ex.: [‘prehas]); posição inicial (ex.: [hu’mêtu]) e posição medial (ex.: [‘mefimu]). Quanto aos fatores diastráticos, Aragão (2009) afirma que “tanto os jovens como os mais idosos, homens e mulheres, com pouca ou muita escolaridade fazem a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r/ e usam a variante [h]” (ARAGÃO, 2009, p. 200). Segundo a autora, os fatores que mais marcaram a realização desse fenômeno foram “os

<sup>39</sup> Correspondem hoje respectivamente a: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

<sup>40</sup> Atualmente, corresponde ao 5º ano.

estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado.” (ARAGÃO, 2009, p. 200). Em relação aos fatores diatópicos, a pesquisadora conclui que esse fenômeno é uma marca do falar cearense, como um todo, visto que ocorre em todos os segmentos sociais analisados. Portanto, a neutralização de /v, z, ʒ, r/ é fonético-fonológica e sócio-dialetal.

### 3.1.2 Estudos dialetológicos e/ou sociolinguísticos: no falar de outros Estados

Nesta seção apresentaremos as pesquisas que descrevem a ocorrência do fenômeno em outros locais do País, fora do Ceará – Canovas (1991), Mota e Rollemberg (1995), Pelicioli (2008), Santos (2012), Hora (1999), Carvalho (2000), Martins (2007), Auler (1992), Santos (2009) e Bassi (2010).

O primeiro trabalho que encontramos foi o de Canovas (1991) que aborda o falar de Salvador. Sua pesquisa analisa a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ em ataque silábico. Sua amostra constituiu-se de 45 informantes, distribuídos desta forma: escolaridade (1º, 2º e 3º graus) e idade (13-20, 21-45 e 46-70 anos). A autora não levou em consideração a variável sexo por constatar que, em seus dados (assim como na maioria de outros estudos linguísticos), as mulheres apontam um comportamento linguístico conservador. Portanto, o sexo do informante só foi determinado para informar mais uma característica dele. As gravações foram feitas pela pesquisadora e tinham um caráter semi-informal. Além dessas, Canovas (1991) também coletou entrevistas de TV de 79 informantes (sendo apenas 8 mulheres) de Ensino Superior, com idade entre 25 a 60 anos, em situações de fala formal.

Em Salvador, o /S/ ocorre nas formas alveolar [s, z], palato-alveolar [ʃ, ʒ], aspirada [h, fi] e apagada [ø]. Quanto aos fatores linguísticos, a análise dos seus dados concluiu que, na qualidade do segmento fônico posterior (pausa, oclusivas, fricativas, nasais, líquidas e vogais), em relação ao /S/ pós-vocálico: há o predomínio da pronúncia alveolar em todos os contextos, exceto diante das consoantes /m/ e /l/ (40,62% e 48,38% contra 40% e 32,25%, da alveolar), onde a forma aspirada foi superior (o item lexical “mesmo” foi o que mais influenciou nesse resultado, sendo pronunciado como [‘mefimʊ]); diante da vibrante /R/, houve o mesmo número de ocorrências alveolares e aspiradas (35,71%); diante das oclusivas sonoras /g, d, b/, a aspirada teve destaque, mas, ainda assim, teve frequência menor do que a alveolar. Com isso, a autora ressalta a hipótese de que

o ambiente seguinte, sendo sonoro, facilita o enfraquecimento num grau mais acentuado [...]. [A aspiração] se dá numa zona de articulação mais recuada que a palatalização; o enfraquecimento é maior quanto mais recuada for a zona de articulação onde se dá a produção da variante sonora (CANOVAS, 1991, p. 81-82).

Com o fator tonicidade, a pronúncia aspirada, com o /S/ pós-vocálico foi maior em sílabas tônicas (15,93%); com /z/, as átonas foram mais relevantes (2,18%); e com /ž/, a pronúncia aspirada ocorreu mais na sílaba tônica (9,75%). Esses resultados fizeram-na contradizer a hipótese vigente na língua de que a sílaba tônica sofre menor influência do enfraquecimento.

Assim a autora resume sua análise estrutural de acordo com o segmento posterior ao /S/ pós-vocálico: as consoantes surdas e a pausa favorecem a palatalização; as consoantes sonoras favorecem a aspiração; as vogais, em junctura, favorecem a alveolar. Já em /v, z, ž/, a autora aponta que o processo de enfraquecimento encontra-se em fase embrionária. O uso da forma padrão é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744).

Quanto às variáveis sociais, a autora afirma que os falantes com maior nível de escolaridade tendem ao uso da forma alveolar, e a variação do /S/ pós-vocálico, em Salvador, não está caminhando nesta direção: alveolar → palatal → aspirada → apagamento. Para o falante produzir a pronúncia aspirada, ele não precisa necessariamente passar pelo estágio da pronúncia palatal. Quanto à idade, são os da faixa etária mais avançada (de 46 a 70) que mais realizam a variante aspirada (4,05% ou 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42% ou 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33% ou 12/514). Portanto, a aspiração vem ocorrendo em todas as idades, e o apagamento ocorre mais entre os mais jovens. Por fim, Canovas (1991) também afirma que, mesmo diante de uma situação mais tensa (entrevistas pela TV), não há inibição da pronúncia aspirada.

Também na Bahia, Mota e Rollemberg (1995), a partir do Atlas Prévio do Falares Baianos (APFB) e do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)<sup>41</sup>, analisam as realizações de consoantes constrictivas em coda interna e final. Esses *corpora* estão relacionados a informantes de área rural, de grau de escolaridade geralmente nulo, ou bastante reduzido. A maior parte da análise feita no artigo diz respeito à realização variável de consoantes palatais e alveolares nos atlas dos dois Estados. No entanto, as autoras expõem, também, os resultados das variantes uvulares, velares e faríngeas, cujas ocorrências têm um número bem reduzido e

---

<sup>41</sup> Nesses *corpora*, as autoras notificaram que levaram em consideração a ocorrência das variantes nos pontos geográficos, desprezando a frequência com que se manifestam em cada um deles.

que serão aqui relatadas. Dentre os dados coletados, as autoras incluíram os de /S/ morfêmico indicador de plural.

Em sílaba interna, quando a sílaba seguinte é não-sonora, foram registradas, com percentual bastante baixo, realizações com a vibrante uvular sonora (Ex.: “po[R]tituta”), no AFPB (de um total de 382 dados), em apenas duas ocorrências (0,52%); no ALS (de um total de 154 dados), também houve apenas duas ocorrências (1,3%) de variante constrictiva faríngea (Ex.: “ci[h]co”). Ainda em sílaba interna, mas quando a consoante seguinte é sonora, o percentual da vibrante uvular (Ex.: “co[R]me e damião”), no APFB (de um total de 30 dados), foi maior do que na análise anterior, 20% (6 realizações); no ALS (de um total de 8 dados), as autoras registraram uma realização (12,5%) como velar sonora (Ex.: “co[x]me e damião”) e uma do que elas chamam de “transição articulatória palatal para faríngea” (Ex.: “co[ʃi]me e damião”) (MOTA; ROLLEMBERG, 1995, p. 80).

Em sílaba final, quando a consoante seguinte é sonora, no AFPB (de um total de 13 dados), houve apenas uma única ocorrência da uvular sonora; no ALS (de um total de 21 dados), houve, também, apenas uma realização como “velar-palatal” (Ex.: “sinai[x3] né?”) e uma da variante faríngea. E quando o contexto seguinte foi de pausa, não houve ocorrência de uvular no AFPB (de um total de 141 dados); já no ALS (de um total de 84 dados), houve uma realização como velar (1,19%) e duas como faríngea (2,38%).

Ainda em Salvador e treze anos depois, Pelicioli (2008) trata especificamente da aspiração das fricativas na fala dessa cidade. Seu *corpus* foi constituído por 8 inquéritos experimentais do projeto ALiB, distribuídos igualmente entre faixa etária (I – 20 a 30 anos; II – 46 a 61 anos), sexo e nível de escolaridade (fundamental e universitário).

Os dados que foram submetidos ao Varbrul foram apenas os correspondentes à posição do /S/ em coda silábica. De um total de 4.551 dados, 465 (10,22%) ocorreram com a variante aspirada. Quando o contexto fonológico seguinte foi sonoro, houve favorecimento da aspiração, principalmente com os fonemas /m, n, l, d, b, g, v/, com P.R. de 0,93, para os três primeiros e, respectivamente, 0,90, 0,88, 0,79 e 0,78, para os últimos. Por outro lado, quando o contexto seguinte foi não-sonoro, apenas a consoante /x/, apresentou um índice também significativo, de 0,93 – resultado que, segundo o autor, pode indicar um processo de assimilação. Em final de palavra, diante de consoante, o /S/ em coda silábica tem P.R. de 0,62; já em posição medial, o seu peso é neutro (0,51). Todas as classes gramaticais, com exceção dos substantivos, obtiveram P.R. acima dos 0,50. Dentre elas, destacam-se as conjunções (0,80), depois os numerais (0,77), em seguida, os pronomes (0,71), e os verbos e

adjetivos estão próximos à neutralidade (0,54 e 0,53). Aqui também os itens lexicais “mesmo(s)/mesma(s)” deram destaque aos determinantes e advérbios (0,64 e 0,63). Esses itens lexical foi o mais usual e, em 50% das vezes em que ocorreu, foi de forma aspirada (0,73).

Em relação às variáveis sociais analisadas, quanto ao gênero, constatou-se que os homens são os que mais aspiram (0,54). A faixa etária I é a que mais aspira (0,56), os falantes de nível fundamental tiveram maior P.R., de 0,55, contra 0,46 dos informantes de nível universitário. Por isso, o autor considera que

a aspiração de fricativas, na fala de Salvador, é uma mudança que ocorre “de baixo pra cima”, isto é, abaixo do nível de consciência do falante. A princípio, ocorria somente no nível fundamental e hoje já pode ser percebida em todas as camadas da sociedade (PELICIOLI, 2008, p. 4).

Já aspiração em cabeça de sílaba, que não fora rodada no Varbrul, obteve, dos 171 dados encontrados: 58% de ocorrência com a fricativa palatal /ʒ/, sendo “[h]ente” o item lexical mais frequente (77%: 76/99), e “[h]á” o segundo mais frequente, com 17 ocorrências; 28% com a labiodental /v/; e 14% com a alveolar /z/, sendo que 58,3% ocorrem com itens dissílabos e em sílaba átona (“casa”, “coisa”, “causa”, “quase”), e 41,7% ocorrem com o fenômeno da ressilabação<sup>42</sup> (Ex.: “a-que-le-a-ra-dos”). Nas variáveis sociais, há uma inversão do que ocorreu em coda: os informantes da faixa II, de nível universitário e do sexo feminino realizaram mais a aspiração do que os da faixa I, de nível fundamental e do sexo masculino. No entanto, o autor não divulgou os percentuais para as variáveis sociais nesse estudo.

Por fim, Pelicioli (2008), assim como Canovas (1991), constata que, em Salvador, a aspiração não constitui um indicador, visto que possui uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos e etários.

Santos (2012), por sua vez, analisa, em estudo de cunho sociolinguístico, a variação de /S/ em coda silábica na localidade de Helvécia (uma comunidade remanescente de quilombo), pertencente ao município de Nova Viçosa-BA. O *corpus* utilizado pelo autor é parte do *Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia*, constituído pelo *Projeto Vertentes*. A amostra é formada por 12 entrevistas com falantes naturais do local mencionado, divididos em 6 homens e 6 mulheres, sendo 4 participantes

<sup>42</sup> Segundo Bisol (1996; 2001), a ressilabação das consoantes é um processo que segue o Princípio de Sonoridade Sequencial e busca agregar consoantes em torno de picos de sonoridade, que no caso do português, correspondem às vogais. Por isso, quando existe uma sequência C V, ela costuma ser colocada numa mesma sílaba como CV. Um exemplo disso está em “mais ela” [may.ʔzɛ.lə].



com idade entre 28 e 38 anos, 4 entre 44 e 60 anos e 4 entre 70 e 103 anos. Todos os informantes do Projeto Vertentes possuem pouca ou nenhuma escolaridade. Foi coletado um total de 2.400 ocorrências de /S/. Dentre elas, o autor não incluiu os de /S/ morfêmico indicador de plural nem os casos de ressilabação.

Dos 2.400 dados coletados, 44,83% são de [s / z] (alveolares), 22,37% são de [h / ã] (glotais), 18% são de apagamento e 14,8% são de [ʃ / ʒ] (palatais). Portanto, Helvécia possui um alto índice de enfraquecimento e conseqüente apagamento, reforçando a ideia de que aspiração e apagamento são fenômenos relacionados (SANTOS, 2012). Quanto à posição em que as variantes ocupam na amostra, levando em consideração apenas as variantes glotais: em final de vocábulo seguido de consoante (1.023 ocorrências), as glotais ocorreram em 32% dos dados; em interior de vocábulo (1.061 dados), [h / ã] obtiveram 17% dos dados.

Em interior de vocábulo, a realização aspirada (181/1.061 ocorrências) teve como condicionamentos linguísticos selecionados pelo programa: contexto vocálico e semivocálico antecedente, com a semivogal [j] apresentando o peso relativo de 0,99 (3/5), com a vogal [u], o de 0,78 (4/74), [ɔ] 0,72 (2/105), [a] 0,60 (3/76), [e] 0,57 (163/384), e [o] (0,56) (1/76); contexto consonantal subsequente, com as africadas contando com o índice de 0,85 (15/85), e a nasal labial 0,76 (158/295). Esse resultado deu-se essencialmente pelos vocábulos “mesmo” e “desde”; sonoridade da consoante seguinte, apenas com as sonoras apresentando peso relevante, de 0,91 (170/337). Já entre as variáveis extralinguísticas, em interior de vocábulo, o programa selecionou apenas a faixa etária, sendo apenas a faixa 1 (28-38 anos) a que apresentou um índice relevante, de 0,73 (96/394).

Em final de vocábulo seguido de consoante, a variante aspirada (330/1.023 ocorrências), teve como condicionamentos linguísticos selecionados pelo programa: contexto consonantal subsequente, com as africadas apresentando o maior peso relativo, de 0,81 (63/80), a nasal alveolar 0,71 (101/132), a lateral 0,69 (8/12), a nasal labial 0,54 (54/94), e as oclusivas alveolares 0,53 (36/84); sonoridade da consoante seguinte, novamente apenas com as sonoras apresentando peso relevante, de 0,69 (290/448); e contexto vocálico e semivocálico antecedente, com a vogal [ɔ] apresentando o peso relativo de 0,66 (23/41), com a semivogal [j] 0,61 (176/349), e a vogal [a] 0,54 (91/171) – ou seja, as vogais mais frequentes. Já entre as variáveis extralinguísticas, em final de vocábulo seguido de consoante, as faixas etárias 2 e 3 foram as que se mostraram favorecedoras da aspiração, com índice de respectivamente, 0,54 (121/266) e 0,72 (125/219); e o sexo masculino foi o único que mostrou um resultado relevante, de 0,70 (191/334).

Em final absoluto, a variante aspirada (26 ocorrências) teve apenas o contexto vocálico e semivocálico antecedente como condicionamento linguístico selecionado pelo programa, com a vogal [ɔ] apresentando o peso relativo de 0,76 (1/2), e com a semivogal [j], 0,69 (18/73). Já entre as variáveis extralinguísticas, em final absoluto, as faixas etárias 2 e 3 foram as que se mostraram favorecedoras da aspiração, com índice de, respectivamente, 0,63 (8/42) e 0,82 (14/45); e novamente o sexo masculino foi o único que mostrou um resultado relevante, de 0,67 (18/83).

Resumidamente, Santos (2012) constatou que, em Helvécia, as variantes aspirada e zero, juntas, representam 40,37% do total de ocorrência do *corpus* analisado. Esse percentual é muito expressivo em relação a outros dialetos que observaram a variação de /S/ em coda silábica, principalmente, quando comparado à variante palatal que contou com apenas 14,79% das ocorrências. A variante aspirada é mais recorrente em final de vocábulo seguido de consoante do que em interior de vocábulo (neste, ela ficou restrita, praticamente, ao vocábulo “mesmo”). Segundo o autor para as posições finais, “a aspiração pode receber a interpretação de que, juntamente com o apagamento, se relaciona a uma história pretérita de contato linguístico da comunidade.” (SANTOS, 2012, p. 240). Em termos de variáveis sociais, o fenômeno da glotalização exige a separação de <S> em posição interna – na qual atua o princípio da difusão lexical – das ocorrências em coda externa, onde faixa etária e sexo interferem mais fortemente. A realização aspirada é preferência da faixa etária mais avançada, no entanto, a aspiração em coda interna é um fenômeno de implementação recente, sendo liderado pelas gerações mais novas; a variante aspirada é rejeitada pelas mulheres.

Em termos de variáveis linguísticas, em coda interna, a aspiração de /S/ trata-se, primordialmente, de um fenômeno de difusão lexical; no entanto, ambientes fônicos contendo consoantes seguintes sonoras africadas, nasais, laterais e alveolares, além das vogais altas também influenciam fortemente o fenômeno; e, em codas finais, a aspiração está relacionada com o modo como a comunidade adquiriu, no passado, o português.

Hora (1999), por sua vez, faz um estudo sobre a palatalização de fricativas /s/ e /z/ na língua portuguesa. Seus dados analisados fazem parte dos projetos NURC (Norma Urbana Oral Culta), APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro) e VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba). Os resultados do NURC apontaram que, em São Paulo e em Porto Alegre, houve predomínio da realização alveolar. No Rio de Janeiro e em Recife, há a predominância da realização palatal. Já em Salvador, houve uma

distribuição para alveolar e palatal homogênea (45% e 44%, respectivamente). No entanto, há uma tendência de palatalização em posição medial para todas as capitais.

O autor cita, ainda, o estudo de Brandão, de 1998, que verifica que, ao contrário do que acontece na capital (Rio de Janeiro), o *corpus* do APERJ revela que há predomínio de realizações alveolares. Sobre o uso do /S/ pós-vocálico em Brasília, Hora cita a pesquisa de Corrêa, 1998, que constata que 97% das realizações ocorrem com a alveolar, 2% com a aspirada e 1% com o zero fonético. Em relação ao projeto VALPB, a realização se deu com as seguintes variantes: [s], [ʃ], [z], [ʒ], [h], [ø]. No entanto, em virtude das poucas realizações com as variantes aspirada e apagada (*meomo*-109, *mefino*-564, *defide*-19), elas não foram consideradas na análise, e as demais foram analisadas em interior de vocábulos.

Saindo do Nordeste e indo para a região Norte do País, temos o trabalho de Carvalho (2000), sobre a variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém. Seu *corpus* foi obtido através de entrevistas e depoimentos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e possui 42 informantes, dos quais 21 são homens e 21 são mulheres. A autora os estratificou, ainda, segundo a escolaridade (não-escolarizado, Ensino Fundamental completo/incompleto e Ensino Médio completo/incompleto), faixa etária (de 15 a 25 anos, de 26 a 46 anos e mais de 46 anos) e classe social (baixa e média). O /S/ pós-vocálico foi analisado em quatro variantes: alveolares, palatais, aspirada ou glotal e o zero fonético ou apagamento – embora não apresentem a mesma produtividade. No entanto, relataremos, prioritariamente, apenas os resultados referentes à variante glotal. Dentre as ocorrências coletadas, a autora não incluiu as de /S/ morfêmico indicador de plural nem as de morfema de primeira pessoa do plural.

A frequência global das variantes de /S/ pós-vocálico é de (a partir de um total de 3.955 dados): 23% para as alveolares [s, z], 69% para as palatais [ʃ, ʒ], 3% (83/3955) para a glotal [h] e 5% para o zero fonético [ø]. Quanto ao uso das glotais, esta variante foi mais favorecida pelos seguintes fatores linguísticos: antes de consoante sonora interna (0,93 – 39/174) e em junção (0,70 – 31/863), em sílaba tônica (0,71 – 74/2036) e em advérbios (0,68 – 36/725) e preposições (0,55 – 05/119).

Os fatores sociais se comportaram da seguinte forma: os não-escolarizados preferiram a glotal (0,66 – 65/1592), os que tinham Ensino Fundamental completo/incompleto apresentaram índices mais baixos, porém também favorecedores, em relação à glotal (0,53 – 13/916); apenas os homens favoreceram a glotal (0,60 – 59/1545); os mais novos utilizaram, de forma favorecedora, a glotal (0,57 – 27/1367) e os de mais de 46 anos foram os que fizeram maior uso da glotal (0,64 – 50/1256); tanto os informantes de classe baixa quanto

média apresentaram um índice neutro em relação à glotal (respectivamente, 0,51 – 30/1703 e 0,49 – 57/2252). Carvalho (2000) conclui então que, entre os belenenses, há um predomínio das palatais, que constituem a variante de prestígio entre eles.

Sobre o falar amazonense, a pesquisa de Martins (2007)<sup>43</sup>, de cunho essencialmente dialetológico, investiga o comportamento do /S/ pós-vocálico em situação de conversação livre, em 6 municípios do Amazonas: Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant. Neles foram encontradas as seguintes variantes: a pós-alveolar surda e sonora [ʃ, ʒ], a alveolar surda e sonora [s, z], a glotal/aspirada [h, fi] e o zero fonético [ø]. As análises de cada município levaram em consideração os fatores linguísticos (posição média e final do /S/ pós-vocálico) e os sociais (faixa etária – 1: 18 a 35 anos, 2: 36 a 55 anos e 3: 56 em diante – e gênero<sup>44</sup> – masculino e feminino), num total de 36 informantes, sendo 6 em cada município. De forma global, a pós-alveolar predomina nos municípios de Barcelos, Itacoatiara e Parintins, e os demais municípios produzem mais a alveolar. A seguir, apresentaremos apenas os resultados referentes à fricativa glotal. Nessa pesquisa (MARTINS, 2007), não foi informado o número de dados coletados. Dentre as ocorrências coletadas, a autora incluiu as de /S/ morfêmico indicador de plural.

Em Barcelos, quanto aos dados de uso da fricativa glotal, em posição medial, não houve ocorrência entre nenhum dos gêneros da primeira faixa etária, mas as demais faixas apresentaram esse uso, em ambos os gêneros, sendo as mulheres da terceira faixa as que apresentaram um maior índice (12,5%), seguidas dos homens desse mesmo intervalo de idade (11,3%); enquanto que, na segunda faixa etária, o percentual de uso das mulheres foi 8,3% e dos homens 8,2%. Já em posição final, no gênero masculino, só houve ocorrência, e bastante baixa, entre os homens de 56 anos em diante (1,1%); entre as mulheres, apenas as de segunda (9,6%) e primeira (4,1%) faixas etárias. Portanto, a fricativa glotal, em Barcelos, tende a ser mais utilizada em idade mais avançada e entre as mulheres.

Em Benjamim Constant, a fricativa glotal, em posição medial, só não apareceu entre os homens da terceira faixa etária; no entanto, é o gênero masculino da faixa um que apresenta o maior percentual desse uso (33,3%); na segunda faixa etária, houve um equilíbrio de uso em ambos os gêneros (20% para os dois); as mulheres das faixas um e três foram as que apresentaram os menores percentuais (respectivamente, 8% e 2,7%). Já em posição final,

---

<sup>43</sup> In: MARTINS, F. S. **A pronúncia do -S pós-vocálico os municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant**. 2007. (Relatório de pesquisa).

<sup>44</sup> A autora utilizou a nomenclatura “gênero”, embora não tenha explicado se se tratava de “sexo biológico” ou de “gênero” mesmo.

as ocorrências ficaram concentradas, de forma bastante desequilibrada, entre os homens mais jovens (23,5%); houve, ainda, um percentual bastante baixo entre as mulheres das faixas um (1%) e três (1,9%); as demais células sociais analisadas não apresentaram nenhuma ocorrência. Portanto, a fricativa glotal, em Benjamim Constant, tende a ser utilizada entre os homens mais jovens.

Em Itacoatiara, a fricativa glotal, em posição medial, apresentou ocorrência apenas entre as mulheres, mas em todas as faixas etárias e com índices expressivos (1: 25%, 2: 10,7% e 3: 11,1%). Já em posição final, houve pouquíssimas ocorrências, mostrando alguma porcentagem apenas entre as mulheres da primeira (4,1%) e segunda faixas etárias (1,03%). Portanto, a fricativa glotal, em Itacoatiara, ocorre apenas com o gênero feminino.

Em Manacapuru, não houve participantes da faixa três, do gênero feminino. O uso da fricativa glotal, em posição medial, só não ocorreu entre os homens de idade mais avançada; no entanto os homens mais jovens foram os que apresentaram o maior percentual (20%), seguidos das mulheres da faixa dois cujo índice foi de 18,1%; as mulheres da faixa dois e os homens da faixa um apresentaram os percentuais mais baixos (respectivamente, 8,3% e 6%). Já em posição final, repetindo o que ocorreu nos outros três municípios mencionados, esse uso é bastante reduzido, aparecendo apenas entre os homens das faixas um (8%) e dois (2,4%). Portanto, a fricativa glotal, em Manacapuru, tende a ocorrer entre os homens mais jovens.

Em Parintins, a fricativa glotal, em posição medial, só não apareceu entre as mulheres mais jovens; os homens e as mulheres de idade mais avançada apresentaram os maiores percentuais (respectivamente, 27,7% e 14,2%), seguidos dos homens da faixa um cujo índice foi de 13,6%; e as mulheres da faixa dois glotalizaram em apenas 1,6% dos dados. Já em posição final, novamente, há uma baixa produção da fricativa glotal, porém em todas as células sociais esse uso aparece, sendo mais frequente entre as mulheres da faixa dois (6,4%); entre os homens, os percentuais das faixas um, dois e três foram de, respectivamente 2,7%, 0,7% e 1,4%; e entre as mulheres das faixas um e três, esse índice foi de, respectivamente 1,3% e 1,6%. Portanto, a fricativa glotal, em Parintins, em ambos os gêneros de idade mais avançada.

Em Tefé, a fricativa glotal, em posição medial, aparece com o maior índice, comparado ao dos outros municípios mencionados, entre as mulheres mais jovens, com 42,8% dos dados; os homens das faixas dois e três apresentam percentuais de 14,2% e 12,5%, respectivamente; e não há ocorrência nas demais células sociais analisadas. Já em posição final, as mulheres mais jovens são as únicas que apresentam ocorrência desse uso, em 7,6%

dos dados. Portanto, a fricativa glotal, em Tefé, tende a ocorrer, de forma bastante expressiva, entre as mulheres jovens.

Ao comparar os resultados dos seis municípios mencionados, a fricativa glotal, em posição medial, tem a maior ocorrência em Tefé (11,6%), seguido de Parintins (10%). Em posição final, foi Manacapuru o que apresentou o maior percentual (2,7%), seguido de Parintins e Benjamin Constant, com respectivamente, 2,3% e 2,2% dos dados.

Indo para a região Sudeste, temos o trabalho de Auler (1992), cujo objetivo era analisar parâmetros do léxico, verificando a possibilidade de a hipótese da difusão lexical estar agindo sobre a aspiração do /S/ pós-vocálico em dados de fala do Rio de Janeiro-RJ. O trabalho teve uma perspectiva diacrônica (análise em tempo real) por comparar dados de entrevistas com os mesmos falantes, sendo uma de 1982, e a outra de 1988. A amostra da pesquisa é composta por 10 informantes. A autora optou por excluir os dados contendo morfemas de plural. O número de ocorrências obtidas foi de 1.035, no primeiro período de tempo, e de 1.021, no segundo.

As variáveis selecionadas para o trabalho foram: categoria gramatical, posição do /S/ pós-vocálico, par mínimo e morfema. A autora elaborou ainda glossários para registrar todos os itens afetados pela aspiração em cada estágio de tempo. Na variável categoria gramatical, a autora separou os casos de aspiração em: verbo, advérbio, conjunção, numeral, “mesmo” e adjetivo. A autora constatou que “no segundo tempo, dois informantes (ROB e NAD) aspiraram todas as emissões do item **mesmo**, sendo que ROB já apresentava um alto índice de aspiração nesse item (90%), no primeiro tempo” (AULER, 1992, p. 50). Sobre essa variável, a autora verificou ainda que, quando foram retiradas as ocorrências de “mesmo” das rodadas, o índice de aspiração caiu para 3,9%, no primeiro período, e para 2,4%, no segundo.

Quanto à variável posição, quando esse item foi retirado, a aspiração ficou praticamente restrita à posição final. Quanto à variável par mínimo, a autora explica que a utilizou por “ser um pressuposto teórico corrente que itens morfológicos que acumulam mudança de sentido são mais resistentes à mudança.” (AULER, 1992, p. 47). Por exemplo os pares “dez/der” ou “mas/mar” são mínimos apenas no nível fonológico, mas não no sintático. Para os seus dados, foi verificada “a predominância de aplicação do fenômeno na parte do léxico cuja forma aspirada constitui par mínimo com a equivalente não aspirada.” (AULER, 1992, p. 47). Quanto à variável morfema, a autora constatou uma aplicação praticamente categórica no radical; no sufixo, só ocorreu um caso de aspiração e o foi no primeiro estágio de tempo analisado.

Auler (1992) analisou ainda as porcentagens individuais da realização aspirada nos dois tempos e verificou

o desaparecimento total da aspiração em dois informantes, no segundo tempo (MAR e FAT), o quase desaparecimento num terceiro (SAN) e a queda bastante acentuada no informante PRO. Dois informantes apresentam comportamento bem equilibrado (NAD e GLO), outros diminuíram a incidência de aspiração em proporção pouco significativa (JAN, ROB e AGO) e apenas um informante aumentou significativamente a pronúncia aspirada (VAS) (AULER, 1992, p. 47).

A autora explicou ainda que o fato de esses indivíduos terem eliminado, ou quase isso, a pronúncia aspirada do /S/ pós-vocálico tem condicionamentos sociais, e o mais forte deles é a escolarização, pois todos os informantes desse grupo aumentaram o seu nível de escolaridade e ingressaram no mercado de trabalho.

Nos glossários elaborados, a autora encontrou, no primeiro estágio de tempo, aspiração em 16 itens diferentes, destes, apenas 8 foram afetados no segundo estágio; foram eles: depois, dez, faz, mas, mais, mesmo, seis e três. Com esses dados, Auler (1992) resolveu testar a influência do grau de frequência de um item no seu afetamento pela aspiração e constatou que quanto maior foi a sua frequência, maior foi a sua tendência à aspiração nos dois estágios de tempo analisados.

Ao final, ela afirma que os índices de aspiração de 6,4%, no primeiro período, e de 4,3%, no segundo, preconizam uma variação estável, que está localizada em alguns itens, sugerindo a atuação da difusão lexical sobre o fenômeno. Entretanto, ela não descarta a influência de fatores fonético-fonológicos comprovados em pesquisas anteriores.

Ainda na região Sudeste, a pesquisa de Santos (2009) analisa a variação do /S/ pós-vocálico, mas apenas nos municípios fluminenses de Itaperuna, Paraty e Petrópolis, cujos resultados obtidos não apontam para uma mudança em progresso, mas sim para uma variação estável nestas regiões. Seu *corpus* é constituído por 18 entrevistas realizadas em cada um dos três municípios. Todos os informantes possuem escolaridade básica (no máximo a 7ª série do Ensino Fundamental<sup>45</sup>) e distribuem-se igualmente entre os gêneros (masculino e feminino)<sup>46</sup> e as faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e mais de 55 anos). As entrevistas foram constituídas pelo QFF (Questionário Fonético-Fonológico) e pelo DS (Discurso Semidirigido) do projeto ALiB.

---

<sup>45</sup> Atualmente, o 8º ano.

<sup>46</sup> Santos (2009) também utilizou a nomenclatura “gênero”, sem especificar se se tratava de “sexo biológico” ou de “gênero” mesmo, apenas dizendo que eram “masculino e feminino”.

Foram atestadas seis variantes para as realizações de /S/ em todos os três municípios: a fricativa alveolar surda [s], a alveolar sonora [z], a palatal surda [ʃ], a palatal sonora [ʒ], a glotal [h] e o apagamento [∅]. Dentre as ocorrências coletadas, a autora não incluiu as de /S/ morfêmico indicador de plural. De um total de 7.810 dados, houve predomínio da fricativa alveolar surda [s], com 40% das ocorrências. As demais variantes ficaram assim distribuídas: alveolar sonora-17%, palatal surda-29%, palatal sonora-3%, glotal-6% (425/7.810) e zero fonético-5%.

Para cada um desses processos, Santos (2009) faz uma análise. No entanto, serão mostrados aqui apenas os resultados referentes à glotal. Para a glotalização, quanto às variáveis extralinguísticas, em contexto interno, no QFF, o fator região mostrou Petrópolis (0.648) e Itaperuna (0.604) com índices relevantes e, em contexto externo, Itaperuna (0.800) e Paraty (0.566). Em contexto interno, no QFF, apenas a terceira faixa etária mostrou-se favorecedora à aplicação da regra (0.686 – 14/268), já em contexto externo, apenas a primeira faixa etária (0.759); no DS, nos contextos interno e externo, foram a segunda (interno: 0,533, externo: 0.505) e a terceira (interno: 0.629, externo: 0.583) faixas etárias que se mostraram relevantes. Nos contextos interno e externo, tanto no QFF quanto no DS, apenas os homens produziram com relevância essa variante (interno-QFF: 0.623, externo-QFF: 0.818, interno-DS: 0.578, externo-DS: 0.565).

As variáveis linguísticas, por sua vez, apresentaram, para a glotalização, os resultados mostrados a seguir. No QFF (com um total de apenas 32 ocorrências nos três municípios pesquisados), em contexto interno, a sonoridade do segmento seguinte consoante [+sonora] [+soante] se mostrou muito relevante (0.980), seguida de consoante [+sonora] [-soante] (0.734). Ainda no QFF, mas em contexto externo, quanto à passagem de ar no segmento seguinte, a consoante foi o fator de maior peso relativo (0.942); quanto ao contexto antecedente, as vogais [ɛ] (0.973), [u] (0.925) e [a] (0.725) apresentaram os maiores pesos relativos.

No DS (com um total de 393 ocorrências da fricativa glotal nos três municípios em análise), em contexto interno, a variável natureza do vocábulo mostrou que: os vocábulos “desde” (0.949), “mesmo” (0.726), formas verbais (0.701) e advérbios (0.617) apresentaram os resultados mais relevantes; a sonoridade do segmento seguinte (sonoro) mostrou pesos relativos bastante expressivos (0.993 e 0.965); quanto à vogal antecedente, as mais relevantes foram: [ɔ] (0.961), [ɛ] (0.958), [e] (0.579) e [a] (0.573); e quanto à tonicidade da sílaba, a sílaba pretônica foi a que se mostrou favorável à regra de aplicação (0.597). No contexto



externo, do DS, a sonoridade do segmento seguinte consoante [+sonora] [+soante] apresentou peso relativo de 0.863, e a consoante [+sonora] [-soante], com peso de 0.538; quanto ao contexto antecedente, os resultados mais relevantes foram com as vogais: [o] (0.945), [ɔ] (0.942), [ɛ] (0.897), [w] (0.878), [a] (0.858), [e] (0.707) e [i] (0.671); quanto à tonicidade da sílaba, desta vez, foi a sílaba tônica a apontada como relevante (0.554); quanto à natureza do vocábulo, os favorecedores para aplicação da regra foram: o vocábulo “pois” (0.845), a forma pronominal “nós” (0.719), adjetivos (0.656) os vocábulos “mas/mais” (0.566); e quanto ao ponto de articulação do segmento seguinte, mostraram-se favoráveis à aplicação da regra: palatal (0.693) e alveolar (0.552).

Na região Sul, temos o trabalho de Bassi (2010), que fala sobre o comportamento do [s] em coda silábica em Florianópolis, no Centro (urbano) e nos Ingleses (litorâneo). Seu *corpus* é constituído por apenas quatro informantes, sendo eles dois homens e duas mulheres (um homem e uma mulher com até 25 anos e um homem e uma mulher acima de 60 anos). As seguintes realizações de [s] foram constatadas nesse *corpus*: alveolar surda (cu[s]to, têni[s]), alveolar sonora (me[z]mo, pé[z]descalços), palatal surda (flore[ʃ]ta, mê[ʃ]), palatal sonora (me[ʒ]mo, pé[ʒ]descalços), fricativa glotal (me[h]mo) e zero fonético (me[ø]mo).

No entanto, seus resultados foram restringidos ao estudo do condicionamento linguístico e social da variante palatal<sup>47</sup>, e eles apontaram que, em Florianópolis, a palatalização “ainda é um fenômeno recorrente e de interferência, visto que na mesma localidade existem pessoas de cidades, estados, culturas e dialetos distintos.” (BASSI, 2010, p. 11).

Nesta subseção, os estudos apresentados contribuíram, principalmente, para verificarmos a existência de variadas realizações da fricativa /S/ em diversas regiões do Brasil e para fazermos o levantamento das principais variáveis que estariam condicionando o fenômeno que nos propomos analisar (glotalização). A respeito do falar cearense, sobre o qual o fenômeno teve mais trabalhos que o investigaram, os fatores mais relevantes foram a usualidade do item lexical, a classe gramatical, a posição (inicial, medial, final), o contexto fonológico, a relevância informacional, o monitoramento linguístico (informalidade), o sexo (“manifestação de macho”), o nível de estigmatização em relação à origem do falante (interior do Estado).

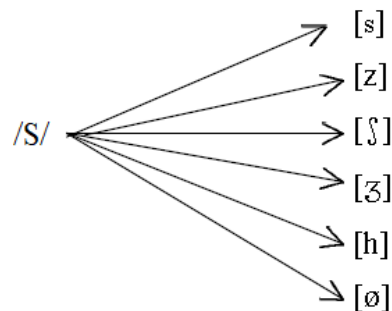
---

<sup>47</sup> Embora a autora não tenha analisado os resultados dos dados das variantes glotal e apagada, este trabalho foi aqui apresentado a fim de registrar a presença dessas realizações também na fala da região Sul do País.

Ainda no Nordeste, em Salvador (Bahia) onde a aspiração foi investigada, também, em ataque silábico (CANOVAS, 1991; PELICIOI, 2008), foram levados em consideração praticamente esses mesmos fatores, mas constatou-se ainda que a aspiração, diferente do Ceará, não seria um marcador, mas apenas um indicador, visto que ocorre em todos os grupos socioeconômicos e etários. Além disso, a investigação feita por esses autores sobre a aspiração em ataque silábico consistiu apenas em uma espécie de “complemento”, de registro de que essa variação existe, mas em número bastante reduzido.

Fora do Ceará, verificamos que há uma variável enéria para /S/, isto é, as formas palatais, alveolares, glotais e apagada variam ao mesmo tempo, como demonstrado por Carvalho (2000, p. 63):

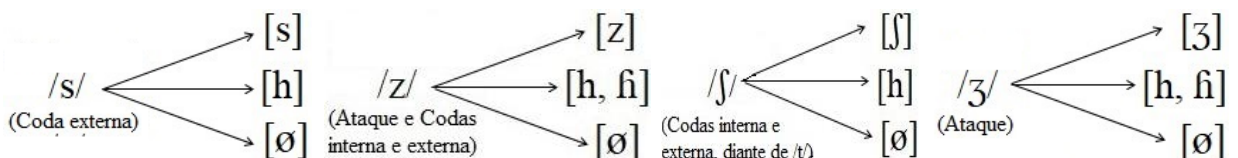
**Figura 2 – Representação da variação enéria de /S/**



Fonte: Carvalho (2000, p. 63).

Pudemos verificar, também, que as ocorrências aspirada e apagada aparecem em um número bem menor fora do Nordeste do que o encontrado nos locais dessa região que foram aqui mencionados. E podemos concluir, até a realização desses trabalhos, que apenas as pesquisas realizadas sobre o falar cearense (e o baiano, em circunstância de menor ocorrência) mencionam que as variantes glotais e o zero fonético aparecem, também, em ataque silábico. Além disso, no falar cearense, não existe coocorrência entre alveolares e palatais, mas sim variáveis ternárias para: alveolar desvozeada (apenas em coda) ou vozeada e glotais e zero fonético; e palatal desvozeada (apenas em coda) ou vozeada e glotais e zero fonético, como demonstrado a seguir:

**Figura 3 – Representação da variação ternária de /S/ no falar cearense**



Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, nesses estudos, tanto fatores linguísticos quanto sociais têm influência sobre o fenômeno. No entanto, no Ceará, percebemos que há uma predominância de fatores linguísticos associados a um forte fator social, diatópico, a marca regional do estado do Ceará, em consonância com Aragão (2009). Dentre esses fatores observados, trouxemos para a nossa investigação: a usualidade do item lexical, pois estamos verificando que itens, como “mesmo”, “mas/mais”, “desde”, “já”, “a gente”, dentre outros, aspiram com bastante frequência; a tonicidade, uma vez que os dados vêm mostrando que a sílaba tônica costuma abrigar o segmento aspirado; a classe gramatical, pois conjunções, advérbios e verbos têm aparecido com bastante frequência na forma aspirada; a posição (inicial, medial, final), visto que encontramos aspiração em todas essas posições (mas de maneira diferenciada com cada fricativa); o contexto fonológico, pois esse fator mostrou-se muito importante nas pesquisas já feitas; o gênero, a fim de sabermos se o gênero masculino continua liderando esse uso aspirado; e a faixa etária, para sabermos se o fenômeno demonstra uma variação estável ou uma possível mudança em progresso. Além disso, fizemos uma melhor estratificação dos informantes, atendendo aos padrões da Sociolinguística Quantitativa.

### 3.2 ESTUDOS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS REALIZADOS NO BRASIL

Nesta subseção, apresentaremos cronologicamente resultados de pesquisas sobre atitudes linguísticas realizadas no Brasil. Apenas um deles avaliou o uso da variante glotal de /ʒ/ e de /z/ – a pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988). Os demais estudos aqui mencionados foram úteis para que pudéssemos elaborar o nosso próprio teste de atitudes linguísticas.

Roncarati e Uchoa (1988) aplicaram um teste de atitudes com 10 estudantes de Letras (4º semestre), sendo 5 originários de Fortaleza, 4 do interior do Ceará e um de Joazeiro (na Paraíba), avaliando o enfraquecimento das fricativas. O teste era composto de um questionário, contendo 10 frases com itens lexicais com e sem aspiração das fricativas, e de uma gravação com comentários dos informantes sobre esses itens após a explicação do fenômeno. Os resultados do teste revelaram que: a situação de fala informal favorece o enfraquecimento; o enfraquecimento é uma marca masculina (sinalizaria uma espécie de “manifestação de ‘macho’”); os adultos enfraquecem mais as fricativas; há uma forte correlação entre nível de estigmatização e origem do falante (as mais estigmatizadas são atribuídas a falantes interioranos); a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos caminham juntas.

A pesquisa realizada por Ramos (1997) apresenta os resultados relacionados a atitudes linguísticas de 60 falantes urbanos de cinco estados brasileiros, a saber: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraíba, distribuídos em duas faixas etárias (14-15 e 25-40 anos) e sendo todos da classe média. A autora aplicou dois questionários: no primeiro, as respostas às questões apresentavam cinco opções em escalas bipolares, contendo perguntas que permitissem avaliar as atitudes linguísticas desses falantes a partir de afirmações sobre o uso da língua portuguesa, incluindo como linguagem representativa do padrão culto a linguagem veiculada no Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão), no período de março/abril de 1996, comparando-a com a fala do próprio entrevistado e da região de onde ele se originava. O segundo questionário foi respondido por 31 informantes mineiros e continha fragmentos de entrevistas de cerca de três minutos de gravação com falantes de Ensino Superior de cada dialeto avaliado e, em seguida, havia perguntas sobre esse falante: sua origem geográfica, sua profissão, se o seu modo de falar era agradável ou não, se a sua maneira de falar era correta ou não e se, dentre os falantes ouvidos, havia algum que não apresentava sotaque.

Do primeiro questionário, a autora expôs os resultados de cada subconjunto de questões feitas. Para a questão “Gente da roça fala melhor que gente da cidade”, houve consenso (78%), entre os falantes de todos os estados pesquisados, ao rejeitarem o dialeto rural como padrão de fala do Brasil. Para a questão “Todos os brasileiros deveriam falar como os (gaúchos, catarinenses, mineiros, paraibanos ou cariocas)”, os resultados indicaram que o dialeto mineiro (6,5%) e o paraibano (7%) são os menos aceitos, e o maior índice ficou com o dialeto gaúcho (16,5%); esses baixos índices (nenhum resultado foi superior a 50%) indicaram ainda um alto grau de rejeição ao possível fato de um dialeto ser considerado um modelo, a ser seguido por todos os brasileiros. Em seguida, a autora analisou, dessa mesma questão, as respostas de cada informante sobre o seu próprio dialeto ser considerado um modelo e os resultados indicaram que são os gaúchos que avaliam mais positivamente o seu próprio dialeto (47,6%), e os que menos aceitam o seu próprio dialeto são os paraibanos (13%). Sobre esse resultado, a autora comenta que:

Certamente o prestígio externo, advindo da comparação dos níveis de desenvolvimento socioeconômico das diferentes regiões, parece refletir-se na avaliação dos respectivos dialetos pelos próprios falantes. Se assim for, RS e PB representariam aqui os extremos numa escala de desenvolvimento, no imaginário dos brasileiros (RAMOS, 1997, p. 111).

Sobre a questão “Eu falo sem sotaque”, os gaúchos (33,3%) e os mineiros (33,4%) foram os que mais concordaram em não ter sotaque. Segundo a autora, esse resultado confirma, de certa maneira, o sentimento que eles têm de usarem um dialeto-padrão. A questão “A fala dos jornalistas do Jornal Nacional (JN) reflete a fala da minha região” mostrou que os falantes de estados mais próximos da região sudeste foram os que apresentaram os maiores índices, no Rio de Janeiro (45,9%) e em Minas Gerais (34,4%), e os que apresentaram os menores índices foram Rio Grande do Sul (11,9%) e Paraíba (8%). Esse resultado demonstra que a fala da mídia é identificada pelos falantes como um ponto de referência. Entretanto, ao cruzar a resposta a essa questão com a anterior, a autora obteve resultados surpreendentes, pois, apesar de se esperar que a fala da mídia seja sem sotaque, os cariocas são os que mais acham o seu sotaque mais próximo da fala do JN, mas, em contraposição, os próprios cariocas não são os que mais acham que falam sem sotaque (como mencionado). Para avaliar essa pergunta de forma individual, a autora colocou a questão “Eu falo como os apresentadores do JN” e nela os resultados foram diferentes, pois os que se sentem mais distantes são os gaúchos (6%), e os que se sentem mais próximos são os mineiros (22%). Sobre isso, a autora considera que: “Parece haver aqui alguma interferência decorrente de se tomar a própria fala como objeto de análise.” (RAMOS, 1997, p. 114).

Do segundo questionário (respondido apenas por mineiros), quanto ao reconhecimento da origem do dialeto do falante do fragmento apresentado, o dialeto carioca foi o mais reconhecido (83,3%). Para a autora, esse resultado determina que “o reconhecimento exigiria uma representação, na maioria das vezes, estereotipada”, pois é o que ocorre com a representação de dialetos na TV, onde o carioca é o mais recorrente. Quanto à questão de ser agradável ou não, o que obteve o maior índice foi o gaúcho (86,2%). Sobre a questão de o informante da gravação falar sem sotaque, 35,4% dos entrevistados responderam que nenhum desses informantes falava sem sotaque, enquanto ninguém (0%) achou que o informante carioca falasse sem sotaque, e 16,1% responderam que o informante paulistano não tinha sotaque. Portanto, o sotaque mais marcado seria o do Rio de Janeiro, e o menos marcado, o do paulista, que deveria, então, ser considerado o mais próximo da mídia. Quanto à questão de o modo de falar do informante da gravação estar correto ou não, o dialeto paulistano foi o que obteve o maior índice (93,1%), ao lado do gaúcho (90%); e o mineiro obteve o menor índice (66,6%) de correção.

Por fim, a autora resume que: “o dialeto mineiro é avaliado como menos aceito, menos correto e o segundo menos agradável. Curiosamente seus falantes se reconhecem como aqueles cuja fala mais se aproxima à da mídia” (RAMOS, 1997, p. 118).

Plachi (2008) fez uma pesquisa sobre atitudes linguísticas a partir de uma cena da telenovela *Chocolate com pimenta* (transmitida pela Rede Globo, em 2004) em que duas variedades linguísticas estavam em foco: a urbana e a rural. O método utilizado foi a gravação de uma entrevista individual com perguntas não diretivas, na qual os sujeitos manifestaram suas avaliações sobre as falas apresentadas na telenovela. Os participantes da pesquisa eram de origem paraense, possuíam a faixa etária de 20 a 35 anos, sendo 3 mulheres e 2 homens, com três níveis de escolaridade, fundamental, médio e superior, da área de Letras e fora dessa área.

Ao comentarem sobre exemplos da fala dos personagens da telenovela que mais marcavam a sua fala, os participantes responderam que os personagens rurais “puxavam o [R]” e “falavam cantando”, mas que essa fala seria um exagero proposital da novela para dar um efeito humorístico (PLACHI, 2008, p. 101). Além disso, para os informantes, o português falado no meio urbano é que seria o mais correto, ao mesmo tempo eles acham que “a cultura da cidade *versus* a cultura de uma localidade rural provoca riso, mas que esse tom caricatural tende a ser discriminatório, pois esses hábitos culturais entram em choque.” (PLACHI, 2008, p. 101).

Portanto, esses resultados indicam que a telenovela tende a trazer atitudes negativas das variedades estigmatizadas (rurais) e positivas das variedades socialmente prestigiadas (urbanas), pois, de acordo com a avaliação dos participantes, dependendo do contexto, a fala do personagem pode ser aceita ou não, socialmente. Entretanto, os participantes consideram positivas as diferenças de fala, no sentido de mostrarem a diversidade cultural do Brasil. As variáveis faixa etária, sexo, escolaridade e o fato de pertencerem ou não à área de Letras não foram relevantes para determinar as respostas dos participantes.

Uma pesquisa realizada por Cyranka e Roncarati (2009) mostra atitudes linguísticas dos alunos que, supostamente, teriam dificuldades no desenvolvimento das variedades prestigiadas. Para a elaboração do teste de atitudes linguísticas, as autoras fizeram, inicialmente, gravações de falantes característicos de três pontos do “contínuo rural-urbano” (BORTONI-RICARDO, 2004)<sup>48</sup>, sendo todos naturais de Juiz de Fora (em Minas Gerais). Em seguida, as autoras selecionaram alguns trechos dessas entrevistas, nos quais estavam

---

<sup>48</sup> Segundo Bortoni-Ricardo (2004), o contínuo de urbanização é formado por: variedades rurais isoladas, área rurbana e variedades urbanas padronizadas. As primeiras variedades são compostas pelos falares rurais mais isolados; a área rurbana é formada por migrantes de origem rural que ainda preservam muito da sua cultura, principalmente em termos linguísticos, e por falantes de comunidades situadas em distritos ou núcleos semirurais, que sofrem influência urbana; e as variedades urbanas padronizadas representam os falares urbanos que sofreram influência direta de instituições promotoras da padronização da língua.

presentes traços considerados característicos da variedade linguística desses falantes. Esses trechos foram apresentados a alunos de 8ª série (atual 7º ano) de escolas públicas, localizadas em diferentes regiões da cidade, e de uma escola particular, totalizando 135 alunos. Eles foram avisados de que a pesquisa era sobre estudos da linguagem. Após ouvir cada gravação, o aluno deveria atribuir ao falante notas de 7 a 1 pontos, ao lado de adjetivos relacionados à dimensão de poder (“inteligente”, “competente” e “rico”) e de solidariedade (“simpático”, “honesto”, “boa pessoa”). As respostas foram submetidas ao programa SSPS (*Statistics Package for Social Sciences*) e, para examinar os resultados, foi utilizada a “Análise de Variância” (ANOVA), a fim de comparar as cinco escolas selecionadas.

Os resultados revelaram que, para o falante que representou a variedade urbana, culta, os alunos da escola localizada em um bairro central e os da escola particular deram melhores notas, enquanto os alunos da escola localizada na zona rural atribuíram-lhe as piores. Entretanto, todas as escolas deram-lhe as piores notas nos adjetivos da dimensão de poder, e as melhores, aos da dimensão de solidariedade. Para o falante que representou a variedade rural, os alunos da escola central e os da escola particular deram-lhe as piores notas, enquanto os alunos da escola rural deram-lhe as melhores. Já o falante que representou a variedade rurbana obteve identificação de todos os alunos de todas as escolas avaliadas.

Esses resultados foram interpretados pelas autoras como um sinal de distanciamento, ou mesmo de rejeição, dos alunos da escola da zona rural em relação à variedade linguística considerada como culta; ao mesmo tempo, eles revelaram uma forte identificação com a variedade linguística de seu meio social. Essa identificação “configura um caso de ‘prestígio encoberto’ (LABOV, 2008)”, ou seja, uma forma de o falante manter sua identidade no interior de seu grupo social, já que ele atribui valores diferentes para uma variedade que pode levá-lo a uma ascensão social e outra que o leva a identificar-se com um grupo. Por isso, as autoras concluem que:

Uma pedagogia comprometida com o desenvolvimento de habilidades linguísticas deve, adotando uma pedagogia da variação, reconhecer a legitimidade do vernáculo do aluno e fazê-lo tornar-se capaz de expandir suas competências a ponto de transitar pelos três contínuos – rural/urbano, de monitoração estilística, de oralidade/letramento – para que consiga se identificar também com a variedade culta da língua, prestigiada, alvo do trabalho escolar (CYRANKA; RONCARATI, 2009, p. 18).

A pesquisa de Pinto e Fraga (2011) traz a perspectiva de oito alunos do curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (sendo 2 de cada ano do curso, com 4 homens e 4 mulheres), em relação à estigmatização ou não do /r/ retroflexo (o

chamado /r/ caipira por AMARAL, 1976) por parte desses participantes e se há coerência entre o que eles dizem e as atitudes deles em relação a esse fonema. Utilizando uma metodologia qualitativa, as autoras realizaram entrevistas semiestruturadas, com um roteiro composto por 13 questões, com perguntas sobre a vivência dos participantes como moradores de Ponta Grossa, como trabalhadores, como estudantes, como profissionais em formação e sobre o posicionamento deles diante da pronúncia que realizam e da pronúncia de outras variedades linguísticas.

Em relação às atitudes dos participantes e do sotaque ponta-grossense, os resultados revelaram que as alunas do primeiro, terceiro e quarto anos evitam manifestar suas opiniões sobre o que outras pessoas pensam a respeito desse sotaque, revelando que não o acham nem feio nem bonito. Entretanto, um participante do segundo ano do curso caracterizou sotaques como “bonitos”, “engraçados”, “formais” e “mais certos”, levando o de Ponta-Grossa a esta última caracterização, o que trouxe, segundo as autoras, “coerência em sua linha de julgamento sobre a língua, visto que ele acredita que o falar de Ponta-Grossa tem mais prestígio do que outros.” (PINTO; FRAGA, 2011, p. 165). O participante do quarto ano, por sua vez, considera que o sotaque ponta-grossense só não é totalmente bonito porque carrega o /r/ retroflexo, explicando que o acha “muito forte”. Já o do terceiro ano o julga como “muito próximo da ‘normalidade’”, como o “sotaque da mídia”, associando essa “normalidade” linguística à norma culta, como se houvesse apenas um modo correto de se falar. E o participante do primeiro ano traz afirmações que, embora ele diga que são do “senso comum”, carregam alto teor de juízos de valor com relação às variedades linguísticas, revelando sobre a questão da coerência nas suas falas que “esse seu posicionamento sobre o sotaque ponta-grossense desmente o que foi dito anteriormente sobre não acreditar na existência de sotaques que tenham mais prestígio ou que sejam mais estigmatizados do que outros.” (PINTO; FRAGA, 2011, p. 168).

Em relação às atitudes dos participantes diante do termo “caipira”, percebeu-se que eles o consideram como alguém que vive no meio rural ou que simplesmente não é da Capital (Curitiba), alguém que é simples, humilde, analfabeto, rude e que, na linguagem, é reconhecido por usar o /r/ retroflexo e a pronúncia “pobrema”, em vez de “problema”, além de ser alguém que “não tem cultura”, porque “sabe muito mais” sobre apenas o que lida, “a roça” (PINTO; FRAGA, 2011, p. 169-170).

Em relação ao fato de ser caipira ser ou não considerado pejorativo (visto que todos os participantes eram falantes da variante retroflexa), as respostas variaram: não é desagradável, mas sim uma marca; todos os sotaques são perfeitos; no fundo, acha pejorativo;



não é caipira, pois o caipira é o goiano; ou não tinha parado para pensar que usar essa variante iria taxá-la como caipira.

Por fim, as autoras concluem que, ao considerar que estudantes de Linguística dizem que não podem utilizar determinados termos sobre a língua (como “certo x errado”), leva ao questionamento: “qual a compreensão, quais as ideias (crenças) que o curso (a disciplina, o professor) transmite (ratifica/reforça) ao longo do currículo acadêmico sobre as questões pertinentes à variação da língua?” E Pinto e Fraga (2011) ainda propõem que sejam feitas discussões sobre o posicionamento (e de sua importância) de futuros professores acerca da heterogeneidade da língua.

O estudo de Leite (2011), também sobre atitudes linguísticas em relação à pronúncia do /R/ caipira, foi composto por um *corpus* formado por 12 informantes naturais de Campinas (São Paulo), estratificados conforme as variáveis sexo, faixa etária (1 – 20 a 30, 2 – 37 a 47 e 3 – acima de 50 anos) e grau de escolaridade (Ensino Médio e Superior, concluído ou em curso). Os dados foram coletados através de uma entrevista semidiretiva, composta por dois roteiros: um com questões relacionadas à cidade de Campinas, como qualidade de vida, segurança pública, características da cidade e dos campineiros, posição socioeconômica da cidade, perguntas relacionadas às atividades cotidianas dos informantes; e o outro roteiro com questões relacionadas à linguística, falando sobre diferenças dialetais. Além disso, foi solicitado aos informantes que, durante a gravação, lessem sentenças e palavras-alvo inseridas em frase-veículo.

De acordo com os depoimentos coletados nas entrevistas, o dialeto caipira e seu principal “representante”, o /R/ retroflexo, são avaliados de maneira negativa pelos campineiros, e os caipiras são estigmatizados como ignorantes e “da roça”, tendo sua pronúncia do rótico rotulada como “feia, mole, falar arrastado, puxado.” (LEITE, 2011, p. 100). Os julgamentos positivos que são feitos sobre os caipiras estão relacionados às manifestações culturais que não envolvem o uso de /R/ retroflexo, mas apenas como uma “tradição”.

Guedelha (2011), por sua vez, fez um estudo sobre as crenças e atitudes linguísticas de 24 informantes (sendo 8 de cada cidade) de São Luís (Maranhão), Manaus (Amazonas) e Belém (Pará), a partir de perguntas de natureza metalinguística retiradas do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A primeira pergunta “Como se chama a língua que você fala?” trouxe resultados diferentes para as três capitais, pois apenas em Belém todos responderam “língua portuguesa ou português”, nas demais, houve as respostas “língua brasileira ou brasileiro” (São Luís-12,5% e Manaus-25%). A segunda pergunta “Tem gente

que fala diferente aqui (São Luís/Belém/Manaus)?” trouxe como resultados que, em São Luís, os informantes têm uma vasta percepção das diferenças de fala dentro da capital (37,5%) e em relação aos falantes do interior (50%), mas nenhum (0%) considera que há diferenças na fala de pessoas vindas de fora; em Belém, a percepção de diferenças dentro da própria capital foi de apenas 12,5%, em relação aos falantes do interior foi de 37,5% e de pessoas vindas de fora foi de 25%; em Manaus, os informantes só detectaram que existem diferenças em relação a falares de pessoas do interior e de pessoas vindas de fora (ambos, 12,5%), no entanto, nenhum (0%) percebeu diferenças dentro da própria capital.

À terceira pergunta “Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de (São Luís/Belém/Manaus)?” todos os informantes responderam que sim. Em seguida, cada um deu exemplos de lugares onde falavam diferente da sua capital. Em São Luís, 25% responderam São Paulo, 12,5%, Rio de Janeiro e 75% responderam alguns estados do Nordeste; em Belém, São Paulo foi respondido por 50% dos informantes, Rio de Janeiro, por 25%, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, por 12,5%, e alguns estados do Nordeste, por 75%; em Manaus, 59% responderam Rio Grande do Sul, e 12,5% disseram São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e alguns estados do Nordeste. Nas respostas a essa pergunta, os informantes fizeram alguns comentários, contendo estereótipos e preconceitos linguísticos, como:

- O paraense fala “chiando” (informante 05, São Luís);
- O paraense enfatiza muito o dígrafo NH (informante 05, São Luís; 05 e 06, Manaus);
- O paulista “puxa” muito o R (informante 05, Belém; 03 e 06, Manaus);
- O pernambucano fala “cantando” (informante 06, Belém);
- O mineiro fala arrastado, tem sotaque carregado (informante 07, Belém);
- O carioca fala meloso (informante 08, Belém);
- O gaúcho fala enrolado, tem sotaque carregado (informantes 02, 03 e 06 e 08, Manaus);
- O carioca é malandro, fala muita gíria (informante 05, São Luís; 08, Manaus) (GUEDELHA, 2011, p. 14).

A última pergunta exposta nessa pesquisa de Guedelha (2011) foi “No passado, as pessoas falavam diferente aqui?”, e as respostas indicaram que, em Belém (87,5%), os informantes percebem mais esse tipo de variação do que em São Luís e em Manaus (ambos, 62,5%). Nos comentários à resposta, predominaram as mudanças trazidas pelos jovens a partir do uso de gírias, fazendo uma avaliação negativa sobre isso; no entanto, houve um informante (de Belém) que avaliou essa mudança como positiva, levando em consideração o aumento do nível escolar, influenciando na “forma correta de se usar o português” (GUEDELHA, 2011, p. 18).

De uma maneira geral, os informantes da pesquisa de Guedelha (2011) demonstraram ter segurança em relação à sua fala e revelaram um prestígio maior da fala da capital do que a do interior; por outro lado, avaliaram negativamente os sotaques de outros estados, o que traz um reforço de afirmação de sua própria identidade; além do mais, eles consideram o fato de ter um sotaque como uma “deturpação da língua”, que deve ser combatida e corrigida. Por fim, mantém-se o mito, entre os informantes de São Luís e um de Manaus, de que o lugar onde melhor se fala português é o Maranhão.

Costa e Faria (2012) fizeram um estudo em Sinop (cidade de Mato-Grosso fundada em 1974), a fim de verificar as atitudes linguísticas de moradores da cidade, tanto os migrantes sulistas quanto seus filhos (nascidos ou não na cidade), em relação às variedades linguísticas nativas e mato-grossenses, investigando ainda se esse falar nativo é típico de Mato-Grosso e qual a avaliação dos participantes em relação a isso. Segundo as autoras,

o falar sinopense constitui-se de uma diversidade de falares em contato, que sofre um processo de variação, isto é, algumas características linguísticas que eram correntes no início de sua fundação em alguns falantes parecem estar desaparecendo (COSTA; FÁRIA, 2012, p. 261).

As variáveis consideradas pelas autoras para essa pesquisa foram: tempo de migração (Grupo 1 – mínimo de 20 anos de residência, Grupo 2 – máximo de 5 anos de residência), sexo (metade homens e metade mulheres), faixa etária (21-35 e acima de 50 anos), grau de escolaridade (Ensino Fundamental II) e local de origem (região sul do Brasil), totalizando 16 informantes. A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas, contendo um questionário com questões abertas, as quais foram gravadas em programas de rádio e de televisão e em eventos de fala em situações, como festas típicas, missas, cultos, feiras livres, bares, restaurantes etc.

Sobre o que achavam do falar tipicamente mato-grossense, os participantes trouxeram respostas relacionadas ao fato de os cuiabanos não gostarem de trabalhar ou de estes acharem que “os gaúchos” iriam tomar a terra deles, além de os informantes mencionarem que quase não ouvem o falar tipicamente mato-grossense, sendo exemplificado por eles com deboche. Sobre o falar característico de Sinop, os participantes opinaram que este é “caracterizado pela mescla entre as características mais marcantes do falar cuiabano com o do sulista.” (COSTA; FÁRIA, 2012, p. 253), no entanto, um deles recusou qualquer influência cuiabana nesse falar.

Nesta seção, podemos perceber que os estudos sobre atitudes linguísticas nos falares do português do Brasil ainda são muito escassos. Eles costumam ser mais frequentes nas regiões de fronteira ou em estudos envolvendo bilinguismo (BUSSE; SELLA, 2012; PASTORELLI, 2011; TAVARES; SANTOS, 2012; SANTANA; SELLA; BUSSE, 2012), os quais não foram aqui mencionados porque a nossa proposta é analisar apenas os que dizem respeito ao português do Brasil.

Os estudos relatados nesta seção foram importantes para que pudéssemos perceber as avaliações que são feitas por brasileiros pertencentes a diversos falares, negando ou afirmando alguns estereótipos linguísticos fossilizados na nossa variedade portuguesa. Além disso, tomando como exemplo algumas dessas pesquisas, achamos melhor, ao procurar os participantes para o teste de atitudes linguísticas, excluir estudantes/profissionais da área de Letras – visto que estes têm uma atitude linguística, normalmente, diferenciada – e incluir participantes originários de outras regiões.

As pesquisas foram importantes, também, para que pudéssemos elaborar um teste de atitudes linguísticas que atendesse aos objetivos do nosso estudo, incluindo algumas questões que essas pesquisas colocaram, como: gênero; faixa etária; naturalidade; situação socioeconômica; grau de escolaridade do(a) participante e de seus pais; nível de leitura e escrita; relações com outros grupos sociais de sua cidade e de outras; avaliação sobre os falares do português do Brasil e sobre o falar fortalezense e a interferência desses falares na vida desse(a) participante, julgando o uso da variante aspirada feito pelos(as) falantes das gravações apresentadas a partir de: escalas bipolares de diferenciais semânticos, identificação de classe social, de gênero, faixa etária, grau de escolaridade, lugar de origem, situações de uso.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, serão explicados os métodos utilizados nesta pesquisa: o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008; GUY; ZILLES, 2007) para analisar a amostra do PORCUFORT; e um modelo de análise qualiquantitativo que elaboramos tomando como base as teorias de Lippmann (2010), Lambert (1960), Labov (2008), Fishman (1972), Trudgill (2000), Bourdieu (1996), Calvet (2002), Meyerhoff (2006) – já mencionadas na seção sobre atitudes linguísticas. Falaremos ainda sobre: o perfil e as principais características dos informantes que participaram desta pesquisa; as técnicas de coleta utilizadas tanto no PORCUFORT quanto no teste de atitudes; as variáveis dependentes e independentes; como fizemos a análise estatística tanto da amostra do PORCUFORT quanto do teste de atitudes. Por fim, criamos uma subseção para explicarmos como fizemos a interseção entre essas duas análises.

### 4.1 CONTEXTO DA PESQUISA E MÉTODO EMPREGADO

Labov (2008) criou um modelo de análise linguística, baseado na relação entre linguagem e sociedade, considerando o caráter heterogêneo e sistemático da variação na língua. Esse modelo explica como uma estrutura linguística de uma comunidade é modificada ao longo do tempo, de maneira que, tanto a língua como a comunidade, em algum sentido, não se modificam, mas que a língua adquira uma forma diferente. Assim, língua e sociedade são apresentadas em situações reais de uso.

Por estarmos analisando a língua em uso, daremos preferência a esse modelo teórico-metodológico da “Teoria da Variação Linguística” (LABOV, 2008), também conhecido por Sociolinguística Quantitativa. Esse adjetivo justifica-se pelo fato de esse método operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados (TARALLO, 2001). Os resultados obtidos nesse tipo de análise propiciarão a formulação de regras gramaticais, pois o favorecimento de uma ou de outra dependerá de motivações linguísticas e extralinguísticas adequadas à aplicação de uma determinada regra. Por isso, pode-se dizer que é um sistema linguístico de probabilidades.

Segundo Naro (2004, p. 16), essa teoria se propõe a avaliar o quanto cada categoria em análise pode contribuir para a realização de uma ou outra variante das formas “em competição”. O problema é que, no uso real da língua, os fatores que podem atuar sobre as variantes estão sempre conjugados, isto é, agindo simultaneamente. O desafio é, então,

isolar e medir separadamente o efeito de cada fator, mesmo este fator nunca aparecendo isoladamente nos dados.

O ponto de partida da investigação variacionista é a comunidade linguística, isto é, indivíduos que: compartilham traços linguísticos diferentes de outros grupos; têm uma frequência de comunicação alta entre si; e têm as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem (GUY, 2001). Os indivíduos refletem em sua fala a influência a que estão submetidos dentro da sociedade.

Para a investigação dos aspectos sociolinguísticos da comunidade de fala fortalezense, utilizaremos o seguinte método de investigação: pesquisa em tempo aparente, isto é, um estudo feito a partir de um recorte temporal promovido pelo pesquisador que analisa dados de uma comunidade estratificada em faixas etárias, a partir do que foi estabelecido pelo projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza). Para discutir os resultados obtidos com esses dados, o pesquisador deve fazer uma análise qualitativo-interpretativa dos fatores associados ao fato linguístico.

A partir das gravações coletadas nos projetos NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e PORCUFORT e de imagens com textos disponibilizadas na página Suricate Seboso<sup>49</sup> (do Facebook), verificamos a avaliação das atitudes linguísticas a respeito da aspiração de /ʒ/ e de /z/ no falar de Fortaleza, a fim de inferirmos como o fortalezense se sente em relação ao seu próprio falar e como falantes não nordestinos avaliam esse fenômeno, levando em consideração o que foi discutido na seção anterior em relação ao fato de categorizar socialmente uma pessoa pela escolha de uma determinada variante e quais as consequências linguísticas ao se fazer isso.

Linguisticamente, nenhuma língua ou variedade é “superior” a outra em termos de seu potencial de expressão. No entanto, percebemos, principalmente através da mídia, que variedades originárias do Nordeste do Brasil costumam ser desprestigiadas, pois a variedade utilizada pela classe alta da região centro-sul do Brasil costuma ser associada como a de maior prestígio, “em função do reflexo do poder e da autoridade que as classes elevadas dessa região detêm nas relações econômicas e sociais.” (CAMACHO, 2011, p. 34). E neste trabalho que nos propomos a fazer, buscamos evidências que comprovem ou não esse fato.

Para avaliarmos as atitudes linguísticas de novos participantes a respeito da aspiração das fricativas produzidas por informantes do NORPOFOR, do PORCUFORT e de imagens da página Suricate Seboso, utilizamos uma análise qualiquantitativa, tendo como base

---

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/suricateseboso?fref=ts>>. Acesso em: 7 jan. 2016.

a escala de avaliação proposta inicialmente por Lambert *et al.* (1960), incluindo, em alguns momentos, uma escala bipolar de cinco pontos com adjetivos opostos nas extremidades. Em outros momentos, teremos perguntas com respostas objetivas de onde serão retirados os percentuais para análise (ver Apêndice C – Parte 3).

Por outro lado, consideramos importante também colocar questões mais “abertas”, a fim de que os participantes da pesquisa se sentissem mais à vontade para colocar suas respostas – para essa parte, faremos uma análise, predominantemente, qualitativa. Os dados coletados, nessa parte da pesquisa, são em sua maior parte descritivos, e a sua análise tende a seguir um método indutivo, ou seja, partindo dos dados para a teoria. Na pesquisa qualitativa, há uma relação dinâmica entre o mundo e o sujeito, ambos são indissociáveis, e esse vínculo não pode ser traduzido apenas em números (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Apesar disso, quando for possível, quando as respostas dos participantes se repetirem, poderemos expô-las, também, em números.

#### 4.2 FONTES DE INFORMAÇÃO: A AMOSTRA E OS INFORMANTES

Para a análise variacionista, utilizaremos uma amostra do acervo sonoro de um banco de dados: o do projeto PORCUFORT (Projeto Português Oral Culto de Fortaleza), desenvolvido na Universidade Estadual do Ceará. Esse projeto trata-se de um banco de dados coletados sob a coordenação do prof. Dr. José Lemos Monteiro, de agosto de 1993 a setembro de 1995, cujas técnicas e métodos baseiam-se nos do Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta do Brasil), ou seja, os informantes desse projeto tinham que, necessariamente, possuir Ensino Superior completo. O objetivo do PORCUFORT era documentar e descrever o português culto falado na cidade de Fortaleza. Esse projeto possui um total de 62 inquiridos, distribuídos entre as faixas etárias: 22-35, 36-50 e 51 anos em diante. Não há divisão para os níveis de escolaridade, pois todos possuem nível universitário. Os critérios utilizados para a seleção dos informantes também se assemelham aos do NORPOFOR<sup>50</sup> (ARAÚJO, 2000), o qual atende às exigências da pesquisa sociolinguística quantitativa a respeito dos critérios de

---

<sup>50</sup> O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), coordenado pela prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves de Araújo, foi desenvolvido com o objetivo de armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses. Suas gravações foram coletadas entre agosto de 2003 e julho de 2006 (ARAÚJO, 2011). Trata-se do banco de dados de fala popular fortalezense mais atual que temos. O NORPOFOR é composto por 198 informantes, estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e a partir dos 50 anos), a escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; e 9 a 11 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador-DID; Diálogo entre Dois Informantes-D2; e Elocução Formal-EF).

seleção dos informantes e de coleta de dados. Quanto ao perfil de seus informantes, Araújo (2011) nos esclarece que

São fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; – possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantém residência fixa na capital cearense (ARAÚJO, 2011, p. 838).

De acordo com Labov (2008),

os sistemas fonológicos exibem o mais alto grau de estrutura interna de todos os sistemas linguísticos e, com isso, oferecem ao pesquisador uma extensa série de resultados paralelos e convergentes (LABOV, 2008, p. 140).

Assim, por pretendermos lidar com uma pesquisa de natureza fonético-fonológica, em poucos minutos de audição, como mostrou nossa experiência no mestrado, acreditamos que obteremos uma grande quantidade de dados. Por isso, ouviremos apenas três informantes por célula do projeto. Durante a audição das gravações, percebemos que havia inquéritos de D2 (Diálogo entre Dois Informantes), no PORCUFORT, com assimetrias muito grandes em relação à participação da fala de cada informante, o que nos fez passar a analisar apenas os DID's. Como as variantes são muito recorrentes, verificamos que o número de dados já estava muito grande com essa quantidade de informantes.

**Quadro 2 – Distribuição dos informantes da amostra do PORCUFORT por sexo, idade e tipo de registro**

Registro Faixa etária	Sexo	
	Masculino	Feminino
	DID	DID
22 a 35 anos	3	3
36 a 50 anos	3	3
51 em diante	3	3

Fonte: ARAÚJO (2000, p. 43, adaptado).

Legenda: D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

A amostra do PORCUFORT é formada por: jovens recém-graduados, que estão tentando ingressar no mercado de trabalho ou que ingressaram pouco tempo antes da entrevista; adultos maduros, que já exercem plenamente a sua atividade profissional; e aposentados ou em final de carreira (ARAÚJO, 2000).



Além dos informantes pertencentes a esse projeto, buscamos ainda outros participantes para a realização de um teste de atitudes linguísticas. As características gerais deles são: que não trabalhem viajando, que não tenham feito faculdade de Letras e, se possível, que não moraram fora de sua cidade natal por um período superior a dois anos consecutivos. E as características específicas estão reunidas no quadro abaixo:

**Quadro 3 – Perfil social dos informantes do Teste de Atitudes**

Nº do Perfil	Gênero	Escolaridade	Naturalidade	Cidade/Estado onde mora	Faixa etária <sup>51</sup>	Profissão
1	Masculino	Com Ensino Superior (em Direito)	Fortalezense	Fortaleza	21-35 anos	Advogado
2	Masculino	Sem Ensino Superior	Fortalezense	Fortaleza	36-50 anos	Mestre de obras
3	Feminino	Com Ensino Superior (em Pedagogia)	Fortalezense	Fortaleza	21-35 anos	Professora
4	Feminino	Sem Ensino Superior	Fortalezense	Fortaleza	36-50 anos	Supervisora de plano de saúde
5	Masculino	Com Ensino Superior (em Geografia)	Fortalezense	Butantã-SP	21-35 anos	Geógrafo
6	Masculino	Sem Ensino Superior	Fortalezense	Camboriú-SC	21-35 anos	Camelô
7	Feminino	Com Ensino Superior (em Jornalismo)	Fortalezense	Brasília-DF	21-35 anos	Jornalista
8	Feminino	Sem Ensino Superior	Fortalezense	Brasília-DF	21-35 anos	Estudante universitária
9	Masculino	Com Ensino Superior (em Gastronomia)	Limeirense-SP	Fortaleza	36-50 anos	Gastrônomo
10	Masculino	Sem Ensino Superior	Goiano-GO	Fortaleza	21-35 anos	Vendedor de passeios turísticos
11	Feminino	Com Ensino Superior (em Administração)	Prudentina-SP	Fortaleza	21-35 anos	Serv pública do Min. da Saúde
12	Feminino	Sem Ensino Superior	Piracicabana-SP	Fortaleza	15-20 anos	Estudante universitária
13 <sup>52</sup>	Masculino	Com Ensino Superior (em Secret. Execut.)	Porteirinhense-MG	São Paulo-SP	21-35 anos	Secretário Executivo
14	Masculino	Sem Ensino Superior	Acreano	Rio Branco-AC	15-20 anos	Estagiário
15	Feminino	Com Ensino Superior (em Ciência da Computação)	Paraense	Belém-PA	36-50 anos	Professora universitária
16	Feminino	Sem Ensino Superior	Sapiranguense-RS	Centenário-RS	21-35 anos	Estudante universitária e Estagiária

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>51</sup> A Faixa Etária e a Profissão não serão variáveis analisadas no teste de atitudes linguísticas. Elas foram colocadas no quadro apenas para mostrar mais uma característica do informante.

<sup>52</sup> Esse participante informou que viaja com frequência pelo Brasil e pelo exterior e mora fora de sua cidade natal há mais de 10 anos. Mesmo assim, resolvemos entrevistá-lo pelo fato de não termos encontrado nenhum outro que preenchesse esse perfil. No entanto, ele só respondeu até a parte 3.2 (PORCUFORT) do teste. Depois disso, ele não se comunicou mais. Por isso, os percentuais correspondentes às respostas dadas sobre a parte 3.3 do teste (SURICATE) tiveram que ser calculados para um total de 15 participantes.

Essas características, gerais e específicas, tiveram como base os critérios utilizados para a seleção dos informantes do NORPOFOR e do PORCUFORT (anteriormente já explicadas).

Para a aplicação do teste de atitudes linguísticas, utilizamos trechos de gravações dos projetos NORPOFOR e do PORCUFORT por serem os bancos de dados mais atuais com representação dos falares, respectivamente, popular e culto de fortalezenses. Além desses trechos em áudio, os participantes do teste de atitudes tiveram que avaliar algumas imagens da página Suricate Seboso, do Facebook (Anexo B). As ilustrações que selecionamos são algumas das que contêm exemplos, por escrito, da variante aspirada de /ʒ/ e de /z/. Ou seja, os criadores da página procuraram reproduzir, por escrito, marcas da oralidade. A escolha dessa página deu-se porque ela possui um número significativo de seguidores nessa rede social – mais de três milhões<sup>53</sup> –, sendo a maior parte deles da capital cearense. Além disso, trata-se de um perfil criado em 13 de dezembro de 2012 que continua aumentando o número de seguidores, os quais compartilham constantemente as postagens da página. Em palestras dadas em Fortaleza, o criador da página, o cearense Diego Jovino de Oliveira, afirmou que o objetivo do perfil “é compartilhar trechos e recortes culturais, mais especificamente nordestinos” (CAVALCANTE *et al.*, 2015, p. 225), a partir de uma linguagem bem-humorada.

Grande parte das imagens, compostas por personagens representados pelo mamífero suricate, narram cenas do cotidiano, especialmente dos cearenses, como: “a sala de aula, o uso do transporte coletivo, a relação entre amigos e os conflitos entre mãe e filho.” (CAVALCANTE *et al.*, 2015, p. 225). Os suricates utilizam diversos adereços, de acordo com a história contada, como: “chapéu de couro, fardamento escolar e roupas de banho” (CAVALCANTE *et al.*, p. 225), além de variados tipos de cabelo (longos, curtos, coloridos) – acessórios colocados com o intuito de caracterizar os personagens, o que reforça o riso transmitido pela mensagem escrita.

#### 4.3 TÉCNICAS DE COLETA E PROCEDIMENTOS

Uma das técnicas utilizadas pelo projeto PORCUFORT foi a entrevista. Elas foram realizadas no dia, horário e local determinados pelos entrevistados. Entrevistador e entrevistado, em geral, não se conheciam. Para fazer as entrevistas, o projeto contou a

---

<sup>53</sup> Dados de 12 de janeiro de 2016.

participação de alunos e professores do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará. Antes do início da gravação, o documentador preenchia uma ficha que descrevia as características socioeconômicas do informante, com o objetivo de verificar a adequação deste aos critérios exigidos e para facilitar o início da entrevista. Inicialmente, o entrevistado não sabia que a sua fala é que seria objeto de estudo, pois isso poderia intimidá-los e até mesmo monitorar o seu discurso (obstáculo já imposto pelo gravador). O que era dito para eles é que essa pesquisa tinha objetivos históricos e culturais para a cidade de Fortaleza, necessitando de seus depoimentos de experiência pessoal, suas lembranças relacionadas a fatos históricos, seus anseios, preocupações, costumes locais, etc.

Durante os DID, o entrevistador procurava fazer perguntas curtas e claras ao entrevistado, com a finalidade de fazer com que este falasse o máximo possível. Essas perguntas não eram previamente formuladas, como se fosse um questionário, mas sim feitas no decorrer da entrevista, simulando uma conversa. Os relatos de assuntos que mais interessavam ao entrevistado eram bastante explorados pelo documentador, fazendo com que o informante acabasse esquecendo que sua fala estava sendo gravada e se sentisse mais à vontade, procurando atenuar, assim, o paradoxo do observador. Segundo Labov (2008), essa seria a situação em que o documentador deveria coletar o vernáculo do informante, ou seja, uma fala mais espontânea, mas evitando que a sua presença e a do gravador impedissem essa naturalidade por parte do entrevistado. Ao final de cada entrevista, como informa Araújo (2011), era explicado ao informante o motivo real da investigação: “uma pesquisa linguística sobre o falar local, o que não dificultava a liberação do uso das fitas, contanto que as identidades dos falantes fossem mantidas em sigilo.” (ARAÚJO, 2011, p. 841).

Cada inquérito possui uma duração média de 60 minutos. Destes, procuramos desprezar, sempre que possível (dependendo da duração do inquérito), os 20 primeiros minutos de conversa, pois normalmente, após certo tempo de gravação, o informante não está mais monitorando tão rigorosamente a sua fala diante do gravador. A transcrição fonética das ocorrências de nosso fenômeno foi feita apenas de oitiva<sup>54</sup>, o que nos trouxe uma certa dificuldade para identificar os casos de apagamento. No entanto, para reduzir essa dificuldade e não perdemos esses dados, utilizamos o programa VLC Media Player<sup>55</sup>, que funciona como

---

<sup>54</sup> Tínhamos cogitado, inicialmente, a possibilidade de usar algum programa computacional, como o PRAAT, que nos auxiliasse na audição dos dados coletados. No entanto, como estamos lidando com gravações que, além de apresentarem bastante ruído, estavam originalmente (após a digitalização das fitas k7) em formato “mp3” (considerado de qualidade inferior e que não abre no PRAAT), seria muito difícil obter a identificação do sinal sonoro pelo programa.

<sup>55</sup> *Download* gratuito disponível em: <<https://www.videolan.org/vlc/index.pt-BR.html>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

reprodutor e transmissor multimídia e possui a ferramenta “Velocidade”, na qual podemos reduzir a velocidade da fala do informante; fizemos isso sempre que tínhamos essa dificuldade apresentada. Nos casos em que a dúvida persistiu, mesmo usando esse recurso do programa, resolvemos eliminar o dado. Mesmo tendo sido transcritos todos os dados de apagamento da amostra, resolvemos excluí-los de nossas análises pelo fato de a sua frequência ter sido muito baixa. E, depois de fazer essa transcrição, partimos para a definição das variáveis.

O teste de atitudes linguísticas, por sua vez, é composto por um questionário estruturado, contendo 42 questões a serem respondidas por escrito. Antes de partirmos para a busca dos 16 informantes acima descritos, realizamos dois pré-testes, gravados, com um homem e uma mulher, com o seguinte perfil: Ensino Superior, fortalezense, residente em Fortaleza, com pais cearenses. Neles percebemos que as respostas gravadas demandavam mais tempo de entrevista, e as últimas questões do teste os informantes as responderam de maneira rápida e desinteressada, demonstrando cansaço. Por isso, optou-se para as respostas serem apenas por escrito, em virtude da dificuldade que já sabíamos ter de encontrar os participantes que atendessem a todos os perfis exigidos.

Para responder ao teste de atitudes linguísticas, a maior parte dos informantes foi contatada através da divulgação dos perfis supracitados para alunos do curso de graduação em Letras, da Universidade Estadual do Ceará, da disciplina de Sociolinguística<sup>56</sup>, a fim de que eles pudessem encontrar e indicar os possíveis informantes. Os alunos foram esclarecidos, pela pesquisadora, sobre as informações que poderiam ser ditas ao possível informante e as que não poderiam, explicando o porquê disso. Após a indicação, a pesquisadora entraria em contato com esse(a) informante e marcaria um dia, horário e local adequados para a realização do teste, procurando minimizar, ao máximo, possíveis incômodos (gastos, por exemplo) ao(à) participante. Outros perfis foram encontrados por meio de contatos pessoais da pesquisadora.

Quanto ao que foi dito aos participantes, inicialmente, eles eram informados de que se tratava de uma pesquisa originária da Universidade Estadual do Ceará, cujo propósito é saber mais sobre aspectos culturais<sup>57</sup> da cidade de Fortaleza, sem detalhar qual o curso, justificando que essa informação poderia atrapalhar os resultados da pesquisa, mas que, ao final, tudo seria esclarecido quando o participante lesse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), além do mais, as respostas ao questionário só seriam recebidas e lidas pela pesquisadora se o participante quisesse assinar esse Termo; foi dito ainda que o

---

<sup>56</sup> Na época essa disciplina estava sendo ministrada pelas professoras Dra. Laura Tei e Dra. Aluiza de Araújo.

<sup>57</sup> A variedade linguística é, de fato, um aspecto cultural.

encontro deveria durar, no máximo, duas horas, e o questionário deveria ser respondido por escrito<sup>58</sup>.

Com base no que propõem Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 939) sobre a ficha social elaborada para os informantes dos seus respectivos bancos de dados (Banco de fala culta Itabaiana/SE, Banco de falares sergipanos e Banco de dados FALA-Natal), propomos, na primeira parte do teste de atitudes linguísticas, um questionário socioeconômico, a fim de obtermos informações sobre os diferentes grupos sociais dos quais os informantes participam (Apêndice C).

Em seguida, na segunda parte do teste, colocamos questões “abertas” para o(a) participante responder por escrito sobre: a) a percepção que ele(a) tem a respeito de falares de outros estados/regiões; b) o prestígio que ele(a) considera que cada dialeto carrega; e c) o fato de, através do sotaque dele(a), outras pessoas identificarem o seu lugar (cidade/estado/região) de origem.

Na terceira parte (que acabou sendo eliminada das análises), colocamos a transcrição de alguns trechos do NORPOFOR (Inq. 99, D2, Feminino, 5-8 anos de escolaridade, 26-49 anos) e do PORCUFORT (Inq. 44, DID, Masculino, 51 anos em diante)<sup>59</sup> que continham exemplos do fenômeno analisado, mas com espaços em branco para que o(a) participante preenchesse da forma como ele(a) os falaria se estivesse numa situação mais relaxada (descontraída, informal).<sup>60</sup> Em seguida, o(a) participante deveria ouvir e avaliar áudios contendo trechos de gravações dos bancos de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), e observar e avaliar imagens da página Suricate Seboso. Todas essas amostras continham exemplos, separadamente, de aspiração de cada fonema em análise. Essa parte do teste contém questões objetivas e questões abertas; as primeiras foram analisadas quantitativamente, e as outras, qualitativamente (Apêndice C – Partes 3.1, 3.2 e 3.3).

Por fim, a quarta e última parte do teste diz respeito: a) ao grau de empatia que o participante tem ou não com a cidade de Fortaleza e com elementos culturais a ela relacionados, devendo responder a questões abertas; e b) ao próprio fenômeno que está sendo

<sup>58</sup> Essas informações iniciais sem muitos detalhes têm o objetivo de tentar diminuir o monitoramento da fala e dos julgamentos prévios do informante.

<sup>59</sup> A escolha do inquirido do NORPOFOR se deu de forma aleatória, buscando algum do qual a pesquisadora já tivesse transcrito todos os exemplos de aspiração. Quanto ao inquirido do PORCUFORT, buscamos, aleatoriamente, algum que pertencesse à faixa etária de 51 anos em diante, pois a nossa hipótese era de que essa faixa etária favoreceria mais o fenômeno do que as demais.

<sup>60</sup> Essa parte do teste acabou sendo eliminada de nossas análises, pois quase todos os participantes escreveram o grafema e não o fonema que poderiam, de fato, utilizar – fato de alteraria consideravelmente os resultados.

analisado, se o participante consegue reconhecê-lo ou não e por que ele acha que o mesmo ocorre (Apêndice C – Parte 4).

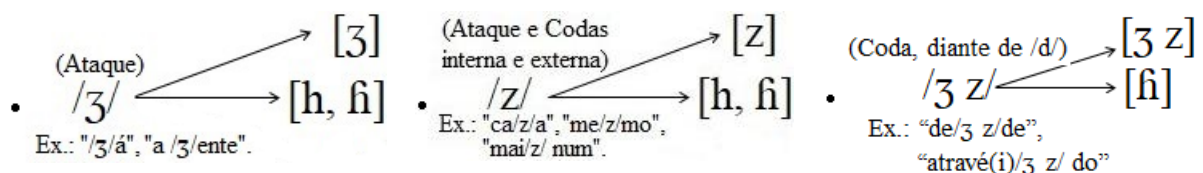
#### 4.4 VARIÁVEIS

Nesta seção, apresentaremos as variáveis dependentes e independentes que serão analisadas neste estudo.

##### 4.4.1 Variável dependente

É aquela que depende de certos contextos para ocorrer. Eles podem ser linguísticos ou sociais. Nesta pesquisa, analisaremos a realização variável das fricativas /ʒ/ e /z/ no falar culto de Fortaleza-CE, a partir dos dados do PORCUFORT, com as variantes: [ʒ] e [z] (manutenção) e [h, fɨ] (glotalização). É importante lembrar que, no falar de Fortaleza, a fricativa /ʒ/ ocorre apenas em ataque silábico e, de forma “duvidosa”, em coda diante de /d/ (Ex.: “de/ʒ/de” ou “de/z/de”) em que os falantes usam tanto [ʒ], como [z] ou [fɨ]. Já a fricativa /z/ ocorre de forma variável tanto em ataque, quanto em coda silábica. Na figura a seguir, temos como exemplos<sup>61</sup>, ocorrências que foram retiradas do PORCUFORT<sup>62</sup>:

**Figura 4 – Representação das variáveis dependentes**



Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma, tivemos que separá-las em três arquivos diferentes, compondo, assim, três variáveis dependentes binárias para a análise variacionista.

<sup>61</sup> A transcrição apresentada aproxima-se o máximo possível da fala dos informantes, mas optamos por não transcrevê-la foneticamente para não dificultar a leitura. Assim, a representação entre barras (/ /) significa tanto a forma aspirada quanto a da manutenção.

<sup>62</sup> Todas as ocorrências desta seção foram retiradas do inquérito 44 (DID, Masculino, 51 anos em diante).

#### 4.4.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes, intra e extralinguísticas, foram estabelecidas com base na literatura e na audição de inquiridos.

##### 4.4.2.1 Intralinguísticas

As variáveis linguísticas aqui analisadas serão: a) contextos fonológicos precedente e b) subsequente, c) posição no vocábulo, d) tonicidade, e) dimensão do vocábulo, e f) natureza do vocábulo. No nosso estudo, elas só serão analisadas nos dados do PORCUFORT.

a) Contextos Fonológicos Precedentes e

b) Contextos Fonológicos Subsequentes

Tanto o contexto fonológico precedente quanto o contexto fonológico subsequente podem exercer muita influência em relação ao uso da variante aspirada. Trata-se da noção de direcionalidade, a partir da qual podemos dizer se um fonema possui mais afinidade com o som que o precede ou com o que o sucede. Por isso, observaremos aqui todos os elementos que circunvizinham os fonemas /ʒ/ e /z/ e que podem influenciar na sua realização aspirada. Outros trabalhos que pesquisaram sobre a realização aspirada dessas fricativas e que utilizaram essas variáveis foram: Roncarati e Uchoa (1988), Santos (2009) e Aragão (2009). Abaixo, ilustramos cada um dos contextos analisados.

#### Quadro 4 – Contextos fonológicos precedentes a /ʒ/, a /z/ e a /z ʒ/

(continua)

Contextos fonológicos precedentes	
A /ʒ/:	<ul style="list-style-type: none"> <li>– [a]<sup>63</sup>: via/ʒ/ar</li> <li>– [ẽ]: falan/ʒ/e, estran/ʒ/eiros</li> <li>– [e]: igre/ʒ/a, se/ʒ/a</li> <li>– [ɛ]: pre/ʒ/udicando</li> <li>– [ẽ]: em /ʒ/uazeiro do Norte</li> <li>– [i]: ori/ʒ/em</li> <li>– [ĩ]: atin/ʒ/ir</li> <li>– [o]: no/ʒ/o, o/ʒ/e</li> <li>– [ɔ]: lo/ʒ/inha</li> <li>– [õ]: lon/ʒ/e</li> <li>– [u]: fomo /ʒ/á</li> <li>– [u]: su/ʒ/o</li> <li>– [ũ]: num /ʒ/á, um /ʒ/ojo</li> <li>– [ĩ]: trabalhei /ʒ/á</li> <li>– [w]: meu /ʒ/erente, eu /ʒ/á</li> <li>– [ɦ]: ener/ʒ/ia, aler/ʒ/ia</li> <li>– [z]: elez /ʒ/á</li> <li>– Pausa: /ʒ/esuis, /ʒ/ustamente, /ʒ/á</li> </ul>

<sup>63</sup> Na codificação, utilizamos o mesmo código tanto para [a] tônico, quanto átono. Portanto, em nossos dados, todos vão pertencer ao mesmo fator.

### Quadro 4 – Contextos fonológicos precedentes a /ʒ/, a /z/ e a /z ʒ/

(conclusão)

Contextos fonológicos precedentes	
A /z/:	<ul style="list-style-type: none"> <li>– [a]: ca/z/a</li> <li>– [ẽ]: trã/z/ito, tran/z/mitir</li> <li>– [e]: me/z/mo</li> <li>– [ɛ]: ape/z/ar</li> <li>– [ẽ̃]: não tem na amostra</li> <li>– [i]: fí/z/ico, sorri/z/o, sincreti/z/mo</li> <li>– [ĩ]: øcin/z/entado, quin/z/e</li> <li>– [o]: maravilho/z/o</li> <li>– [ɔ]: ido/z/as</li> <li>– [õ]: on/z/e</li> <li>– [ú]: ônibu/z/ lá</li> <li>– [u]: buracu/z/inho</li> <li>– [ũ]: cun/z/inhá</li> <li>– [ɹ]: coi/z/a</li> <li>– [w]: Deu/z/ me, jornal/z/im</li> <li>– Pausa: /z/ico, ø/z/atamente, ø/z/emplo</li> <li>– Consoante: não tem na amostra</li> </ul>
A /z ʒ/:	<ul style="list-style-type: none"> <li>– [a]: dua/ʒ z/ dicas</li> <li>– [e]: de/ʒ z/de</li> <li>– [i]: de/ʒ z/dizer</li> <li>– [ɹ]: Jesui/ʒ z/ dizia, atravéi/ʒ z/ do</li> <li>– [u]: vamo/ʒ z/ dizer</li> <li>– [w]: Deu/ʒ z/ do</li> <li>– [ẽ], [ɛ], [ẽ̃], [ĩ], [ɔ], [õ], [u], [ũ]: não têm na amostra.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

### Quadro 5 – Contextos fonológicos subsequentes a /ʒ/, a /z/ e a /z ʒ/

Contextos fonológicos subsequentes	
A /ʒ/:	<ul style="list-style-type: none"> <li>– [a]: via/ʒ/ar</li> <li>– [ẽ̃]: via/ʒ/anøø</li> <li>– [e]: /ʒ/ereissati, /ʒ/eito</li> <li>– [ɛ]: /ʒ/eral</li> <li>– [ẽ̃]: via/ʒ/êi, /ʒ/ente</li> <li>– [i]: atin/ʒ/ir, reli/ʒ/ioso</li> <li>– [ĩ]: igre/ʒ/inha</li> <li>– [i]: passa/ʒ/eø, o/ʒ/e</li> <li>– [o]: /ʒ/ogo, arran/ʒ/ô</li> <li>– [ɔ]: /ʒ/orge</li> <li>– [õ]: não tem na amostra</li> <li>– [u]: a/ʒ/uda, /ʒ/ustamente</li> <li>– [ũ]: /ʒ/unto</li> <li>– [ú]: ve/ʒ/o, bei/ʒ/o</li> </ul>
A /z/:	<ul style="list-style-type: none"> <li>– [a]: surpre/z/a</li> <li>– [ẽ̃]: ra/z/ão</li> <li>– [e]: fa/z/er</li> <li>– [ɛ]: às ve/z/ø era, /z/é</li> <li>– [ẽ̃]: i/z/emplo</li> <li>– [i]: di/z/ia</li> <li>– [ĩ]: de/z/incarnado</li> <li>– [i]: ba/z/e</li> <li>– [o]: ti/z/oøreøro, ca/z/oø</li> <li>– [ɔ]: dua/z/ oras, i/z/olado</li> <li>– [õ]: ori/z/ontes, mai/z/ onesto</li> <li>– [u]: Je/z/uis</li> <li>– [ũ]: fei/z/ uma</li> <li>– [ú]: sorri/z/o</li> <li>– [b]: poi/z/ bem</li> <li>– [g]: re/z/gatar</li> <li>– [v]: de/z/via</li> <li>– [m]: me/z/mo</li> <li>– [n]: mai/z/ não</li> <li>– [l]: nói/z/ levatamos</li> <li>– [ʎ]: não tem na amostra</li> </ul>
A /z ʒ/:	<ul style="list-style-type: none"> <li>– [d]: de/ʒ z/d'o, atravéi/ʒ z/ do</li> <li>– [dʒ]: de/ʒ z/de, Jesui/ʒ z/ dizia</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### c) Posição na Sílabla e na Palavra

De acordo com Santos (2012), “na língua portuguesa, a coda é uma posição débil, sujeita a vários fenômenos fonológicos [...]” (SANTOS, 2012, p. 153). Exemplos disso são a glotalização e o apagamento. Esses fenômenos refletem uma tendência de todas as línguas em buscar padrões silábicos mais simples, do tipo CV (BISOL, 1996). Essa busca acaba provocando variações em determinadas posições, como em coda.



O fator posição na sílaba e na palavra englobará as ocorrências de /ʒ/ e /z/ em ataque e coda silábica, semelhante ao que foi feito na pesquisa de Santos (2009). No entanto, cada fonema possuirá contextos diferentes nessa análise devido à sua realização categórica (enquanto manutenção no falar fortalezense) e à sua possibilidade de existência na estrutura silábica do português. Assim controlamos os seguintes fatores:

### Quadro 6 – Posição na Sílaba e na Palavra

Posição na Sílaba e na Palavra	
Para /ʒ/	– Ataque início da palavra: /ʒ/á – Ataque interior da palavra: ve/ʒ/o
Para /z/	– Coda em fim de palavra (morfológica) <sup>64</sup> : poi/z/ bem – Ataque: fa/z/ê, /z/ico – Coda interna: de/z/via
Para /z ʒ/	– Coda em fim de palavra (morfológica): atravéi/ʒ z/ do – Coda interior da palavra: de/ʒ z/de

Fonte: Elaborado pela autora.

#### d) Tonicidade

As pesquisas, em geral, têm revelado que as sílabas tônicas, por possuírem um traço mais saliente, são mais suscetíveis a variações. Assim, verificaremos essa hipótese proposta pela literatura. Outros trabalhos que pesquisaram sobre a aspiração das fricativas em análise e que utilizaram essas variáveis foram: Santos (2009) e Canovas (1991). Os fatores testados aqui são ilustrados abaixo.

- Pretônica: /ʒ/eral, i/z/mola, de/ʒ z/dizer;
- Postônica: aléø/ʒ/ica, ca/z/a, atravéi/ʒ z/ do;
- Tônica: igre/ʒ/inha, me/z/mo, de/ʒ z/de.

#### e) Dimensão do Vocábulo

A variável dimensão do vocábulo será analisada para verificar se a extensão do mesmo teria alguma influência sobre o fenômeno. A maior parte das pesquisas aponta que quanto mais extenso for o vocábulo, maior será a aspiração. Outras pesquisas que incluíram essa variável em suas análises foram a de Marques (2001), de Alencar (2007) e Santos (2012). A seguir, ilustramos cada fator controlado neste trabalho.

- Monossílabo: /ʒ/á, mai/z/, no/ʒ z/ deu;
- Dissílabo: /ʒ/eral, me/z/mo, de/ʒ z/de;

<sup>64</sup> Embora saibamos da redundância do termo “palavra morfológica”, resolvemos deixar *morfológica* entre parênteses para que se entenda que não estamos levando em consideração as palavras *fonológicas*, que são formadas com o fenômeno da ressilabação. Ou seja, em nossos dados, nesse contexto, haverá, também, ocorrências com ressilabação.

- Trissílabo ou maior: /ʒ/ustamente, de/z/encarnado, atravéi/ʒ z/ do.

#### f) Natureza do Vocábulo

A variável natureza do vocábulo poderá influenciar ou não o uso da variante aspirada. Para elencar os fatores dessa variável, levamos em consideração o conceito de Câmara Júnior (2011) a respeito de classes gramaticais, separando-as em: Nomes, Verbos, Conectivos e Pronomes. Além delas, separamos, como fatores diferentes, os vocábulos considerados usuais, tanto pela literatura quanto pelo que pudemos constatar ao ouvir os inquiridos. As pesquisas de Roncarati e Uchoa (1988), Santos (2009) e Alencar (2007) também verificaram a influência dessa variável e consideraram como itens comuns ou usuais (aqueles cuja probabilidade de ocorrer com a variante aspirada é bastante alta): “já”, “gente” (=pessoas), “a gente” (=nós), “pois”, “mesmo”, “mas” (conjunção), “mais” (advérbio), “desde” e morfema de 1ª pessoa do plural “-mos”. A esses, acrescentamos vocábulos que apareceram acima de 50 vezes na amostra. Portanto, na nossa amostra, para ser um *vocábulo usual*, levamos em consideração o número de vezes (acima de 50) em que esse vocábulo apareceu, independente de ele ocorrer na forma glotalizada ou não. A seguir, ilustramos os fatores:

**Quadro 7 – Natureza do Vocábulo**

Natureza do Vocábulo		
Para /ʒ/	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Nomes (substantivos, adjetivos, numerais, advérbios): igre/ʒ/a</li> <li>– Verbos: ve/ʒ/o</li> <li>– Conectivos: /ʒ/unto a</li> <li>– Vocábulo usual “hoje”: o/ʒ/e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Vocábulo usual “já”: /ʒ/á</li> <li>– Vocábulo usual “gente” (=pessoas): /ʒ/ente</li> <li>– Vocábulo usual “a gente” (=nós): a /ʒ/ente</li> <li>– Vocábulo usual “seja”: se/ʒ/a</li> </ul>
Para /z/	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Nomes (substantivos, adjetivos, numerais, advérbios): re/z/gate</li> <li>– Verbos: u/z/á</li> <li>– Conectivos: apói/z/ a</li> <li>– Pronomes: no/z/ inscrevemos</li> <li>– Vocábulo usual “pois”: poi/z/ é</li> <li>– Vocábulo usual “coisa”: coi/z/a</li> <li>– Vocábulo usual “fazer”: fa/z/ê</li> <li>– Vocábulo usual “mesmo”: me/z/mo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Morfema verbal de 1ª pessoa do plural “-mo/s/”:</li> <li>somo/z/ imperfeitø</li> <li>– Vocábulo usual “ma(i)s”: ma/z/ isso, mai/z/ antigo</li> <li>– Vocábulo usual “nós”: nói/z/ abitamos</li> <li>– Vocábulo usual “existe”: e/z/iste</li> <li>– Vocábulo usual “exemplo”: e/z/emplo</li> <li>– Vocábulo usual “preci/z/ar”: preci/z/á</li> <li>– Vocábulo usual “di/z/er”: di/z/ê</li> </ul>
Para /z ʒ/	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Nomes (substantivos, adjetivos, numerais): Deu/ʒ z/ do</li> <li>– Verbos: de/ʒ z/dizer</li> <li>– Conectivos: apói/ʒ z/ duas</li> <li>– Pronomes: no/ʒ z/ deu</li> <li>– Vocábulo usual “ma(i)s”: mai/ʒ z/ de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Morfema verbal de primeira pessoa do plural “-mo/s/”:</li> <li>vamo/ʒ z/ dizê</li> <li>– Vocábulo usual “nós”: nói/ʒ z/ demos</li> <li>– Vocábulo usual “através”: atravéi/ʒ z/ do</li> <li>– Vocábulo usual “desde”: de/ʒ z/de</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante ressaltar que não incluímos os casos de aspiração de /z/ no plural por entendermos que essa variação não é apenas de cunho fonológico, mas também morfossintático. Já o morfema de 1ª pessoa do plural “-mos” resolvemos colocar separadamente pelo fato de o “-s” da desinência não ser o responsável pela informação de plural.

#### 4.4.2.2 Extralinguísticas

Estas variáveis levam em conta os aspectos socioculturais e estilísticos que envolvem o indivíduo. Para o *corpus* do PORCUFORT, adotaremos as variáveis: a) sexo e b) faixa etária. Para o *corpus* do teste de atitudes linguísticas, adotaremos as variáveis: a) gênero/sexo; b) escolaridade; c) naturalidade; e d) lugar onde o(a) participante mora atualmente.

##### a) Gênero/Sexo

As diferenças linguísticas devidas ao sexo, segundo Chambers e Trudgill (1998), ocorrem desde a fala das crianças. Para isso, citam como exemplo a pronúncia do /r/ pós-vocálico em Edimburgo, onde há um padrão de diferenciação, mesmo na fala de crianças de seis anos de idade.

Para Monteiro (2000, p. 76), a diferença sexual é, antes de tudo, “um fato de ordem sociocultural que se reflete na língua enquanto sistema semiótico entre outros.” Estudos sociolinguísticos que envolvem a variável sexo normalmente revelam que as mulheres costumam utilizar as formas prestigiadas socialmente (padrão), enquanto os homens favorecem mais as formas menos valorizadas (não-padrão). O primeiro estudo que considerou essa variável foi o de Fisher (1958), intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, no qual analisa a variação na pronúncia do sufixo inglês “-ing”, formador de gerúndio. Nesse estudo, o autor constata que a pronúncia velar (e não a dental) era mais frequente entre as mulheres, e essa escolha se dava em função de uma valorização social: forma prestigiada *versus* forma não-prestigiada. Dessa forma, ele conclui que a fala de prestígio tende a predominar na fala das mulheres.

Segundo Paiva (2004, p. 36), as mulheres também tendem a “liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens.” No estudo de Labov (1972), sobre a pronúncia de [r] pós-vocálico no inglês de Nova York, podemos comprovar isso, pois a pronúncia retroflexa, forma inovadora, mas de prestígio, predominou

entre as mulheres. No entanto, quando a forma é socialmente desprestigiada, os homens é que lideram o processo de mudança, e as mulheres assumem uma atitude conservadora. Assim, “o que se pode generalizar, pelo momento, é a maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.” (PAIVA, 2004, p. 37).

Essa maior sensibilidade pode ser explicada também pelo maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição social delas estar menos assegurada do que a do homem. Em virtude disso, as mulheres sentem a necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que não ameace sua aceitação social.

Labov (1994), ao reconhecer as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, elaborou alguns princípios básicos sobre isso. O primeiro deles é que, normalmente, são os homens que usam mais as formas não-padrão. Por outro lado, as mulheres favorecem mais as formas de prestígio do que os homens. No entanto, na mudança, são elas que se mostram mais inovadoras, utilizando as formas novas (desde que estas sejam de prestígio) bem mais do que os homens. Esses princípios levam em consideração as atitudes sociais de cada sexo.

Para Callou (1979), o que, em geral, dizem as pesquisas de geografia linguística é que a fala das mulheres é vista, pela dialetologia urbana, como inovadora. Isso pode ser explicado pelo fato de que “num grande centro urbano, nos últimos anos, a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo.” (CALLOU, 1979, p. 38).

Ao analisar o papel de homens e mulheres sobre a mudança linguística, Labov reconhece o *paradoxo do gênero*: “as mulheres se conformam mais atentamente que os homens a normas sociolinguísticas que são claramente prescritas, mas se conformam [adaptam] menos que os homens quando não são.”<sup>65</sup> (LABOV, 2001, p. 293). Assim, as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio, e esse comportamento deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística. A explicação para isso é que as mulheres, por, normalmente, conversarem mais com as crianças do que os homens, durante os anos de formação das regras linguísticas com maior rapidez e eficiência, provavelmente teriam forte influência sobre o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística.

Por isso, é importante observarmos que:

---

<sup>65</sup> Tradução própria. Citação original: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.”

A generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística. [...] A diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária [...] e de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro (LABOV, 2008, p. 348).

Quanto à utilização da terminologia “gênero” para a variável sexo, Labov (2001) explica que todas as análises de diferenciação sexual, ao invés de buscarem graus de masculinidade ou feminilidade identificados socialmente, começam por separar a população em homens e mulheres, o que, muitas vezes, acaba recaindo sobre o sexo do indivíduo. Por isso, resolvemos adotar, neste trabalho, a terminologia, gênero/sexo, pois, embora consideremos “gênero” a mais adequada – visto que está relacionado ao papel social que homens e mulheres assumem –, quando as entrevistas do PORCUFORT foram feitas, foi dada prioridade à separação em sexo dos indivíduos. No entanto, os testes de atitudes que aplicamos abriram a possibilidade de o participante identificar o seu “gênero”.

A partir dessas considerações, dividimos a variável sexo em: masculino e feminino (no PORCUFORT). No teste de atitudes linguísticas, fizemos um pouco diferente, pois deixamos para o(a) participante preencher entre as opções: masculino, feminino e outro (colocando um espaço para especificar esta última) (Ver Apêndice B – Parte 1). No entanto, nenhum participante do teste preencheu essa opção, restando para a nossa análise apenas os gêneros masculino e feminino.

#### b) Faixa Etária

A sociolinguística variacionista postula que as mudanças podem ser apreendidas durante a sua implementação através do que se denominou análise em tempo aparente. Levaremos em consideração, ainda, a hipótese clássica, segundo a qual

o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas (ARAÚJO, 2007, p. 395).

Para a investigação dos aspectos sociolinguísticos da comunidade de fala fortalezense, utilizamos o método de investigação em tempo aparente, isto é, um estudo feito a partir de um recorte temporal promovido pelo pesquisador que analisa dados de uma comunidade estratificada em faixas etárias, a partir do que foi estabelecido pelo projeto

PORCUFORT. Dessa forma, poderemos verificar se o fenômeno aqui analisado apresenta indícios de mudança em progresso ou de variação estável. As faixas que analisaremos são:

- No *corpus* do PORCUFORT: 22-35 anos, 26-49 e 51 anos em diante;
- No *corpus* do teste de atitudes linguísticas: essa variável não será analisada.

### c) Escolaridade

Diversas pesquisas têm demonstrado uma relação próxima entre o nível de escolaridade do falante e sua escolha por determinados tipos de variantes. Labov (2008), ao estudar o inglês falado em Nova Iorque, observou que os falantes com menor escolaridade usavam com maior frequência as formas não-padrão, enquanto que as formas padrão eram mais utilizadas pelos mais escolarizados. Essa constatação vem sendo uma tendência de muitos trabalhos na área da sociolinguística quantitativa.

Segundo Alencar (2007, p. 44),

há uma intenção explícita, na escola, de desenvolver um padrão linguístico (norma padrão) e, ao mesmo tempo, uma intenção implícita em ser a instituição reprodutora da ordem social. Portanto, somente frequentando a escola, o falante poderá dominar as formas da língua culta.

Sobre a relação da escola com a mudança linguística, Marques (2001, p. 75) ressalta que “a escola exerce um importante papel, seja para frear e/ou retardar o fluxo natural de uma mudança, seja para constituir-se um agente fundamental dela.”

De acordo com Votre (2004), a escola é o veículo responsável, através da familiarização com a literatura nacional, por suscitar gostos, normas, padrões estéticos e morais para o que se deve dizer e escrever. É dessa forma que a variável nível de escolaridade influencia nos mecanismos de promoção ou resistência à mudança e sempre em prol da variante padrão, provocando a adesão dos alunos a essas formas, como marcas de prestígio social. E, se o ensino for do tipo prescritivo, outra tarefa da escola é a eliminação das formas sem prestígio, especialmente das estigmatizadas: “Os usuários das formas sem prestígio, e sobretudo das formas estigmatizadas, são rotulados de descuidados e ignorantes das belezas da língua padrão.” (VOTRE, 2004, p. 52).

Para Silva (2004), a escola, ao basear o ensino da oralidade a partir de uma imitação da língua escrita, determina certo desempenho linguístico para o falante. Esse acesso à norma padrão que a escola possibilita representa, também, um papel social muito importante, já que esse acesso pode ser visto como um instrumento de ascensão social.

Os níveis de escolaridade que analisaremos são:

- No *corpus* do PORCUFORT: essa variável não será analisada.
- No *corpus* do teste de atitudes linguísticas: sem Ensino Superior e com Ensino Superior.

d) Naturalidade do participante (fortalezense ou não nordestino)

Nessa variável, pretendemos verificar se a origem do falante tem influência sobre a sua atitude linguística diante do fenômeno. Para isso, aplicamos o teste em participantes de origem:

- fortalezense, tanto os que moram na sua cidade natal quanto os que moram fora da região Nordeste do Brasil;
- não-nordestina, tanto os que moram em Fortaleza (há menos de dois anos) quanto os que moram fora do Nordeste;

e) Cidade/Estado onde o(a) participante mora atualmente (em Fortaleza ou fora do Nordeste)

Nessa variável, pretendemos verificar se o lugar onde o falante mora atualmente exerce efeito sobre a atitude linguística diante do fenômeno. Para isso, aplicamos o teste em participantes que moram:

- em Fortaleza, tanto os de origem fortalezense quanto não nordestina (neste caso, que morem nessa cidade há menos de dois anos);
- fora do Nordeste, tanto os de origem fortalezense (neste caso, que morem fora do Nordeste há mais de dois anos) quanto não nordestina.

## 4.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Nesta seção, abordaremos os procedimentos que utilizamos para o tratamento variacionista que fizemos sobre os dados da amostra do PORCUFORT e das respostas dadas aos testes de atitudes.

### 4.5.1 Coleta de dados e codificação

Para os dados obtidos com a amostra do PORCUFORT, após concluirmos o envelope de variação, com cada fonema sendo analisado separadamente, codificamos cada um

dos fatores com símbolos diferentes em cada grupo. Por exemplo: sexo masculino (H), feminino (F); faixa etária: 22-35 anos (J), 36-50 anos (A), 51 anos em diante (I) (Ver Apêndice B). Em seguida, submetemos esses dados ao programa Goldvarb X, que será explicado na subseção a seguir.

Para as respostas do teste de atitudes, realizamos uma abordagem diferente, pois não tivemos auxílio de nenhum programa de análise estatística, e a codificação que fizemos foi apenas em relação ao número que atribuímos a cada participante (Ver Quadro 3).

#### 4.5.2 Ferramenta estatística para a amostra do PORCUFORT

O método variacionista aqui utilizado torna possível identificar e analisar quantitativamente (e, conseqüentemente, qualitativamente) o efeito de fatores intra e extralinguísticos que condicionam os fenômenos de variação e mudança linguística, em situações reais de comunicação.

Para a amostra do PORCUFORT, tomaremos como base o sistema logístico proposto por Sankoff e Pintzuk, em 1988, conhecido como VarbRul (do inglês *Variable Rules Analysis*). O VarbRul servirá aqui para medir os efeitos das variáveis independentes sobre a variável dependente, objeto de nossa investigação. A partir desse modelo logístico, a média do grupo de fatores é ponderada pelo número de dados empíricos de que se dispõe para cada fator com o objetivo de evitar que fatores que apresentam poucos dados tenham maior influência no cálculo (NARO, 2004, p. 23). Para o ambiente Windows, o pacote VarbRul tem a versão GoldVarb X, utilizada na presente pesquisa (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005)<sup>66</sup>. Esse programa irá fornecer o número de ocorrências das variantes analisadas para cada fator, o percentual de aplicação da regra e o peso relativo (P.R.). Sobre este último, Guy e Zilles (2007, p. 211) explicam que “o efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo.”

O programa nos possibilita ainda, a fim de visualizarmos melhor a influência que cada fator pode ter sobre outro, realizar cruzamentos entre eles. Além disso, para que possamos encontrar melhores resultados, podemos fazer amálgamas entre os fatores e/ou excluí-los (como fizemos, em algumas análises).

Outras informações importantes que o programa nos fornece são o *input*, a significância, a hipótese nula e o teste de verossimilhança (*log likelihood*) que cada rodada

---

<sup>66</sup> Essa versão pode ser encontrada e copiada, gratuitamente, em: <<http://individual.utoronto.ca/ngn/lab/goldvarb.htm>> . Acesso em: 8 jan 2016.



pode ter. Sobre o *input*, é importante observarmos que quanto mais próximo de zero for o seu valor, menor a probabilidade de ocorrência do fenômeno.

Encontramos em Scherre (1993) uma explicação para a significância: “O programa trabalha com uma margem de erro de 5% (threshold .05), ou seja, se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.” (SCHERRE, 1993, p. 27).

Já a hipótese nula, de acordo com Guy e Zilles (2007), “afirma sempre que nada está acontecendo: não há relação entre as variáveis independentes e a dependente, e a distribuição dos dados observada deve-se apenas a flutuação aleatória e erro de amostragem.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 32). Ou seja, já que buscamos uma regra variável, essa hipótese nula precisa ter uma baixa probabilidade para que a distribuição seja estatisticamente significativa.

Sobre o teste de verossimilhança, Bisol e Brescancini (2002) explicam que: “o *likelihood* indica o grau de probabilidade de os dados terem sido gerados pelo modelo. Os valores probabilísticos que resultam no valor mais alto do *likelihood* são considerados os mais prováveis de terem sido gerados pelo modelo.” (BISOL; BRESCANCINI, 2002, p. 35-36).

#### 4.5.3 Estatística para o teste de atitudes

Os dados obtidos no teste de atitudes linguísticas foram analisados, nas respostas objetivas, de forma quantitativa, através do cálculo de percentuais; nas respostas subjetivas, os dados foram avaliados qualitativamente, com a transcrição de trechos de respostas mais relevantes para os resultados.

Para calcularmos os percentuais das respostas objetivas dadas nos testes de atitudes para as partes 3.1, 3.2 e 3.3 (Ver Apêndice C) – questões 28, 29, 30, 31, 34, 35 e 36 –, anotamos o número do participante dentro do item por ele escolhido e, em seguida, fizemos cálculos para cada um a partir das variáveis que estavam sendo analisadas. Por exemplo, quando verificamos as respostas para a variável gênero, calculamos o percentual de respostas obtidas para 8 pessoas do gênero masculino e 8, do feminino. Para as variáveis seguintes, os cálculos eram refeitos, pois os participantes iriam se encaixar em outras categorias (escolaridade, naturalidade, cidade/estado onde mora), mas sempre (com exceção do participante 13 para a parte 3.3) confrontando 8 de cada categoria.

Associadas a essas perguntas, fizemos algumas de natureza subjetiva, pedindo aos participantes que justificassem as respostas que deram; para estas, selecionamos e citamos as que tiveram mais relevância para o resultado obtido, de forma qualitativa. A questão 33

também foi subjetiva, porém resolvemos calcular os percentuais de respostas obtidos, pois percebemos que elas se repetiam com bastante frequência. A questão 27, porém, teve um cálculo diferenciado, pois precisamos fazer médias ponderadas para as respostas dadas.

#### 4.6 INTERSEÇÃO DAS DUAS ANÁLISES

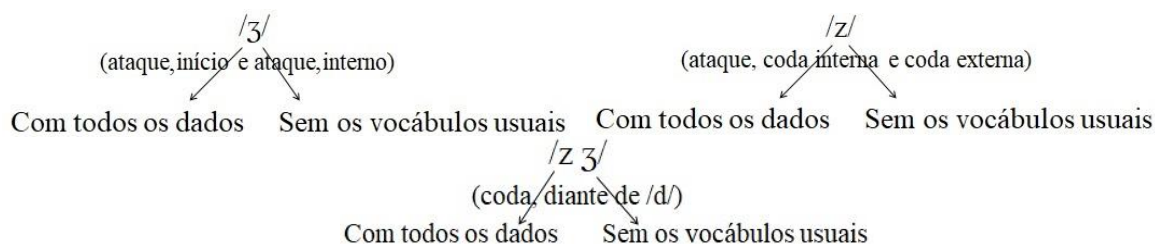
Os resultados obtidos na amostra do PORCUFORT serviram para comparação com as respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes, pois estes responderam ao questionário de forma escrita, predominantemente.

Assim, a amostra do PORCUFORT serviu para comprovar como se dá, de fato, a variação de /ʒ/ e de /z/ na *fala* de fortalezenses com Ensino Superior. Enquanto o teste, com outros participantes, serviu para mostrar qual a avaliação sociolinguística de fortalezenses e não nordestinos, com e sem Ensino Superior, sobre esse fenômeno, diante do uso deste sendo realizado por outros (informantes do NORPOFOR, do PORCUFORT e de personagens do Suricate Seboso).

## 5 ANÁLISE DOS DADOS: A VARIAÇÃO DE /ʒ/ E DE /z/ NO FALAR CULTO DE FORTALEZA

Nesta seção, faremos a análise dos dados encontrados na amostra do projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), cujo esquema abaixo poderá esclarecer:

**Figura 5 – Representação da análise da variação aspirada de /ʒ/, /z/ e coda /z ʒ/ diante de /d/, no falar culto de Fortaleza**



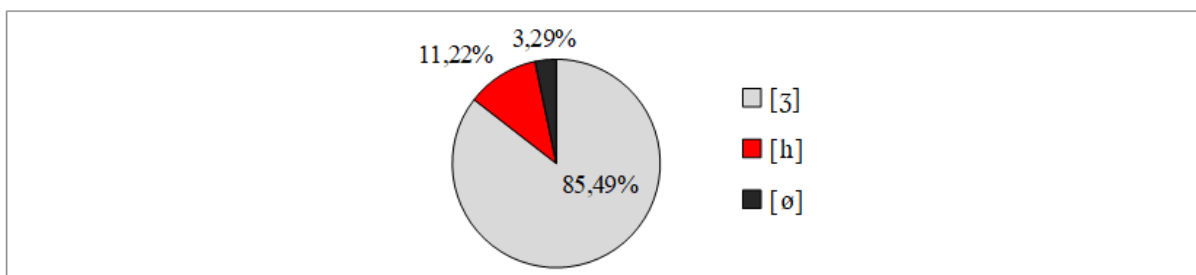
Fonte: Elaborada pela autora.

Como já foi explicado na seção de Metodologia, embora esses fonemas tenham em comum a variante aspirada e o zero fonético, elas ocorrem em contextos diferentes em cada fonema; por isso, os dados de cada um ficaram em arquivos separados e, como tal, serão aqui analisados nas próximas seções. Para iniciar a análise de cada fonema, mostraremos os percentuais correspondentes às três variantes encontradas – manutenção, aspiração e zero fonético – a fim de que o leitor possa ter uma visão geral de como /ʒ/ e /z/ ocorrem no falar culto dos fortalezenses. No entanto, como já havíamos explicado anteriormente, o zero fonético foi excluído das rodadas pelo fato de ele ter aparecido com um percentual muito baixo.

### 5.1 A VARIAÇÃO DE /ʒ/ NO PORCUFORT: UMA VISÃO GERAL DOS DADOS

O arquivo que continha as ocorrências com /ʒ/ apresentou 2.495 dados. Destes, 2.133 (85,49%) foram de manutenção [ʒ], 280 (11,22%) de glotalização [h] e 82 (3,29%) de apagamento [ø], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 1 – Visão geral da distribuição das ocorrências de /ʒ/ por variante nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do gráfico 1, podemos perceber que a maior parte dos dados é de manutenção [ʒ]. No entanto, o percentual de aspiração [h] mostrou-se significativo para o estudo da variação quando comparado a outras pesquisas sobre o fenômeno (RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991). Nas próximas seções, mostraremos com mais detalhes o que esse percentual pode significar e onde acontece a sua maior atuação.

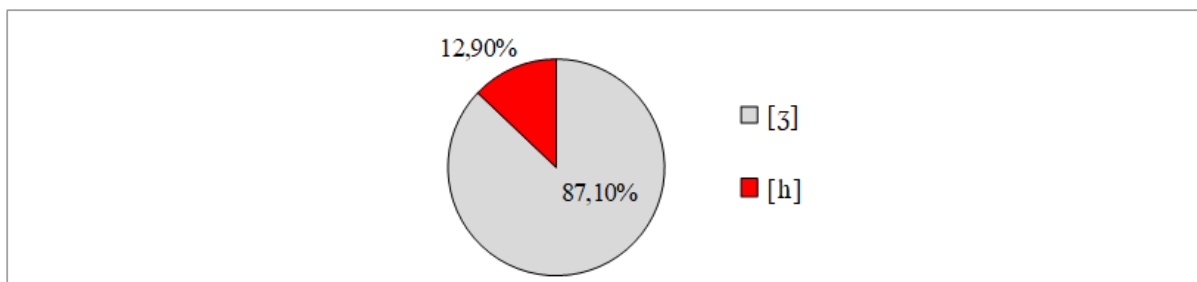
### 5.1.1 A variação de /ʒ/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção

Nesta seção, analisaremos detidamente as rodadas entre as ocorrências de glotalização e de manutenção dos dados coletados de /ʒ/. Nessa primeira rodada, dispusemos de 2.413 dados, dos quais, 2.133 (88,4%) foram de manutenção [ʒ] e 280 (11,6%), de aspiração [h]. No entanto, obtivemos alguns nocautes: Contexto Fonológico Precedente em [ẽ], contendo uma única ocorrência, sendo esta de manutenção (“em [ʒ]uazêro do Norte – Inq. 24); Contextos Fonológicos Subsequentes em [o], [ɔ] e [u], contendo, respectivamente, 40 (Ex.: “arran[ʒ]ô” – Inq. 106), 74 (Ex.: “adultu [ʒ]ovem” – Inq. 50) e 120 (Ex.: “ca[ʒ]u” – Inq. 50) ocorrências, sendo todas de manutenção; e Natureza do Vocábulo, com os Conectivos, contendo 6 ocorrências<sup>67</sup>, também todas de manutenção.

Após eliminarmos esses nocautes e os casos de apagamento, passamos a analisar 2.173 dados, dos quais, 1.893 (87,1%) foram de manutenção [ʒ] e 280 (12,9%), de aspiração [h], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

<sup>67</sup> São elas: “credenciô [ʒ]unto a” (Inq. 46); “...[ʒ]unto ao” (Inq. 46); “...[ʒ]unto a” (Inq. 46); “...[ʒ]unto à” (Inq. 01).

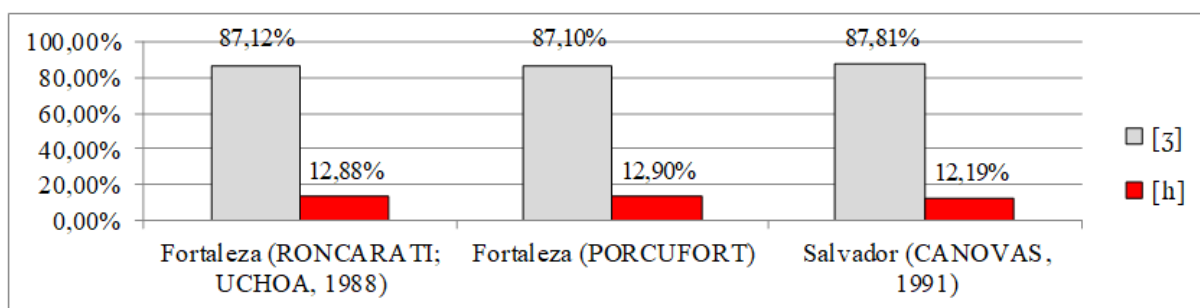
**Gráfico 2 – Glotalização X Manutenção de /z/: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

Para efeito de comparação<sup>68</sup>, embora ressalvando que os *corpora* tenham sido formados por critérios diferentes, observamos que, no estudo de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra composta apenas por fortalezenses, foram registradas, de um total de 466 dados, 60 (12,88%) realizações aspiradas – percentual bastante próximo ao que encontramos em nossa amostra. Em Salvador-BA (CANOVAS, 1991) – onde também foi feita uma análise separada para o contexto de ataque silábico com /z/ –, o percentual de aspiração também se aproximou: 12,19% (699/796). Essa comparação pode ser visualizada no gráfico 3:

**Gráfico 3 – Comparação dos percentuais da variação de /z/ encontrados em Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 1988), em Salvador (CANOVAS, 1991) e em Fortaleza (no PORCUFORT)**



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>68</sup> Para a variação de /z/ em ataque silábico, só podemos fazer comparação de resultados com três trabalhos – Roncarati e Uchoa (1988), Canovas (1991) e Pelicioli (2008) – e apenas quando essas pesquisas tiverem analisado as mesmas variáveis que serão comentadas em nosso estudo. Pelicioli (2008), no entanto, não revelou quantos dados de manutenção obteve com /z/; por isso, não pudemos fazer um comparativo geral dos percentuais com o estudo dele.

Na rodada que passamos a fazer sem os nocautes, o melhor nível de análise selecionado pelo GoldVarb X foi o *step up 29* (*input* 0,061, significância 0,000 e *log likelihood* -656,317). Essa rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): Natureza do Vocábulo, Faixa Etária, Contexto Fonológico Subsequente, Sexo e Posição na Sílabla e na Palavra. Os grupos excluídos foram (nesta ordem): Tonicidade, Dimensão do Vocábulo e Contexto Fonológico Precedente. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante e, a fim de deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências glotalizadas em nossa amostra, com seus respectivos informantes.

a) Natureza do Vocábulo

O fato de esse grupo ter sido selecionado pelo programa, e o ser em primeiro lugar, confirma as hipóteses de que o fenômeno da aspiração no falar fortalezense deve ser analisado sob o ponto de vista da difusão lexical (DL), conforme proposto por Oliveira (1997). Embora a metodologia inicial utilizada para a coleta e codificação de dados tenha seguido os moldes da TVM, em virtude dos dados que obtivemos, procuraremos “adaptar” a análise dos resultados à teoria da difusão lexical<sup>69</sup>. Os dados dessa variável podem ser visualizados na tabela 1, abaixo:

**Tabela 1 – Atuação da Natureza do Vocábulo sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Natureza do Vocábulo	Aplica/Total <sup>70</sup>	%	P.R. <sup>71</sup>	Exemplo
Vocábulo “/ʒ/á”	100/388	25,8	<b>0,901</b>	[h]á
Vocábulo “a /ʒ/ente” (=nós)	106/366	29,0	<b>0,857</b>	a [h]ente
Vocábulo “/ʒ/ente” (=pessoa)	8/78	10,3	<b>0,833</b>	tem [h]ente
Vocábulo “se/ʒ/a”	9/77	11,7	<b>0,510</b>	se[h]a
Nomes	41/884	4,6	0,244	igre[h]a
Vocábulo “ho/ʒ/e”	11/159	6,9	0,199	o[h]e
Verbos	5/221	2,3	0,129	ima[h]ine

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 1, os itens lexicais que se mostraram mais repetitivamente usuais na amostra – “/ʒ/á” e “a /ʒ/ente” (= “nós”) – foram também os que se mostraram mais

<sup>69</sup> Cf. CHEN; WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991; 1992; 1995; 1997.

<sup>70</sup> Aplica/Total = número de ocorrências glotalizadas/número total de dados do fator na rodada.

<sup>71</sup> P.R. = Peso relativo.

favorecedores à aspiração, corroborando a hipótese de que quanto mais usual for uma palavra, maior será a chance de enfraquecimento<sup>72</sup>.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), o item lexical “[h]á” foi o mais usual na amostra de fortalezenses (amostra básica – 26,86%) e na de interação médico-paciente – 88,88%. Já na amostra de interioranos cearenses (ALECE), o item mais usual foi “a [h]ente” (60,90%), que ficou em segundo lugar nessas outras duas amostras (respectivamente, 16,37% e 72,72%). Canovas (1991) também atribui a maior variação de /ʒ/, em Salvador-BA, à usualidade da expressão “a /ʒ/ente” (= “nós”). Na pesquisa de Pelicioli (2008), também em Salvador-BA, dos 99 casos de aspiração de /ʒ/ que o autor encontrou, 76 (77%) foram com o item “a [h]ente”, e 17 (17,2%) com “[h]á”.

A partir dos resultados que obtivemos, podemos corroborar a pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), confirmando que “o foco da difusão do enfraquecimento tende a incidir mais sobre aqueles elementos do enunciado que só têm sentido relativamente à estrutura gramatical em que entram os morfemas gramaticais” (RONCARATI; UCHOA, 1998, p. 79), neste caso, o item “/ʒ/á”.

O vocábulo “a /ʒ/ente” (= “nós”), expressivamente favorecedor à glotalização (0,857), leva-nos a acreditar que ele se difunde lexicalmente para o vocábulo “/ʒ/ente” (= “pessoa”), cuja cadeia sonora é muito semelhante. Seu peso relativo é tão relevante quanto o do primeiro (0,833), embora “/ʒ/ente” (= “pessoa”) tenha se mostrado bem menos usual nos dados coletados (8/78). Esse fato corrobora a teoria da difusão lexical, para a qual “as mudanças<sup>73</sup> sonoras são vistas como sendo lexicalmente graduais [...]” (OLIVEIRA, 1992, p. 32). É interessante observar ainda que, já em 1937, Aguiar (1937) apontava o vocábulo “[h]ente” entre seus exemplos de ocorrência do “r”, que ele chamou de velar e de faucal, no lugar de “j”. Outra verificação importante é que o fato de o item “/ʒ/ente” (= “pessoa”) ter se mostrado menos usual, porém favorecedor, corrobora a sugestão de Oliveira (1997), para quem “não são necessariamente as palavras mais frequentes aquelas que são mais atingidas por um processo fonológico [...]” (OLIVEIRA, 1997, p. 45).

<sup>72</sup> Cf. PHILLIPS, 1984; RONCARATI; UCHOA, 1988.

<sup>73</sup> Como será comprovado através dos dados, não há, no fenômeno que analisamos, um processo de mudança, mas sim de variação.

Ainda sobre o vocábulo “/ʒ/ente” (= “pessoa”), observamos que ele teve, em sua forma aspirada (“[h]ente”), 4 ocorrências no inquérito 13 (Feminino, 51 anos em diante)<sup>74</sup>, uma no inquérito 44 (Masculino, 51 anos em diante) e 3 no inquérito 27 (Masculino, 22-35 anos). Com isso, podemos perceber que a difusão lexical do item, na amostra, ficou concentrada em apenas 3 dos 17 indivíduos utilizados para a pesquisa, sendo 62,5% (5/8) deles pertencentes à faixa etária mais avançada – fato que será melhor esclarecido quando formos comentar sobre os resultados da variável faixa etária.

O vocábulo “se[h]a”, também favorecedor ao fenômeno (0,510), apresentou uma ocorrência no inquérito 50 (Masculino, 22-35 anos), uma no inquérito 06 (Feminino, 22-35 anos), 3 no inquérito 13, duas no inquérito 27 e uma no inquérito 20 (Feminino, 22-35 anos). A partir desse cenário, podemos dizer que esse vocábulo se difunde, na amostra, de forma menos desequilibrada do que o anterior, embora não tenha apresentado nenhuma ocorrência aspirada em indivíduos de faixa etária intermediária (36-50 anos). Com esse vocábulo, passamos a nos questionar se a glotalização de /ʒ/, em “se[h]a”, já não seria um caso de avanço do processo de difusão lexical para uma mudança sonora que teria se iniciado com o Vocábulo Usual “/ʒ/á”, cujo contexto fonológico subsequente é o mesmo: [a].

O vocábulo “ho[h]e” teve uma ocorrência no inquérito 24 (Feminino, 51 anos em diante), 4 no inquérito 49 (Masculino, 51 anos em diante), duas no inquérito 13, uma no inquérito 15 (Masculino, 51 anos em diante), duas no inquérito 44 e uma no inquérito 27. Embora o item “ho/ʒ/e” tenha se mostrado bastante usual em toda a amostra, sua frequência e seu peso relativo não se mostraram relevantes, negando a hipótese de que quanto mais usual for uma palavra, maior será a chance de ela enfraquecer. Observamos, ainda sobre o vocábulo “ho[h]e”, um menor desequilíbrio na distribuição dos dados na amostra, embora 90,9% (10/11) deles tenham ficado concentrados na faixa etária mais avançada (51 anos em diante) e nenhum indivíduo da faixa etária intermediária (36-50 anos) tenha feito uso da variante aspirada com esse item lexical.

As 5 ocorrências glotalizadas de Verbos são: “ima[h]ine” (Inq. 106 – Feminino, 22-35 anos), “exi[h]e” (Inq. 10 – Masculino, 36-50 anos), “ve[h]o” (Inq. 15), “ima[h]inô” (Inq. 27) e “su(r)<sup>75</sup>[h]iu” (Inq. 27). No entanto, esse fator se mostrou como inibidor da variante glotal (0,129).

<sup>74</sup> Essas informações sociais sobre cada inquérito só serão dadas na primeira vez em que ele aparecer na seção. Caso seja preciso verificá-las novamente, essas referências se encontram no Anexo C.

<sup>75</sup> Nos exemplos citados, o fonema que está dentro dos parênteses foi colocado apenas para facilitar a leitura, mas ele não fora pronunciado pelo informante durante a gravação.



## b) Faixa Etária

A primeira variável extralinguística selecionada pelo programa foi a Faixa Etária, cujos resultados podem ser visualizados na tabela 2:

**Tabela 2 – Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>51 anos em diante</b>	145/789	18,4	<b>0,657</b>
<b>22-35 anos</b>	83/715	11,6	0,428
<b>26-49 anos</b>	52/669	7,8	0,388

Fonte: Elaborada pela autora.

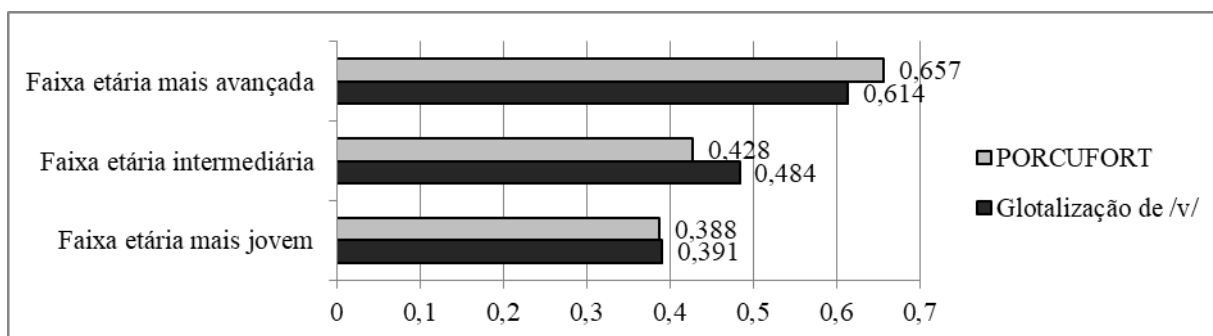
Como mostra a tabela 2, apenas a faixa etária de 51 anos em diante mostrou-se favorável à aspiração de /ʒ/. De acordo com a TVM, quando uma variante apresenta maior uso pela faixa etária mais avançada em uma comunidade de fala, podemos ver nesse fato indícios de uma mudança em progresso.

Para entendermos melhor esse resultado e comprovar a efetivação da mudança linguística, seria necessária uma nova coleta em cerca de quinze anos depois (quando se formaria uma nova geração nessa comunidade). No entanto, essa coleta, com informantes correspondendo a esse mesmo perfil de escolaridade, ainda não existe na comunidade de fala fortalezense<sup>76</sup>. O que se tem, cerca de treze anos depois (entre 2003-2006), são dados de fortalezenses sem Ensino Superior (Projeto NORPOFOR)<sup>77</sup>. E nesse banco de dados a única pesquisa a respeito do fenômeno da aspiração envolve apenas o fonema /v/ (RODRIGUES, 2013). Assim, apesar de todas essas ressalvas, comparando o resultado obtido nos dados do PORCUFORT com os que foram obtidos a respeito da glotalização de /v/, verifica-se que a aspiração permanece, mais de dez anos depois, em uso predominante nessa mesma faixa etária. Essa comparação pode ser visualizada no gráfico 4.

<sup>76</sup> Existe um projeto (PORCUFORT –fase II), a ser executado entre 2018 e 2021, coordenado pela prof<sup>a</sup>. Dra. Aluiza Alves de Araújo (docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada-PosLA) que tem como base teórico-metodológica a Sociolinguística Variacionista. Segundo a mentora do projeto, ele possibilitará descrever e analisar, em tempo real e em tempo aparente, fenômenos linguísticos nos diferentes níveis (do morfofonológico ao discursivo) da variedade tida como culta e falada em Fortaleza-CE, além de permitir a testagem e o desenvolvimento de teorias linguísticas, fornecendo condições para a formação de novos pesquisadores.

<sup>77</sup> Araújo (2011).

**Gráfico 4 – Pesos relativos da Faixa Etária sobre a glotalização de /ʒ/, nos dados do PORCUFORT, e de /v/ no estudo de Rodrigues (2013)**



Fonte: Elaborado pela autora.

Ademais, há muitos anos – desde 1937, com Aguiar (1937) – a variante glotal é vista como desprestigiada, mas o seu uso permanece presente na comunidade de fala fortalezense e, atualmente, verificamos que ela ocorre mais frequentemente na faixa etária mais avançada.

Outra comprovação de que a glotalização permanece em uso na década atual são as postagens da página Suricate Seboso, do Facebook (Ver Anexo B), que inclusive utilizamos para a aplicação do teste de atitudes, o qual será abordado na seção seguinte. O criador dessa página, Diego Jovino, pertence à faixa etária de 22-35 anos, e a maioria de seus seguidores – que também são cocriadores das postagens – tem entre 13 e 34 anos (SALES, 2016).

Portanto, essa “teórica” mudança ainda não houve – se é que ainda vai haver – na comunidade de fala em questão. Esse fato nos leva a acreditar que o uso da variante glotalizada – a qual não atende ao padrão da norma – *predomina* entre as pessoas com idade mais avançada pelo fato de esses indivíduos já estarem fora do mercado de trabalho<sup>78</sup> e, de certa forma, mais isentos de avaliação social, tendendo a monitorar menos o seu discurso e a deixá-lo mais informal. Seguindo essa tendência, quando os indivíduos das faixas etárias mais jovens estiverem na mais idosa, esse uso glotalizado poderá ocorrer em maior quantidade.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), encontramos o inverso: a aspiração de /ʒ/ entre os fortalezenses seria favorecida apenas pelas crianças (0.67). Em Salvador-BA, Canovas (1991) constatou, também, que quanto maior a faixa etária, menor foi o percentual

<sup>78</sup> Muitos já estavam aposentados na época em que os dados foram coletados.

de aspiração; já Pelicioli (2008)<sup>79</sup>, também a respeito da capital baiana, constatou que os de faixa etária de 46 a 61 anos é que realizam mais a aspiração.

c) Contexto Fonológico Subsequente

A segunda variável intralinguística, Contexto Fonológico Subsequente, foi selecionada pelo programa em terceiro lugar, e seus resultados podem ser vistos na tabela 3:

**Tabela 3 – Atuação do Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Cont. fonol. subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[ʊ]	15/59	25,4	<b>0,909</b>	está[h](i)u
[ũ]	1/32	3,1	<b>0,694</b>	Con[h]unto Ceará
[ɪ]	22/281	7,8	<b>0,671</b>	cora[h]e(m)
[e]	3/91	3,3	<b>0,603</b>	su[h]e(i)to
[a]	115/600	19,2	<b>0,576</b>	igre[h]a
[i]	2/62	3,2	<b>0,569</b>	ima[h]ine
[ɛ]	4/211	1,9	0,479	pro[h]eto
[ẽ]	1/44	2,3	0,476	fe(i)[h]ão
[ẽ]	116/565	20,5	0,446	in[h]enhêro
[i]	1/228	0,4	0,119	corri[h]i(r)

Fonte: Elaborada pela autora.

Como vemos na tabela 3, apenas os fonemas [ʊ], [ũ], [ɪ], [e], [a] e [i] mostraram-se favorecedores à glotalização de /ʒ/. Destes, verificamos que metade (11) das ocorrências aspiradas diante de [ɪ] correspondem ao item lexical “ho[h]e”. Dos 115 dados glotalizados diante de [a], 100 deles correspondem ao item lexical “[h]á”. Com isso, podemos perceber que os resultados por eles apresentados estão diretamente ligados à difusão lexical dos Vocábulo Usuais mencionados.

Já os demais fonemas favorecedores à regra não estão ligados a nenhum dos Vocábulo Usuais que foram mencionados na variável Natureza do Vocábulo. No entanto, percebemos que: [ʊ] apresentou duas ocorrências de “está[h](i)u” (Inq. 106), uma de “no[h]u” (Inq. 13), uma de “ve[h]u” (Inq. 15), uma de “bo[h]u” (Inq. 44), 6 de “colé[h](i)u” (Inq. 44) e uma de “cole[h](i)uzinho” (Inq. 44). Apesar de estarmos analisando a variável Contexto Fonológico, esse resultado continua corroborando o processo de difusão lexical. Embora menos usual na amostra (34 ocorrências aspiradas e de manutenção), o item “colé/ʒ/(i)o”,

<sup>79</sup> O autor não divulgou os números para as variáveis sociais.

acontecendo com o mesmo informante, é que foi o responsável pelo resultado favorável à glotalização do contexto fonológico diante de [u].

Dos dados glotalizados diante de [e], 2 correspondem à palavra “su[h]e(i)to” (Inq. 15 e Inq. 27) e 1 a “[h]eito” (Inq. 49 – Masculino, 51 anos em diante). Nesse caso, diferente dos outros, a melhor explicação pode ser encontrada no ambiente fonético favorável, com /ʒ/ antecedendo não apenas a vogal [e], mas o contexto correspondente a [-ejtu].

As duas ocorrências aspiradas que encontramos diante de [i] foram “ima[h]ine” (Inq. 106) e “ima[h]inô” (Inq. 27). Ou seja, temos, novamente, indícios de que é o item lexical, e não o ambiente fonético diante de [i], o responsável pelo resultado favorável ao fenômeno.

Por fim, os 4 dados glotalizados diante de [ɛ] são: pro[h]eto (Inq. 42 e 46 – ambos Masculinos, 36-50 anos), “Carlo(s) [h]eraldo” (Inq. 10) e “pro[h]eção” (Inq. 27). No entanto, esse contexto não se mostrou favorável à aspiração.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), com a amostra composta apenas por fortalezenses, os resultados dessa variável ficaram diretamente ligados apenas à alta usualidade dos itens “/ʒ/á” e “/ʒ/ente”: diante de [a], o índice foi de 0.82 (31/120); e diante de [ẽ], foi de 0.71 (17/102). No estudo de Alencar (2007), também com falantes fortalezenses, a aspiração de /ʒ/ é mais frequente com as vogais /a/ e /ẽ/, e, como exemplos, a autora cita: “[h]á” e “[h]ente”.

#### d) Sexo

A outra variável extralinguística, o Sexo, foi selecionada pelo programa em quarto lugar, e seus resultados podem ser visualizados na tabela 4:

**Tabela 4 – Atuação do Sexo sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Sexo	Aplica/Total	%	P.R.
Masculino	142/1045	13,6	<b>0,594</b>
Feminino	138/1128	12,2	0,412

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos observar na tabela 4, o sexo masculino foi o único a favorecer a aspiração, com um peso relativo de 0,594. Dessa forma, temos mais um caso em que as mulheres rejeitam a variante não-padrão – no caso, a glotalização.

Para entendermos melhor esse comportamento, retomamos a citação de Bourdieu (1996) que relaciona o comportamento social das mulheres à posição que elas ocupam na divisão do trabalho e à lógica do casamento. A partir disso, procuramos saber, através da ficha do informante, a renda e a posição social ocupada pelas mulheres da amostra em análise, visto que a literatura sociolinguística associa a rejeição das mulheres a variantes desprestigiadas ao fato de a posição social delas estar menos assegurada do que a dos homens, fazendo com que elas tenham atitudes – inclusive de escolhas linguísticas – que não ameacem sua aceitação social. No entanto, a ficha dos informantes do PORCUFORT fornece, a esse respeito, apenas a profissão de cada uma e de seus cônjuges (quando o tinham), o que não nos assegura, ao certo, essa posição social que ocupavam à época das gravações.

Com essas informações, podemos fazer apenas algumas deduções<sup>80</sup> em relação à profissão e ao estado civil das informantes: as mulheres que apresentaram os maiores percentuais de aspiração – inquéritos 13 ( $49/194 = 25,3\%$ ) e 32 ( $30/191 = 15,7\%$ ) (ambos: Feminino, 51 em diante) – já estavam aposentadas e não dependiam economicamente de seus cônjuges. A participante do inquérito 13 era funcionária pública federal, e seu cônjuge também; a do inquérito 32 era professora e viúva – o marido era comerciante. A informante do inquérito 106 (Feminino, 22-35 anos) também apresentou um percentual de aspiração relativamente alto ( $8/62 = 12,9\%$ ) se comparado às demais informantes de sua faixa etária. A profissão dela era de comerciante, e ela era solteira – ou seja, ela também não dependia economicamente de um cônjuge. Portanto, esses fatos tendem a mostrar que essas três participantes tinham tanto uma posição quanto uma aceitação social asseguradas, o que refletiu nas atitudes delas em direção ao uso de uma fala menos monitorada e de uma variante não-padrão.

Por outro lado, as demais informantes inibiram ainda mais a variante aspirada. Excetuando-se a do inquérito 24 (Feminino, 51 em diante), as outras quatro eram professoras do ensino básico, sendo duas delas casadas com bancários, e as outras duas, solteiras.

<sup>80</sup> Perfil das informantes da amostra em estudo, em relação à profissão e ao estado civil: a) faixa etária de 22-35 anos: Inq. 106 ( $8/62 = 12,9\%$ ) – comerciante, solteira; Inq. 06 ( $10/206 = 4,9\%$ ) – professora de escola particular, casada com um bancário; Inq. 20 ( $7/178 = 3,9\%$ ) – professora de escola pública, solteira; b) faixa etária de 36-50 anos: Inq. 12 ( $23/224 = 10,3\%$ ) – professora de escola pública, casada com um bancário; Inq. 09 ( $6/71 = 8,5\%$ ) – professora de escola pública, solteira; c) faixa etária de 51 anos em diante: Inq. 13 ( $49/194 = 25,3\%$ ) – funcionária pública federal aposentada, casada com um funcionário público federal aposentado; Inq. 32 ( $30/191 = 15,7\%$ ) – professora aposentada, viúva de um comerciante; Inq. 24 ( $5/200 = 2,5\%$ ) – coordenadora regional do IBPC, solteira.

Historicamente, a profissão de professor é desvalorizada econômica e socialmente, ao mesmo tempo, que dela é exigido um nível superior de escolaridade, geralmente associado ao uso monitorado da fala e a uma conseqüente predominância de uma variante linguística prestigiada – nesse caso, a manutenção, e não a aspiração de /ʒ/. Provavelmente por esse motivo, unindo-se ao fato de essas informantes estarem economicamente ativas no mercado de trabalho, elas procuraram inibir a variante glotalizada.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra de informantes fortalezenses, o índice de enfraquecimento de /ʒ/ também foi maior entre os homens (0.63). Já em Salvador-BA, Pelicioli (2008) constatou que foram as mulheres que mais favoreceram a regra.

#### e) Posição na Sílabla e na Palavra

A terceira variável intralinguística, e a última selecionada pelo programa, foi a Posição na Sílabla e na Palavra, cujo resultado pode ser visualizado na tabela 5:

**Tabela 5 – Atuação da Posição na Sílabla e na Palavra sobre a glotalização de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Posição na Sílabla e na Palavra	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Ataque Interior da Palavra	166/1420	11,7	<b>0,615</b>	cora[h]e(m)
Ataque Início da Palavra (morf.)	114/753	15,1	0,292	do [h]eito

Fonte: Elaborada pela autora.

Como mostra a tabela 5, apenas a posição de Ataque em Interior de Palavra é favorável à variante glotal. Esse resultado, assim como os demais relacionados às variáveis intralinguísticas, está diretamente associado à difusão lexical dos Vocábulo Usuais que foram mostrados na tabela 1. Das 166 ocorrências aspiradas em ataque interior de palavra, 106 delas pertencem ao item lexical “a [h]ente” (= “nós”), 9 ao “se[h]a” e 11 ao “ho[h]e”; as outras 40 distribuem-se entre diferentes Nomes e Verbos da amostra.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra com informantes fortalezenses, a categorização dos dados foi diferente da nossa, pois os autores consideraram o fonema /ʒ/ do item “a /ʒ/ente” como pertencente à posição inicial da palavra – embora os próprios autores reconhecessem que ele “fique no interior de vocábulo formal e fonológico” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 55). Esse critério, associado à alta usualidade do item “/ʒ/á”, fez com que o índice da posição Início de Palavra ficasse maior, com 0.60; portanto,

favorável à aspiração. Já a posição no Interior de Palavra inibiu o fenômeno, com peso relativo de 0.40.

#### 5.1.1.1 Resumo dos resultados da variação de /ʒ/ no PORCUFORT: glotalização versus manutenção

O quadro a seguir mostra, resumidamente, o resultado da variação de /ʒ/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção, de acordo com o GoldVarb X.

**Quadro 8 – Resumo da rodada glotalização X manutenção de /ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Variável selecionada	Fator(es) favorecedor(es) a [h]
Natureza do Vocábulo	Vocábulos Usuais: “/ʒ/á”, “a /ʒ/ente” (= “nós”), “/ʒ/ente” (= “pessoa”) e “se/ʒ/a”.
Faixa Etária	51 anos em diante.
Sexo	Masculino.
Contexto Fonológico Subsequente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com influência de Vocábulos Usuais: [ɪ] (“ho/ʒ/e”) e [a] (“/ʒ/á”);</li> <li>• Com influência de vocábulos repetidos: [u], [ũ], [e], [a] e [i];</li> <li>• [e] → contexto de [-ejtu] (Ex.: “su/ʒ/e(i)to” e “/ʒ/eito”).</li> </ul>
Posição na Sílabla e na Palavra	Ataque Interior da Palavra.

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 5.1.2 Glotalização *versus* manutenção de /ʒ/: sem os Vocábulos Usuais

Nesta seção, analisaremos especificamente as rodadas entre as ocorrências de glotalização e de manutenção dos dados coletados de /ʒ/ sem os Vocábulos Usuais que estavam na variável Natureza do Vocábulo. Resolvemos fazer essa separação para verificarmos se a atuação das variáveis em análise ainda estaria relacionada intralinguisticamente à difusão lexical. A exemplo disso, temos a pesquisa de Oliveira (1997) – a respeito do apagamento de /r/ em interior de vocábulo –, na qual, dos 58 casos de cancelamento (12,08%), 35 ocorreram com a palavra “porque”; sem ela, os 23 casos restantes corresponderiam a apenas 6,08% dos dados, o que daria ao fenômeno um caráter de “fenômeno incipiente” (OLIVEIRA, 1997, p. 39). As pesquisas sobre o fenômeno da

glotalização de /ʒ/ citadas na seção anterior – utilizadas para efeito de comparação – não fizeram uma análise específica para seus dados que não envolvessem esses vocábulos usuais.

Assim, fizemos um novo arquivo de dados, no qual os Vocábulos Usuais contidos no arquivo anterior foram excluídos. Na primeira rodada que fizemos com esse novo arquivo, dispusemos de 1.328 dados (ou seja, 1.167 a menos), dos quais, 1.282 (96,5%) foram de manutenção [ʒ] e 46 (3,5%), de glotalização [h]. Ou seja, houve uma queda muito expressiva nos casos de aspiração. Mesmo assim, resolvemos continuar com a análise para verificarmos especificamente como seria a atuação das variáveis sobre o fenômeno estudado nos dados que restaram.

Nessa rodada, obtivemos alguns nocautes: Contextos Fonológicos Precedentes em [w], [h], [j], [z], [ũ], [ẽ] e pausa, contendo, respectivamente, 24 (Ex.: “sejam [ʒ]êmeos” – Inq. 50), 55 (Ex.: “sur[ʒ]ir” – Inq. 50), 22 (Ex.: “fei[ʒ]ão” – Inq. 06), 11<sup>81</sup>, 18 (Ex.: “um [ʒ]ogo” – Inq. 06), 1 (“em [ʒ]uazêro do Norte” – Inq. 24) e 36 (Ex.: “...[ʒ]ustamente” – Inq. 13), sendo todas de manutenção; Contexto Fonológico Subsequente em [ɔ], [u] e [o], contendo, respectivamente, 74 (Ex.: “e [ʒ]ornais” – Inq. 24), 120 (Ex.: “a[ʒ]udá” – Inq. 01) e 40 (Ex.: “via[ʒ]ô” – Inq. 20) ocorrências, sendo todas de manutenção; Dimensão do Vocábulo, com os monossílabos contendo 24 (Ex.: “o [ʒ]eo” – Inq. 12) ocorrências apenas de manutenção; e Natureza do Vocábulo, com os Conectivos, contendo 6<sup>82</sup> ocorrências, todas de manutenção.

Após eliminarmos esses nocautes, passamos a analisar 946 dados, dos quais, 900 (95,1%) foram de manutenção [ʒ] e 46 (4,9%), de glotalização [h], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

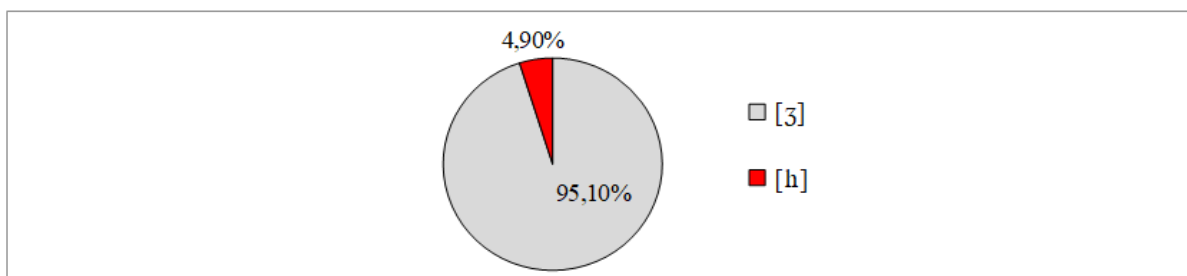
---

<sup>81</sup> São elas: “Informaçõe[ʒ]erenciais” (Inq. 46); “decisõe[ʒ]erenciais” (Inq. 4); “aliáz [ʒ]acarecanga” (Inq. 24); “doz [ʒ]ovens” (Inq. 10); “oz [ʒ]ornalista” (Inq. 10); “az [ʒ]estantes” (Inq. 13); “essez [ʒ]aponês” (Inq. 32); “oz [ʒ]ênio” (Inq. 27); “ô(u)t(r)oz [ʒ]ogos” (Inq. 20); “oz [ʒ]ogadores” (Inq. 20); e “elez [ʒ]ogavam” (Inq. 20).

<sup>82</sup> São as mesmas ocorrências já citadas na seção anterior.



**Gráfico 5 – Glotalização X Manutenção de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rodada sem os nocautes, o melhor nível de análise selecionado pelo programa foi o *step up* 26 (*input* 0,020, significância 0,009 e *log likelihood* -139,527). Esses números, em comparação aos que foram apresentados na rodada com os Vocábulo Usuais, confirmam que a probabilidade de ocorrência do fenômeno, nessa nova situação de análise, é menor. E esta rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): Contexto Fonológico Subsequente, Sexo, Faixa Etária e Dimensão do Vocábulo. Os grupos excluídos foram (nesta ordem): Tonicidade, Contexto Fonológico Precedente, Natureza do Vocábulo e Posição na Sílabla e na Palavra. Ou seja, a variável Natureza do Vocábulo, anteriormente selecionada em primeiro lugar como grupo relevante, foi agora excluída pelo GoldVarb. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante.

a) Contexto Fonológico Subsequente

A variável Contexto Fonológico Subsequente passou agora a ocupar o primeiro lugar entre as variáveis selecionadas como relevantes. Os resultados obtidos podem ser visualizados na tabela 6:

**Tabela 6 – Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT**

(continua)

Contexto fonológico subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[ʊ]	15/58	25,9	<b>0,944</b>	ve[h]ju
[i]	2/19	10,5	<b>0,816</b>	ima[h]inô
[ũ]	1/24	4,2	<b>0,760</b>	Con[h]unto Ceará
[ɪ]	11/135	8,1	<b>0,720</b>	Processo Psicoló[h]ico
[a]	6/132	4,5	<b>0,708</b>	igre[h]a
[ẽ]	1/30	3,3	<b>0,624</b>	fê(i)[h]ão
[e]	3/83	3,6	<b>0,593</b>	do [h]eito

**Tabela 6 – Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT**

(conclusão)				
Contexto fonológico subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[ɛ]	4/159	2,5	0,470	pro[h]eção
[ẽ]	2/105	1,9	0,305	abran[h]ência
[i]	1/201	0,5	0,118	corri[h]i(r)

Fonte: Elaborada pela autora.

Como vemos na tabela 6, os fonemas [ʊ], [i], [ũ], [ɪ], [a], [ẽ] e [e] se mostraram favorecedores à glotalização de /ʒ/. São os mesmos fonemas – acrescentando-se o [ẽ] – vistos na tabela 3, na rodada com os Vocábulo Usuais. Por isso, reiteramos a análise já feita nessa seção para os fonemas [ʊ], [i], [ũ], [ẽ] e [e]. Os fonemas [ɪ] e [a], entretanto, apresentaram um comportamento diferenciado.

Dos 11 dados glotalizados diante de [ɪ], 6 são de “colé[h]io” (Inq. 44 – Masculino, 51 anos em diante), um é de “exi[h]e” (Inq. 10 – Masculino, 36-50 anos), um de “aquela ima[h]e(m)” (Inq. 20 – Feminino, 22-35 anos) e um de “cora[h]e(m)” (Inq. 06 – Feminino, 22-35 anos). Ou seja, temos, mais uma vez, um caso de difusão lexical do item “colé/ʒ/(i)o”, sendo usado na forma aspirada apenas por um informante da amostra, o que contribuiu expressivamente para que o peso relativo fosse favorável à variante glotal.

Com o fonema [a], ocorreu algo semelhante, pois todas as 6 ocorrências aspiradas foram com a palavra “igre/ʒ/a(s)” – que não fora colocada entre os “vocábulo usuais”, pois só ocorreu 49 vezes na amostra –, porém apareceu em quatro informantes diferentes: duas ocorrências no inquérito 24, duas no inquérito 44, uma no inquérito 13 e uma no inquérito 15.

A palavra “igre/ʒ/a(s)” suscitou-nos ainda uma outra análise. Com ela, passamos a nos questionar se a glotalização de /ʒ/, em “igre[h]a” – assim como vimos com o Vocábulo Usual “se/ʒ/a” – já não seria um caso de avanço do processo de difusão lexical para uma mudança sonora que teria se iniciado com o Vocábulo Usual “/ʒ/á”, cujo contexto fonológico subsequente é o mesmo: [a]. No entanto, os outros 83 casos nesse ambiente fonético não foram glotalizados na amostra.

Por fim, os 2 dados glotalizados diante de [ẽ] são: “abran[h]ência” (Inq. 44) e “in[h]enhêro” (inq. 49 – Masculino, 51 anos em diante). No entanto, esse contexto não se mostrou favorável à aspiração.

## b) Sexo

A primeira variável extralinguística selecionada foi Sexo, cujos resultados podem ser visualizados na tabela 7:

**Tabela 7 – Atuação do Sexo sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT**

Sexo	Aplica/Total	%	P.R.
<b>Masculino</b>	33/512	6,4	<b>0,657</b>
<b>Feminino</b>	13/434	3,0	0,317

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 7 nos mostra que são, novamente, os homens os que favorecem o uso da variante aspirada, agora com um índice maior (0,657) do que o da rodada anterior (0,594).

Como temos um menor número de ocorrências, resolvemos verificar se algum informante estaria influenciando mais do que outros para se ter esse resultado. De fato, constatamos que, das 33 ocorrências glotalizadas pelos homens, 20 pertencem ao informante do inquérito 44.<sup>83</sup>

## c) Faixa Etária

Em terceiro lugar, o programa selecionou a outra variável extralinguística em análise, a Faixa Etária. Os resultados obtidos podem ver vistos na tabela 8:

**Tabela 8 – Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT**

Faixa Etária	Aplica/Total	%	P.R.
<b>51 anos em diante</b>	31/356	8,7	<b>0,667</b>
<b>22-35 anos</b>	9/279	3,2	0,493
<b>36-49 anos</b>	6/311	1,9	0,317

Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>83</sup> Esse informante pode ser um forte candidato ao que Labov (2001) considera como “líder da mudança linguística”. Não é objetivo deste trabalho entrar em detalhes sobre isso, mas é propício mencionar que esse indivíduo, cuja gravação ocorreu em 1995, quando ele tinha 70 anos de idade, possuía graduação nos cursos de História, Ciências Econômicas e Contabilidade, além de possuir os cursos de Economia e Mercado e de Organização e Elaboração de Currículo. Os principais assuntos tratados durante o DID foram genealogia familiar e carreira profissional. O informante era casado, sua esposa era professora e natural da Paraíba, sua mãe era doméstica, e seus pais eram naturais de Aquirás-CE. Ele trabalhou, durante a maior parte da sua vida, como professor e atuou como líder em associações de professores, da Associação Comercial de Sobral, foi secretário, conselheiro superior e criador do estatuto do Palace Clube de Sobral e vereador dessa cidade (no período em que ele morou lá). Portanto, podemos vê-lo como um indivíduo cuja história social e padrões de comportamentos contribuíram para que ele executasse papéis especiais no processo de avanço de mudanças linguísticas que pudessem se encontrar em progresso (LABOV, 2001).

A tabela 8 mostra um valor ligeiramente maior (0,667), em relação à rodada anterior (0,657), para a única Faixa Etária que se mostrou favorável à glotalização, a de 51 anos em diante.

#### d) Dimensão do Vocábulo

A quarta variável selecionada, e segunda intralinguística, foi a Dimensão do Vocábulo que, na rodada anterior, havia sido excluída pelo programa. Seus resultados podem ser vistos na tabela 9:

**Tabela 9 – Atuação da Dimensão do Vocábulo sobre a glotalização de /ʒ/ sem os Vocábulos Usuais nos dados do PORCUFORT**

<b>Dimensão do Vocábulo</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Exemplo</b>
<b>Trissílabo ou maior</b>	41/761	5,4	<b>0,561</b>	ima[h]inô
<b>Dissílabo</b>	5/185	2,7	0,267	ve[h]o

Fonte: Elaborada pela autora.

Como mostra a tabela 9, o fenômeno confirma a hipótese inicial de que quanto maior o vocábulo, maior é a probabilidade de enfraquecimento, provando o que Mollica e Mattos (1989) afirmam que há uma tendência a não realização de segmentos quando eles se encontram em cadeias vocabulares grandes.

E, a fim de deixar os nossos resultados mais claros, as outras 4 ocorrências aspiradas de dissílabos são: “do [h]eito” (Inq. 49), “fê(i)[h]ão” (Inq. 06), “su(r)[h]iu” (inq. 27) e “no[h]o” (Inq. 13).

#### 5.1.2.1 Resumo dos resultados da glotalização versus manutenção de /ʒ/: sem os Vocábulos Usuais

O quadro a seguir mostra, resumidamente, o resultado da variação de /ʒ/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção, sem os Vocábulos Usuais, de acordo com o GoldVarb X.

**Quadro 9 – Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z/, sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT**

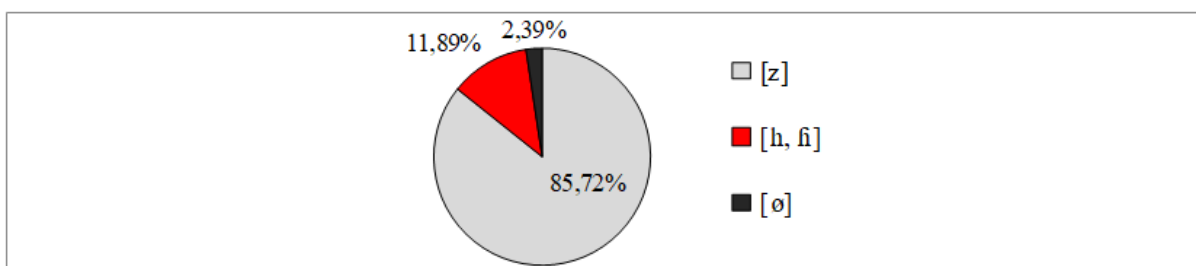
Variável selecionada	Fator(es) favorecedor(es) a [h]
Contexto Fonológico Subsequente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• [u], [i], [ũ], [ɪ], [a], [ẽ] e [e].</li> <li>• A mais: [ẽ].</li> <li>• Comportamento diferenciado: [ɪ] → 6 de “colé[h]io” (Inq. 44); [a] → 6 de “igre/z/a(s)”: avanço do processo de DL para uma mudança sonora que teria se iniciado com “/z/á”, que é também antecedido por [a].</li> </ul>
Sexo	Masculino. Obs.: Inf. 44 → possível líder da mudança linguística.
Faixa Etária	51 anos em diante.
Dimensão do Vocábulo	Trissílabo ou maior → sem influência de Vocábulo Usuais.

Fonte: Elaborado pela autora.

## 5.2 A VARIAÇÃO DE /z/ NO PORCUFORT: UMA VISÃO GERAL DOS DADOS

O arquivo que continha os dados de /z/ apresentou 5.779 dados. Destes, 4.954 (85,72%) foram de manutenção [z], 687 (11,89%) de glotalização [h, fi] e 138 (2,39%) de apagamento [ø], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 6 – Visão geral da distribuição das ocorrências de /z/ por variante nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

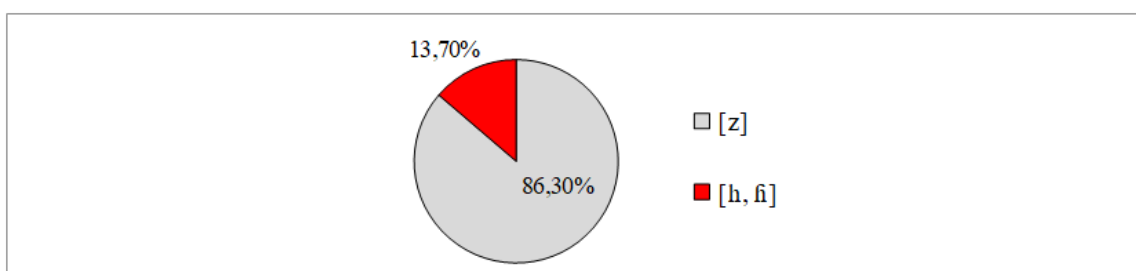
Como mostra o gráfico 6, apesar de termos um número de dados de /z/ bem superior aos de /z/ na nossa amostra, os percentuais das três variantes (/z/, /z/ e /h/) são bastante semelhantes. Nas próximas seções, mostraremos com mais detalhes o que esses percentuais de /z/ podem significar e onde acontece a sua maior atuação.

### 5.2.1 A variação de /z/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção

Nesta seção, analisaremos detidamente as rodadas entre as ocorrências de glotalização e de manutenção dos dados coletados de /z/. Nessa primeira rodada, dispusemos de 5.641 dados, dos quais, 4.935 (87,8%) foram de manutenção [z] e 686 (12,2%), de glotalização [h, ã]. No entanto, obtivemos alguns nocautes: Contextos Fonológicos Precedentes em [u], [ɔ], [õ], [ĩ], [ũ] e pausa, contendo, respectivamente, 377 (Ex.: “u[z]á” – Inq. 50), 60 (Ex.: “ido[z]us” – Inq. 50), 10<sup>84</sup>, 12<sup>85</sup>, 1 (“cun[z]inhá” – Inq. 09) e 3<sup>86</sup> ocorrências, sendo todas de manutenção; Contexto Fonológico Subsequente em [u], contendo 38 ocorrências, sendo todas de manutenção (Ex.: “sê re[z]umido” – Inq. 09); e Natureza do Vocábulo, com os Conectivos, contendo uma única ocorrência, sendo esta da manutenção (“apó[z] a morte” – Inq. 50), e o Vocábulo Usual “existe”, contendo 130 ocorrências, sendo todas de manutenção.

Após eliminarmos esses nocautes, passamos a analisar 5.017 dados, dos quais, 4.330 (86,3%) foram de manutenção [z] e 687 (13,7%), de glotalização [h, ã], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 7 – Glotalização X Manutenção de /z/: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

Para efeito de comparação, embora ressaltando que os *corpora* tenham sido formados por critérios diferentes, observamos que, no estudo de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra composta apenas por fortalezenses, foram registradas, de um total de 1.763 dados,

<sup>84</sup> São elas: “bron[z]iado” (Inq. 50); “bon[z]inho” (Inq. 24 e 27); “on[z]i” (Inq. 12, 13, 32, 32, 32); “son[z]inho” (Inq. 27); e “bron[z]i” (Inq. 06).

<sup>85</sup> São elas: “é cin[z]entado” (Inq. 09); “quin[z]i” (Inq. 01, 01, 10, 24, 49, 42, 44, 44, 44, 46); e “quin[z]ena” (Inq. 10).

<sup>86</sup> São elas: “...(e)[z]atamente” (Inq. 46); “...(e)[z]emp(l)o” (Inq. 42); e “...[z]ico” (Inq. 20).

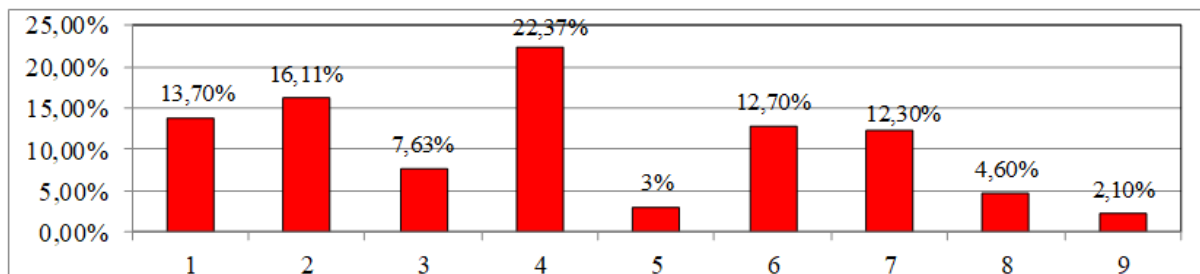
284 (16,11%) realizações aspiradas – percentual mais elevado em relação ao que encontramos em nossa amostra.

Em Salvador, no estudo de Canovas (1991), no contexto de /S/ pós-vocálico, 333 ocorrências aspiradas, correspondendo a 9,38% (333/3547); no contexto de /z/ em início de sílaba, esse percentual foi de apenas 1,48% (15/1015). Quanto à posição do /S/ em coda silábica, Pelicioli (2008), encontrou, no falar de Salvador-BA, um percentual de 10,22% (465/4.551) com a variante aspirada. Para a realização de /S/ em coda silábica, Mota e Rollemberg (1995) registraram, no Atlas Prévio dos Falares Baianos (AFPB), um índice de apenas 1,59% (9/566) para a variante aspirada. Ainda no Estado da Bahia, Santos (2012), encontrou em Helvécia (Nova Viçosa-BA), 22,37% (dos 2.400 dados coletados) de ocorrências aspiradas para o /S/ em coda silábica – o maior percentual em relação aos demais locais. Para esse mesmo contexto, Mota e Rollemberg (1995) encontraram, no Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS), um percentual de 3,37% (9/267) de realizações aspiradas.

Em Belém-PA, Carvalho (2000) registrou um índice de 3% (83/3.955) para a variante glotal. Martins (2007), sobre o comportamento do /S/ pós-vocálico, registrou os percentuais da fricativa glotal nos municípios amazonenses de Barcelos (8,9%), Tefé (12,7%), Benjamim Constant (10,24%), Manacapuru (10,3%), Itacoatiara (9%) e Parintins (12,3%).

No Rio de Janeiro-RJ, Auler (1992), sobre o /S/ pós-vocálico, encontrou 5,5% (de 1.035 dados) de realização aspirada, em 1982, e 4,6% (de 1.021 dados), em 1988. Para esse mesmo contexto, Santos (2009) registrou os percentuais da fricativa glotal nos municípios fluminenses de Paraty (2,10%: 164/7.810), Itaperuna (2,09%: 163/7.810) e Petrópolis (1,25%: 98/7.810). Alguns desses resultados podem ser vistos no gráfico 8:

**Gráfico 8 – Comparação dos percentuais da variante glotalizada de /z/ encontrados em Fortaleza (no PORCUFORT), em Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 1988), em Salvador-BA (CANOVAS, 1991), em Helvécia-BA (SANTOS, 2012), em Belém-PA (CARVALHO, 2000), em Tefé-AM (MARTINS, 2007), em Parintins (MARTINS, 2007), no Rio de Janeiro-RJ (AULER, 1992) e em Paraty (SANTOS, 2009)**



Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: 1 - Fortaleza (PORCUFORT), 2 - Fortaleza (RONCARATI; UCHOA, 1988), 3 - Salvador-BA, 4 - Helvécia-BA, 5 - Belém-PA, 6 - Tefé-AM, 7 - Parintins-AM, 8 - Rio de Janeiro-RJ, 9 - Paraty-RJ.

Na rodada que passamos a fazer sem os nocautes, o melhor nível de análise selecionado pelo programa foi o *step up 35* (*input* 0,019, significância 0,015 e *log likelihood* -1021,489). Essa rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): Contexto Fonológico Subsequente, Contexto Fonológico Precedente, Posição na Sílabla e na Palavra, Natureza do Vocábulo, Sexo, Faixa Etária e Tonicidade. O único grupo excluído foi Dimensão do Vocábulo. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante e, a fim de deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências glotalizadas em nossa amostra, com seus respectivos informantes.

#### a) Contexto Fonológico Subsequente

A primeira variável selecionada pelo programa foi uma de natureza intralinguística, o Contexto Fonológico Subsequente, cujos resultados podem ser visualizados na tabela 10:

**Tabela 10 – Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

(continua)

Contexto Fonológico Subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[l]	26/35	74,3	<b>0,979</b>	di[h]loca
[n]	148/216	68,5	<b>0,941</b>	talvei[h] não
[m]	254/550	46,2	<b>0,892</b>	dei[h] minutos



**Tabela 10 – Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

(conclusão)				
Contexto Fonológico Subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[b]	21/40	52,5	<b>0,849</b>	mai[ɦ] baixo
[ẽ]	9/266	3,4	<b>0,699</b>	fa[h]en(d)o
[a]	113/1342	8,4	<b>0,549</b>	por ca(u)[h]a
[õ]	1/37	2,7	<b>0,511</b>	rapai[h] onde
[v]	8/56	14,3	0,493	depoi[ɦ] vou
[e]	38/691	5,5	0,469	fa[h]ê
[u]	18/250	7,2	0,371	depoi[h] o
[o]	13/98	13,3	0,379	ma[h] oje
[i]	4/140	2,9	0,349	mai[h] interessante
[ũ]	8/105	7,6	0,260	fa[h] uma
[ɛ]	14/220	6,4	0,254	ma[h] eram
[ɪ]	4/327	1,2	0,237	qua[h]e
[i]	5/435	1,1	0,142	pre[h]idente
[ɔ]	1/35	2,9	0,120	temo[h] opções
[g]	1/32	3,1	0,071	mai[ɦ] grave
[ẽ]	1/142	0,7	0,045	ma[h] antiga

Fonte: Elaborada pela autora.

Como mostra a tabela 10, os Contextos Fonológicos Seguintes a /z/ que favorecem a glotalização são: [l], [n], [m], [b], [ẽ], [a] e [õ]. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), com a amostra de informantes fortalezenses, essa variável também foi selecionada em primeiro lugar pelo programa de análise estatística e em uma hierarquia bastante semelhante à que encontramos: [l] (0.84: 12/25), [n] (0.83: 67/110), [ɛ] (0.80: 10/77), [m] (0.72: 88/216) e [a] (0.57: 26/433). O estudo de Alencar (2007), também com falantes fortalezenses, observou que a aspiração tende a ocorrer mais com consoantes nasais /m/ e /n/, a lateral /l/ e a oclusiva dental /d/ – no entanto, a autora não apresentou números para esse fato. Na pesquisa de Canovas (1991), em Salvador-BA, os maiores percentuais também foram diante de [l] (48,38%: 15/31), [m] (40,65%: 130/320) e [n] (37,50%: 57/152), além de /R/ (35,71%: 5/14). Pelicioli (2008), também em Salvador, mostra uma pequena mudança nessa hierarquia: [m] (0,93), [n] (0,93), [l] (0,93), além de [b] (0,88), [g] (0,79), e [v] (0,78) também apresentando altos índices. Em Helvécia (Nova Viçosa-BA), Santos (2012) obteve essa variável em segundo lugar na seleção do programa e verificou, também, um alto índice para a [n] (0,71), [l] (0,79) e [m] (0,76, em interior de vocábulo, e 0,54, em final de vocábulo seguido de consoante). Outro resultado semelhante foi encontrado nos municípios fluminenses de Itaperuna, Petrópolis e Paraty por Santos (2009), que observou que as

consoantes com o traço [+soante]<sup>87</sup> foram as que obtiveram o maior índice, de 0,980 (no Questionário Fonético-Fonológico) e de 0,863 (no Discurso Semidirigido).

Em busca de entender melhor a atuação dessa variável em nossos dados, procuramos todos os exemplos relacionados a esses fonemas.

Diante de [l], ao contrário do que prevê o difusionismo lexical, não há aspiração apenas com Vocábulos Usuais. Dentre estes, só encontramos 8 (das 26) ocorrências com “mai[h̃]” (conjunção) e “mai[h̃]” (advérbio). Os demais dados de glotalização diante de [l] ocorrem em diferentes vocábulos que não foram muito usuais na amostra. No entanto, na pesquisa de Roncarati (1999), com a amostra de informantes fortalezenses, a autora relata que o resultado favorável para esse fonema se deve à usualidade do item “mais”.

Já diante de [n], percebemos que são os Vocábulos Usuais os responsáveis por esse favorecimento. Das 148 ocorrências aspiradas diante de [n], 82 são com o Vocábulo Usual “mai[h̃]” (conjunção) e “mai[h̃]” (advérbio), 16 são com “nói[h̃]”, 8 com “fai[h̃]” (incluídas no fator Vocábulo Usual “fa/z/er”), duas com “di[h̃]” (incluídas no fator Vocábulo Usual “di/z/er”) e duas com “poi[h̃]”. Ou seja, os Vocábulos Usuais correspondem a 74,32% das ocorrências aspiradas nesse contexto. Portanto, na nossa amostra, o resultado favorável para o fonema [n] está diretamente ligado à difusão lexical desses Vocábulos Usuais. A pesquisa de Roncarati (1999) corrobora esse resultado, mencionando que o resultado favorável desse fonema se deve à usualidade do item “mais”.

Diante de [m], verificamos novamente que esse índice favorável deve-se à difusão lexical de Vocábulos Usuais, principalmente de “me[h̃]mo”, responsável por 179 das 254 ocorrências aspiradas nesse contexto – ou seja, 70,47% dos dados glotalizados diante de [m]. Outros Vocábulos Usuais que contribuíram para esse resultado foram: “mai[h̃]” (conjunção) e “mai[h̃]” (advérbio), com 20 ocorrências; “fai[h̃]”, com 7 ocorrências (incluídas no fator Vocábulo Usual “fa/z/er”); “nói[h̃]”, com duas ocorrências; e “di[h̃]”, com uma ocorrência. Corroborando isso, Roncarati e Uchoa (1988), Alencar (2007), Canovas (1991) e Santos (2012) também afirmaram que o resultado favorável desse fonema deve-se ao item “mesmo”. Santos (2012) chega a afirmar que:

[...] A aspiração não está ligada a algum traço vocálico específico. Antes, ela, por ser um fenômeno altamente influenciado por contextos sonoros [...] sofre influência de

<sup>87</sup> De acordo com Mori (2001), possuem o traço [+sonante] as vogais, as consoantes nasais, as líquidas e os *glides*.

vogais em geral, que são, obviamente, segmentos sonoros. Nesse caso, o tipo de vogal que está sendo escolhido pelo Programa é resultado, sobretudo, da frequência das palavras mais atingidas pela aspiração.” (SANTOS, 2012, p. 174).

Diante [b], só há ocorrências aspiradas com Vocábulo Usuais. Nesse contexto, encontramos, 17 com “mai[fi]” (conjunção) e “mai[fi]” (advérbio), 3 com “poi[fi]” e uma com “fai[fi]”. Portanto, a aspiração no contexto fonológico diante de [b] ocorre, na nossa amostra, devido unicamente à difusão lexical desses Vocábulo Usuais. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), com a amostra de informantes fortalezenses, esse fonema só passou a apresentar um resultado relevante quando foi amalgamado em um grupo de oclusivas, com [g] e [d]<sup>88</sup>.

Diante de [ẽ], verificamos um comportamento semelhante, pois, das 9 ocorrências aspiradas, na amostra, 6 são com “fa[h]eno” (incluídas no fator Vocábulo Usual “fa/z/er”), presentes nos inquiridos 49 (Masculino, 51 anos em diante), 13 (Feminino, 51 anos em diante), 27 (Masculino, 22-35 anos), 12 (Feminino, 36-50 anos), 32 (Feminino, 51 anos em diante) e 44 (Masculino, 51 anos em diante); e uma ocorrência com “i[h]empo” (incluída no fator Vocábulo Usual “e/z/emplo”), presente no inquirido 13.

Diante de [a], percebemos, mais uma vez, que o contexto fonológico só foi favorável devido à presença de Vocábulo Usuais, o que configura mais um caso de difusão lexical. Das 113 ocorrências aspiradas diante de [a], dois itens lexicais se destacam: i) “coi[h]a” e “cô[h]a” (incluídas no Vocábulo Usual “coi/z/a”), com 49 dados glotalizados, ou seja, 43,36% das ocorrências aspiradas nesse contexto; ii) “mai[h]” (conjunção) e “mai[h]” (advérbio), com 30 (26,55%) dessas ocorrências. Outros Vocábulo Usuais que contribuíram para esse resultado foram: “fai[h]”, com 6 ocorrências; “pici[h]a” (incluídas no Vocábulo Usual “preci/z/ar”), com 6 ocorrências; “di[h]”, com duas ocorrências; e “nói[h]”, com uma ocorrência.

Por fim, embora não tenham se mostrado relevantes, apresentaremos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências glotalizadas em nossa amostra. Os 8 dados glotalizados diante de [v] são: “depoi[fi] vô” (Inq. 13), “nói[fi] vamo” (Inq. 42, 42 – Masculino, 36-50 anos), “mai[fi] vamo” (Inq. 27), “depoi[fi] você” (Inq. 27, 27), “mai[fi] você” (Inq. 44), “mai[fi] vou” (Inq. 06 – Feminino, 22-35 anos). As 13 ocorrências diante de [o] são: “ma[h] oje” (Inq. 12), “ma[h] ô(u) menos” (Inq. 01 – Masculino, 22-35 anos e Inq.

<sup>88</sup> No nosso trabalho, os dados cujo contexto seguinte é o fonema [d] foram reunidos no arquivo que chamamos de “coda /z 3” que será abordado na próxima seção.

27), “ma[h] ô(u) meno” (Inq. 01, 42, 27, 27, 27, 12 e 32), “mai[h] ô(u) meno” (Inq. 27 e 27) e “dei[h] ô(u) quinze” (Inq. 44). Os 4 dados aspirados diante de [ĩ] são: “mai[h] enquanto” (Inq. 32), “mai[h] interessante” (Inq. 27 e 06) e “demai[h] im relação” (Inq. 20 – Feminino, 22-35 anos). As 8 ocorrências diante de [ũ] são: “fa[h] uma” (Inq. 13, 13 e 13), “fa[h] um” (Inq. 13), “fai[h] uma” (Inq. 27), “ma[h] um” (Inq. 12), “talvei[h] uma” (Inq. 12) e “di[h] uma” (Inq. 44). Os 14 dados glotalizados diante de [ɛ] são: “mai[h] ela” (Inq. 12, 12), “ma[h] era” (Inq. 12), “ma[h] eram” (Inq. 12), “ma[h] é” (Inq. 27, 27, 12, 32), “depoi[h] é” (Inq. 27), “mai[h] é” (Inq. 50 – Masculino, 22-35 anos e Inq. 12, 12, 12), “talvei[h] é” (Inq. 06). As 4 ocorrências diante de [ɪ] são: “(às) ve[h]e(s)” (Inq. 13), “trêi[h] e eu” (Inq. 49) e “ma[h] e daí” (Inq. 44). Os 5 dados aspirados diante de [i] são: “qua[h]e” (Inq. 13), “pre[h]idente” (Inq. 44), “pri[h]idente” (Inq. 44), “mai[h] istendido” (Inq. 42), “ma[h] isso” (Inq. 12) e “mai[h] ixistia” (Inq. 12).

#### b) Contexto Fonológico Precedente

A segunda variável selecionada pelo programa foi, também, de cunho intralinguístico, o Contexto Fonológico Precedente, cujos resultados podem ser vistos na tabela 11:

**Tabela 11 – Atuação do Contexto Fonológico Precedente sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

Contexto Fonológico Precedente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[o]	40/132	30,3	<b>0,990</b>	co(i)[h]a
[a]	73/1072	6,8	<b>0,939</b>	fa[h]en(d)o
[ɛ]	1/112	0,9	<b>0,627</b>	apre[h]entá
[e]	181/689	26,3	<b>0,535</b>	me[fi]mo
[ø]	5/17	29,4	<b>0,342</b>	sê tran[fi]mitido
[j]	334/1465	22,8	<b>0,341</b>	fei[fi] na
[w]	3/49	6,1	0,289	Deu[fi] né
[i]	48/1234	3,9	0,271	i[fi]magamento
[ʊ]	2/247	0,8	0,003	nu[fi] nega

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se vê na tabela 11, os Contextos Fonológicos Precedentes que mais influenciam a glotalização de /z/ são: [o], [a], [ɛ] e [e]. No estudo de Roncarati e Uchoa (1988), com a amostra de informantes fortalezenses, essa hierarquia foi diferente, pois a vogal [e] apareceu em primeiro lugar (0,71: 76/242) e, em seguida, foi a semivogal [j] (0,52:

77/246). Na pesquisa de Santos (2012), em Helvécia-BA, há também uma hierarquia diferenciada da nossa, a saber: [j] (0,99: 3/5), [a] (0,60: 3/76), [e] (0,57: 163/384) e [o] (0,56: 1/76), além de [u] (0,78 4/74) e [ɔ] (0,72: 2/705), também apresentando altos índices. Em Petrópolis-RJ, Itaperuna-RJ e Paraty-RJ, Santos (2009) também verificou como relevantes as vogais [ɛ] (0,973), [a] (0,858), [o] (0,945) e [e] (0,707) – mas os fonemas [ɔ] (0,961), [u] (0,925), [w] (0,878) e [i] (0,671) também se mostram favorecedores à regra.

Como fizemos com a variável anterior, para entender melhor a atuação desta variável em nossos dados, procuramos todos os exemplos relacionados a esses fonemas.

O contexto antecedido por [o] só foi relevante porque comporta 39 (das 40) ocorrências do Vocábulo Usual “cô[h]a” (incluídas no fator Vocábulo Usual “coi/z/a”) Portanto, na nossa amostra, o resultado favorável para a vogal [o] deve-se à difusão lexical do Vocábulo Usual “coi/z/a”. A outra ocorrência glotalizada antecédida por [o] foi a palavra “religio[h]o” (Inq. 13).

Com a vogal [a] antecedendo, temos, mais uma vez, um caso de difusão lexical devido à influência de Vocábulos Usuais. Neste contexto, temos 45 (das 73) ocorrências com “ma[h]” (conjunção) – ou seja, 61,64% dos dados glotalizados nesse contexto; e 16 com “fa[h]”, “fa[h]ê” e “fa[h]eno” (incluídas no fator Vocábulo Usual “fa/z/er”).

No contexto antecedido pela vogal [e], verificamos um comportamento semelhante, pois, das 181 ocorrências glotalizadas, na amostra, 179 são com o Vocábulo Usual “me[h]mo” – ou seja, 98,90% dos dados aspirados nesse contexto. Essa situação se repetiu em Helvécia-BA, onde, de acordo com Santos (2012), o item “mesmo” ocorreu 154 vezes (das 163 ocorrências aspiradas antecédidas pela vogal [e]) na amostra, ou seja, sendo responsável por 94,48% dos dados glotalizados nesse contexto e por 85% de todas as ocorrências aspiradas na variável Contexto Fonológico Antecedente – que Santos (2012) chama de “contexto vocálico e semivocálico antecedente”.<sup>89</sup> As outras duas ocorrências aspiradas antecédidas por [e], na nossa amostra, são: “(às) ve[h]e” (Inq. 13) e “fe[h] aquilo” (Inq. 27).

Por fim, embora não tenham se mostrado relevantes, apresentaremos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências glotalizadas em nossa amostra. Assim, as 5 ocorrências aspiradas de [ẽ] são: “sê tran[h]mitido” (Inq. 01), “é tran[h]mitida” (Inq. 15 –

---

<sup>89</sup> É muito provável que essa situação (relevância de [e] no contexto fonológico antecedente causada pelo item “mesmo”) tenha se repetido em Petrópolis-RJ, Itaperuna-RJ e Paraty-RJ; no entanto, Santos (2009) não detalhou esse fato.

Masculino, 51 anos em diante), “tran[ɦ]mitiu” (Inq. 15), “tran[ɦ]missão” (Inq. 15) e “tran[ɦ]miti(r)” (Inq. 27). Os 3 dados glotalizados de [w] são: “Deu[ɦ] né” (Inq. 13, 13) e “meu Deu[h] eu podendo” (Inq. 13). As duas ocorrências aspiradas de [u] são: “nu[ɦ] nega” (Inq. 10 – Masculino, 36-50 anos) e “temu[h] opções” (Inq. 20).

### c) Posição na Sílabla e na Palavra

Em terceiro lugar, o programa selecionou, mais uma vez, uma variável de natureza intralinguística, a Posição na Sílabla e na Palavra, cujos resultados podem ser vistos na tabela 12:

**Tabela 12 – Atuação da Posição na Sílabla e na Palavra sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

Posição na Sílabla e na Palavra	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
<b>Coda em Fim de Palavra (morfol.)</b>	401/1527	26,3	<b>0,961</b>	cicatriz[ɦ] na
<b>Coda Interna</b>	202/469	43,1	<b>0,828</b>	espíriti[ɦ]mo
<b>Ataque</b>	84/3021	2,8	0,134	fa[h]ê

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 12 mostra-nos que a glotalização de /z/ tem como posições favoráveis para ocorrer a Coda Fim de Palavra e a Coda Interna. Alencar (2007) e Aragão (2009), a respeito do falar fortalezense, relatam que o fenômeno da aspiração ocorre em posição medial e em posição final, sendo esta seguida de vogal ou de consoante vozeada – no entanto, as autoras não revelaram em qual das duas posições o fenômeno ocorre mais. Na pesquisa de Canovas (1991), em Salvador, o contexto interno à palavra é o que tem maior relevância para a variante aspirada, com 47% (94/200) das ocorrências; em posição final seguida de consoante, esse índice caiu para 27,06% (200/739); em início de sílabla, esse percentual é ainda menor: 1,48% (15/1015). Já Pelicioli (2008), também sobre o falar de Salvador, encontrou o inverso: em final de palavra, o índice foi de 0,62, e em posição medial, foi de 0,51. No Atlas Prévio dos Falares Baianos, Mota e Rollemberg (1995) encontraram o maior percentual de aspiração em sílabla interna, com 20% (6/30) das ocorrências aspiradas; em sílabla externa, esse percentual foi bem inferior, 7,69% (1/13). Em Helvécia-BA, Santos (2012) também obteve maior ocorrência da variante glotal em final de vocábulo (32,26%: 330/1.023) do que em interior (17,06%: 181/1.061). No Atlas Linguístico de Sergipe, Mota e Rollemberg (1995) verificaram um comportamento diferente, com 25% (2/8) de frequência

para a aspiração em sílaba interna e apenas 9,5% (2/21) para a sílaba externa. No Rio de Janeiro-RJ, Auler (1992), encontrou maiores percentuais para a posição final de palavra nos dados de 1982 (7,1%: 43/602) e de 1988 (4,8%: 23/479). Já em Itaperuna-RJ, Petrópolis-RJ e Paraty-RJ, Santos (2009) verificou o contrário: o percentual maior de ocorrências aspiradas nesses três municípios ficou em contexto interno (58%: 246/425).

Ao analisarmos mais detidamente as ocorrências aspiradas que encontramos em Coda Fim de Palavra, verificamos que o seu resultado favorável se deve, em sua grande maioria, à presença do Vocábulo Usual “mai[ɦ]” (conjunção) e “mai[ɦ]” (advérbio), com 227 ocorrências – ou seja, 56,61% dos 401 dados glotalizados nessa posição. Esse fato nos confirma, mais uma vez, a influência direta do fenômeno da difusão lexical desse item. Além dele, outros Vocábulos Usuais contribuíram para o alto índice encontrado nessa posição: “fai[ɦ]”, com 30 ocorrências; “di[ɦ]”, com 7; “nói[ɦ]”, com 22; “poi[ɦ]”, com 6; Morfema de 1ª pessoa do plural “-mo[h]”, com uma; e Pronome “no[h]”, com uma.

Para efeito de comparação com outros estudos sobre esse fator, resolvemos cruzar a variável Posição na Sílaba e na Palavra com Contexto Fonológico Subsequente.

**Tabela 13 – Contexto Fonológico Subsequente x Posição na Sílaba e na Palavra sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Coda Interna		Coda em Fim de Pal. (morf.)		Ataque Interno	
[m]	198/428	46	56/122	46	0/0	
[v]	0/0		16/117	14	2/133	2
[e]	0/0		32/137	23	6/554	1
[ɛ]	0/0		1/47	2	0/95	0
[a]	0/1	0	50/298	17	63/980	6
[ɪ]	0/0		2/47	4	2/280	1
[i]	0/1	0	3/38	8	2/396	1
[ɪ]	0/0		4/53	8	0/87	0
[ɛ]	0/0		0/5	0	9/261	3
[b]	0/5	0	21/35	60	0/0	
[g]	0/20	0	1/12	8	0/0	
[ũ]	0/1	0	8/102	8	0/2	0
[e]	0/0		14/134	10	0/86	0
[n]	0/1	0	148/215	69	0/0	
[l]	4/1	80	22/30	73	0/0	
[o]	0/0		13/58	22	0/40	0
[ɔ]	0/0		1/24	4	0/11	0
[v]	0/7	0	8/49	16	0/0	
[õ]	0/0		1/4	25	0/33	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Com isso, verificamos que o maior número de ocorrências aspiradas em Coda Fim de Palavra se encontra diante das consoantes [n] (148), [m] (56), [l] (22) e [b] (21) – do total de 401 dados glotalizados nesse contexto. Quanto às vogais, verificamos que apenas [a] (50) e [e] (32) obtiveram um número considerável, embora ainda baixo se comparado ao das consoantes. Em Salvador, no estudo de Canovas (1991), ocorreu esse mesmo fato, pois o contexto final seguido de vogal obteve um baixo índice com a variante aspirada (3,73%: 12/321), e a autora atribui esse resultado à tendência, na língua portuguesa, à formação do padrão silábico CV, justificando a predominância da variante alveolar nesse contexto:

As junturas formadoras da sílaba CV na cadeia sonora da fala, isto é, [z] + vogal e [h] + vogal, além de serem resultado de uma articulação mais trabalhosa, podem levar à produção de sons que podem comprometer a compreensão. Talvez isso espelhe a intuição do falante, levando-o a um uso quase absoluto da alveolar depois de /S/ pós-vocálico em juntura (CANOVAS, 1991, p. 91).

Outra observação que fizemos sobre a Coda em Fim de Palavra foi sobre os dados que incluíram o fenômeno da ressilabação – excluído por Santos (2012). Nesse caso, das 401 ocorrências aspiradas, apenas 146 (36,4% de aspiradas) ocorrem em contextos de ressilabação. Ou seja, mesmo retirando-se esses casos, teríamos um percentual relevante (255/1527: 16,7%) para esse fator, porém menor do que em Coda Interna (43,1%), o que poderia alterar a hierarquia dos nossos fatores, mas não a relevância deles na amostra.

Em Coda Interna, verificamos um comportamento semelhante, mas agora dando ainda mais relevância à influência da difusão lexical de um Vocábulo Usual, neste caso, o item “me[ɦ]mo” que apareceu em 179 das 202 ocorrências aspiradas em Coda Interna – ou seja, em 88,61% desses dados. Essa situação também foi verificada por Santos (2012), em Helvécia-BA, onde o vocábulo “mesmo” ocorreu 154 das 181 (85,08%) ocorrências aspiradas em interior de vocábulo. Sobre esse fato, o autor afirmou que: “as palavras *mesmo* e *desde*<sup>90</sup>, ao que parece não só no *corpus* que aqui se examina, mas no PB em geral, são as responsáveis por desencadear a aspiração de <S> no interior de vocábulo.” (SANTOS, 2012, p. 175, grifos do autor). E, mais adiante, o autor completa que:

Se se levam em conta como válidos os princípios da difusão lexical, esses resultados indicariam que a aspiração em interior de vocábulo é governada por fatores diferentes dos que parecem governar a aspiração em coda externa, já que as restrições parecem ser maiores quando <S> está no interior de um vocábulo (SANTOS, 2012, p. 177).

---

<sup>90</sup> Nos nossos dados o vocábulo “desde” foi incluído no arquivo que chamamos de “coda /z 3/”.



E nos dados do Rio de Janeiro-RJ, Auler (1992) relatou que, se o item “mesmo” fosse retirado das ocorrências, a aspiração ficaria praticamente restrita à posição final de palavra.

d) Natureza do Vocábulo

Em quarto lugar, o programa selecionou mais uma variável intralinguística, a Natureza do Vocábulo, cujos resultados podem ser vistos na tabela 14:

**Tabela 14 – Atuação da Natureza do Vocábulo sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

(continua)

Natureza do Vocábulo	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Voc. “preci/z/ar”	6/70	8,6	<b>0,988</b>	p(r)ici[h]a
Pronome “no/z/”	1/8	12,5	<b>0,980</b>	nu[fi] nega
Voc. “coi/z/a”	49/393	12,5	<b>0,971</b>	co(i)[h]a
Morf. 1ª pess. plural “-mo/z/”	1/163	0,6	<b>0,781</b>	temu[h] opções
Voc. “e/z/emplo”	1/103	1,0	<b>0,723</b>	i[h]emp(l)o
Voc. “me/z/mo”	179/309	57,9	<b>0,626</b>	me[fi]mo
Voc. “poi/z/”	6/22	27,3	<b>0,603</b>	poi[fi] bem
Voc. “di/z/ê”	7/293	2,4	<b>0,518</b>	que di[fi] num tem
Voc. “ma(i)/z/”	227/636	35,7	0,496	mai[fi] local
Voc. “nói/z/”	22/52	42,3	0,428	nói[fi] mandamo(s)
Voc. “fa/z/er”	40/516	7,8	0,415	fa[h]ê
Verbos	26/420	6,2	0,381	fei[fi] na
Nomes	122/2032	6,0	0,291	i[fi]magamento

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se vê, os Vocábulo Usuais foram responsáveis pelos índices mais altos de glotalização. Destes, é interessante observar que, na nossa amostra, diferente de outras, o item “me/z/mo” não foi o único – nem o maior – responsável por esse resultado. Por isso, podemos dizer que, no falar culto dos fortalezenses, a glotalização já avançou para outros itens, como “cô[h]a” (pertencente ao fator Vocábulo Usual “coi/z/a”), cujo peso relativo foi quase categórico, de 0,971. Além dele, os Vocábulo Usuais “poi[h]” e “di[h]” (pertencente ao fator Vocábulo Usual “di/z/er”) também se mostraram favorecedores à variante glotal, com índices, respectivamente, de 0,603 e 0,518. Na pesquisa de Pelicioli (2008), essa variável foi chamada de “classes gramaticais”, cujos resultados mostraram que as Conjunções obtiveram o maior índice, de 0,80, sendo seguidas por: Numerais, com 0,77; Pronomes, com 0,71; Determinantes, com 0,64; Advérbios, com 0,63; Preposições, com 0,59; Verbos, com 0,54; e Adjetivos, com 0,53. Em Belém-PA, Carvalho (2000) denomina essa variável de “classe morfológica” e mostra que a variante glotal só apresentou um índice relevante entre os

Advérbios (0,68: 36/725). Auler (1992), sobre o falar do Rio de Janeiro-RJ, encontrou o uso da variante aspirada em seis “categorias gramaticais”<sup>91</sup>: “Mesmo” (44,0%, em 1982, e 42,9%, em 1988); Conjunção (11,6%, em 1982, e 10,5%, em 1988); Advérbio (10,2%, em 1982, e 7,0%, em 1988); Numeral (11,0%, em 1982, e 3,0%, em 1988); Verbo (1,6%, em 1982, e 0,7%, em 1988); e Adjetivo (0%, em 1982, e 2,3%, em 1988). Em Petrópolis-RJ, Itaperuna-RJ e Paraty-RJ, Santos (2009) também chamou essa variável de “Natureza do Vocábulo”, cujos resultados de produção da variante glotal (425 dados) ficaram assim distribuídos: “pois”, com 0.845; “mesmo”, com 0.726; “nós”, com 0.719; Verbos (em contexto interno), com 0.701; Adjetivos (em final de palavra), com 0.656; Advérbios (em contexto interno), com 0.617); e “mas/mas”, com 0.566.

Analisando mais detidamente a atuação desta variável em nossos dados, procuramos todos os exemplos relacionados a esses fatores. O vocábulo “pici[h]a” (pertencente ao fator Vocábulo Usual “preci/z/ar”), que apresentou o maior índice (0,988), teve sua produção na forma aspirada concentrada 5 (do total de 6) vezes com um mesmo informante, no inquérito 27 (Masculino, 22-35 anos) – e uma vez no inquérito 44 (Masculino, 51 anos em diante). Com isso, podemos perceber que a difusão lexical do item, na amostra, ficou concentrada praticamente em apenas um dos indivíduos utilizados para a pesquisa.

O Vocábulo Usual “me[h]mo” corrobora a hipótese de que quanto mais usual for uma palavra, maior será a chance de enfraquecimento<sup>92</sup>, visto que esse item obteve a maior frequência: 57,9%. Esse índice chama atenção, também, para o fato de que, no falar culto dos fortalezenses, essa palavra possui mais dados de glotalização do que de manutenção. No entanto, apesar dessa alta frequência, esse item não obteve o maior peso relativo (0,626) em nossos dados, o que nos faz concluir que, diferentemente do que aconteceu em outras pesquisas (CANOVAS, 1991; PELICLIOLI, 2008; SANTOS, 2012), o item “me/z/mo” não é o maior responsável pelo fenômeno da aspiração nos nossos dados<sup>93</sup>.

É interessante observar ainda que, já em 1937, Aguiar (1937), apontava o vocábulo “mermo” (“mesmo”) entre seus exemplos de ocorrência do “r”, que ele chamou de velar e de faucal, no lugar de “s”, no “dialeto popular” (AGUIAR, 1937, p. 297) do português do Ceará. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), esse item foi o único enfraquecido por todos os informantes das três amostras que os autores analisaram (amostra de fortalezenses –

<sup>91</sup> A autora revelou que os itens afetados pela aspiração nos dados de 1988 foram: “depois”, “dez”, “faz”, “mas”, “mais”, “mesmo”, “seis” e “três”.

<sup>92</sup> Cf. PHILLIPS, 1984; RONCARATI; UCHOA, 1988.

<sup>93</sup> Na nossa amostra, o Vocábulo Usual “mai[h]” (conjunção) e “mai[h]” (advérbio) foi responsável por 33,04% dos itens aspirados; enquanto “me[h]mo” ficou com 26,06%.

47,33%, interação médico-paciente – 91,66% e amostra de interioranos cearenses – 89,28%). Canovas (1991), sobre o falar soteropolitano, também mencionou a alta produtividade desse item lexical – mas não expôs a sua frequência. Na pesquisa de Pelicioli (2008), também sobre o falar de Salvador, o item “mesmo” foi realizado na forma aspirada em 50% das vezes em que apareceu. Por isso, o autor afirmou que: “a aspiração do /S/ em coda silábica pode ter começado com esse item lexical e depois ter sido difundido para outros, porque das 465 ocorrências aspiradas encontradas no *corpus*, 156 ou 33,55% foram de *mesmo*” (PELICIOLI, 2008, p. 3-4, grifo do autor). No estudo de Santos (2012), a aspiração na localidade de Helvécia-BA ficou praticamente concentrada no vocábulo “mesmo”, fazendo com que o autor afirmasse que:

A aspiração de um item como *mesmo* tem sido tratada em diversos trabalhos como um indicador de que a mudança aí estaria não vinculada primeiramente à unidade fonológica que varia, ao item morfo-lexical, tal como propõe a hipótese da difusão lexical da mudança sonora (SANTOS, 2012, p. 239).

E na pesquisa de Santos (2009), em municípios fluminenses, o item “mesmo” ficou com 38% (162/425) das ocorrências glotalizadas.

Para efeito de comparação com as pesquisas de Santos (2012) e de Auler (1992), resolvemos fazer uma rodada excluindo o Vocábulo Usual “me/z/mo”. E o único resultado diferente que obtivemos ao fazer isso foi que a variável Natureza do Vocábulo passou a ser selecionada em último lugar pelo programa. No entanto, a relevância dos demais fatores permaneceu igual – fato que se repetiu em Santos (2012) e Auler (1992).

O vocábulo “co(i)[h]a” (pertencente ao fator Vocábulo Usual “coi/z/a”) ocorreu de forma bastante equilibrada na nossa amostra: em 12 dos 17 informantes utilizados, sendo 7 do sexo masculino e 5 do feminino<sup>94</sup>. Portanto, podemos considerar que, de fato, esse item é um representante de destaque no fenômeno da aspiração no falar culto dos fortalezenses em comparação a outros falares que investigamos.

---

<sup>94</sup> O Vocábulo Usual “co(i)[h]a” ficou distribuído desta forma em nossos dados: 4 ocorrências no inquérito 01 (Masculino, 22-35 anos), 13 no inquérito 27 (Masculino, 22-35 anos), duas no inquérito 44 (Masculino, 51 anos em diante), 3 no inquérito 49 (Masculino, 51 anos em diante), uma no inquérito 15 (Masculino, 51 anos em diante), uma no inquérito 42 (Masculino, 36-50 anos) e uma no inquérito 10 (Masculino, 36-50 anos); 9 no inquérito 32 (Feminino, 51 anos em diante), 3 no inquérito 13 (Feminino, 51 anos em diante), 8 no inquérito 20 (Feminino, 22-35 anos), duas no inquérito 06 (Feminino, 22-35 anos) e duas no inquérito 12 (Feminino, 36-50 anos).

O Vocábulo Usual “poi[h]” apareceu em apenas 5 informantes das ocorrências aspiradas, sendo 4 do sexo feminino e 1 do masculino<sup>95</sup>, o que demonstra que, no falar culto dos fortalezenses, as mulheres estão liderando a difusão lexical desse item em sua forma glotalizada. Outra observação sobre esse vocábulo é que, como justificado na seção de Metodologia, ele foi considerado um Vocábulo Usual pelo fato de ter aparecido com bastante frequência nos dados de Santos (2009). No entanto, levando em consideração que “poi/z/” ocorreu apenas 22 vezes na nossa amostra, em 10 dos 17 informantes (sendo 5 mulheres e 5 homens), nos faz refutar a hipótese de que esse item seja, de fato, usual.

Com o item “di[h]” (pertencente ao fator Vocábulo Usual “di/z/er”) aconteceu algo semelhante, pois das suas 7 ocorrências aspiradas, 6 são com informantes do sexo feminino e apenas uma com um informante do sexo masculino<sup>96</sup>. Portanto, mais uma vez, no falar culto dos fortalezenses, são as mulheres que estão liderando a difusão lexical de um item em sua forma glotalizada – embora esse fato só tenha acontecido com 4 dos 17 informantes da nossa amostra.

A respeito do Vocábulo Usual “mai[h]” (conjunção) e “mai[h]” (advérbio), é importante lembrar que tomamos a decisão de uni-los em um único fator com a finalidade de que, dessa maneira, obtivéssemos um resultado mais relevante<sup>97</sup>. No entanto, essa medida só foi suficiente para que esse fator apresentasse um índice bastante próximo do ponto neutro (0,496). Outra consideração importante sobre esse item é que, apesar de ele ser bastante usual na nossa amostra (227/636: 35,7%), isso não foi suficiente para que seu peso relativo fosse relevante, refutando a hipótese de Phillips (1984) e Roncarati e UCHOA (1988).

No estudo de Aguiar (1937), sobre o português do Ceará, o autor cita o vocábulo “mas” em seus exemplos como uso da variante faucal “h” na “fala descuidada das pessoas cultas” (AGUIAR, 1937, p. 299). Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), nas amostras com cearenses do interior e da capital, os itens “mah” (conjunção) e “maih” (advérbio) foram produzidos por quase todos os informantes (amostra de fortalezenses – 27,96%, interação médico-paciente – 63,16% e amostra de interioranos cearenses – 50,90%).

O Vocábulo Usual “fa/z/er” também foi bastante usual na nossa amostra (com um total de 516 dados), no entanto, sua frequência na forma glotal foi baixa – apenas 7,8%. Os

<sup>95</sup> O Vocábulo Usual “poi[h]” ficou distribuído desta forma em nossos dados: duas ocorrências no inquérito 13, uma no inquérito 32, uma no inquérito 12, uma no inquérito 20 (Feminino, 22-35 anos) e uma no inquérito 44.

<sup>96</sup> O Vocábulo Usual “di[h]” ficou distribuído desta forma em nossos dados: 3 ocorrências no inquérito 13, duas no inquérito 20, uma no inquérito 12 e uma no inquérito 44.

<sup>97</sup> Separadamente, a conjunção “ma(i)/z/” apareceu 153 vezes na forma aspirada e 254 na forma alveolar, totalizando uma frequência de 37,59% de aspiração; e o advérbio “mai/z/” apareceu 74 vezes na forma aspirada e 155 na forma alveolar, totalizando 32,3% de frequência de aspiração.

exemplos “fahê” (“fazer”) e “fahia” (“fazia”) são citados por Aguiar (1937) como representantes da “linguagem da criança e do povo” (AGUIAR, 1937, p. 298) no português do Ceará. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra de fortalezenses, o verbo “fazer” foi mais usualmente enfraquecido na forma “fa[h]” (13 ocorrências em 7 informantes – 43,33%) em expressões onde esse verbo tem baixo nível informacional, por exemplo: “não fa[h] muita diferença”.

O Vocábulo Usual “e/z/istir” também foi relativamente usual, aparecendo 130 vezes na nossa amostra, sendo todas elas na forma alveolar – o que fez com ele fosse eliminado da nossa análise.

A respeito dos fatores Nomes e Verbos, cujos índices foram muito baixos (respectivamente, 0,291 e 0,381), verificamos alguns resultados interessantes. Entre os Nomes: “rapai/z/” apareceu 6 (das 11) vezes na forma aspirada; “talvei/z/” em 11 (das 24); “depoi/z/” em 14 (das 41); “vei/z/” em 8 (das 26); “demai/z/” em 4 (das 14); “trêi/z/” em 9 (das 40); “sei/z/” em 5 (das 26); “doi/z/” em 7 (das 43); e “dei/z/” em 3 (das 27). Esses itens têm em comum o contexto fonológico antecedente com a semivogal [j], a qual também está presente nos Vocábulos Usuais “ma(i)/z/”, “fai/z/”, “nó(i)/z/”, “coi/z/a” e “poi/z/”. Entre os Verbos, essa influência pôde ser vista com “fei/z/” que apareceu 5 (das 33) vezes na forma aspirada. E, embora a semivogal [j] não tenha sido considerada relevante (0,341: 334/1465), esse fato levou-nos a pensar que teríamos então um caso de avanço do processo de difusão lexical para uma mudança sonora influenciada pelos Vocábulos Usuais supracitados, cujo contexto fonológico precedente é o mesmo: [j] – corroborando o que afirmou Oliveira (1992):

Não é verdade que uma abordagem difusionista da mudança sonora deva ignorar, ou se esconder de, as “coincidências” fonéticas encontradas. Estas “coincidências” deixam de ser “coincidências” se entendermos o contexto fonético não como condicionador de inovações, mas como um respaldo local para a fixação da inovação em determinados itens lexicais (OLIVEIRA, 1992, p. 40).

Portanto, podemos concluir que, no falar culto dos fortalezenses, o processo de difusão lexical avançou para mais itens, além dos que foram encontrados em outros falares. Esse fato foi relatado, também, por Santos (2009), sobre o falar de Petrópolis-RJ, Itaperuna-RJ e Paraty-RJ, onde foi encontrada uma extensa lista de vocábulos glotalizados: “*Depois/pois, Gosto, Vez, Turismo, Deus, Simplesmente, Rasgar, Desmaio, Dois, Nós, Três, Seis e Dez.*” (SANTOS, 2009, p. 114, grifos da autora).

## e) Sexo

A quinta variável selecionada pelo programa é de natureza extralinguística, o Sexo, cujos resultados podem ser conferidos abaixo:

**Tabela 15 – Atuação do Sexo sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

Sexo	Aplica/Total	%	P.R.
Masculino	342/2566	13,3	<b>0,571</b>
Feminino	345/2451	14,1	0,426

Fonte: Elaborada pela autora.

Como mostra a tabela 15, a variante glotal é favorecida apenas pelo sexo masculino, embora esse índice (0,571) esteja próximo do ponto neutro. Portanto, temos novamente um caso em que as mulheres inibem a variante não-padrão – no caso, a glotalização.

Para entendermos melhor esse comportamento, realizamos o mesmo procedimento que fizemos com os dados de /ʒ/ e procuramos saber a renda e a posição social ocupada pelas informantes da amostra em análise. Com as informações de que dispomos na ficha dos informantes, verificamos resultados semelhantes aos que encontramos com os dados de /ʒ/: as informantes<sup>98</sup> que apresentaram os maiores percentuais de aspiração – inquéritos 32 (75/378 = 19,8%) e 13 (67/392 = 17,1%) (ambos: Feminino, 51 em diante) – já estavam aposentadas e não dependiam economicamente de seus cônjuges. Esse fato tende a mostrar que elas tinham tanto uma posição quanto uma aceitação social asseguradas, o que refletiu nas atitudes delas em direção ao uso de uma fala menos monitorada e de uma variante não-padrão.

Por outro lado, diferentemente do que encontramos nos dados de /ʒ/, está o alto percentual de aspiração em /z/ apresentado pela informante do inquérito 12 (Feminino, 36-50 anos), 18,7% (94/504), cuja profissão era professora de escola pública, e seu cônjuge era bancário. Levando em consideração que a renda e o *status* da profissão (na década de 1990)

<sup>98</sup> Perfil das informantes da amostra em estudo: a) faixa etária de 22-35 anos: Inq. 06 (35/308 = 11,4%) – professora de escola particular, casada com um bancário; Inq. 20 (46/402 = 11,4%) – professora de escola pública, solteira; Inq. 106 (4/181 = 2,2%) – comerciante, solteira; b) faixa etária de 36-50 anos: Inq. 12 (94/504 = 18,7%) – professora de escola pública, casada com um bancário; Inq. 09 (5/119 = 4,2%) – professora de escola pública, solteira; c) faixa etária de 51 anos em diante: Inq. 32 (75/378 = 19,8%) – professora aposentada, viúva de um comerciante; Inq. 13 (67/392 = 17,1%) – funcionária pública federal aposentada, casada com um funcionário público federal aposentado; Inq. 24 (16/385 = 4,2%) – coordenadora regional do IBPC, solteira.

dessa informante são desvalorizados socialmente, podemos entender que a aspiração de /z/ encontra-se num estágio de aceitação social mais avançado do que a de /ʒ/.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), na amostra de informantes fortalezenses, o índice de enfraquecimento de /z/ também foi maior entre os homens (0,55). Na pesquisa de Pelicioli (2008), para o /S/ em coda silábica no falar de Salvador, também é o sexo masculino que favorece a aspiração (0,54). Em Helvécia-BA, Santos (2012) constatou que também são os homens que favorecem a variante glotal, com um índice de 0,70 (191/334) – número bem mais elevado do que o que foi encontrado entre as mulheres (0,33: 139/412). Em Belém-PA, Carvalho (2000) verificou o mesmo: são os homens que favorecem a variante aspirada (0,60: 59/1545). Em Benjamim Constant-AM e em Manacapuru-AM, Martins (2007) verificou que são os homens os que favorecem esse uso. Já em Barcelos-AM, Itacoatiara-AM e Tefé-AM, a autora constatou que a variante glotal tende a ser mais utilizada pelas mulheres. E em Parintins-AM, Martins (2007) verificou que há um uso equilibrado dessa variante entre ambos os sexos. Na pesquisa de Santos (2009), em municípios fluminenses, também houve um maior uso da variante glotal entre os homens que obtiveram índices que chegaram até a 0,818.

Portanto, podemos afirmar que a glotalização de /z/ no PB é uma marca predominantemente masculina – com exceção de Helvécia-BA e dos municípios fluminenses analisados por Santos (2009).

#### f) Faixa Etária

Em sexto lugar, foi selecionada outra variável de cunho extralinguístico, a Faixa Etária, cujos resultados podem ser vistos abaixo:

**Tabela 16 – Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>51 anos em diante</b>	272/1846	14,7	<b>0,578</b>
<b>22-35 anos</b>	259/1729	15,0	0,468
<b>36-49 anos</b>	156/1442	10,8	0,438

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se vê na tabela 16, a variante glotal só é favorecida pela faixa etária mais avançada, com um índice de 0,578. As demais faixas inibiram esse uso. A explicação que encontramos para esse resultado é a mesma que já apresentamos na análise dos dados de /ʒ/,

ou seja, embora tradicionalmente a TVM mostre que, quando uma variante apresenta maior uso pela faixa etária mais avançada em uma comunidade de fala, esse fato indique indícios de uma mudança em progresso, no falar culto dos fortalezenses, a glotalização de /z/ não pode ser vista desta forma. Pode, sim, ser entendida pelo viés de que essas pessoas com idade mais avançada, por já estarem fora do mercado de trabalho e, de certa forma, mais isentos de avaliação social, tendendo a monitorar menos o seu discurso e a deixá-lo mais informal, fazem maior uso da variante glotalizada – a qual não atende ao padrão da norma.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), encontramos o inverso: a aspiração de /z/ entre os fortalezenses seria favorecida apenas pelas crianças (0,76) e pelos adultos (0,76). Em Salvador-BA, Canovas (1991) constatou que são os falantes da faixa etária mais avançada os que apresentaram a maior frequência de produção da variante aspirada (10,70%: 139/1.299). No entanto, a autora afirmou que “a aspiração é um fenômeno que vem se instalando em todas as idades, com pouca diferenciação percentual.” (CANOVAS, 1991, p. 109). Já Pelicioli (2008), também a respeito da capital baiana, constatou que os de faixa etária mais jovem é que realizam mais a aspiração, com índice de 0,56. Em Helvécia-BA, Santos (2012) verificou que, em interior de palavra, quanto menor a faixa etária, maior foi o percentual de aspiração, com a faixa etária de idade menor a única a apresentar um peso relativo relevante, de 0,73 (96/394). Esse fato fez com que o autor concluísse que: “a aspiração em coda interna em Helvécia é um fenômeno de implementação recente, liderado pelas gerações mais novas” (SANTOS, 2012, p. 239). Já em final de vocábulo seguido de consoante, esse resultado se inverte: quanto maior a faixa etária, maior foi o índice da variante glotal – a faixa etária entre 70 e 103 anos apresentou um índice de 0,72 (125/219); a faixa entre 44 e 60 anos, um índice de 0,54 (121/266), e a faixa entre 28 e 38 anos, 0,27 (84/261).

Em Belém-PA, Carvalho (2000) verificou que são os dois extremos de faixas etárias (a mais velha e a mais jovem) que favorecem o uso da variante glotal, com índices de, respectivamente 0,64 (50/1256) e 0,57 (27/1367). Em Barcelos-AM e em Parintins-AM, Martins (2007) constatou, também, que a faixa etária mais avançada é a que é relevante para a aspiração. Já em Benjamin Constant-AM, Itacoatiara-AM, Manacapuru-AM e Tefé-AM, a autora verificou o inverso: são os mais jovens os que favorecem esse uso. Em Petrópolis-RJ, Itaperuna-RJ e Paraty-RJ, Santos (2009) verificou que a faixa etária mais avançada foi a que mais obteve índices relevantes para a variante glotal. No entanto, houve um resultado expressivo dessa variante na faixa etária mais jovem, nos dados de contexto externo do Questionário Fonético-Fonológico – além de resultados favorecedores na faixa etária intermediária nos contextos interno e externo, nos dados do Discurso Semidirigido.



Portanto, em relação à Faixa Etária, a variante glotal está presente, predominantemente, nos dois extremos dos intervalos de idades (mais velhos e mais jovens); enquanto que a faixa etária intermediária atuou de forma inibidora, o que nos faz concluir que essa atitude é um reflexo da atuação, de forma mais preponderante, dos indivíduos dessa idade no mercado de trabalho, fazendo com que sofram maior avaliação social, tendendo a monitorar mais o seu discurso e a deixá-lo mais formal.

g) Tonicidade

A última variável selecionada pelo programa foi a Tonicidade, cujos resultados podem ser visualizados na tabela 17:

**Tabela 17 – Atuação da Tonicidade sobre a glotalização de /z/ nos dados do PORCUFORT**

<b>Tonicidade</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Exemplo</b>
<b>Pretônica</b>	23/504	4,6	<b>0,704</b>	di[fɨ]loca
<b>Tônica</b>	597/3089	19,3	0,509	me[fɨ]mo
<b>Postônica</b>	67/1424	4,7	0,405	co(i)[h]a

Fonte: Elaborada pela autora.

Como pode ser visto na tabela 17, apenas as Pretônicas apresentam um resultado favorável (0,704) à variante glotal, refutando nossa hipótese inicial de seriam as Postônicas, já que, em geral, elas ocupam uma posição de menor “força”, tendendo ao enfraquecimento. As Tônicas, por sua vez, demonstram um comportamento praticamente neutro (0,509). Em Salvador, Canovas (1991) encontrou, para o contexto pós-vocálico, um índice maior entre as sílabas tônicas (15,93%: 215/1.349) do que entre as átonas (5,55%: 122/2.198); para o ataque silábico, a frequência foi maior entre as átonas (2,18%: 12/548) do que entre as tônicas (0,64%: 3/467). Em Belém-PA, Carvalho (2000) apontou também que a variante glotal apresentou o maior índice na sílaba Tônica (0,71: 74/2.036). Em Petrópolis-RJ, Itaperuna-RJ e Paraty-RJ, Santos (2009) constatou que, em contexto interno, as Pretônicas são relevantes (0,597) e, em contexto externo, são as Tônicas (0,554).

Para efeito de comparação com outros estudos que analisaram essa variável para o /S/ pós-vocálico (CANOVAS, 1991; CARVALHO, 2000; SANTOS, 2009), fizemos uma nova rodada sem as ocorrências de /z/ em Ataque silábico e verificamos que as Pretônicas continuam liderando o resultado, com peso relativo de 0,902 (19/72). Entretanto, além delas, as Tônicas também se mostraram favoráveis à variante glotal, com índice de 0,709

(583/1.663). E quando fizemos uma rodada apenas com as ocorrências de Ataque, esse resultado se repetiu: com as Pretônicas apresentando o maior índice (0,858: 17/336) e com as Tônicas também se mostrando relevantes (0,615: 241/1.284).

Analisando mais detidamente cada fator, verificamos que a difusão lexical dos Vocábulos Usuais da nossa amostra não está interferindo no resultado dessa variável, uma vez que nenhum deles pertence ao grupo das Pretônicas.

#### 5.2.1.1 Resumo dos resultados da variação de /z/ no PORCUFORT: glotalização versus manutenção

O quadro a seguir mostra, resumidamente, o resultado da variação de /z/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção, de acordo com o GoldVarb X.

**Quadro 10 – Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z/ nos dados do PORCUFORT**

Variável selecionada	Fator(es) favorecedor(es) a [h, fi]
Contexto Fonológico Subsequente	<ul style="list-style-type: none"> <li>[l], [n], [m], [b], [ẽ], [a] e [õ].</li> <li>Com influência de Vocábulos Usuais: [n] → “mai[fi]” (conjunção) e “mai[fi]” (advérbio); [m] → “me[fi]mo”; [b] → “mai[fi]” (conjunção) e “mai[fi]” (advérbio); [ẽ] → “fa[h]eno”; [a] → “co(i)[h]a” e “mai[fi]” (conjunção) e “mai[fi]” (advérbio);</li> <li>Sem influência de Vocábulos Usuais: [l].</li> </ul>
Contexto Fonológico Precedente	<p>Todos com influência de Vocábulos Usuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>[o] → “cô[h]a”; [a] → “ma[fi]” (conjunção); [ε] → “apré[h]entar”; [e] → “me[fi]mo”.</li> </ul>
Posição na Sílabas e na Palavra	<p>Todas com influência de Vocábulos Usuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Coda em Fim de Palavra → “mai[fi]” (conjunção) e “mai[fi]” (advérbio);</li> <li>Coda interna à palavra → “me[fi]mo”.</li> </ul>
Natureza do Vocábulo	<p>Vocábulos Usuais: “preci/z/ar”, “co(i)/z/a”, “me/z/mo”, “poi/z/” e “di/z/”;</p> <p>Obs.: “poi[h]” e “di[h]” → DL liderada pelas mulheres.</p>
Sexo	Masculino.
Faixa Etária	51 anos em diante.
Tonicidade	Pretônicas → sem influência de Vocábulos Usuais.

Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.2.2 Glotalização *versus* manutenção de /z/: sem os Vocábulo Usuais e sem o Morfema de Primeira Pessoa do Plural “-mos”

Seguindo o mesmo raciocínio que tivemos com os dados de /ʒ/, nesta seção, analisaremos especificamente as rodadas entre as ocorrências de glotalização e de manutenção dos dados coletados de /z/ sem os seguintes fatores que pertenciam à variável Natureza do Vocábulo: Vocábulo Usuais, Morfema de Primeira Pessoa do Plural “-mos” e Pronomes – já que ela só obteve ocorrência de um tipo de pronome, “nos”. As pesquisas sobre o fenômeno da glotalização de /z/ citadas na seção anterior – utilizadas para efeito de comparação – não fizeram uma análise específica para seus dados que não envolvessem esses vocábulos específicos<sup>99</sup>.

Assim, fizemos um novo arquivo de dados, no qual esses fatores supracitados, contidos no arquivo anterior, foram excluídos. Nessa primeira rodada, dispusemos de 2.938 dados (ou seja, 2.703 a menos), dos quais, 2.790 (95,0%) foram de manutenção [z] e 148 (5,0%), de glotalização [h, fi]. Ou seja, verificamos, mais uma vez, uma queda muito expressiva nos casos de aspiração. Mesmo assim, resolvemos continuar com a análise para verificarmos especificamente como seria a atuação das variáveis das ocorrências que restaram.

Nessa rodada, obtivemos alguns nocautes: Contextos Fonológicos Precedentes em [u], [ɔ], [õ], [ĩ], [ũ], [u] e Pausa, contendo, respectivamente, 377, 60, 10, 12, 1, 75 (Ex.: “menu[z] assim” – Inq. 46) e 2<sup>100</sup> ocorrências, sendo todas de manutenção<sup>101</sup>; Contexto Fonológico Subsequente em [u], [ẽ], [b] e [g], contendo, respectivamente, 34 (Ex.: “ra[z]uável” – Inq. 01), 134 (Ex.: “le[z]ão” – Inq. 50), 11<sup>102</sup> e 25 (Ex.: “re[z]gatá” – Inq. 13) ocorrências, sendo todas de manutenção; e Natureza do Vocábulo, com os Conectivos, contendo uma única ocorrência, sendo esta da manutenção (“apói[z] a morte” – Inq. 50).

<sup>99</sup> Auler (1992) apenas relatou que, sem as ocorrências de “mesmo”, os percentuais de aspiração no Rio de Janeiro-RJ tiveram uma queda de 6,4% para 3,9%, em 1982, e de 4,3% para 2,4%, em 1988; no entanto, ela não deu prosseguimento a uma análise específica sem as ocorrências desse item. Santos (2012), por sua vez, informou, durante a análise de seus resultados, que fizera uma rodada sem o item “mesmo” e que ele fazia uma grande diferença para os dados de aspiração (embora os pesos relativos e as variáveis selecionadas não se modificassem muito), mas o autor não detalhou essa rodada na sua tese.

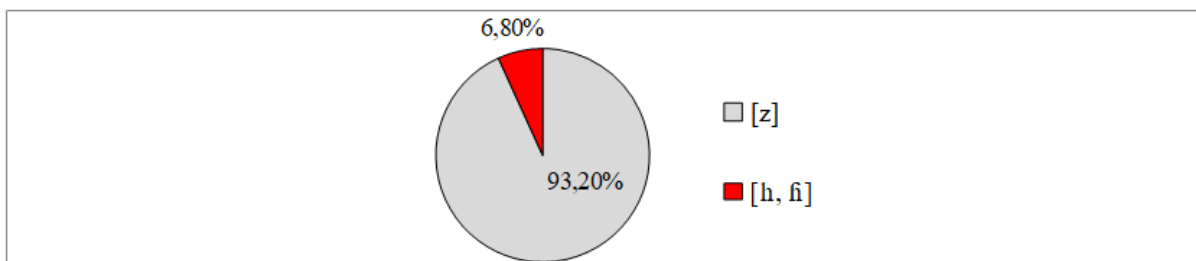
<sup>100</sup> São elas: “...(e)[z]atamente” (Inq. 46); e “...[z]ico” (Inq. 20).

<sup>101</sup> Ou seja, apenas a pausa teve uma ocorrência a menos em relação aos outros Contextos Fonológicos Precedentes que tiveram nocaute nessa rodada. Os exemplos dos demais fonemas são os mesmos da seção anterior.

<sup>102</sup> São elas: “sei[z] banana” (Inq. 09); “doi[z] bairros” (Inq. 24); “Tran[z]brasil” (Inq. 106, 106, 106, 106); “portuguêi[z] Beton” (Inq. 49); “i[z]barrá” (Inq. 15); “trêi[z] botõezinhos” (Inq. 27); “trêi[z] botões” (Inq. 27); e “menu[z] bachareliesco” (Inq. 10).

Após eliminarmos esses nocautes, passamos a analisar 2.188 dados, dos quais, 2.040 (93,2%) foram de manutenção [z] e 148 (6,8%), de glotalização [h, fi], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 9 – Glotalização X Manutenção de /z/ sem os vocábulos específicos: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rodada, o melhor nível de análise selecionado pelo programa foi o *step up* 29 (*input* 0,016, significância 0,000 e *log likelihood* -314,217). Esses números, em comparação aos que foram apresentados na rodada com os vocábulos que foram eliminados, confirmam que a probabilidade de ocorrência do fenômeno, nessa nova situação de análise, é menor.<sup>103</sup> E esta rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): Contexto Fonológico Subsequente, Posição na Sílabla e na Palavra, Faixa Etária, Dimensão do Vocábulo e Tonicidade. Os grupos excluídos foram (nesta ordem): Sexo, Natureza do Vocábulo e Contexto Fonológico Precedente. Ou seja, uma variável extralinguística, selecionada como relevante na rodada anterior, foi, agora, excluída, significando que tanto homens quanto mulheres inibiram a regra. Além disso, os demais condicionamentos que foram eliminadas nesta rodada também tinham sido selecionadas antes. Já a variável Dimensão do Vocábulo, anteriormente excluída como grupo relevante, foi agora selecionada pelo GoldVarb. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante.

#### a) Contexto Fonológico Subsequente

Novamente o programa selecionou em primeiro lugar a variável intralinguística Contexto Fonológico Subsequente. Na tabela 18, podemos perceber que houve pouca diferença em relação ao apresentado na rodada anterior:

<sup>103</sup> Santos (2012), quando retirou os dados de “mesmo” da rodada, verificou que a aspiração em Helvécia-BA ocorreu em apenas 27 casos, o que passava a representar 3% do total, e a significância da rodada aumentou para 0,040. “Ou seja: sem o item *mesmo* o fenômeno reduz-se muito, perdendo significância estatística.” (SANTOS, 2012, p. 239, grifo do autor).

**Tabela 18 – Atuação Contexto Fonológico Subsequente sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos, nos dados do PORCUFORT**

Contexto Fonológico Subsequente	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[l]	16/18	88,9	<b>0,990</b>	di[h]ligá
[n]	37/66	56,1	<b>0,915</b>	rapai[h] novo
[m]	45/182	24,7	<b>0,880</b>	infili[h]mente
[e]	9/87	10,3	<b>0,674</b>	uma vei[h] eu
[u]	6/150	4,0	<b>0,639</b>	religio[h]u
[õ]	1/36	2,8	<b>0,613</b>	rapai[h] onde
[ẽ]	2/70	2,9	<b>0,599</b>	tra[h]en(d)o
[a]	19/666	2,9	<b>0,534</b>	por ca(u)[h]a
[v]	3/25	12,0	0,449	depoi[h] vou
[ɾ]	3/289	1,0	0,318	qua[h]e
[ĩ]	1/98	1,0	0,283	demai[h] im relação
[ɛ]	2/114	1,8	0,258	depoi[h] é
[o]	1/59	1,7	0,229	de(i)[h] ô quinze
[ũ]	1/33	3,0	0,205	talvei[h] uma
[i]	2/295	0,7	0,246	pre[h]idente

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos ver na tabela 18, em comparação à tabela 10, os três fonemas com maiores pesos relativos continuam os mesmos: [l], [n] e [m]. Além deles, continuaram favorecedores à variante glotal: [õ], [ẽ] e [a]. Os fonemas [e] e [u], entretanto, tiveram um comportamento diferenciado e passaram a ser relevantes para o fenômeno.

Diante de [l], temos a presença de diferentes vocábulos que não foram muito usuais na amostra. Com essa situação, podemos dizer que esse contexto é um ambiente fonético favorável à variante glotal, cujo peso relativo e frequência foram quase categóricos.

Diante de [n], poderíamos dizer que temos a mesma situação de [l], se não tivéssemos observado a presença de vocábulos que foram entendidos, na rodada anterior, como consequência de um possível avanço do processo de difusão lexical para uma mudança sonora influenciada pelos Vocábulos Usuais “ma(i)/z”, “fai/z”, “nó(i)/z”, “coi/z/a” e “poi/z”, cujo contexto fonológico precedente é o mesmo: [j]. Glotalizaram diante de [n], os vocábulos: “talvei[h]”, com 5 ocorrências; “depoi[h]”, com 3 ocorrências; “doi[h]”, “trêi[h]” e “vei[h]”, com duas ocorrências cada; e “fei[h]”, “rapai[h]”, “demai[h]” e “mêi[h]”, com uma ocorrência cada. No total, esses vocábulos representam 48,65% dos casos de glotalização nesse contexto. As demais ocorrências são com diferentes vocábulos que não foram muito usuais na amostra.

Diante de [m], temos a mesma situação de [n], e os vocábulos antecidos pela semivogal [j] que glotalizaram nesse contexto foram: “doi[h]”, “trêi[h]” e sei[h]”, com 5 ocorrências cada; “vei[h]”, com 4 ocorrências; “rapai[h]”, “depoi[h]”, “dei[h]” e “fei[h]”, com duas ocorrências cada; e “eficai[h]”, com uma ocorrência. Totalizando, esses vocábulos representam 62,22% dos dados de aspiração nesse contexto. E as demais ocorrências são com diferentes vocábulos que não foram muito usuais na amostra.

A respeito dos contextos de [n] e [m], temos ainda uma outra observação importante, uma vez que eles foram igualmente relevantes na rodada em que estavam presentes os vocábulos específicos agora eliminados. Foi Santos (2012) quem ressaltou que:

Em função de as consoantes seguintes a <S> nesses vocábulos serem propícias à articulação aspirada, isso revelaria uma conjunção de três fatores que servem para disparar a alteração fônica em jogo, nos termos de Oliveira (1991; 1992; 1997), Chen e Wang (1975) e Phillips (1984): a frequência dos itens, o fato de eles serem itens comuns, compartilhados por falantes de qualquer nível sociocultural e o fato de apresentarem um ambiente fônico propício à alteração em destaque (SANTOS, 2012, p. 175).

Diante de [e], também temos a presença desses vocábulos antecidos pela semivogal [j] que glotalizaram nesse contexto: “depoi[h]”, com 3 ocorrências; e “talvei[h]”, “rapai[h]” e “vei[h]”, com uma ocorrência cada – representando, juntos, 66,67% dos dados aspirados diante de [e]. As outras 3 ocorrências glotalizadas nesse contexto são: “meu Deu[h] eu podendo” (Inq. 13) e “tra[h]ê” (Inq. 32, 32).

Diante de [a], também encontramos 7 casos com esses vocábulos antecidos pela semivogal [j] que glotalizaram nesse contexto: “talvei[h]”, com 3 ocorrências; “demai[h]”, com duas ocorrências; e “dezessei[h]” e “depoi[h]”, com uma ocorrência cada – totalizando 36,84% dos dados aspirados diante de [a]. Outra situação interessante nesse contexto, foi a alta ocorrência da expressão “por ca(u)[h]a” que apareceu 6 vezes, representando 31,58% dos dados glotalizados diante de [a]. Embora essa expressão não tenha sido muito usual na amostra – foram encontradas apenas 17 ocorrências – podemos considerá-la como um caso de difusão lexical.

Diante de [u], temos a presença de diferentes vocábulos que não foram muito usuais na amostra. Com essa situação, podemos dizer que esse contexto passou a ser – após a retirada dos vocábulos usuais – um ambiente fonético favorável à variante glotal. Os 6 dados aspirados diante de [u] são: “religio[h]o” (Inq. 13), “no ca[h]o” (Inq. 27), “depoi[h] o” (Inq. 13), “fei[h] o” (Inq. 20) e “fi[h] o” (Inq. 27, 27).

Por fim, para deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências em nossa amostra. As duas ocorrências aspiradas diante de [ẽ] são: “tra[h]en(d)o” (Inq. 32) e “apre[h]entá” (Inq. 44). Os 3 dados glotalizados diante de [v] são: “depoi[fi] vou” (Inq. 13) e “depoi[fi] você” (Inq. 27, 27, 27). As 3 ocorrências diante de [i] são: “qua[h]e” (Inq. 13), “(às) ve[h]e(s)” (Inq. 13) e “trêi[h] e eu” (Inq. 106). Os 2 dados aspirados diante de [ε] são: “depoi[h] é” (Inq. 27) e “talvei[h] é” (Inq. 06). As duas ocorrências diante de [i] são: “pre[h]idente” (Inq. 44) e “pri[h]idente” (Inq. 44).

#### b) Posição na Sílabla e na Palavra

A segunda variável selecionada pelo programa foi também de natureza intralinguística e já tinha sido selecionada na rodada anterior. Na tabela 19, podemos ver se há alguma diferença entre as duas situações.

**Tabela 19 – Atuação da Posição na Sílabla e na Palavra sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

Posição na Sílabla e na Palavra	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
<b>Coda em Fim de Palavra (morfol.)</b>	107/406	26,4	<b>0,869</b>	cicatri[fi] não
<b>Coda Interna</b>	23/135	17,0	<b>0,640</b>	i[fi]magamento
<b>Ataque</b>	18/1647	1,1	0,375	tra[h]ê

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos ver nas tabelas 19 e 12, as posições de Coda em Fim de Palavra e de Coda Interna continuam sendo favoráveis à variante glotal, com a diferença de terem apresentado índices menores. E a posição de Ataque continua inibindo o fenômeno.

Ao analisarmos mais detidamente as ocorrências aspiradas que encontramos em Coda Fim de Palavra, verificamos que o seu resultado favorável se deve, em sua grande maioria, à presença dos vocábulos antecidos pela semivogal [j] que glotalizaram nessa Posição e já foram mencionados na rodada anterior (na análise da variável Natureza do Vocábulo). Eles, juntos, totalizaram 61,68% (66/107) dos dados glotalizados em Coda Fim de Palavra. Essa situação faz com que essa Posição seja analisada pelo viés de um possível avanço do processo de difusão lexical para uma mudança sonora influenciada pelos Vocábulos Usuais (excluídos desta rodada) mencionados.

Outra observação que fizemos sobre a Coda em Fim de Palavra foi sobre os dados que incluíram o fenômeno da ressilabação – excluído por Santos (2012). Nesse caso, das 107

ocorrências aspiradas, apenas 29 (27,1% de aspiradas) ocorrem em contextos de ressilabação. Ou seja, mesmo retirando-se esses casos, teríamos um percentual relevante (78/406: 19,2%) para esse fator, e ainda mais elevado do que o de Coda Interna (17,0%).

Em Coda Interna, a aspiração foi dominada pelos contextos fonológicos diante de [m] (19/23) e de [l] (4/23). Portanto, para entender o comportamento dessa Posição, é necessário voltar para o que foi explicado na variável Contexto Fonológico Subsequente sobre esses dois fonemas.

#### c) Faixa Etária

A terceira variável selecionada foi a única de natureza extralinguística considerada relevante pelo programa nesta rodada: a Faixa Etária. Na tabela 20, podemos ver se há alguma diferença em relação ao resultado visto na rodada anterior:

**Tabela 20 – Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

Faixa Etária	Aplica/Total	%	P.R.
<b>51 anos em diante</b>	69/821	8,4	<b>0,630</b>
<b>22-35 anos</b>	46/714	6,4	0,452
<b>36-49 anos</b>	33/653	5,1	0,388

Fonte: Elaborada pela autora.

Como pode ser visto nas tabelas 20 e 16, o resultado é o mesmo, com apenas a faixa etária mais avançada sendo favorável à aspiração de /z/. Por isso, a explicação para essa situação é a mesma que foi colocada para a rodada anterior.

#### d) Dimensão do Vocábulo

A quarta variável selecionada é de cunho intralinguístico e tinha sido excluída da rodada anterior: a Dimensão do Vocábulo. Os resultados podem ser visualizados na tabela 21:

**Tabela 21 – Atuação da Dimensão do Vocábulo sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

Dimensão do Vocábulo	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
<b>Dissílabo</b>	57/725	7,9	<b>0,713</b>	no ca[h]o
<b>Monossílabo</b>	52/222	23,4	0,494	fi[fi] mais
<b>Trissílabo ou maior</b>	39/1241	3,1	0,371	apre[h]entá

Fonte: Elaborada pela autora.



Como se vê na tabela 21, apenas os Dissílabos apresentaram um índice favorável à realização aspirada (0,713), refutando a nossa hipótese inicial de quanto maior o tamanho do vocábulo, maior seria a probabilidade de glotalização. Os Monossílabos apresentaram um comportamento muito próximo da neutralidade (0,494), e os Trissílabos ou maiores inibiram o fenômeno com um índice de 0,371.

#### e) Tonicidade

A última variável selecionada pelo programa é, também, de natureza intralinguística, a Tonicidade, cujos resultados podem ser observados na tabela 22. Na rodada anterior, essa variável também foi selecionada em último lugar.

**Tabela 22 – Atuação da tonicidade sobre a glotalização de /z/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

Tonicidade	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
<b>Pretônica</b>	23/445	5,2	<b>0,786</b>	i[h]magamento
<b>Tônica</b>	114/1012	11,3	0,461	tra[h]ê
<b>Postônica</b>	11/731	1,5	0,360	(às) ve[h]e(s)

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos ser visto nas tabelas 22 e 17, novamente apenas as Pretônicas se mostraram relevantes para a glotalização, com um índice de 0,786. As tônicas e as Postônicas atuaram como inibidoras do processo.

Por fim, as outras 10 ocorrências aspiradas de postônicas são: “por ca(u)[h]a” (Inq. 13, 13, 15, 20, 12, 44), “no ca[h]o” (Inq. 27), “ca[h]a” (Inq. 12), “religio[h]u” (Inq. 13) e “qua[h]e” (Inq. 13). No entanto, como já foi dito, esse fator não se mostrou relevante para o fenômeno.

#### 5.2.2.1 Resumo dos resultados da glotalização versus manutenção de /z/: sem os Vocábulos Usuais

O quadro a seguir mostra, resumidamente, o resultado da variação de /z/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção, sem os Vocábulos Usuais, de acordo com o GoldVarb X.

**Quadro 11 – Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z/, sem os Vocábulo Usuais nos dados do PORCUFORT**

Variável selecionada	Fator(es) favorecedor(es) a [h, f̃]
Contexto Fonológico Subsequente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• [l], [n], [m], [õ], [ê], [a], [e] e [u].</li> <li>• [l] → ambiente fonético favorável, peso relativo e frequência foram quase categóricos;</li> <li>• Com influência de Vocábulo Usuais antecidos pela semivogal [j] → “ma(i)/z”, “fai/z”, “nó(i)/z”, “coi/z/a” e “poi/z”:</li> <li>- [n]: “talvei[f̃]”, “depoi[f̃]”, “doi[f̃]”, “trêi[f̃]”, “vei[f̃]”, “fei[f̃]”, “rapai[f̃]”, “demi[f̃]” e “mêi[f̃]”;</li> <li>- [m]: “doi[f̃]”, “trêi[f̃]”, sei[f̃]”, “vei[f̃]”, “rapai[f̃]”, “depoi[f̃]”, “dei[f̃]”, “fei[f̃]” e “eficai[f̃]”;</li> <li>- [e]: “depoi[h]”, “talvei[h]”, rapai[h]” e “vei[h]”;</li> <li>- [a]: “talvei[h]”, “demi[h]”, “dezessei[h]”, “depoi[h]”.</li> </ul>
Posição na Sílabo e na Palavra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Coda Interna → sem influência de voc. específicos;</li> <li>• Coda em Fim de Palavra → influência de vocábulo antecidos pela semivogal [j].</li> </ul>
Faixa Etária	51 anos em diante.
Dimensão do Vocábulo	Dissílabos.
Tonicidade	Pretônicas.

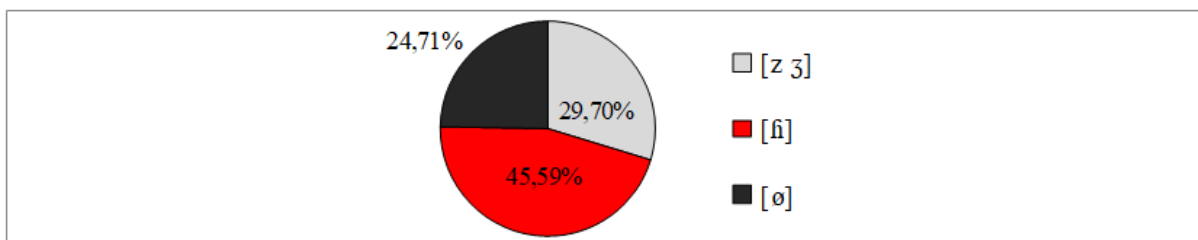
Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.3 A VARIAÇÃO DE /z ʒ/ EM CODA NO PORCUFORT: UMA VISÃO GERAL DOS DADOS

Esta seção foi criada para relatarmos os resultados específicos das situações de /S/ em coda antecido o fonema /d/, uma vez que percebemos que, no falar fortalezense, a pronúncia de /S/ nesse contexto pode variar entre [z] ou [ʒ] ou neutralizar estes dois fonemas com a glotal [f̃]. Como não conseguimos, de oitiva, diferenciar entre [z] e [ʒ] nos nossos dados, resolvemos considerá-los como uma só variante que representaria os casos de manutenção, com [z ʒ].

Como foi feito com as fricativas /ʒ/ e /z/, os casos de /z ʒ/ em coda ficaram separados em um terceiro arquivo de dados. Esse arquivo apresentou 340 ocorrências. Destas, 101 (29,70%) foram de manutenção [z ʒ], 155 (45,59%) de glotalização [f̃] e 84 (24,71%) de apagamento [ø], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 10 – Visão geral da distribuição das ocorrências de /z ʒ/ por variante nos dados do PORCUFORT**



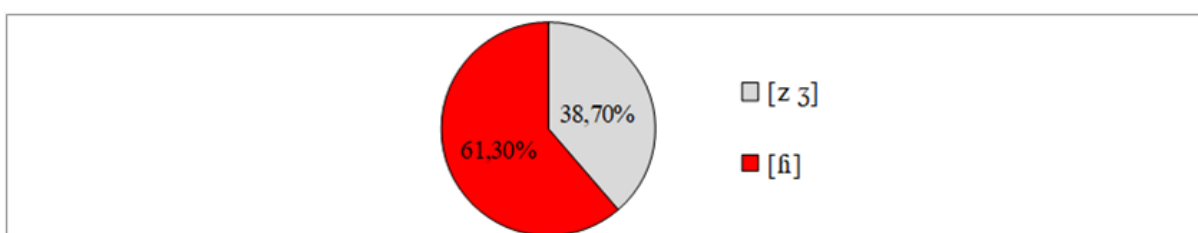
Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.3.1 A variação de /z ʒ/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção

Nesta seção, analisaremos detidamente as rodadas entre as ocorrências de glotalização e de manutenção dos dados coletados de /z ʒ/. Nessa primeira rodada, dispusemos de 256 dados, dos quais, 101 (39,5%) foram de manutenção [z ʒ] e 155 (60,5%), de glotalização [fi]. No entanto, obtivemos nocaute na variável Tonicidade, apenas com as Pretônicas, que contêm 3 ocorrências, sendo todas de manutenção: “di[z ʒ]dobrá”, “di[z ʒ]dobre”, e “di[z ʒ]dobrano”, todas pertencentes ao inquérito 12.

Após eliminarmos esses nocautes, passamos a analisar 253 dados, dos quais, 98 (38,7%) foram de manutenção [z ʒ] e 155 (61,3%), de glotalização [fi], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 11 – Glotalização X Manutenção de /z ʒ/: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

Pelo gráfico 11, pode-se perceber que, mesmo com um número reduzido de dados na amostra, esse é o contexto mais propício ao fenômeno da aspiração no falar culto dos fortalezenses.

Na rodada que passamos a fazer sem os nocautes, o melhor nível de análise selecionado pelo programa foi o *step up 22* (*input* 0,615, significância 0,000 e *log likelihood* - 126,778). Esses números, em comparação aos que foram apresentados nas seções anteriores, confirmam que a probabilidade de ocorrência do fenômeno, nesse novo contexto de análise, é maior. Essa rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): Tonicidade, Faixa Etária e Sexo. Os grupos excluídos foram (nesta ordem): Posição na Sílabla e na Palavra, Contexto Fonológico Precedente, Dimensão do Vocábulo, Contexto Fonológico Subsequente e Natureza do Vocábulo. Ou seja, o fenômeno é condicionado basicamente por variáveis extralinguísticas. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante e, a fim de deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências glotalizadas em nossa amostra, com seus respectivos informantes.

#### a) Tonicidade

Em primeiro lugar, foi selecionada a única variável intralinguística considerada relevante pelo programa, a Tonicidade, cujos resultados podem ser conferidos na tabela 23:

**Tabela 23 – Atuação da Tonicidade sobre a glotalização de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Tonicidade	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
<b>Tônica</b>	153/220	69,5	<b>0,621</b>	de[ɸ]de
<b>Postônica</b>	2/33	6,1	0,036	apena[ɸ] da

Fonte: Elaborada pela autora.

Como mostra a tabela 23, as Tônicas favorecem a variante glotal, com um índice de 0,621, enquanto as Postônicas a inibem fortemente, com um peso relativo baixíssimo de 0,036. Esse resultado deve-se à difusão lexical dos Vocábulos Usuais “de[ɸ]de”, “mai[ɸ]” (conjunção) e “mai[ɸ]” (advérbio), “nói[ɸ]” e “atravéi[ɸ]”, que possuem a variante aspirada na sua sílaba Tônica.

A outra ocorrência aspirada em sílaba postônica é: “somo[ɸ] di” (Inq. 42).

#### b) Faixa Etária

A segunda variável selecionada é de natureza extralinguística: a Faixa Etária, cujos resultados podem ser observados na tabela 24:

**Tabela 24 – Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z ʒ/ nos dados do****PORCUFORT**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>51 anos em diante</b>	71/88	80,7	<b>0,728</b>
<b>36-49 anos</b>	44/84	52,4	0,394
<b>22-35 anos</b>	40/81	49,4	0,349

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se vê, novamente são os informantes da faixa etária mais avançada os que favorecem o uso da variante glotal, com um índice de 0,728. As outras faixas etárias inibem o fenômeno.

Portanto, temos mais uma prova de que, no falar culto dos fortalezenses, a aspiração é um fenômeno característico de pessoas com idade mais avançada, embora isso não seja indício de que ele tende a desaparecer da língua pelas razões já explicadas nas seções anteriores.

c) Sexo

O Sexo, também de cunho extralinguístico, foi a terceira e última variável selecionada como relevante pelo programa. Seus resultados podem ser visualizados na tabela 25:

**Tabela 25 – Atuação do Sexo sobre a glotalização de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

<b>Sexo</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>Masculino</b>	93/138	67,4	<b>0,636</b>
<b>Feminino</b>	62/115	53,9	0,338

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 25 nos mostra o que tínhamos visto nas análises anteriores: a glotalização é um fenômeno favorecido pelos homens e inibido pelas mulheres pelas razões já expostas anteriormente.

### 5.3.1.1 Resumo dos resultados da variação de /z ʒ/ no PORCUFORT: glotalização versus manutenção

O quadro a seguir mostra, resumidamente, o resultado da variação de /z ʒ/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção, de acordo com o GoldVarb X.

**Quadro 12 – Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z ʒ/ nos dados do PORCUFORT**

Variável selecionada	Fator(es) favorecedor(es) a [h, fɨ]
Tonicidade	Tônicas → com influência dos Vocábulos Usuais “de[fɨ]de”, “mai[fɨ]” (conjunção) e “mai[fɨ]” (advérbio), “nói[fɨ]” e “atravéi[fɨ]”.
Faixa Etária	51 anos em diante.
Sexo	Masculino.

Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.3.2 Glotalização *versus* manutenção de /z ʒ/: sem os Vocábulos Usuais e sem o Morfema de Primeira Pessoa do Plural “-mos”

Nesta seção, analisaremos especificamente as rodadas entre as ocorrências de glotalização e de manutenção dos dados coletados de /z ʒ/ sem os Vocábulos Usuais e sem Morfema de Primeira Pessoa do Plural “-mos” que estavam na variável Natureza do Vocábulo. Assim, fizemos um novo arquivo de dados, no qual esses fatores supracitados, contidos no arquivo anterior, foram excluídos. Nessa primeira rodada, dispusemos de 113 dados, dos quais, 56 (49,6%) foram de manutenção [z ʒ] e 57 (50,4%), de glotalização [fɨ]. Ou seja, verificamos novamente uma queda nos casos de aspiração, mas, desta vez, não foi uma queda expressiva no percentual, mas apenas no número de dados. Mesmo assim, resolvemos continuar com a análise para verificarmos especificamente como seria a atuação das variáveis das ocorrências que restaram.

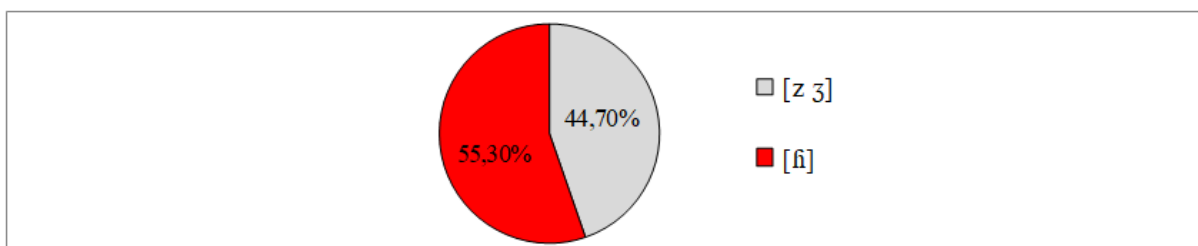
Nessa rodada, obtivemos alguns nocautes: Contexto Fonológico Precedente em [u] que contém 7<sup>104</sup> ocorrências, sendo todas de manutenção; Posição na Sílabla e na Palavra, em Coda Interior da Palavra, contendo apenas 3 ocorrências, sendo todas de manutenção:

<sup>104</sup> São elas: “menu[z ʒ] di” (Inq. 46); “víru[z ʒ] da” (Inq. 01, 01); “menu[z ʒ] da” (Inq. 01, 49); “duzentu[z ʒ] dias” (Inq. 10); “ônibu[z ʒ] di” (Inq. 32).

“di[z ʒ]dobrá”, “di[z ʒ]dobre” e “di[z ʒ]dobrano”, todas pertencentes ao inquérito 12. Como se trata de uma variável com apenas dois fatores, ela precisou ser totalmente eliminada. Houve nocaute, também, na variável Tonicidade, apenas com as Pretônicas, que contêm 3 ocorrências, sendo todas de manutenção e as mesmas citadas para o fator anterior.

Após eliminarmos esses nocautes, passamos a analisar 103 dados, dos quais, 46 (44,7%) foram de manutenção [z ʒ] e 57 (55,3%), de glotalização [ɦ], como pode ser visualizado no gráfico abaixo:

**Gráfico 12 – Glotalização X Manutenção de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos: distribuição das ocorrências por variante, após retirada dos nocautes, nos dados do PORCUFORT**



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa rodada, o melhor nível de análise selecionado pelo programa foi o *step up* 19 (*input* 0,536, significância 0,005 e *log likelihood* -47,921). Essa rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): Tonicidade, Faixa Etária e Sexo. Os grupos excluídos foram (nesta ordem): Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Subsequente, Dimensão do Vocábulo e Natureza do Vocábulo. Ou seja, os grupos selecionados e excluídos são os mesmos da rodada anterior e seguem a mesma hierarquia na seleção feita pelo GoldVarb. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante.

#### a) Tonicidade

Novamente, a variável intralinguística foi a única a ser selecionada como relevante e veio em primeiro lugar. Seus resultados podem ser verificados na tabela 26:

**Tabela 26 – Atuação da Tonicidade sobre a glotalização de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

<b>Tonicidade</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>	<b>Exemplo</b>
<b>Tônica</b>	56/85	65,9	<b>0,669</b>	sei[ɦ] dia(s)
<b>Postônica</b>	1/18	5,6	0,035	apena[ɦ] da

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 26 repete o mesmo resultado que vimos na tabela 23: são as Tônicas que favorecem o uso da variante aspirada.

Desta vez, os principais responsáveis por esse resultado foram os vocábulos antecidos pela semivogal [j], como “talvei[ɦ]”, “rapai[ɦ]” e “vei[ɦ]”, que devem ter sido influenciados pela difusão lexical dos Vocábulos Usuais “mai[ɦ]” (conjunção) e “mai[ɦ]” (advérbio), “nói[ɦ]” e “atravéi[ɦ]”, cujo contexto fonológico antecedente é o mesmo.

b) Faixa Etária

A segunda variável foi Faixa Etária, cujos resultados podem ser vistos na tabela 27:

**Tabela 27 – Atuação da Faixa Etária sobre a glotalização de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Aplica/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>51 anos em diante</b>	24/31	77,4	<b>0,794</b>
<b>36-49 anos</b>	17/35	48,6	0,411
<b>22-35 anos</b>	16/37	43,2	0,312

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 27 confirma o que vimos na tabela 24: a faixa etária de 51 anos em diante é que favorece a glotalização.

c) Sexo

A terceira variável selecionada foi o Sexo, e os seus resultados podem ser observados na tabela 28:



**Tabela 28 – Atuação do Sexo sobre a glotalização de /z ʒ/ sem os vocábulos específicos nos dados do PORCUFORT**

Sexo	Aplica/Total	%	P.R.
Masculino	37/57	64,9	<b>0,699</b>
Feminino	20/46	43,5	0,260

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se vê, novamente são os homens que se mostram favorecedores ao uso da variante glotal.

### 5.3.2.1 Resumo dos resultados da glotalização versus manutenção de /z ʒ/: sem os Vocábulos Usuais

O quadro a seguir mostra, resumidamente, o resultado da variação de /z ʒ/ no PORCUFORT: glotalização *versus* manutenção, sem os Vocábulos Usuais, de acordo com o GoldVarb X.

**Quadro 13 – Resumo da rodada glotalização X manutenção de /z ʒ/, sem os Vocábulos Usuais nos dados do PORCUFORT**

Variável selecionada	Fator(es) favorecedor(es) a [h]
Tonicidade	Tônicas → influência dos Voc. antecedentes por [j]: “talvei[h]”, “rapai[h]” e “vei[h]”.
Faixa Etária	51 anos em diante.
Sexo	Masculino. Obs.: Inf. 44 → possível líder da mudança linguística.

Fonte: Elaborado pela autora.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS DO TESTE DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresentaremos os resultados do teste de atitudes linguísticas, especificamente sobre as perguntas a respeito da produção aspirada das fricativas /ʒ/ e /z/ em cada banco de dados apresentado – questões de 27 a 36<sup>105</sup> – que constituem as partes 3.1, 3.2 e 3.3. Para a Parte 3.1, os participantes fizeram uma avaliação da produção aspirada dos fonemas em estudo realizada por duas informantes do projeto NORPOFOR (Inq. 99, D2, Feminino, 5-8 anos de escolaridade, 26-49 anos); para a parte 3.2, eles(as) avaliaram essa produção realizada por um informante do projeto PORCUFORT (Inq. 44, DID, Masculino, 51 anos em diante)<sup>106</sup>; para a parte 3.3, foram avaliadas imagens da Página Suricate Seboso que continham exemplos, por escrito, da variante aspirada das fricativas /ʒ/ e /z/.

Em cada uma dessas partes, os participantes do teste avaliaram os trechos expostos de cada fricativa primeiramente dando uma nota de 5,0 a 1,0 em relação ao nível de beleza, de inteligência e de elegância (questão 27). Em seguida, eles deveriam indicar à qual(is) opção(ões) poderia pertencer quem fizesse o uso indicado nos trechos em termos de: classe social (questão 28), faixa etária (questão 29), nível de escolaridade (questão 30), gênero (questão 31), lugar de origem (questão 33), se o(a) próprio(a) participante produz ou não esse uso (questão 34) e em que ocasião ele(a) o faz (questão 34.1), em que situações outras pessoas poderiam fazê-lo (questão 35) e se ele(a) teria vergonha ou não de alguém que fizesse esse uso (questão 36). Destas questões, separamos as respostas em quatro variáveis que caracterizam os nossos participantes: Gênero (8-Masculino e 8-Feminino), Escolaridade (8-Com Ensino Superior e 8-Sem Ensino Superior), Naturalidade (8-Fortalezenses e 8-Não Nordestinos) e Cidade/Estado onde mora atualmente (8-Em Fortaleza e 8-Fora do Nordeste) – para cada fonema em análise (/ʒ/ e /z/).

As respostas sobre uma fricativa serão apresentadas separadas da outra em subseções diferentes. Primeiramente, apresentaremos os percentuais obtidos para cada resposta do teste, separando em quadros diferentes as respostas que correspondem a cada fator que será analisado dentro de cada variável. Em seguida, faremos a discussão desses resultados acrescentando algumas das justificativas dadas pelos participantes do teste para as suas

<sup>105</sup> Resolvemos eliminar a questão 32 pelo fato de muitos participantes terem achado confuso o que deveriam, de fato, responder.

<sup>106</sup> Como já explicamos na Metodologia, esse inquérito foi escolhido apenas pelo fato de ele pertencer à faixa etária de 51 anos em diante, a qual hipotetizávamos ser a que mais favoreceria o uso da variante aspirada. O fato de esse mesmo informante ter sido caracterizado como um possível “líder da mudança linguística” – como mencionado na seção anterior – foi uma mera coincidência.

respostas. Como se trata dos mesmos indivíduos, eventualmente essas justificativas poderão se repetir no decorrer das análises.

## 6.1 ANÁLISE GERAL: RESPOSTAS DE TODOS OS 16 PARTICIPANTES SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/

Nesta primeira subseção, serão expostas e analisadas as respostas de todos os 16 informantes que participaram do teste de atitudes linguísticas (ver Quadro 3), sem especificar suas características sociais, a fim de obtermos um resultado geral para o que estamos analisando. A única subdivisão que faremos será entre as respostas dadas sobre cada fricativa em estudo (/ʒ/ e /z/). Essas respostas podem ser vistas por completo no Apêndice C.

### 6.1.1 Análise geral para a produção aspirada de /ʒ/

**Quadro 14 – Respostas de todos os participantes para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão <sup>107</sup>	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27. Como você classificaria o <u>falar</u> (sotaque, dialeto) com o qual esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) foram pronunciados? Marque em um dos espaços.	2,6 = bonito: _:feio 2,4 = inteligente: _:não inteligente 2,2 = elegante: _:deselegante Média = 2,4	2,9 = bonito: _:feio 3,0 = inteligente: _:não inteligente 2,7 = elegante: _:deselegante Média = 2,9	2,2 = bonito: _:feio 2,7 = inteligente: _:não inteligente 2,2 = elegante: _:deselegante Média = 2,4
28. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) dessa forma, pertence à qual <i>classe social</i> ? (Pode marcar mais de uma.)	75% = Classe C. 56,3% = Classe D. 18,8% = Classe B. 12,5% = Todas. 0% = Classe A.	37,5% = Classe C e Todas. 31,3% = Classe B e Classe D. 25% = Classe A.	46,7% = Classe D. 40% = Classe C e Todas. 13,3% = Classe B. 0% = Classe A.
29. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) dessa forma, possui qual <i>faixa etária</i> ? (Pode marcar mais de uma.)	43,8% = Todas. 31,3% = 23 a 35 anos. 18,8% = 15 a 22 anos e 36 a 49 anos. 12,5% = 50 anos em diante.	43,8% = Todas e 50 anos em diante. 31,3% = 36 a 49 anos. 12,5% = 23 a 35 anos. 6,3% = 15 a 22 anos.	60% = Todas. 40% = 15 a 22 anos. 26,7% = 23 a 35 anos. 6,7% = 36 a 49 anos. 0% = 50 anos em diante.

<sup>107</sup> O enunciado das questões do teste que serão discutidas só estarão explícitos nessa primeira análise. Nas seguintes, será colocado apenas o número referente à questão.

**Quadro 14 – Respostas de *todos* os participantes para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continuação)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
30. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) dessa forma, possui qual nível de <i>escolaridade</i> ? (Pode marcar mais de uma.)	50% = Ens. Fund. I. 37,5% = Analfabeto e Ens. Fund. II. 31,3% = Ens. Méd. incompl. e Qualquer nível. 25% = Ensino Méd. compl. 6,3% = Ens. Sup. incomp. 0% = Ens. Sup. compl. e Pós-grad.	37,5% = Ens. Sup. compl. e Qualquer nível. 25% = Ens. Fund. I. 18,8% = Analfabeto; Ens. Fund. II; Ens. Méd. compl.; e Pós-grad. 12,5% = Ens. Méd. incompl. e Ens. Sup. incomp.	60% = Qualquer nível. 40% = Ens. Fund. I e Ens. Fund. II. 26,7% = Analfabeto. 13,3% = Ensino Méd. incompl. e Ens. Méd. compl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) dessa forma, possui qual <i>gênero</i> ? (Pode marcar mais de uma.)	68,8% = Todos. 31,3% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.	81,3% = Todos os gêneros. 18,8% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos. 0% = Feminino; Masculino; e Outro _____.
33. Você acha que uma pessoa que tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) dessa forma, poderia ser de que <i>lugar</i> (cidade/Estado de origem)?	18,8% = Qualquer lugar; e Nordeste. 12,5% = Ceará; e Interior qualquer. 6,3% = Juazeiro do Norte(CE); Interior do NE; Interior do CE; Norte/NE; PE e CE; e MG.	37,5% = Nordeste. 18,8% = Qualquer lugar. 12,5% = Ceará. 6,3% = Interior qualquer; Interior do CE; Norte/NE; PE e CE; e SP.	40% = Nordeste. 26,7% = Ceará. 20% = Qualquer lugar. 6,7% = Norte/NE; e Interior do CE.
34. Você acha que <i> você </i> tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) dessa forma?	93,8% = Não. 6,3% = Sim.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	80% = Não. 20% = Sim.
34.1 Caso sua resposta seja afirmativa, em que <i>situação</i> ? (Pode marcar mais de uma.)	50% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Fora de casa, com a família; e Em qualquer situação. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	75% = Em qualquer situação. 25% = No trabalho; Com os amigos, informalmente; e Com os amigos, formalmente. 0% = Em casa, com a família; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	100% = Em qualquer situação.

**Quadro 14 – Respostas de *todos* os participantes para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)			
Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
35. Em que <i>situações</i> <u>falares</u> (sotaques, dialetos) semelhantes a esse ocorreriam? (Pode marcar mais de uma.)	50% = Na profissão de vendedor(a) ambulante. 43,8% = Na escola. 25% = Em novelas; Em programas de rádio; Na profissão de vendedor(a) de loja; e Em qualquer situação. 18,8% = Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Em música; e Na universidade. 12,5% = Na missa/culto; e Na profissão de garçom. 6,3% = Em outros programas de outras emissoras; Na profissão de administrador; Na profissão de professor(a); e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; e Na profissão de comissário(a) de bordo.	56,3% = Na profissão de vendedor(a) ambulante. 43,8% = Na escola; e Na universidade. 37,5% = Em novelas; e Na profissão de vendedor(a) de loja. 31,3% = Na profissão de garçom. 25% = Na missa/culto; e Na profissão de professor(a). 18,8% = Em programas de rádio; Na profissão de administrador; e Em qualquer situação. 12,5% = Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; e Em música. 6,3% = Na profissão de comissário(a) de bordo. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; e Em nenhuma situação.	40% = Na escola; e Na profissão de vendedor(a) ambulante. 33,3% = Em qualquer situação. 26,7% = Em novelas. 20% = Em programas de rádio; Na missa/culto; Na universidade. 13,3% = Em jornal a nível local. 6,7% = Em outros programas de outras emissoras; Em outros programas locais de TV; Em música; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; Na profissão de professor(a); e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; e Na profissão de comissário(a).
36. Você teria <i>vergonha</i> de alguém que tenha esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto)?	93,8% = Não. 6,3% = Sim.	81,3% = Não. 18,8% = Sim.	73,3% = Não. 26,7% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto no quadro 14, as notas dadas, em relação à beleza, inteligência e elegância, aos trechos do NORPOFOR, tiveram uma média de 2,4, ou seja, abaixo da metade (3,0). Portanto, essa avaliação pode ser considerada negativa, e as justificativas dos participantes variaram entre “[...] Marquei a primeira com uma escala mais para ‘bonita’ porque acho esse jeito dela [da amiga] de falar muito gostoso. Para as duas opções seguintes, mantive o neutro porque continuo com a mesma opinião de que esses

sotaques não têm relação com inteligência ou elegância.” (P. 15)<sup>108</sup> e “Não dá pra compreender algumas palavras.” (P. 7). Para a gravação do PORCUFORT, porém, a média das notas já foi um pouco maior: 2,9. As justificativas para isso foram bem variadas, como: “Construções apropriadas.” (P. 7), “Deselegante ‘derda’ = ‘desde a’.” (P. 11), e “É o sotaque, é bonito, é inteligente, e diferente.” (P. 8). E para as imagens do Suricate, a média também foi baixa (2,4), com justificativas que variavam de “O sotaque não é feio, só é uma fala mais coloquial do que formal. São diálogos de dia a dia.” (P. 8) para “[...] É muito diferente da pronúncia correta ‘jogar’.” (P. 7).

Quanto à classe social, as imagens do Suricate foram associadas, pela maior parte dos participantes, à classe social mais baixa, a D; para os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, a classe mais escolhida foi a C; e a classe A só foi votada por 25% dos participantes e apenas quando eles se depararam com a gravação do PORCUFORT. Esse resultado mostra que, na opinião da maioria dos participantes, a produção aspirada de /ʒ/ está ligada às classes sociais mais baixas.

Em relação à faixa etária, a maioria dos participantes avaliou que a realização aspirada de /ʒ/ pode ser associada a todas as idades. Além disso, a gravação do PORCUFORT teve a faixa etária de 50 anos em diante escolhida, também, em primeiro lugar, o que vai ao encontro do que mostramos nos dados que analisamos no capítulo anterior, em que essa faixa era a única a favorecer a produção aspirada de /ʒ/. No entanto, para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, essa faixa etária mostra uma grande diferença em relação ao percentual a ela atribuído: para o primeiro, ela ficou em último lugar, com 12,5% das respostas; para o último, ninguém a escolheu.

A respeito do nível de escolaridade, os trechos do NORPOFOR foram associados, pela maioria dos participantes, aos mais baixos níveis, enquanto os do PORCUFORT e do Suricate foram relacionados a qualquer nível. Inclusive para o PORCUFORT, o nível de Ensino Superior completo também obteve o maior percentual (37,5%). Esse resultado confirma o que verificamos no capítulo anterior: o uso da produção aspirada de /ʒ/ é bem significativo (12,9%) entre falantes com Ensino Superior Completo (ou seja, os informantes do projeto PROCUFORT). Para o Suricate, porém, os demais níveis de escolaridade apresentados (após a opção “Qualquer nível”) foram os menores. Por isso, podemos afirmar que os resultados para os trechos do NORPOFOR e do Suricate confirmam

---

<sup>108</sup> “P.15” quer dizer “participante de perfil número 15”.

o estigma atribuído à realização aspirada de /ʒ/, já verificado por autores, como Aguiar (1937), Bueno (1967)<sup>109</sup>, Seraine (1972) e Roncarati e Uchoa (1988).

Quanto ao gênero, a maioria dos participantes associou os trechos dos três bancos de dados a qualquer gênero, pois, segundo o que quase todos justificaram, esse fenômeno não depende do gênero para ocorrer. Esse resultado vai de encontro ao que verificamos no capítulo anterior: apenas o gênero (sexo) masculino apresentou índice favorável à produção aspirada de /ʒ/, resultado semelhante ao que fora encontrado na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988) com a amostra de informantes fortalezenses. Essas respostas, portanto, não confirmam a aspiração como uma marca de uso masculina, conferindo-se um *status* de variante sexista (MEYERHOFF, 2006).

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso desse fenômeno (com respostas subjetivas), a maioria dos participantes do teste respondeu que deveria ser da região Nordeste – para os três *corpora* analisados. Para os trechos do NORPOFOR, o maior percentual (18,8%) foi atribuído, ainda, à resposta “Qualquer lugar do Brasil”. Essa resposta ficou em segundo lugar para a gravação do PORCUFORT (18,8%) e, em terceiro, para as imagens do Suricate (20%). Outra resposta bastante escolhida, para os trechos dos três bancos de dados avaliados, foi “Ceará”, com as imagens do Suricate apresentando um maior percentual (26,7%). Dessa forma, esses resultados corroboram o que apresentamos no capítulo de revisão da literatura sobre a produção aspirada de /ʒ/ em ataque silábico: todas as pesquisas sobre esse fenômeno são da região Nordeste (RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991; e PELICOLI, 2008).

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a aspiração de /ʒ/, a grande maioria respondeu que não. Porém o percentual dessa resposta foi ainda maior em relação aos trechos do NORPOFOR (93,8%) e menor para os do Suricate (80%). Esse resultado pode estar associado ao estigma que os participantes atribuíram a esse fenômeno, fazendo com que eles não admitissem o seu uso. Quanto aos poucos participantes que responderam sim, eles disseram que fazem esse uso: com os amigos, formal e informalmente; em casa e fora dela, com a família; no trabalho; e em qualquer situação.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam fazer esse uso, o maior percentual, para os trechos dos três *corpora*, foi associado à profissão de vendedor(a) ambulante. Esse resultado implica que a realização aspirada de /ʒ/ está ligada à

---

<sup>109</sup> Silveira Bueno (1967) associa esse fenômeno a “muitas pessoas, mormente quando o nível intelectual é inferior.” (BUENO, 1967, p. 23).

profissão que menos exige (em comparação com as outras apresentadas) formalidade no uso da língua. Para as imagens do Suricate, a maior parte dos participantes (40%) escolheu, ainda, a opção “na escola”. Para os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, essa opção ficou em segundo lugar (43,8%). A escolha dessa opção pode estar associada ao fato de na escola frequentarem jovens, que, por sua vez, são lembrados como os que menos se preocupam com o uso formal da língua. Para a gravação do PORCUFORT, em segundo lugar, apareceu, ainda, a opção “na universidade”; para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, essa opção ficou em quarto lugar (18,8% e 20%, respectivamente). Essas respostas demonstram que os participantes fizeram uma avaliação positiva sobre a produção aspirada de /ʒ/ pelo informante do PORCUFORT, pois normalmente a universidade está relacionada a um lugar onde predomina um maior uso de variantes de prestígio. Outras opções bastante escolhidas para todos os trechos analisados foram: “em novelas” e “em programas de rádio”. Essas duas opções estão ligadas ao fato de ambas darem espaço a muitas situações de uso informal da língua. E as respostas que foram rejeitadas em relação aos três *corpora* avaliados foram: “em jornal a nível nacional” e “no Fantástico (TV Globo)”. Este resultado está ligado ao fato de que esses programas apresentam situações que exigem um alto nível de formalidade no uso da língua, além do fato de muitas pessoas acharem que seus apresentadores devem ter um “sotaque neutro”, livre de regionalismos. Portanto, as respostas escolhidas pelos participantes para essa pergunta estão relacionadas aos níveis de formalidade do uso da língua nas mais diversas situações.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, a grande maioria respondeu que não. E o percentual dessa resposta foi ainda maior em relação aos trechos do NORPOFOR (93,8%) e menor, em relação aos do Suricate (73,3%). Esse resultado refuta a nossa hipótese inicial de que, nas imagens do Suricate – pelo fato de elas serem apresentadas em tom humorístico –, os participantes fariam uma avaliação mais positiva. Além disso, quando comparamos esses percentuais com os obtidos na questão 34, verificamos uma contradição por parte dos participantes: embora haja mais indivíduos admitindo fazer uso da variante glotal de /ʒ/ quando se depararam com as imagens do Suricate, elas também fizeram com que um número maior de participantes dissesse ter vergonha de quem fizesse esse uso<sup>110</sup>.

---

<sup>110</sup> Em cada caso, verificamos que há coincidência nas respostas de apenas um participante, o de número 1. As demais são de participantes diferentes: para a questão 34, são os de números 1, 2 e 8; e para a 36, são os de 1, 4, 7 e 9.



Enfim, a respeito da realização glotalizada de /z/, ao compararmos as respostas dadas para os três bancos de dados analisados, verificamos que os trechos do PORCUFORT foram os mais bem avaliados, seguidos das imagens do Suricate e, por último, da gravação do NORPOFOR.

### 6.1.2 Análise geral para a produção aspirada de /z/

**Quadro 15 – Respostas de *todos* os participantes para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,8 = bonito:_.:feio 2,5 = inteligente:_.:não inteligente 2,4 = elegante:_.:deselegante Média = 2,6	3,5 = bonito:_.:feio 3,6 = inteligente:_.:não inteligente 3,3 = elegante:_.:deselegante Média = 3,5	2,4 = bonito:_.:feio 2,7 = inteligente:_.:não inteligente 2,4 = elegante:_.:deselegante Média = 2,5
28.	62,5% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 6,3% = Classe B. 0% = Classe A.	37,5% = Classe B e Todas. 31,3% = Classe A. 25% = Classe C. 12,5% = Classe D.	46,7% = Classe C. 40% = Classe D. 40% = Todas. 13,3% = Classe B. 0% = Classe A.
29.	56,3% = Todas. 18,8% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos. 6,3% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante.	56,3% = Todas. 25% = 50 anos em diante. 18,8% = 36 a 49 anos. 0% = 15 a 22 anos; e 23 a 35 anos.	66,7% = Todas. 26,7% = 15 a 22 anos. 13,3% = 23 a 35 anos e 36 a 49 anos. 6,7% = 50 anos em diante.
30.	43,8% = Qualquer nível. 37,5% = Analfabeto; Ens. Fund. I; e Ens. Méd. compl. 31,3% = Ens. Fund. II e Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 6,3% = Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	43,8% = Qualquer nível. 31,3% = Ens. Sup. compl. e Pós-grad. 25% = Ens. Méd. compl. 18,8% = Ens. Fund. II e Ens. Méd. incompl. 12,5% = Analfabeto. 6,3% = Ens. Fund. I e Ens. Sup. incompl.	53,3% = Qualquer nível. 40% = Ens. Fund. I. 33,3% = Analfabeto e Ens. Fund. II. 20% = Ens. Méd. incompl. e Ens. Méd. compl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl. e Pós-grad.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.	75% = Todos. 25% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	93,3% = Todos. 6,7% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.
33.	31,3% = Nordeste. 25% = Ceará. 18,8% = Qualquer lugar. 6,3% = Fortaleza(CE); Juazeiro do Norte(CE); Norte/NE; e Interior do NE.	37,5% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = Ceará. 6,3% = Fortaleza(CE); Norte/NE; PE; e RJ.	40% = Nordeste. 33,3% = Ceará. 20% = Qualquer lugar. 6,7% = Norte/NE.
34.	75% = Não.      25% = Sim.	50% = Não.      50% = Sim.	73,3% = Não.      26,7% = Sim.

**Quadro 15 – Respostas de *todos* os participantes para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)			
Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
34.1	50% = Em casa, com a família; e Em qualquer situação. 25% = No trabalho; Com os amigos, informalmente; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	70% = Em qualquer situação. 30% = No trabalho. 20% = Com os amigos, informalmente; e Em casa, com a família. 10% = Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	75% = Em qualquer situação. 25% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; e Fora de casa, com a família.
35.	56,3% = Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Na escola. 43,8% = Em novelas. 37,5% = Na profissão de vendedor(a) de loja. 31,3% = Em música. 25% = Em jornal a nível local; Na missa/culto; Na universidade; Em programas de rádio; e Na profissão de garçom. 18,8% = Em qualquer situação. 12,5% = Em outros programas locais de TV. 6,3% = Na profissão de administrador; Na profissão de professor(a); e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; e Na profissão de comissário(a) de bordo.	37,5% = Em qualquer situação. 31,3% = Em novelas; Na missa/culto; e Na universidade. 25% = Em programas de rádio; Na escola; Na profissão de vendedor(a) de loja; e Na profissão de vendedor(a) ambulante. 18,8% = Em música; Na profissão de administrador; e Na profissão de professor(a). 12,5% = Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; e Em outros programas locais de TV; e Na profissão de garçom. 6,3% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; e Na profissão de comissário(a) de bordo. 0% = Em nenhuma situação.	33,3% = Em novelas; Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 26,7% = Em programas de rádio; e Na escola. 13,3% = Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Em música; e Na missa/culto. 6,7% = Na profissão de professor(a); Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Na universidade; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; e Na profissão de comissário(a) de bordo.
36.	93,8% = Não. 6,3% = Sim.	100% = Não.	80% = Não. 20% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro 15, podemos perceber que as médias das notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância, nos trechos do NORPOFOR e do Suricate, foram baixas (com 2,6 e 2,4, respectivamente). Para a gravação do PORCUFORT, entretanto, a média foi maior (3,5), trazendo uma avaliação mais positiva feita pelos participantes do teste, os quais justificaram, por exemplo, que esses trechos são “Bem construído[s] e pronunciado[s].” (P. 12) e que “Apesar de ser um sotaque geral, ele [o informante do PORCUFORT] fala de forma bem

pausada e compassada e pronuncia as palavras de forma mais elegante. Me parece um contexto mais formal do que os demais.” (P.15). Essas justificativas levam-nos a pensar que os participantes do teste levaram mais em consideração a maneira de construção da frase do que a realização aspirada de /z/ feita pelo informante do PORCUFORT.

Quanto à classe social, as classes C e D foram as mais escolhidas em relação aos trechos do NORPOFOR e do Suricate. Para a gravação do PORCUFORT, porém, essas classes ficaram em último lugar; enquanto as classes B e A obtiveram percentuais mais expressivos (37,5% e 31,3%, respectivamente). Dessa forma, percebemos que a produção aspirada de /z/, feita pelo informante do PORCUFORT, teve uma elevação em termos de classe social – se compararmos com os resultados de /ʒ/.

Em relação à faixa etária, mais uma vez, a maioria dos participantes avaliou que a realização aspirada de /z/ pode ser associada a todas as idades. Além disso, verificamos que os trechos do PORCUFORT tiveram a faixa etária de 50 anos em diante escolhida em segundo lugar, confirmando, novamente, o que mostramos nos dados que analisamos no capítulo anterior, em que essa faixa era a única a favorecer a produção aspirada de /z/. No entanto, para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, essa faixa etária mostra uma grande diferença em relação ao percentual a ela atribuído: em ambos, ela ficou em último lugar, com 6,3% (no primeiro) e 6,7% (no último) das respostas.

A respeito do nível de escolaridade, a maioria dos participantes do teste respondeu que a realização aspirada de /z/ pode estar associada a qualquer nível de escolaridade. Dessa forma, poderíamos entender que a aspiração de /z/ é menos estigmatizada do que a de /ʒ/. No entanto, quando olhamos para as opções escolhidas em segundo lugar, verificamos que tanto os trechos do NORPOFOR quanto os do Suricate continuam associados aos menores níveis de escolaridade. Por outro lado, para a gravação do PORCUFORT, os participantes do teste colocaram os mais altos níveis de escolaridade em segundo lugar.

Quanto ao gênero, mais uma vez, a maioria dos participantes associou os trechos dos três bancos de dados a qualquer gênero, justificando que esse fenômeno não depende dessa variável para ocorrer.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso desse fenômeno, novamente, a região Nordeste foi a resposta dada pela maioria dos participantes do teste em relação aos três *corpora* analisados. A resposta “Ceará”, mais uma vez, apareceu com um percentual expressivo para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, seguida de “Qualquer lugar do Brasil”, para os três bancos de dados avaliados. Esses resultados demonstram que, embora a

glotalização de /z/ seja um fenômeno que apareça em diversos lugares do País, seus maiores percentuais de ocorrência estão na região Nordeste – como foi mostrado no capítulo de revisão da literatura sobre a produção aspirada de /z/.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a aspiração de /z/, verificamos que, em relação à gravação do PORCUFORT, a metade dos participantes passou a admitir que faz esse uso. Já ao se depararem com os trechos do NORPOFOR e do Suricate, a maioria não se identificou. Porém, se compararmos esses percentuais (75% e 73,3%, respectivamente) com os obtidos em relação à aspiração de /ʒ/ (93,8% e 80%, respectivamente), percebemos maior adesão sobre a realização glotalizada de /z/ por parte dos participantes do teste. Quanto aos que responderam sim, a maioria afirmou que faz esse uso em qualquer situação. Por outro lado, as situações “com os amigos, formalmente” e “com pessoas com escolaridade superior à sua” não foram escolhidas por nenhum dos participantes em relação aos três *corpora* analisados.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam fazer esse uso, a opção “na profissão de vendedor(a) ambulante” só obteve o mesmo destaque com o maior percentual para os trechos do NORPOFOR (56,3%) e do Suricate (33,3%). Para este último, a opção “em qualquer situação” também ficou em primeiro lugar – resultado que se repetiu para os trechos do PORCUFORT. Nestes, a opção “na universidade” foi elevada para o segundo lugar (31,3%); para os trechos do NORPOFOR, essa opção ficou em quinto lugar (25%) e, para os do Suricate, ela não foi escolhida por nenhum participante do teste. Essas respostas demonstram, mais uma vez, a avaliação positiva que os participantes fizeram sobre a produção aspirada de /z/ pelo informante do PORCUFORT, pois, como já mencionamos, normalmente a universidade está relacionada a um lugar onde predomina maior uso de variantes de prestígio. Além disso, as opções “em jornal a nível nacional”, “no Fantástico (TV Globo)” e “na profissão de comissário(a) de bordo”, geralmente associadas a um alto nível de formalidade no uso da língua, chegaram a pontuar (6,3%), apenas em relação aos trechos do PORCUFORT. E as opções “em novelas” e “na escola” obtiveram o mesmo destaque visto para os resultados de /ʒ/.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem produzisse a glotalização de /z/, mais uma vez, a grande maioria dos participantes respondeu que não. E esse resultado passou a ser unânime quando relacionado à gravação do PORCUFORT. Comparando os trechos do NORPOFOR e do Suricate, verificamos que há um maior

percentual de rejeição em relação a este último, refutando, mais uma vez, a hipótese de que o tom humorístico contido nesse *corpus* poderia trazer-lhe uma avaliação mais positiva.

Diante desses resultados a respeito da aspiração de /z/, verificamos que os trechos do PORCUFORT passaram a ser os mais bem avaliados pelos participantes do teste.

Enfim, ao confrontarmos os resultados apresentados para as fricativas /ʒ/ e /z/, percebemos, de maneira geral, uma avaliação mais positiva para a segunda, o que nos leva a concluir que a aspiração de /z/ pode estar num nível mais avançado de implementação do que a de /ʒ/.

### 6.1.3 Resumo da análise geral: respostas de todos os 16 participantes sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas pelos 16 participantes do teste de atitudes a respeito da produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.

**Quadro 16 – Resumo da análise geral das respostas dos 16 participantes do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/**

Questão	/ʒ/	/z/
<i>Beleza, inteligência e elegância</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Baixas (2,6);</li> <li>Maior média: PORCUFORT (2,9).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Baixas (2,9);</li> <li>Maior média: PORCUFORT (3,5).</li> </ul>
<i>Classe social</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Baixas (95,6%);</li> <li>Maiores: PORCUFORT (62,5%);</li> <li>Menores: NORPOFOR (118,8%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Baixas (224,2%);</li> <li>Maiores: PORCUFORT (68,8%);</li> <li>Menores: NORPOFOR (100%).</li> </ul>
<i>Faixa etária</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Todas para os 3 corpora (127,6%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Todas para os 3 corpora (179,3%).</li> </ul>
<i>Escolaridade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Baixas (198%); Altas (185,1%);</li> <li>Maiores: PORCUFORT (93,8%);</li> <li>Menores: NORPOFOR (87,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Altas (209,8%); Baixas (167,1%);</li> <li>Maiores: PORCUFORT (106,4%);</li> <li>Menores: NORPOFOR (75%).</li> </ul>
<i>Gênero</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Todos para os 3 corpora (250,1%);</li> <li>100% para o Suricate.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Todos para os 3 corpora (230,8%);</li> <li>93,3% para o Suricate.</li> </ul>
<i>Lugar de origem</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Nordeste para os 3 corpora (96,3%);</li> <li>Qualquer lugar para os 3 corpora (57,6%);</li> <li>Ceará: Suricate (26,7%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Nordeste para os 3 corpora (108,8%);</li> <li>Ceará: Suricate (33,3%);</li> <li>Qualquer lugar: PORCUFORT (25%).</li> </ul>
<i>Fazer uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não para os 3 corpora (261,3%);</li> <li>Mais reconhecido: Suricate (20%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não para NORPOFOR e Suricate (148,3%);</li> <li>Mais reconhecido: PORCUFORT (50%).</li> </ul>
<i>Situações gerais de uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Informais (273,9%);</li> <li>Mais formal: Suricate (53,3%);</li> <li>Mais informal: NORPOFOR (93,8%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Informais (222,6%);</li> <li>Mais formal: PORCUFORT (68,8%);</li> <li>Mais informal: NORPOFOR (112,6%).</li> </ul>
<i>Ter vergonha</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não para os 3 corpora (248,4%);</li> <li>Menor vergonha: NORPOFOR (93,8%);</li> <li>Maior vergonha: Suricate (26,7%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Não para os 3 corpora (273,8%);</li> <li>Nenhuma vergonha: PORCUFORT;</li> <li>Maior vergonha: Suricate (20%).</li> </ul>
<i>Geral</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Mais bem avaliado: PORCUFORT.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Mais bem avaliado: PORCUFORT.</li> </ul>

## 6.2 RESPOSTAS POR GÊNERO DO PARTICIPANTE: FEMININO E MASCULINO SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/

No teste de atitudes, apesar de termos colocado uma terceira opção de gênero, que denominamos “Outro: \_\_\_\_\_”, nenhum participante a preencheu. Portanto, temos apenas duas categorias de gênero a serem analisadas: masculino e feminino. A nossa hipótese inicial era de que os diferentes gêneros dos participantes dariam respostas semelhantes, contradizendo teorias sociais que colocam o gênero feminino como o mais conservador<sup>111</sup>.

Nas subseções que se seguem, apresentaremos, de início, separadamente, as respostas dadas pelas mulheres e pelos homens participantes do teste de atitudes. Em seguida, faremos uma análise comparando as respostas de cada gênero.

### 6.2.1 Gênero: atitudes linguísticas dos gêneros Feminino e Masculino sobre a produção aspirada de /ʒ/

**Quadro 17 – Respostas do gênero *Feminino* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	2,1 = bonito:_:feio 2,4 = inteligente:_:não inteligente 2,3 = elegante:_:deselegante Média = 2,3	2,6 = bonito:_:feio 2,6 = inteligente:_:não inteligente 2,5 = elegante:_:deselegante Média = 2,6	1,8 = bonito:_:feio 2,5 = inteligente:_:não inteligente 2,0 = elegante:_:deselegante Média = 2,1
28.	62,5 = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A.	50% = Todas. 37,5% = Classe A e Classe B. 25% = Classe C e Classe D.	62,5% = Todas. 37,5% = Classe D. 12,5% = Classe C. 0% = Classe A e Classe B.
29.	62,5% = Todas. 25% = 23 a 35 anos. 12,5% = 15 a 22 anos; 36 a 49 anos; e 50 anos em diante.	50% = Todas. 37,5% = 50 anos em diante. 25% = 36 a 49 anos. 12,5% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	62,5% = Todas. 37,5% = 15 a 22 anos. 25% = 23 a 35 anos. 12,5% = 36 a 49 anos. 0% = 50 anos em diante.
30.	37,5% = Analfabeto; Ens. Fund. I.; e Qualquer nível. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl. e Pós-grad.	37,5% = Ens. Fund. I e Qualquer nível. 25% = Analfabeto e Ens. Sup. compl. 12,5% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Pós-grad. 0% = Ens. Méd. compl. e Ens. Sup. incompl.	62,5% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Fund. I. 25% = Analfabeto. 12,5% = Ens. Fund. II. 0% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.

<sup>111</sup> Cf. CHAMBERS; TRUDGILL, 1998; MONTEIRO, 2000; FISHER, 1958; LABOV; 2008; 1994.

**Quadro 17 – Respostas do gênero *Feminino* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
31.	75% = Todos. 25% = Feminino. 0% = Masculino e Outro ____.	75% = Todos. 25% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	12,5% = Interior do NE; Qualquer lugar; Interior do CE; Norte/NE; PE e CE; MG; Interior qualquer; e Nordeste.	25% = Nordeste. 12,5% = Ceará; Interior do CE; Qualquer lugar; Norte/NE; CE e PE; e SP.	50% = Nordeste. 12,5% = Qualquer lugar; Norte/NE; e CE.
34.	100% = Não.	100% = Não.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.
34.1		100% = Em qualquer situação.	100% = Em qualquer situação.
35.	50% = Na profissão de vendedor(a) ambulante. 37,5% = Na profissão de vendedor(a) de loja. 25% = Em novelas; Em outros programas locais de TV; e Na escola. 12,5% = Em jornal a nível local; Em programas de rádio; Em música; Na missa/culto; Na universidade; Na profissão de administrador; Na profissão de professor(a); Em qualquer situação; e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Na profissão de garçom; e Na profissão de comissário(a) de bordo.	50% = Em novelas; e Na profissão de vendedor(a) ambulante. 37,5% = Na escola; Na universidade; e Na profissão de vendedor(a) de loja. 25% = Na missa/culto; e Na profissão de professor(a). 12,5% = Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; e Em qualquer situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Em programas de rádio; Em música; Na profissão de comissário(a) de bordo; e Em nenhuma situação.	37,5% = Na escola 25% = Em novelas; e Em qualquer situação. 12,5% = Em jornal a nível local; Na missa/culto; Na universidade; Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em outros programas locais de TV; Em programas de rádio; Em música; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; Na profissão de comissário(a) de bordo; e Na profissão de professor(a).
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 18 – Respostas do gênero *Masculino* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	3,0 = bonito: _ : feio 2,5 = inteligente: _ : não inteligente 2,9 = elegante: _ : deselegante Média = 2,8	3,1 = bonito: _ : feio 3,4 = inteligente: _ : não inteligente 2,9 = elegante: _ : deselegante Média = 3,1	2,7 = bonito: _ : feio 3,0 = inteligente: _ : não inteligente 2,4 = elegante: _ : deselegante Média = 2,7

**Quadro 18 – Respostas do gênero *Masculino* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
28.	87,5% = Classe C. 75% = Classe D. 25% = Classe B. 0% = Classe A e Todas.	50% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Classe B e Todas. 12,5% = Classe A.	71,4% = Classe C. 57,1% = Classe D. 28,6% = Classe B. 14,3% = Todas. 0% = Classe A.
29.	37,5% = 23 a 35 anos. 25% = 15 a 22 anos; 36 a 49 anos; e Todas. 12,5% = 50 anos em diante.	50% = 50 anos em diante. 37,5% = 36 a 49 anos e Todas. 12,5% = 23 a 35 anos. 0% = 15 a 22 anos.	57,1% = Todas. 42,9% = 15 a 22 anos. 28,6% = 23 a 35 anos. 0% = 36 a 49 anos e 50 ou +
30.	62,5% = Ens. Fund. I. 50% = Ens. Fund. II e Ens. Méd. incompl. 37,5% = Analfabeto e Ens. Méd. compl. 25% = Qualquer nível. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.	50% = Ens. Sup. compl. 37,5% = Ens. Méd. compl. e Qualquer nível. 25% = Ens. Fund. II.; Ens. Sup. incompl.; e Pós-grad. 12,5% = Analfabeto; Ens. Fund. I; e Ens. Méd. incompl.	42,9% = Ens. Fund. I e Qualquer nível. 28,6% = Analfabeto; Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	25% = NE; CE; e Qualquer lugar. 12,5% = Juazeiro do Norte(CE); e Interior qualquer.	50% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = CE; e Interior do CE.	42,9% = Ceará. 28,6% = Nordeste; e Qualquer lugar.
34.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.	71,4% = Não. 28,6% = Sim.
34.1	50% = Com os amigos, informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; e Em qualquer situação. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	66,7% = Em qualquer situação. 33,3% = No trabalho; Com os amigos, formal e informalmente. 0% = Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	100% = Em qualquer situação.
35.	62,5% = Na escola. 50% = Vendedor(a) ambulante 37,5% = Rádio; e Em qualquer situação. 25% = Novelas; Em jornal a nível local; Música; Na universidade; e Garçom. 12,5% = Outros programas de outras emissoras; Outros programas locais de TV; Missa/culto; e Vendedor(a) de loja. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Administrador; Comissário(a); Professor(a); e Em nenhuma situação.	62,5% = Vendedor(a) ambulante. 50% = Na escola; Na universidade; e Garçom. 37,5% = Vendedor(a) de loja; e Rádio. 25% = Novelas; Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível local; Outros programas locais de TV; Música; Missa/culto; Administrador; Professor; e Em qualquer situação. 12,5% = Comissário(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; e Em nenhuma situação.	50% = Vendedor(a) ambulante 37,5% = Na escola; Rádio; e Em qualquer situação. 25% = Novelas; Missa/culto; e Na universidade. 12,5% = Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível local; Outros programas locais de TV; Música; Vendedor(a) de loja; Administrador; Garçom; e Professor(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Comissário(a); e Em nenhuma situação.
36.	100% = Não.	75% = Não. 25% = Sim.	71,4% = Não. 28,6% = Sim.



Como pode ser visto nos quadros 17 e 18, a respeito da produção aspirada de /ʒ/, o gênero masculino apresentou, para os três *corpora* analisados, médias maiores das notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância em relação às dadas pelo gênero feminino. Enquanto as médias das mulheres foram baixas, as dos homens se aproximaram mais da neutralidade. A maior média que elas deram foi para a gravação do PORCUFORT (2,6), e a menor, para os trechos do Suricate (2,1). Algumas das justificativas para a avaliação que as mulheres fizeram para esses trechos foram: “Não acho que seja uma questão de inteligência e não acho feio ou deselegante falar assim. Acho que é um costume apenas, um regionalismo.” (P. 15) e “[...] Quase não é possível entender o que a pessoa que escreveu quis transmitir.” (P. 16). A maior e a menor média que os homens deram também foram, respectivamente, para os trechos do PORCUFORT (3,1) e do Suricate (2,7), justificando sobre a avaliação do primeiro que “[É] inteligente porque é coerente no que fala.” (P. 6) e sobre a do segundo que “[É] horrível.” (P. 9).

Quanto à classe social, de maneira geral, o gênero masculino fez uma avaliação mais negativa do que o feminino, pois, a maioria dos homens associou os trechos dos três bancos de dados analisados às classes sociais mais baixas, C e D, justificando que “[O] linguajar popular [é] bastante recorrente em pessoas de baixa renda.” (P. 14); enquanto a maior parte das mulheres, a respeito dos trechos do PORCUFORT e do Suricate, ampliou sua resposta para “todas as classes”, justificando que se trata de um sotaque de um lugar e não de “uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo.” (P. 15). No entanto, as mulheres mantiveram as classes C e D com os maiores percentuais em relação à gravação do NORPOFOR, associando-a ao “modo de falar de pessoas mais simples, com menor poder aquisitivo.” (P. 7). E a classe A só recebeu pontuação quando foram avaliados os trechos do PORCUFORT, tanto pelas mulheres (37,5%) quanto pelos homens (12,5%). Dessa forma, pudemos constatar que, quando (principalmente, os homens) ligaram os trechos às classes mais baixas, os participantes o fizeram porque costumam relacionar a falta ou a pouca escolarização às pessoas com menor poder aquisitivo; e quando associaram os trechos a todas as classes é porque acreditam que o fenômeno se trata de um sotaque de um lugar e não será a renda que determinará o seu uso ou não.

Em relação à faixa etária, as mulheres demonstraram, novamente, uma atitude mais “flexível” quando comparada à dos homens, pois, enquanto elas colocaram os maiores percentuais para “todas as idades” nos três *corpora* analisados, os homens só deram essa resposta em relação às imagens do Suricate. A maioria das mulheres justificou essa resposta

afirmando que um sotaque não está relacionado a uma idade específica. Por outro lado, ambos os gêneros concordaram em associar os trechos do PORCUFORT à faixa etária mais avançada – os homens a colocaram em primeiro lugar (50%), e as mulheres, em segundo (37,5%).

A respeito do nível de escolaridade, a comparação dos resultados mostra mulheres menos conservadoras, pois, para os trechos dos três bancos de dados avaliados, elas apresentaram em primeiro lugar a resposta “qualquer nível”, justificando que a realização aspirada de /ʒ/ está relacionada ao sotaque ou a situações de “relaxamento” da fala, podendo ocorrer com pessoas de qualquer nível de escolaridade. Porém, ao lado desta resposta, ou em segundo lugar, as mulheres colocaram o segundo menor nível, o de Ensino Fundamental I. Os homens só deram resposta semelhante em relação às imagens do Suricate. Para os trechos do PORCUFORT, podemos perceber respostas bem diferentes de ambos os gêneros: enquanto as mulheres foram mais “rigorosas” e colocaram, em primeiro lugar, o nível de Ensino Fundamental I (e qualquer nível), os homens associaram esses trechos ao Ensino Superior completo.

Quanto ao gênero ao qual está ligado quem faz uso da variante glotal de /ʒ/, tanto as mulheres quanto os homens consideraram, em sua maioria, que a realização aspirada de /ʒ/ poderia ocorrer em todos os gêneros, e essa resposta passou a ser unânime quando relacionada às imagens do Suricate. A maior parte dos participantes justificou sua resposta afirmando que a ocorrência do fenômeno não depende dessa variável.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /ʒ/, a resposta de homens e mulheres só coincidiu em relação aos trechos do PORCUFORT, pois ambos os associaram, em primeiro lugar, como pertencente à região Nordeste. A maior parte das justificativas para essas respostas dizia apenas que esse tipo de pronúncia acontecia nessa região. Apareceram em destaque, também, as respostas “Ceará” e “Qualquer lugar do Brasil” em todos os trechos, nas respostas masculinas e femininas; porém com um percentual bem maior entre as masculinas. Para essa variável, podemos salientar como grande diferencial entre homens e mulheres é que estas apresentaram uma variedade bem maior em suas respostas, como: interior do Nordeste, regiões Norte ou Nordeste, Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /ʒ/, os homens admitiram o seu uso mais do que as mulheres em relação a todos os trechos analisados, porém com um percentual bastante baixo. Na verdade, apenas uma mulher admitiu

realizar o fenômeno e somente quando se deparou com as imagens do Suricate. Esse resultado pode ser confirmado nos dados que foram submetidos ao GoldVarb X, nos quais verificamos que apenas o sexo masculino apresentou um índice de uso favorável à variante glotal de /ʒ/. Portanto, embora a maior parte das mulheres considerem que o fenômeno não depende de gênero para ocorrer, elas não admitem realizar o seu uso mais do que os homens o admitem. Os participantes que responderam sim, ambos os gêneros, para todos os trechos analisados, afirmaram que poderiam fazer esse uso em qualquer situação. E alguns homens admitiram fazê-lo (também), em relação aos trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, com os amigos, informalmente.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /ʒ/, os maiores percentuais das respostas dos homens, em relação aos três *corpora* avaliados, ficaram para “na profissão de vendedor(a) ambulante” e “na escola”; enquanto as mulheres acrescentaram como destaque a opção “em novelas” para os trechos do PORCUFORT e do Suricate. Para as imagens do Suricate, tanto os homens quanto as mulheres consideraram a opção “em qualquer situação” em segundo lugar. Porém, de maneira geral, ela teve maiores percentuais com o gênero masculino para todos os trechos avaliados. Essa escolha revela homens mais “flexíveis” do que as mulheres em relação às situações de uso da variante aspirada de /ʒ/.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, as atitudes de ambos os gêneros são bastante semelhantes em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate, dando, em sua maioria, a resposta “não”. Já em relação à gravação do NORPOFOR, os homens mostraram-se menos conservadores do que as mulheres, pois todos responderam “não”.

Enfim, o que podemos verificar é que o gênero feminino mostrou uma atitude um pouco menos conservadora do que o masculino em relação ao uso de variantes não padrão (no caso, a glotalização de /ʒ/), avaliando-as de forma um pouco menos negativa do que tradicionalmente costuma fazer. Esse resultado refuta nossa hipótese inicial de que todos os gêneros dos participantes fariam uma avaliação semelhante, sem um ser mais conservador do que o outro.

## 6.2.2 Gênero: atitudes linguísticas dos gêneros Feminino e Masculino sobre a produção aspirada de /z/

**Quadro 19 – Respostas do gênero *Feminino* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,0 = bonito: _:feio 2,0 = inteligente: _:não inteligente 2,1 = elegante: _:deselegante Média = 2,0	3,4 = bonito: _:feio 3,3 = inteligente: _:não inteligente 3,0 = elegante: _:deselegante Média = 3,2	2,0 = bonito: _:feio 2,5 = inteligente: _:não inteligente 2,5 = elegante: _:deselegante Média = 2,3
28.	62,5% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 0% = Classe A e Classe B.	37,5% = Todas. 25% = Classe A e Classe B. 12,5% = Classe C e Classe D.	62,5% = Todas. 25% = Classe C e Classe D. 0% = Classe A e Classe B.
29.	62,5% = Todas. 25% = 23 a 35 anos. 12,5% = 15 a 22 anos. 0% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante.	62,5% = Todas. 12,5% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	75% = Todas. 25% = 36 a 49 anos. 12,5% = 15 a 22 anos; 23 a 35 anos; e 50 anos em diante.
30.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Analfabeto e Ens. Fund. I. 25% = Ens. Fund. II e Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Méd. compl. e Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl. e Pós-grad.	37,5% = Pós-grad. e Qualquer nível. 25% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. compl.; e Ens. Sup. compl. 12,5% = Ens. Méd. incompl. e Ens. Sup. incompl. 0% = Analfabeto e Ens. Fund. I.	62,5% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Fund. I. 25% = Analfabeto e Ens. Fund. II. 0% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro ____.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	87,5% = Todos. 12,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro ____.
33.	37,5% = Ceará. 12,5% = Interior do NE; Qualquer lugar; Norte/NE; Fortaleza; e NE.	37,5% = Nordeste. 12,5% = CE; Qualquer lugar; Norte/NE; PE; e RJ.	50% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Qualquer lugar; e Norte/NE.
34.	100% = Não.	75% = Não. 25% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.
34.1		50% = No trabalho; e Em qualquer situação. 25% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente; e Fora de casa, com a família.	50% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; Com pessoas com escolaridade superior à sua; e Em qualquer situação. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; e Fora de casa, com a família.

**Quadro 19 – Respostas do gênero *Feminino* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
35.	62,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante. 50% = Na profissão de vendedor(a) de loja. 37,5% = Em novelas; e Na escola. 25% = Em música; Na missa/culto; e Na universidade. 12,5% = Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Em programas de rádio; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; Na profissão de professor(a); Em qualquer situação; e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Na profissão de comissário(a) de bordo.	37,5% = Em novelas; Na missa/culto; e Em qualquer situação. 25% = Na universidade; Na profissão de administrador; e Na profissão de professor(a). 12,5% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em programas de rádio; Na escola; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Na profissão de comissário(a) de bordo. 0% = Em outros programas locais de TV; Em música; Na profissão de garçom; e Em nenhuma situação.	37,5% = Em novelas; Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 25% = Em programas de rádio 12,5% = Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Na missa/culto; e Na escola. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em música; Na universidade; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; Na profissão de comissário(a) de bordo; Na profissão de professor(a); e Em nenhuma situação.
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	100% = Não.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 20 – Respostas do gênero *Masculino* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	3,6 = bonito:_.:feio 2,8 = inteligente:_.:não inteligente 2,6 = elegante:_.:deselegante Média = 3,0	3,6 = bonito:_.:feio 4,0 = inteligente:_.:não inteligente 3,6 = elegante:_.:deselegante Média = 3,7	2,9 = bonito:_.:feio 2,9 = inteligente:_.:não inteligente 2,3 = elegante:_.:deselegante Média = 2,7
28.	62,5% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A.	50% = Classe B. 37,5% = Classe A; Classe C; e Todas. 12,5% = Classe D.	71,4% = Classe C 57,1% = Classe D. 28,6% = Classe B. 14,3% = Todas. 0% = Classe A.
29.	50% = Todas. 25% = 15 a 22 anos 12,5% = 23 a 35 anos; 36 a 49 anos; e 50 anos em diante.	50% = Todas. 37,5% = 50 anos em diante. 25% = 36 a 49 anos. 0% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	57,1% = Todas. 42,9% = 15 a 22 anos. 14,3% = 23 a 35 anos. 0% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante.

**Quadro 20 – Respostas do gênero *Masculino* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
30.	62,5% = Ens. Méd. compl. 37,5% = Analfabeto. 37,5% = Ens. Fund. I; Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Qualquer nível. 12,5% = Ens. Sup. incompl. e Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Sup. compl. 25% = Analfabeto; Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; e Pós-grad. 12,5% = Ens. Fund. I e Ens. Fund. II. 0% = Ens. Sup. incompl.	42,9% = Qualquer nível; Analfabeto; Ens. Fund. I; Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino 0% = Masculino e Outro ____.	62,5% = Todos. 37,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	50% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = Juazeiro do Norte(CE); e CE.	37,5% = NE; e Qualquer lugar. 12,5% = CE; e Fortaleza(CE).	42,9% = Ceará. 28,6% = NE; e Qualquer lugar.
34.	50% = Não. 50% = Sim.	25% = Não. 75% = Sim.	71,4% = Não. 28,6% = Sim.
34.1	50% = Em casa, com a família; e Em qualquer situação. 25% = No trabalho; Com os amigos, informalmente; Fora de casa, com a família; e Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente; e Com pessoas com escolaridade sup. à sua.	83,3% = Em qualquer situação. 16,7% = No trabalho; Com os amigos, formal e informalmente; Em casa e Fora dela, com a família. 0% = Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	100% = Em qualquer situação.
35.	75% = Na escola. 50% = Novelas; e Vendedor(a) ambulante. 37,5% = Jornal a nível local; Rádio; Música; e Garçom. 25% = Missa/culto; Na universidade; Vendedor(a) de loja; e Em qualquer situação. 12,5% = Outros programas locais de TV. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Administrador; Comissário(a); Professor(a); e Em nenhuma situação.	37,5% = Rádio; Música; Na escola; Na universidade; Vendedor(a) de loja; Vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 25% = Novelas; Outros programas locais de TV; Missa/culto; e Garçom. 12,5% = Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível local; Administrador; e Professor(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Comissário(a); e Em nenhuma situação.	42,9% = Na escola. 28,6% = Novelas; Rádio; Música; Vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 14,3% = Jornal a nível local; Outros programas locais de TV; Missa/culto; Professor(a); e Em nenhuma situação. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Universidade; Vendedor(a) de loja; Administrador; Garçom; e Comissário(a).
36.	100% = Não.	100% = Não.	71,4% = Não. 28,6% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 19 e 20, a respeito da produção aspirada de /z/, o gênero masculino apresentou, para os três *corpora* analisados, médias maiores das notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância em relação às dadas pelo gênero feminino. A diferença das médias dadas por ambos os gêneros foi ainda maior em relação aos trechos do NORPOFOR: enquanto as mulheres avaliaram esses quesitos com média 2,0, os homens deram média 3,0. Sobre essa nota, algumas justificaram: “Não dá pra compreender algumas palavras.” (P. 7) e “O som não é agradável ao ouvido.” (P. 16). Já os homens disseram: “[...] Eu gostei da fala.” (P. 2) e “A inteligência é nítida na conversa entre as amigas.” (P. 6).

Quanto à classe social, de maneira geral, o gênero masculino fez uma avaliação mais negativa do que o feminino, pois, a maioria dos homens associou os trechos do NORPOFOR e do Suricate à classe social C, justificando que “Normalmente são de pessoas que não tiveram acesso à escolarização.” (P. 13); enquanto a maior parte das mulheres, a respeito dos trechos do PORCUFORT e do Suricate, ampliou sua resposta para “todas as classes”, justificando que “[...] no geral, por causa do sotaque, até pessoas que têm escolaridade alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.” (P. 8).

Em relação à faixa etária, ambos os gêneros demonstraram uma atitude mais “flexível”, pois a maioria respondeu, em relação a todos os trechos analisados, que a aspiração de /z/ poderia ocorrer em todas as idades, porém com um percentual maior de mulheres do que de homens dando essa resposta. Na opinião da maior parte dos participantes de ambos os grupos, essa variável não seria relevante para influenciar a utilização de um “sotaque”. Em segundo lugar, voltando a atenção especificamente para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, enquanto os homens afirmaram que o fenômeno seria característico de pessoas com a faixa etária mais jovem (15 a 22 anos), as mulheres disseram que a gravação do NORPOFOR seria da faixa entre 23 e 35 anos, e as imagens do Suricate, entre 36 e 49 anos, justificando para estas que “Parece ser uma expressão utilizada por pessoas mais velhas.” (P. 7).

A respeito do nível de escolaridade, encontramos resultados muito parecidos com o que vimos para a produção aspirada de /3/. Ou seja, comprando-se as respostas mais votadas por ambos os gêneros, em relação aos três bancos de dados analisados, há uma avaliação menos conservadora por parte das mulheres ao colocarem a opção “qualquer nível”, sendo esta em primeiro lugar. Porém ao verificarmos a segunda opção mais votada, elas tornaram a colocar os níveis mais baixos de escolaridade para os trechos do NORPOFOR e do Suricate.

Quando focalizamos a avaliação que foi dada para os trechos do PORCUFORT, ambos os gêneros classificaram-nos, em primeiro lugar, como pertencente a qualquer nível; porém, olhando para a segunda opção mais votada, verificamos uma avaliação mais positiva feita pelos homens do que pelas mulheres, pois, enquanto eles colocaram apenas o nível de “Ensino Superior completo” (37,5%), 25% delas se dividiram entre as opções “Ens. Fund. II”, “Ens. Méd. compl.” e “Ens. Sup. compl.”.

Quanto ao gênero, verificamos um resultado semelhante ao que encontramos para a produção aspirada de /ʒ/, pois ambos os gêneros consideraram, em sua maioria, que a realização glotalizada de /z/ poderia ocorrer em todos os gêneros.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso desse fenômeno, novamente a resposta de homens e mulheres só coincidiu em relação aos trechos do PORCUFORT, pois ambos os associaram, em primeiro lugar, como pertencente à região Nordeste – embora os homens também tenham colocado como resposta “qualquer lugar do Brasil” nessa mesma hierarquia – e, em segundo lugar, ambos responderam “Ceará”. A maior parte das justificativas de ambos os gêneros para essas respostas dizia que, ao comparar com outros Estados e outras regiões, não ouviam essa mesma forma de falar.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a aspiração de /z/, encontramos a maior diferença entre todas as respostas dadas por homens e mulheres. Para este fenômeno, a maior parte dos homens passou a admitir que faz esse uso, com o percentual de 75% para os trechos do PORCUFORT, 50% para os do NORPOFOR e diminuindo para 28,6% em relação aos do Suricate. A maior parte das mulheres respondeu “não” para os trechos do PORCUFORT e do Suricate, e nenhuma delas admitiu fazer esse uso quando se deparou com a gravação do NORPOFOR. Dos homens que responderam “sim”, a maior parte admitiu fazer esse uso em qualquer situação em relação aos três *corpora* analisados. Outras situações votadas por eles foram: “no trabalho”, “com os amigos, formal e informalmente”, e “em casa e fora dela, com a família”.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam fazer esse uso, para os trechos do PORCUFORT, ambos os gêneros responderam a opção “em qualquer situação” em primeiro lugar. Para as imagens do Suricate, porém, apenas as mulheres deram essa resposta com o maior percentual (37,5%); os homens, por sua vez, colocaram-na em segundo lugar, com um percentual de 28,6%. Isso mostra uma atitude menos conservadora do gênero feminino diante desses trechos. Já em relação à gravação do NORPOFOR, a maior parte dos homens escolheu a opção “na escola” (75%), enquanto a maioria das mulheres



colocou “na profissão de vendedor(a) ambulante” (62,5%). Essas escolhas podem demonstrar uma atitude mais conservadora por parte das mulheres, visto que essa profissão (dentre as outras apresentadas) é a que menos exige formalidade no uso da língua, principalmente quando comparamos essa opção com a que foi mais escolhida pelos homens – “na escola”.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /z/, a atitude de ambos os gêneros é igual em relação aos trechos do PORCUFORT, quando todos disseram “não”; e é bastante semelhante em relação às imagens do Suricate, quando a maioria deu essa mesma resposta. Porém, em relação aos trechos do NORPOFOR, os homens foram menos “rigorosos”, pois todos disseram “não”, enquanto houve uma mulher (12,5%) que disse “sim”.

Enfim, o que podemos verificar é que a atitude dos dois grupos foi bastante semelhante a respeito da produção glotalizada de /z/, com as mulheres sendo menos conservadoras em algumas situações e os homens o sendo em outras – resultado que confirma nossa hipótese inicial sobre essa característica dos participantes.

Portanto, pelos resultados obtidos para a variante aspirada das fricativas analisadas, não confirmamos o que dizem estudos mais antigos (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998; MONTEIRO, 2000; FISHER, 1958; LABOV; 2008; 1994) sobre atitudes de gênero: as mulheres com uma atitude mais conservadora do que a dos homens diante de fenômenos linguísticos tradicionalmente estigmatizados pela sociedade, visto que, nos nossos dados, essa diferença de atitude entre os gêneros é apenas discreta. A explicação para esse resultado pode ser dada pelo fato de a posição social das mulheres ser atualmente tão assegurada quanto a dos homens. Um exemplo disso é que todas as mulheres entrevistadas declararam ter uma renda, proveniente de seus próprios salários, que assegurava que elas fossem mantenedoras do lar. Pela escassez de pesquisas que testaram as atitudes linguísticas desse fenômeno, em específico, não podemos mostrar comparações entre resultados.

### **6.2.3 Resumo das respostas por Gênero do participante: Feminino e Masculino sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/**

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas por Gênero do participante do teste de atitudes – feminino e masculino – a respeito da produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.

**Quadro 21 – Resumo das respostas por Gênero do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/**

Questão	Feminino x Masculino – /ʒ/	Feminino x Masculino – /z/
<i>Beleza, inteligência e elegância</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,6);</li> <li>• Maior média: Masculino (2,9); PORCUFORT (3,1).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,8);</li> <li>• Maior média: Masculino (3,1); PORCUFORT (3,7).</li> </ul>
<i>Classe social</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (578%).</li> <li>• Maiores: Mulheres (150%); PORCUFORT (87,5%);</li> <li>• Menores: Homens (378%); NORPOFOR (162,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (453,5%).</li> <li>• Maiores: Mulheres (150%); PORCUFORT e Suricate (62,5%);</li> <li>• Menores: Homens (278,5%); Suricate (128,5%).</li> </ul>
<i>Faixa etária</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (294,6%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Mulheres (150%); NORPOFOR e Suricate (62,5%);</li> <li>➢ Homens (119,6%); Suricate (57,1%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (351,7%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Mulheres (200%); Suricate (75%);</li> <li>➢ Homens (151,7%); os 3 corpora (50%).</li> </ul> </li> </ul>
<i>Escolaridade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (396,5%); Altas (355,4%).</li> <li>• Maiores: Homens (180,4%); PORCUFORT (112,5%).</li> <li>• Menores: Mulheres (200%); NORPOFOR (75%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Altas (417,9%); Baixas (335,8%).</li> <li>• Maiores: Mulheres (212,5%); PORCUFORT (150%).</li> <li>• Menores: Homens (198,3%); Suricate (85,8%).</li> </ul>
<i>Gênero</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todos</i> para os 3 corpora (500%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Mulheres (250%); Suricate (100%);</li> <li>➢ Homens (250%); Suricate (100%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todos</i> para os 3 corpora (462,5%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Mulheres (237,5%); PORCUFORT e Suricate (87,5%);</li> <li>➢ Homens (225%); Suricate (100%).</li> </ul> </li> </ul>
<i>Lugar de origem</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (191,1%): Homens (103,6%); PORCUFORT (50%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (37,5%): Homens (78,5%); os 3 corpora (25%).</li> <li>• Ceará: PORCUFORT e Suricate (12,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (216,1%): Homens (116,1%); NORPOFOR (50%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (128,6%): Homens (91,1%); PORCUFORT (37,5%).</li> <li>• Ceará para os 3 corpora (75%): Mulheres (75%); NORPOFOR (37,5%).</li> </ul>
<i>Fazer uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (521,4%);</li> <li>• Mais reconhecem: Homens (66,1%); PORCUFORT (25%) e Suricate (28,6%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (396,4%);</li> <li>• Mais reconhecem: Homens (153,6%); PORCUFORT (75%).</li> </ul>
<i>Situações gerais de uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (525%);</li> <li>• Mais formal: Mulheres (50%); PORCUFORT (50%).</li> <li>• Mais informal: Homens (312,5%); NORPOFOR e PORCUFORT (112,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (450%);</li> <li>• Mais formal: Mulheres (137,5%); PORCUFORT (62,5%).</li> <li>• Mais informal: Homens (275%); NORPOFOR (125%).</li> </ul>
<i>Ter vergonha</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (496,4%):</li> <li>• Menor vergonha: Mulheres (250%); NORPOFOR e PORCUFORT (87,5%).</li> <li>• Maior vergonha: Homens (53,6%); PORCUFORT (25%) e Suricate (28,6%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (546,4%):</li> <li>• Menor vergonha: Mulheres (275%); PORCUFORT (100%).</li> <li>• Maior vergonha: Homens (28,6%); Suricate (28,6%).</li> </ul>
<i>Geral</i>	❖ Avaliou mais positivamente: Feminino.	❖ Avaliaram mais positivamente: ambos igualmente.
<i>/ʒ/ x /z/</i>	Nas questões 34 (admitir que usa) e 36 (ter vergonha de quem usa), podemos concluir que a <b>aspiração de /z/ é mais bem aceita do que a de /ʒ/</b> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

### 6.3 RESPOSTAS POR ESCOLARIDADE DO PARTICIPANTE: COM ENSINO SUPERIOR E SEM ENSINO SUPERIOR SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/

Nesta subseção, apresentaremos, de início, separadamente, as respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes que possuem Ensino Superior e pelos que não possuem em nível de escolaridade. Em seguida, faremos uma análise comparando as respostas de cada nível. A nossa hipótese inicial era de que os participantes com o maior grau de escolaridade fazem uma avaliação mais negativa do fenômeno do que os demais participantes.

#### 6.3.1 Escolaridade: atitudes linguísticas dos níveis de Escolaridade Com Ensino Superior e Sem Ensino Superior sobre a produção aspirada de /ʒ/

**Quadro 22 – Respostas da escolaridade *Com Ensino Superior* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	2,7 = bonito: _:feio 2,4 = inteligente: _:não inteligente 2,8 = elegante: _:deselegante Média = 2,6	2,5 = bonito: _:feio 2,6 = inteligente: _:não inteligente 2,3 = elegante: _:deselegante Média = 2,5	1,7 = bonito: _:feio 2,4 = inteligente: _:não inteligente 2,0 = elegante: _:deselegante Média = 2,0
28.	75% = Classe C. 62,5% = Classe D. 12,5% = Classe B e Todas. 0% = Classe A.	50% = Classe C. 37,5% = Classe D e Todas. 12,5% = Classe A e Classe B.	57,1% = Classe C e Classe D. 28,6% = Todas. 0% = Classe A e Classe B.
29.	37,5% = 23 a 35 anos e 36 a 49 anos. 25% = 50 anos em diante e Todas. 12,5% = 15 a 22 anos.	50% = 50 anos em diante. 37,5% = 36 a 49 anos. 25% = Todas. 12,5% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	57,1% = Todas. 42,9% = 15 a 22 anos. 28,6% = 23 a 35 anos. 0% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante.
30.	50% = Ens. Fund. I. 37,5% = Ens. Fund. II. 25% = Analfabeto; Ens. Méd. incompl.; e Qualquer nível. 12,5% = Ens. Méd. compl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.	37,5% = Ens. Fund. I.; Ens. Fund. II; e Ens. Sup. compl. 25% = Analfabeto; Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; e Qualquer nível. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; e Pós-grad.	57,1% = Qualquer nível. 42,9% = Ens. Fund. I. 28,6% = Analfabeto. 14,3% = Ens. Fund. II. 0% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	50% = Feminino e Todos. 0% = Masculino e Outro _____.	75% = Todos. 25% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos. 0% = Feminino, Masculino e Outro _____.
33.	25% = Ceará. 12,5% = Interior do NE; NE; Interior do CE; Qualquer lugar; PE e CE; Interior qualquer.	37,5% = Qualquer lugar. 25% = CE; e NE. 12,5% = CE e PE.	57,1% = Nordeste. 28,6% = Qualquer lugar. 14,3% = Ceará.

**Quadro 22 – Respostas da escolaridade *Com Ensino Superior* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
34.	100% = Não.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	85,7% = Não. 14,3 = Sim.
34.1	100% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; e Fora de casa, com a família. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua; e Em qualquer situação.	50% = No trabalho; Com os amigos, formal e informalmente; e Em qualquer situação. 0% = Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	100% = Em qualquer situação.
35.	62,5% = Vendedor(a) ambulante 50% = Na escola; e Na profissão de vendedor(a) de loja. 37,5% = Em programas de rádio. 25% = Em outros programas locais de TV; e Na universidade. 12,5% = Em novelas; Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em música; Na missa/culto; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; Na profissão de professor(a); Em qualquer situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Na profissão de comissário(a) de bordo; Em nenhuma situação.	75% = Na profissão de vendedor(a) ambulante. 62,5% = Na escola; Na universidade; e Na profissão de vendedor(a) de loja. 37,5% = Na profissão de garçom. 25% = Em novela; Em programas de rádio; Na profissão de administrador; e Na profissão de professor(a). 12,5% = Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Na missa/culto; e Em qualquer situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em música; Na profissão de comissário(a) de bordo; Em nenhuma situação.	42,9% = Na escola. 28,6% = Em programas de rádio; Na missa/culto; Na universidade; Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 14,3% = Em novelas; Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de administrador; e Na profissão de garçom. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em música; Na profissão de comissário(a) de bordo; Na profissão de professor(a); e Em nenhuma situação.
36.	100% = Não.	75% = Não. 25% = Sim.	57,1% = Não. 42,9% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 23 – Respostas da escolaridade *Sem Ensino Superior* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,6 = bonito: _:feio 2,5 = inteligente: _:não inteligente 2,4 = elegante: _:deselegante Média = 2,5	3,3 = bonito: _:feio 3,4 = inteligente: _:não inteligente 3,1 = elegante: _:deselegante Média = 3,3	2,6 = bonito: _:feio 3,0 = inteligente: _:não inteligente 2,4 = elegante: _:deselegante Média = 2,7

**Quadro 23 – Respostas da escolaridade *Sem Ensino Superior* para a produção aspirada de /3/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/3/ – NORPOFOR	/3/ – PORCUFORT	/3/ – SURICATE
28.	75% = Classe C. 50% = Classe D. 25% = Classe B. 12,5% = Todas. 0% = Classe A.	50% = Classe B. 37,5% = Classe A e Todas. 25% = Classe C e Classe D.	50% = Todas. 37,5% = Classe D. 25% = Classe B e Classe C. 0% = Classe A.
29.	62,5% = Todas. 25% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos. 0% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante.	62,5% = Todas. 37,5% = 50 anos em diante. 25% = 36 a 49 anos. 12,5% = 23 a 35 anos. 0% = 15 a 22 anos.	62,5% = Todas. 37,5% = 15 a 22 anos. 25% = 23 a 35 anos. 12,5% = 36 a 49 anos. 0% = 50 anos em diante.
30.	50% = Analfabeto; e Ens. Fund. I. 37,5% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl. ; e Qualquer nível. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Sup. compl. 25% = Pós-grad. 12,5% = Analfabeto; Ens. Fund. I.; Ens. Méd. compl.; e Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Fund. II; e Ens. Méd. incompl.	75% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Fund. I. 25% = Analfabeto; Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	87,5% = Todos. 12,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	25% = Qualquer lugar; e NE. 12,5% = Juazeiro do Norte(CE); Norte/NE; Interior qualquer; e MG.	50% = Nordeste. 12,5% = Interior qualquer; Interior do CE; Norte/NE; e SP.	37,5% = Ceará. 25% = Nordeste. 12,5% = Interior do CE; Qualquer lugar; e Norte/NE.
34.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.
34.1	100% = Em qualquer situação.	100% = Em qualquer situação.	100% = Em qualquer situação.
35.	37,5% = Novelas; Escola; Em qualquer situação. 25% = Jornal a nível local; Música; e Vendedor(a) ambulante. 12,5% = Outros programas locais de TV; Rádio; Missa/culto; Universidade; Garçom; e Em nenhuma situação. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Vendedor(a) de loja; Administrador; Comissário(a); Professor(a).	50% = Em novelas. 37,5% = Missa/culto; e Vendedor(a) ambulante. 25% = Outros programas de outras emissoras; Música; Escola; Universidade; Garçom; Professor(a); e Em qualquer situação. 12,5% = Jornal a nível local; Outros programas locais de TV; Rádio; Vendedor(a) de loja; Administrador; e Comissário(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; e Em nenhuma situação.	37,5% = Novelas; Escola; Vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 12,5% = Jornal a nível local; Rádio; Música; Missa/culto; Universidade; Professor(a); e Em nenhuma situação. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Outros programas locais de TV; Vendedor(a) de loja; Administrador; Garçom; e Comissário(a).
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 22 e 23, a respeito da produção aspirada de /3/, os participantes sem Ensino Superior (sES) apresentaram, para os trechos do PORCUFORT e

do Suricate, médias maiores das notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância em relação às que foram dadas pelos participantes com ES (cES). Estes, em relação à gravação do NORPOFOR, deram uma média discretamente maior (2,6) do que os sES (2,5). Algumas das justificativas para a avaliação que os participantes sES fizeram para esses trechos foram: “Inteligente porque é coerente no que fala.” (P. 6) e “Sotaque nordestino sendo utilizado de maneira informal.” (P. 14). Já participantes cES justificaram que: “O sotaque e a velocidade comprometem o entendimento das palavras.” (P. 13) e “[...] É muito diferente da pronúncia correta ‘jogar’.” (P. 7).

Quanto à classe social, os participantes cES fizeram uma avaliação mais negativa, pois a maioria escolheu, para todos os trechos analisados, a classe C (além da classe D para as imagens do Suricate). Com os participantes sES, essa resposta só foi igual em relação à gravação do NORPOFOR; para os trechos do PORCUFORT, eles escolheram a classe B e, para os do Suricate, foram todas as classes. Uma das justificativas dos participantes cES para essa escolha foi: “Normalmente são de pessoas que não tiveram acesso à escolarização.” (P. 13).

Em relação à faixa etária, somente para as imagens do Suricate a resposta dos dois grupos foi a mesma: todas as idades. Com os participantes sES, essa resposta foi igual para os outros dois *corpora* analisados. Por isso, podemos afirmar que os participantes sES foram mais “flexíveis” ao avaliar essa variável, e uma de suas justificativas foi: “não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio [em] que a pessoa está inserida, do que a idade que ela tem.” (P. 8).

A respeito do nível de escolaridade, ambos os grupos mostraram uma atitude conservadora diante da gravação do NORPOFOR, escolhendo os mais baixos níveis, justificando que “[...] A troca de letras [...] é um tanto quanto desqualificada.” (P. 16). Para os trechos do PORCUFORT e do Suricate, a maior parte dos participantes sES escolheu a opção “qualquer nível”, enquanto, com os participantes cES, essa escolha só se repetiu para as imagens do Suricate. Dessa forma, podemos entender que, na maior parte dos trechos analisados, os participantes sES fizeram uma avaliação mais positiva do que os outros.

Quanto ao gênero, ambos os grupos consideraram, em sua maioria, que a realização glotalizada de /ʒ/ poderia ocorrer em todos os gêneros, e essa resposta passou a ser unânime quando relacionada às imagens do Suricate. Em relação aos trechos do NORPOFOR, o gênero feminino chegou a ser escolhido por ambos os grupos: por 50% dos cES e por 12,5%

dos sES. Essa escolha foi justificada como: “A voz é feminina.” (P. 3) e “Pelos palavras utilizadas, caracteriza-se por ser relativo ao público feminino.” (P. 7). Essas justificativas nos levam a concluir que essas participantes do teste levaram mais em consideração a maneira de construção da frase do que a realização aspirada de /ʒ/ feita pelas informantes do NORPOFOR.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /ʒ/, os dois grupos deram respostas diferentes para cada banco de dados analisado. Para os trechos do NORPOFOR, a maior parte (25%) dos participantes cES respondeu “Ceará”; para 25% do outro grupo, as respostas foram “Qualquer lugar do Brasil” e “Nordeste”; para 12,5% de cada um dos grupos, a única resposta que coincidiu foi “Interior qualquer”. Para a gravação do PORCUFORT, enquanto 37,5% dos participantes cES passaram a responder “Qualquer lugar”, 50% dos sES afirmaram que quem realiza o fenômeno pertence à região Nordeste. E para as imagens do Suricate, 57,1% do primeiro grupo respondeu “Nordeste”, e 37,5% do segundo, “Ceará”. Assim, de maneira geral, podemos verificar que a maior parte das respostas continua remetendo a lugares dentro da região Nordeste.

Quanto ao fato de os informantes do teste realizarem ou não a glotalização de /ʒ/, só houve resposta unânime com os participantes cES e quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, afirmando que não faziam aquele uso. Em relação às imagens do Suricate, o percentual de respostas “não” por parte desse grupo também foi maior do que o do outro: 85,7% do primeiro e 75% do segundo. A respeito da gravação do PORCUFORT, ambos os grupos apresentaram o mesmo percentual (87,5%) dessa resposta. Desse modo, os participantes cES foram os que mais rejeitaram o uso da variante aspirada de /ʒ/. Dentre os indivíduos que responderam sim, 100% dos sES afirmaram que fazem esse uso em qualquer situação em relação aos três *corpora* analisados; para os participantes cES, essa resposta só se repetiu em relação às imagens do Suricate e, quando se depararam com os outros dois bancos de dados, essa resposta apareceu ao lado de outras, como: “com os amigos, formal e informalmente”.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /ʒ/, a maior parte dos indivíduos cES respondeu “na profissão de vendedor(a) ambulante” para os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT; para as imagens do Suricate, esses participantes deixaram essa resposta em segundo lugar e, em primeiro, apareceu “na escola”, que, por sua vez, ficou nessa hierarquia quando eles se depararam com os primeiros dois bancos de dados. Já a maioria dos participantes sES escolheu a opção “em novelas” para

todos os trechos analisados. Essa resposta se destacou ainda mais em relação à gravação do PORCUFORT, com um percentual de 50%; para os outros *corpora* avaliados, essa opção foi escolhida por 37,5% dos participantes sES e ainda ao lado de outras respostas, como “na escola” e “em qualquer situação”. Um fato que nos surpreendeu foi que a resposta “na universidade”, a qual geralmente carrega uma avaliação positiva, só apareceu em terceiro lugar e para apenas 25% dos participantes sES e, em segundo, para 62,5% dos cES quando confrontados com os trechos do PORCUFORT. Esperava-se o contrário: que os indivíduos com menor nível de escolaridade agissem de forma mais positiva do que os do outro grupo.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a glotalização de /ʒ/, a resposta só foi unânime com os participantes cES e quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, afirmando que não; para essa situação, uma participante sES respondeu que sim. Para os demais trechos, houve respostas “sim” e “não” nos dois grupos, sendo a segunda mais do que a primeira. Esse fato nos surpreendeu, pois esperávamos que, se houvesse alguma unanimidade nessa resposta, ela deveria ocorrer em relação à gravação do PORCUFORT, visto que esta vinha sendo mais bem avaliada por ambos os grupos nas demais situações; além disso, esse mesmo fato, em relação aos trechos do NORPOFOR, nos mostrou uma atitude menos conservadora por parte dos participantes cES do que pelos outros. Por outro lado, em relação às imagens do Suricate, os indivíduos cES fizeram uma avaliação mais negativa, com 42,9% deles afirmando que sentiriam vergonha da glotalização de /ʒ/ nessa situação – e apenas 12,5% dos participantes sES deram essa resposta.

Enfim, a respeito da produção aspirada de /ʒ/, notamos que os participantes cES tiveram uma atitude mais conservadora do que os sES – fato condizente com as nossas hipóteses iniciais. Em virtude disso, se na nossa sociedade as pessoas cES detêm um maior prestígio do que as sES, podemos entender que a glotalização de /ʒ/ constitui um fenômeno desprestigiado na nossa língua, o que certamente dificultaria a sua possibilidade de implementação.



### 6.3.2 Escolaridade: atitudes linguísticas dos níveis de Escolaridade Com Ensino Superior e Sem Ensino Superior sobre a produção aspirada de /z/

**Quadro 24 – Respostas da escolaridade *Com Ensino Superior* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,8 = bonito: _:feio 2,4 = inteligente: _:não inteligente 2,1 = elegante: _:deselegante Média = 2,4	3,8 = bonito: _:feio 3,8 = inteligente: _:não inteligente 3,6 = elegante: _:deselegante Média = 3,7	1,7= bonito: _:feio 2,4 = inteligente: _:não inteligente 2,1 = elegante: _:deselegante Média = 2,1
28.	62,5% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A.	50% = Todas as classes e Classe B. 25% = Classe A e Classe C. 12,5% = Classe D.	57,1% = Classe C e Classe D. 28,6% = Todas as classes. 0 % = Classe A e Classe B.
29.	50% = Todas as idades. 37,5% = 23 a 35 anos. 12,5% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos.	50% = Todas as idades. 37,5% = 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos; 23 a 35 anos; e 36 a 49 anos.	71,4% = Todas as idades. 14,3% = 15 a 22 anos; 23 a 35 anos; 36 a 49 anos; e 50 anos em diante.
30.	37,5% = Ens. Méd. compl.; e Qualquer nível. 25% = Analfabeto; Ens. Fund. I; Ens. Fund. II; e Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; e Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	37,5% = Ens. Fund. II; Ens. Sup. compl.; Pós-grad.; e Qualquer nível. 25% = Ens. Méd. compl. 12,5% = Analfabeto; Ens. Fund. I; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Sup. incompl.	57,1% = Ens. Fund. I. 42,9% = Analfabeto; e Qualquer nível. 28,6% = Ens. Fund. II. 0% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	50% = Feminino e Todos. 0% = Masculino e Outro ____.	62,5% = Todos. 37,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	85,7% = Todos. 14,3% = Feminino. 0% = Masculino e Outro ____.
33.	37,5% = Ceará. 25% = Nordeste. 12,5% = Interior do NE; Qualquer lugar; e Fortaleza(CE).	37,5% = Qualquer lugar. 25% = CE; e NE. 12,5% = Pernambuco.	57,1% = Nordeste. 28,6% = Ceará. 14,3% = Qualquer lugar.
34.	75% = Não. 25% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.	85,7% = Não. 14,3% = Sim.
34.1	50% = No trabalho; Em casa, com a família; e Em qualquer situação. 0% = Com os amigos, informalmente; Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	60% = Em qualquer situação. 40% = No trabalho. 20% = Com os amigos, informalmente; Com os amigos, formalmente; Em casa, com a família; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = Com pessoas com escolaridade inferior à sua.	100% = Em qualquer situação.

**Quadro 24 – Respostas da escolaridade *Com Ensino Superior* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
35.	75% = Na profissão de vendedor(a) ambulante. 62,5% = Na escola; e Na profissão de vendedor(a) de loja. 37,5% = Na missa/culto; Na universidade; e Na profissão de garçom. 25% = Em novelas; Em jornal a nível local; Em programas de rádio; e Em música. 12,5% = Em outros programas locais de TV; Na profissão de administrador; Na profissão de professor(a); e Em qualquer situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Na profissão de comissário(a) de bordo; e Em nenhuma situação.	50% = Em qualquer situação. 25% = Na missa/culto; Na escola; Na universidade; e Na profissão de vendedor(a) de loja. 12,5% = Em novelas; Em programas de rádio; Em música; Na profissão de vendedor(a) ambulante; Na profissão de administrador; e Na profissão de professor(a). 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em outros programas locais de TV; Na profissão de garçom; Na profissão de comissário(a) de bordo; e Em nenhuma situação.	28,6% = Em programas de rádio; Na profissão de vendedor(a) ambulante; e Em qualquer situação. 14,3% = Em novelas; Em outros programas locais de TV; Na missa/culto; Na escola; Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível local; Em música; Na universidade; Na profissão de vendedor(a) de loja; Na profissão de administrador; Na profissão de garçom; Na profissão de comissário(a) de bordo; e Na profissão de professor(a).
36.	100% = Não.	100% = Não.	57,1% = Não. 42,9% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 25 – Respostas da escolaridade *Sem Ensino Superior* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	3,6 = bonito:_.feio 2,6 = inteligente:_.não inteligente 2,6 = elegante:_.deselegante Média = 2,9	3,6 = bonito:_.feio 3,5 = inteligente:_.não inteligente 3,0 = elegante:_.deselegante Média = 3,4	2,6 = bonito:_.feio 3,0 = inteligente:_.não inteligente 2,6 = elegante:_.deselegante Média = 2,7
28.	62,5% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 0% = Classe A e Classe B.	37,5% = Classe A. 25% = Todas; Classe B; e Classe C. 12,5% = Classe D.	50% = Todas. 25% = Classe B; Classe C; e Classe D. 0% = Classe A.
29.	62,5% = Todas as idades. 37,5% = 15 a 22 anos. 0% = 23 a 35 anos; 36 a 49 anos; e 50 anos em diante.	62,5% = Todas as idades. 37,5% = 36 a 49 anos. 12,5% = 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	62,5% = Todas as idades. 37,5% = 15 a 22 anos. 12,5% = 23 a 35 anos e 36 a 49 anos. 0% = 50 anos em diante.

**Quadro 25 – Respostas da escolaridade *Sem Ensino Superior* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
30.	50% = Analfabeto; Ens. Fund. I; e Qualquer nível. 37,5% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.	50% = Qualquer nível. 12,5% = Analfabeto. 25% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad. 0% = Ens. Fund. I; Ens. Fund. II; e Ens. Sup. incompl.	62,5% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Analfabeto; e Ens. Fund. I.; 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; Pós-grad.
31.	75% = Todos. 25% = Feminino. 0% = Masculino e Outro _____.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	37,5% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = Juazeiro do Norte(CE); Norte/NE; e CE.	50% = Nordeste. 12,5% = Fortaleza(CE); Norte/NE; RJ; e Qualquer lugar.	37,5% = Ceará. 25% = Qualquer lugar; e NE. 12,5% = Norte/NE.
34.	75% = Não. 25% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.
34.1	50% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Em qualquer situação. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	80% = Em qualquer situação. 20% = No trabalho; Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; e Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	66,7% = Em qualquer situação. 33,3% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; e Fora de casa, com a família.
35.	62,5% = Em novelas. 50% = Na escola. 37,5% = Em música; e vendedor(a) ambulante. 25% = Em jornal a nível local; Em programas de rádio; e Em qualquer situação. 12,5% = Em outros programas locais de TV; Na missa/culto; Na universidade; Na profissão de vendedor(a) de loja; garçom; e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas; Administrador; comissário(a); e professor(a).	50% = Em novelas. 37,5% = Em programas de rádio; Na missa/culto; Na universidade; e vendedor(a) ambulante. 25% = Em outros programas de outras emissoras; Em outros programas locais de TV; e Em música; Na escola; Na profissão de vendedor(a) de loja; Administrador; Garçom; Professor(a); e Em qualquer situação. 12,5% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em jornal local; e comissário(a) de bordo. 0% = Em nenhuma situação.	50% = Em novelas; e Em jornal a nível local. 37,5% = Na escola; Em qualquer situação. 25% = Em programas de rádio; Em música; e Vendedor(a) ambulante. 12,5% = Em outros programas locais de TV; Na missa/culto; e Professor(a). 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas; Na universidade; Vendedor(a) de loja; Administrador; Garçom; Comissário(a) de bordo; e Em nenhuma situação.
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	100% = Não.	100% = Não.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 24 e 25, a respeito da produção aspirada de /z/, para a gravação do PORCUFORT, os participantes de ambos os níveis de escolaridade analisados apresentaram médias relativamente altas das notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância, argumentando que são trechos “Bem construído[s] e pronunciado[s].” (P. 12). Já para a gravação do NORPOFOR, os indivíduos com Ensino Superior (cES) apresentaram uma média menor do que a dos outros participantes (2,9). E para as imagens do Suricate, a avaliação dos informantes cES foi mais negativa (2,1) do que a dos outros, a qual se aproximou da neutralidade (2,7). Em relação a esse banco de dados, uma das justificativas dadas pelos participantes cES foi “[...] É muito diferente da pronúncia correta ‘coisa.’” (P. 7).

Quanto à classe social, para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, a maior parte dos participantes cES escolheu as classes mais baixas, C e D. Os indivíduos sES tiveram uma atitude semelhante em relação ao primeiro banco de dados, mas, em relação ao último, eles foram mais “flexíveis”, com 50% deles considerando que a realização aspirada de /z/ poderia ocorrer em todas as classes sociais. Essa atitude pode ser percebida, também, quando eles se depararam com a gravação do PORCUFORT, pois, enquanto 37,5% dos participantes sES escolheram a classe A, apenas 25% dos indivíduos do outro grupo deram essa resposta. Assim, para essa variável, a maior parte dos participantes com um nível de escolaridade menor fez uma avaliação mais positiva do que os que possuem maior nível.

Em relação à faixa etária, ambos os grupos escolheram em primeiro lugar, para todos os trechos analisados, a opção “todas as idades”, justificando que o fenômeno não depende dessa variável para ocorrer.

A respeito do nível de escolaridade, em relação à gravação do NORPOFOR, ambos os grupos colocaram a resposta “qualquer nível” em primeiro lugar. Porém as outras opções que aparecem ao lado desta, na mesma hierarquia, são o que difere as atitudes dos dois grupos, pois, enquanto para 37,5% dos participantes cES esses trechos também podem ser associados a pessoas com Ensino Médio completo, para 50% dos indivíduos sES eles estariam relacionados (também) a analfabetos e a quem tem apenas o Ensino Fundamental I. Essas respostas demonstram uma atitude menos conservadora por parte dos informantes cES em relação aos trechos do NORPOFOR, sobre os quais alguns justificaram que “[...] Não é uma questão de idade, classe social ou instrução, mas de forma de falar por questões culturais.” (P. 15). Por outro lado, para as imagens do Suricate, 57,1% desses participantes fizeram uma avaliação mais negativa, atribuindo a essa situação o segundo nível mais baixo de escolaridade – o Ensino Fundamental I –, enquanto 62,5% dos indivíduos sES escolheram como resposta a opção “qualquer nível”. Alguns participantes do primeiro grupo justificaram

essa resposta argumentando que se trata de “Maneira incorreta de dizer.” (P. 11) ou “Porque muitas pessoas nordestinas têm o sotaque de falar errado.” (P. 3). E para os trechos do PORCUFORT, ambos os grupos colocaram em primeiro lugar a resposta “qualquer nível” – ao lado de “Ensino Fundamental II”, “Ensino Superior completo” e “Pós-graduação” na resposta dos participantes cES.

Quanto ao gênero, a maioria dos participantes associou os trechos dos três bancos de dados a qualquer gênero. Os indivíduos que escolheram o gênero feminino para os trechos do NORPOFOR e do Suricate justificaram essa resposta, mais uma vez, levando em consideração mais a maneira de construção da frase do que a realização glotalizada de /z/ exposta nesses dois *corpora*.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /z/, para a gravação do NORPOFOR, 37,5% dos participantes cES restringiram esse lugar para o Estado do Ceará, enquanto o mesmo percentual de informantes sES ampliou esse espaço para a região Nordeste. Ainda em relação a esse banco de dados, verificamos que uma participante cES associou esse uso especificamente à cidade de Fortaleza(CE). Já para as imagens do Suricate, ocorreu o inverso: enquanto 57,1% do primeiro grupo ampliou esse uso para pessoas do Nordeste, 37,5% do segundo o restringiu ao Ceará. E para os trechos do PORCUFORT, a maior parte dos informantes cES considerou que o fenômeno poderia ocorrer em “qualquer lugar do Brasil”, já para 50% dos indivíduos sES, ele ocorreria apenas no Nordeste.

Quanto ao fato de os informantes do teste realizarem ou não a glotalização de /z/, quando se depararam com a gravação do PORCUFORT, metade dos indivíduos de ambos os grupos admitiu produzir essa variante, e a maioria destes afirmou que o fariam em qualquer situação. Para os trechos do NORPOFOR, apenas 25% dos informantes de ambos os grupos reconheceram fazer esse uso. E para as imagens do Suricate, somente 14,3% dos indivíduos cES passou a dar essa resposta, enquanto 37,5% dos participantes sES afirmaram isso. Dessa forma, podemos dizer que houve uma maior identificação por parte dos informantes com menor nível de escolaridade quando eles se depararam com os trechos do Suricate.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /z/, a maior parte dos indivíduos sES escolheu a opção “em novelas” para todos os trechos analisados; para as imagens do Suricate, essa opção apareceu ao lado de “em jornal a nível local”, situação que remete a um nível maior de formalidade no uso da língua quando comparada a várias outras opções apresentadas na questão, tornando, portanto, a avaliação para os trechos do Suricate, feita pelos participantes sES, mais positiva. Essa atitude pode ser comprovada, ainda, pelo fato de a “profissão de professor(a)” – que normalmente é associada

a um uso mais constante da variante padrão – ter sido marcada por 14,3% dos indivíduos sES, enquanto nenhum dos participantes cES a escolheu em relação a esse banco de dados. Para a gravação do PORCUFORT, verificamos uma atitude mais “flexível” por parte dos indivíduos cES pelo fato de 50% deles terem colocado que esses trechos poderiam ocorrer “em qualquer situação”, enquanto apenas 25% dos participantes sES escolheram essa resposta. E a opção “na universidade” apareceu em segundo lugar entre as escolhas de ambos os grupos quando se depararam com os trechos do PORCUFORT. Por outro lado, as respostas “em jornal a nível nacional”, “no fantástico (TV Globo)”, “em jornal a nível local” e “na profissão de comissário(a) de bordo” – situações frequentemente associadas a um alto nível de formalidade no uso da língua – passaram a ser escolhidas por 12,5% dos indivíduos sES, enquanto que nenhum informante do outro grupo as marcou, demonstrando que os primeiros fizeram uma avaliação mais positiva em relação ao uso da variante aspirada de /z/ nos trechos do PORCUFORT. E para a gravação do NORPOFOR, a atitude dos participantes cES foi mais conservadora do que a dos outros, pois, enquanto 75% deles marcaram a opção “na profissão de vendedor(a) ambulante” – geralmente ligada a uma maior informalidade no uso da língua –, esta foi a escolha de apenas 37,5% dos indivíduos sES.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a glotalização de /z/, a resposta dos participantes de ambos os grupos só foi unânime em relação à gravação do PORCUFORT, sobre a qual todos responderam “não”. Com os indivíduos cES, esse resultado se repete quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, os quais foram rejeitados por uma participante (12,5%) sES, fazendo, assim, com que este grupo tenha demonstrado uma atitude mais conservadora do que o primeiro em relação a esse banco de dados. No entanto, o maior percentual de indivíduos envergonhados (42,9%) apareceu entre os informantes cES quando eles se depararam com as imagens do Suricate, revelando, então, uma avaliação mais negativa por parte desse grupo nessa situação.

Enfim, a respeito da produção aspirada de /z/, verificamos o mesmo que havíamos constatado em relação à glotalização de /ʒ/, ou seja, os participantes cES demonstrando uma atitude mais conservadora do que os sES – confirmando, mais uma vez, nossa hipótese inicial a respeito dessa característica dos participantes.

Portanto, entendemos que esse resultado está ligado ao fato de que, embora os estudos do uso privilegiem os fenômenos da fala – como esta pesquisa fez –, a escola e, mais ainda, a universidade priorizam a escrita (VOTRE, 2004). Além do mais, se no ensino que nossos participantes tiveram prevaleceu o tipo prescritivo, eles se depararam com uma

situação em que houve, ao mesmo tempo, a promoção da variante padrão como forma de prestígio social e a busca pela eliminação das formas estigmatizadas (VOTRE, 2004). Pela escassez de pesquisas que testaram as atitudes linguísticas desse fenômeno, em específico, não podemos mostrar comparações entre resultados.

### 6.3.3 Resumo das respostas por Escolaridade do participante: com Ensino Superior e sem Ensino Superior sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas por Escolaridade do participante do teste de atitudes – com Ensino Superior e sem Ensino Superior – a respeito da produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.

**Quadro 26 – Resumo das respostas por Escolaridade do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/**

(continua)

Questão	Com Ens. Sup. x Sem Ens. Sup. – /z/	Com Ens. Sup. x Sem Ens. Sup. – /ʒ/
<i>Beleza, inteligência e elegância</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,6);</li> <li>• Maior média: sES (2,8); PORCUFORT (3,3).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,9);</li> <li>• Maior média: sES (3,0); PORCUFORT (3,4).</li> </ul>
<i>Classe social</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (576,7%).</li> <li>• Maiores: sES (137,5%); PORCUFORT (75%);</li> <li>• Menores: cES (339,2%); NORPOFOR (137,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (439,2%).</li> <li>• Maiores: sES (137,5%); PORCUFORT (62,5%);</li> <li>• Menores: cES (251,7%); Suricate (114,2%).</li> </ul>
<i>Faixa etária</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (294,6%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ sES (187,5%); os 3 corpora (62,5%);</li> <li>➢ cES (107,1%); Suricate (57,1%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (358,9%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ sES (187,5%); os 3 corpora (62,5%);</li> <li>➢ cES (171,4%); Suricate (71,4%).</li> </ul> </li> </ul>
<i>Escolaridade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (396,5%); Altas (376,1%).</li> <li>• Maiores: sES (225%); PORCUFORT (112,5%).</li> <li>• Menores: cES (209%); NORPOFOR (75%) e Suricate (71,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Altas (417,9%); Baixas (212,5%).</li> <li>• Maiores: sES (212,5%); PORCUFORT (100%).</li> <li>• Menores: cES (175%); Suricate (100%).</li> </ul>
<i>Gênero</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todos</i> para os 3 corpora (500%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ sES (275%); Suricate (100%);</li> <li>➢ cES (225%); Suricate (100%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todos</i> para os 3 corpora (460,7%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ sES (262,5%); Suricate (100%);</li> <li>➢ cES (198,2%); Suricate (85,7%).</li> </ul> </li> </ul>
<i>Lugar de origem</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (194,6%): sES (100%); Suricate (57,1%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (116,1%): cES (78,6%); PORCUFORT (37,5%).</li> <li>• Ceará (101,8%): cES (64,3%); NORPOFOR e PORCUFORT (25%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (219,6%): sES (112,5%); PORCUFORT (50%).</li> <li>• Ceará (141,1%): cES (91,1%); NORPOFOR e (37,5%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (126,8%): cES (64,3%); PORCUFORT (37,5%).</li> </ul>
<i>Fazer uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (523,2%);</li> <li>• Mais reconhecem: sES (50%); Suricate (25%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (398,2%);</li> <li>• Mais reconhecem: sES (112,5%); PORCUFORT (50%).</li> </ul>
<i>Situações gerais de uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (521,5%);</li> <li>• Mais formal: sES (150%); os 3 corpora (50%).</li> <li>• Mais informal: cES (321,5%); PORCUFORT (137,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (430,3%);</li> <li>• Mais formal: cES (153,6%); PORCUFORT (75%).</li> <li>• Mais informal: sES (212,5%); NORPOFOR (100%).</li> </ul>

**Quadro 26 – Resumo das respostas por Escolaridade do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/**

(conclusão)

Questão	Com Ens. Sup. x Sem Ens. Sup. – /ʒ/	Com Ens. Sup. x Sem Ens. Sup. – /z/
<i>Ter vergonha</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (496,4%):</li> <li>• Menor vergonha: sES (262,5%); os 3 corpora (87,5%).</li> <li>• Maior vergonha: cES (67,9%); Suricate (42,9%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (496,4%):</li> <li>• Menor vergonha: sES (287,5%); PORCUFORT e Suricate (100%).</li> <li>• Maior vergonha: cES (42,9%); Suricate (42,9%).</li> </ul>
<i>Geral</i>	❖ Avaliaram mais positivamente: os sES – fenômeno desprestigiado; pouca possibilidade de implementação no sistema linguístico.	❖ Avaliaram mais positivamente: os sES – fenômeno desprestigiado; pouca possibilidade de implementação no sistema linguístico.
<i>/ʒ/ x /z/</i>	Nas questões 34 (admitir que usa) e 36 (ter vergonha de quem usa), podemos concluir que <b>a aspiração de /z/ é mais bem aceita do que a de /ʒ/</b> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

**6.4 RESPOSTAS POR NATURALIDADE (LUGAR ONDE NASCEU) DO PARTICIPANTE: FORTALEZENSE E NÃO NORDESTINO SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/**

Nesta subseção, apresentaremos, de início, separadamente, as respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes que têm naturalidade fortalezense e pelos que são de origem não nordestina. Em seguida, faremos uma análise comparando as respostas de cada grupo. A nossa hipótese inicial era de que os fortalezenses natos teriam uma atitude positiva, de identidade, e de não estigmatização do uso da variante aspirada, enquanto os participantes não nordestinos apresentariam uma atitude neutra em relação ao uso enfraquecido dessas fricativas.

**6.4.1 Naturalidade: atitudes linguísticas dos participantes Fortalezenses e Não Nordestinos sobre a produção aspirada de /ʒ/**

**Quadro 27 – Respostas da naturalidade *Fortalezense* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	2,9 = bonito: _:feio 2,9 = inteligente: _:não inteligente 3,0 = elegante: _:deselegante Média = 2,9	3,1 = bonito: _:feio 2,9 = inteligente: _:não inteligente 2,8 = elegante: _:deselegante Média = 2,9	2,8 = bonito: _:feio 3,3 = inteligente: _:não inteligente 3,0 = elegante: _:deselegante Média = 3,0



**Quadro 27 – Respostas da naturalidade *Fortalezense* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
28.	87,5% = Classe C. 75% = Classe D. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A e Todas.	37,5% = Classe A; Classe B; Classe C; e Todas. 25% = Classe D.	62,5% = Classe D. 37,5% = Classe C. 25% = Todas. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A.
29.	37,5% = 23 a 35 anos e Todas. 25% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos.	50% = Todas. 37,5% = 50 anos em diante. 25% = 36 a 49 anos. 12,5% = 23 a 35 anos. 0% = 15 a 22 anos.	75% = Todas. 25% = 15 a 22 anos. 12,5% = 23 a 35 anos. 0% = 36 a 49 anos e 50 anos em diante.
30.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Analfabeto; e Ens. Fund. I. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Méd. incompl. 0% = Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; Pós-grad.	37,5% = Ens. Fund. I; e Qualquer nível. 25% = Analfabeto; Ens. Sup. compl.; Pós-grad. 12,5% = Ens. Fund. II. 0% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; e Ens. Sup. incompl.	50% = Ens. Fund. I; e Qualquer nível. 37,5% = Analfabeto. 12,5% = Ens. Fund. II. 0% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	62,5% = Feminino. 37,5% = Todos. 0% = Masculino e Outro _____.	75% = Todos. 25% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	25% = Nordeste. 12,5% = CE; Juazeiro do Norte(CE); Interior do NE; Qualquer lugar; Interior do CE; e Norte/NE.	25% = CE; e NE. 12,5% = Interior qualquer; Interior do CE; Qualquer lugar; e Norte/NE.	25% = CE; NE; e Qualquer lugar. 12,5% = Interior do CE; e Norte/NE.
34.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.
34.1	50% = Com os amigos, informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; e Em qualquer situação. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	66,7% = Em qualquer situação. 33,3% = No trabalho; Com os amigos, formal e informalmente. 0% = Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	100% = Em qualquer situação.
35.	37,5% = Rádio; e Vendedor(a) ambulante. 25% = Escola; e Em qualquer situação. 12,5% = Outros programas de outras emissoras; Outros programas locais de TV; Missa/culto; Vendedor de loja; e Em nenhuma situação. 0% = Novelas; Jornal a nível nacional; No Fantástico; Jornal a nível local; Música; Universidade; Administrador; Garçom; Comissário; e Professor.	50% = Vendedor(a) ambulante. 25% = Novelas; Rádio; Escola; Universidade; Vendedor de loja; e Em qualquer situação. 12,5% = Jornal a nível local; Outros programas locais de TV; Missa/culto; Administrador; Garçom; e Professor(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Música; Comissário; e Em nenhuma situação.	37,5% = Em qualquer situação. 25% = Rádio; Escola; Vendedor(a) ambulante; Outros programas de outras emissoras; e Jornal a nível local. 12,5% = Outros programas locais de TV; Missa/culto; Universidade; Vendedor de loja; Administrador; Garçom; e Em nenhuma situação. 0% = Novelas; Jornal a nível nacional; No Fantástico; Música; Comissário(a); e Professor(a).
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 28 – Respostas da naturalidade *Não Nordestina* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no SURICATE**

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	2,3 = bonito:_:feio 2,0 = inteligente:_:não inteligente 2,1 = elegante:_:deselegante Média = 2,1	1,8 = bonito:_:feio 3,1 = inteligente:_:não inteligente 2,6 = elegante:_:deselegante Média = 2,5	1,6 = bonito:_:feio 2,1 = inteligente:_:não inteligente 1,3 = elegante:_:deselegante Média = 1,7
28.	62,5% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Classe B e Todas. 0% = Classe A.	37,5% = Classe C; Classe D; e Todas. 25% = Classe B. 12,5% = Classe A.	57,1% = Todas. 42,9% = Classe C. 28,6% = Classe D. 14,3% = Classe B. 0% = Classe A.
29.	50% = Todas. 37,5% = 15 a 22 anos. 25% = 23 a 35 anos. 12,5% = 36 a 49 anos. 0% = 50 anos em diante.	50% = 50 anos em diante. 37,5% = 36 a 49 anos e Todas. 12,5% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	57,1% = 15 a 22 anos. 42,9% = 23 a 35 anos e Todas. 14,3% = 36 a 49 anos. 0% = 50 anos em diante.
30.	50% = Ens. Fund. I.; Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 37,5% = Analfabeto. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; e Qualquer nível. 0% = Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.	50% = Ens. Sup. compl. 37,5% = Ens. Méd. compl.; e Qualquer nível. 25% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Sup. incompl. 12,5% = Analfabeto; Ens. Fund. I; e Pós-grad.	71,4% = Qualquer nível. 28,6% = Ens. Fund. I; Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 14,3% = Analfabeto. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	100% = Todos.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino e Outro _____.	100% = Todos.
33.	25% = Qualquer lugar; e Interior qualquer. 12,5% = PE e CE; MG; CE; e NE.	50% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = CE e PE; e SP.	57,1% = Nordeste. 28,6% = Ceará. 14,3% = Qualquer lugar.
34.	100% = Não.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	100% = Não.
34.1		100% = Em qualquer situação.	
35.	62,5% = Escola; e Vendedor ambulante. 50% = Novelas. 37,5% = Jornal a nível local; Música; Universidade; e Vendedor(a) de loja. 25% = Outros programas locais de TV; Garçom; e Em qualquer situação. 12,5% = Rádio; Missa/culto; Administrador; e Professor(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Comissário; e Em nenhuma situação.	62,5% = Escola; Universidade; e Vendedor(a) ambulante. 50% = Novelas; Vendedor(a) de loja; Garçom. 37,5% = Missa/culto; e Professor(a). 25% = Outros programas de outras emissoras; Música; Administrador. 12,5% = Jornal a nível local; Outros programas locais de TV; Rádio; Comissário(a); Em qualquer situação. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; e Em nenhuma situação.	57,1% = Novelas; e Escola. 42,9% = Vendedor(a) ambulante. 28,6% = Missa/culto; Universidade; e Em qualquer situação. 14,3% = Jornal a nível local; Rádio; Música; e Professor(a). 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Outros programas de outras emissoras; Outros programas locais de TV; Vendedor(a) de loja; Administrador; Garçom; Comissário(a) de bordo; e Em nenhuma situação.
36.	100% = Não.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	85,7% = Não. 14,3% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 27 e 28, a respeito da produção aspirada de /ʒ/, entre as notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância, os participantes fortalezenses deram médias maiores do que os não nordestinos para os três bancos de dados analisados. A maior diferença entre essas médias pode ser vista para as imagens do Suricate: enquanto os fortalezenses atribuíram média 3,0, os não nordestinos, deram apenas 1,7. Uma das justificativas que os primeiros deram para isso é que “O sotaque não é feio, só é uma fala mais coloquial do que formal. São diálogos de dia a dia.” (P. 8). Esses resultados demonstram uma atitude neutra dos fortalezenses em relação ao seu próprio falar – embora, como veremos mais adiante, a maioria deles não admita fazer uso da variante glotal de /ʒ/. Além disso, percebe-se que é bastante expressiva a rejeição que os não nordestinos tiveram em relação às imagens do Suricate. É provável que eles não tenham se identificado (ou mesmo entendido) com uma das principais características da Página: o compartilhamento de trechos que expõem cenas de um cotidiano ligado à vida de nordestinos e, mais especificamente, dos cearenses, com o objetivo principal de provocar o riso (CAVALCANTE *et al.*, 2015). Isso pode ser confirmado com uma das justificativas dadas por não nordestinos: “[...] Quase não é possível entender o que a pessoa que escreveu quis transmitir.” (P. 16).

Quanto à classe social, em relação à gravação do NORPOFOR, a maior parte dos participantes de ambos os grupos escolheu a classe C. Para as imagens do Suricate, encontramos um resultado diferente do que esperávamos, pois a maioria dos não nordestinos teve uma atitude mais “flexível”, dando como resposta “todas as classes”, enquanto a maioria dos fortalezenses colocou a classe mais baixa, a D. Já para os trechos do PORCUFORT, a maior parte dos fortalezenses fez uma avaliação mais positiva, dando como resposta as classes A e B – ao lado da classe C e de “todas as classes” –, enquanto a maioria dos não nordestinos colocou as classes C e D – ao lado da opção “todas as classes”. Para justificar essas respostas, uma participante fortalezense afirmou que “A construção frasal é mais complexa e rebuscada.” (P. 7), enquanto um não nordestino argumentou que “O sotaque e a velocidade comprometem o entendimento das palavras.” (P. 13).

Em relação à faixa etária, para a maioria dos fortalezenses, a glotalização de /ʒ/, em todos os trechos analisados, pode ocorrer em todas as idades. Essa resposta só foi igual para a maior parte dos não nordestinos quando eles se depararam com a gravação do NORPOFOR. Para os trechos do PORCUFORT, 50% desses participantes responderam que o fenômeno corresponderia às pessoas com 50 anos ou mais e, para as imagens do Suricate, 57,1% deles escolheram a faixa de 15 a 22 anos.

A respeito do nível de escolaridade, a comparação dos resultados mostra, aparentemente, fortalezenses menos conservadores, pois, para os trechos dos três bancos de dados avaliados, eles apresentaram em primeiro lugar a resposta “qualquer nível”. Porém, ao lado desta resposta, ou em segundo lugar, os fortalezenses colocaram o segundo menor nível, o de Ensino Fundamental I. Os não nordestinos só deram resposta semelhante em relação às imagens do Suricate, para as quais 71,4% responderam “qualquer nível”. Para os trechos do PORCUFORT, podemos perceber respostas bem diferentes de ambos os grupos: enquanto a maioria dos fortalezenses foi mais “rigorosa” e colocou, em primeiro lugar, o nível de Ensino Fundamental I (e qualquer nível), 50% dos não nordestinos elevaram esses trechos ao nível de Ensino Superior completo.

Quanto ao gênero, 62,5% dos fortalezenses, quando se depararam com a gravação do NORPOFOR, consideraram que a aspiração de /ʒ/ está ligada ao gênero feminino. As justificativas que eles deram, porém, levaram mais em consideração a maneira de construção da frase do que a realização aspirada de /ʒ/ feita pelas informantes do NORPOFOR: “A voz é feminina.” (P. 3) e “Na arrumação da casa geralmente é mulher.” (P. 6). Já 100% dos não nordestinos responderam, em relação aos trechos do NORPOFOR e do Suricate, que o fenômeno poderia ocorrer em todos os gêneros. Inclusive, quando os fortalezenses se depararam com as imagens do Suricate, esse percentual para essa resposta se repetiu. E, para os trechos do PORCUFORT, houve mais não nordestinos (87,5%) do que fortalezenses (75%) optando por essa resposta mais “flexível”.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /ʒ/, para a maioria dos não nordestinos, em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate, esse fenômeno está ligado a quem pertence à região Nordeste. Já quando eles se depararam com a gravação do NORPOFOR, a maior parte deles ampliou esse espaço para “qualquer lugar do Brasil” e “interior qualquer”. Para esse mesmo banco de dados, a maioria dos fortalezenses respondeu apenas “Nordeste”, e essa resposta se repetiu, também em primeiro lugar, para os outros dois *corpora* analisados – ao lado de “Ceará”, para os trechos do PORCUFORT e do Suricate. Para este banco de dados, em primeiro lugar, os fortalezenses deram ainda a resposta “qualquer lugar do Brasil”, ampliando o espaço de ocorrência do fenômeno. Por essas respostas, podemos perceber um maior percentual de fortalezenses do que de não nordestinos restringindo mais precisamente o lugar ao qual esse fenômeno está associado: o próprio Estado de origem deles mesmos.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /ʒ/, a maior parte dos fortalezenses respondeu que não, em relação aos três *corpora* analisados. Porém, quando se depararam com as imagens do Suricate, um maior percentual (37,5%) passou a admitir que produz a variante aspirada de /ʒ/ – em relação aos trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, esse percentual foi de apenas 12,5%. Esse resultado pode ter sido provocado pelo tom humorístico das imagens contidas na Página do Suricate Seboso. Quanto aos não nordestinos, somente um admitiu realizar o fenômeno e apenas quando se deparou com a gravação do PORCUFORT, afirmando que o faria em qualquer situação. Portanto, podemos perceber que os fortalezenses reconheceram mais do que os não nordestinos o uso da produção aspirada de /ʒ/ no seu próprio falar. E, dentre os fortalezenses que responderam sim, a maioria, em relação aos três bancos de dados avaliados, admitiu fazer esse uso em qualquer situação. Outra opção bastante escolhida por eles foi “com os amigos, informalmente”.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /ʒ/, a opção “na profissão de vendedor(a) ambulante” foi escolhida pela maior parte dos informantes de ambos os grupos, em relação aos trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT. Para a gravação do primeiro, a maioria dos fortalezenses escolheu, ainda, a opção “em programas de rádio”, e a maior parte dos não nordestinos colocou, também, “na escola”. Essas respostas demonstram que, para a maioria dos participantes de ambos os grupos, os trechos desses dois *corpora* remetem a um uso mais informal da língua. Para as imagens do Suricate, enquanto 37,5% dos fortalezenses afirmaram que o fenômeno poderia ocorrer em qualquer situação, 57,1% dos não nordestinos disseram que isso ocorreria “em novelas” e “na escola”. Essa escolha mostra que os fortalezenses tiveram uma atitude menos conservadora do que os não nordestinos em relação a esse banco de dados. Quanto à opção “na universidade”, ela foi escolhida, em relação à gravação do PORCUFORT, por mais não nordestinos (62,5%) do que por fortalezenses (25%). Esse fato nos leva a concluir que, para esses trechos, os não nordestinos tiveram uma atitude mais positiva do que os fortalezenses. Para os outros dois bancos de dados, aconteceu algo semelhante – porém em menor número –, com mais não nordestinos do que fortalezenses escolhendo essa opção.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, essa resposta só foi unânime com os não nordestinos e quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, afirmando que não; para essa situação, uma participante fortalezense respondeu que sim. Para a gravação do PORCUFORT, houve mais

participantes fortalezenses (25%) do que não nordestinos (12,5%) dizendo sentir vergonha de quem faz esse uso. Para as imagens do Suricate, há essa mesma tendência, só que com um percentual de fortalezenses ainda maior (37,5%) respondendo “sim”. Esse fato nos surpreendeu, pois esperávamos o contrário: uma menor rejeição à variante glotalizada de /ʒ/ por parte dos fortalezenses do que pelos não nordestinos.

Enfim, de maneira geral, podemos concluir que a atitude dos fortalezenses foi mais conservadora do que a dos não nordestinos a respeito da produção glotalizada de /ʒ/. Esse resultado refuta as nossas hipóteses iniciais de que os fortalezenses reagiriam de forma positiva ao fenômeno, enquanto os não nordestinos teriam uma atitude neutra sobre isso.

#### 6.4.2 Naturalidade: atitudes linguísticas dos participantes Fortalezenses e Não Nordestinos sobre a produção aspirada de /ʒ/

**Quadro 29 – Respostas da naturalidade *Fortalezense* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	3,3 = bonito:_.feio 2,9 = inteligente:_.não inteligente 2,8 = elegante:_.deselegante Média = 3,0	3,9 = bonito:_.feio 4,0 = inteligente:_.não inteligente 3,5 = elegante:_.deselegante Média = 3,8	2,9 = bonito:_.feio 3,1 = inteligente:_.não inteligente 3,0 = elegante:_.deselegante Média = 2,7
28.	62,5% = Classe C. 25% = Classe D; e Todas. 0% = Classe A e Classe B.	50% = Classe B. 37,5% = Classe A. 25% = Classe C. 12,5% = Classe D; e Todas.	50% = Classe C. 37,5% = Classe D. 25% = Todas. 12,5% = Classe B. 0% = Classe A.
29.	75% = Todas as idades. 12,5% = 23 a 35 anos e 50 anos em diante. 0% = 15 a 22 anos e 36 a 49 anos.	50% = Todas as idades. 25% = 50 anos em diante. 12,5% = 36 a 49 anos. 0% = 15 a 22 anos e 23 a 35 anos.	75% = Todas as idades. 12,5% = 50 anos em diante; 36 a 49 anos; e 15 a 22 anos. 0% = 23 a 35 anos.
30.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Analfabeto; e Ens. Fund. I. 25% = Ens. Fund. II; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Méd. compl. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; e Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	37,5% = Qualquer nível; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad. 12,5% = Ens. Fund. II; e Ens. Méd. compl. 0% = Analfabeto; Ens. Fund. I; Ens. Méd. incompl.; e Ens. Sup. incompl.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Fund. I. 25% = Analfabeto; e Ens. Fund. II; e. 12,5% = Ens. Méd. compl.; e Ens. Méd. incompl. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.; e Pós-grad.
31.	50% = Todos e Feminino. 0% = Masculino e Outro ____.	75% = Todos. 25% = Masculino. 0% = Feminino e Outro ____.	87,5% = Todos. 12,5% = Feminino. 0% = Masculino e Outro ____.

**Quadro 29 – Respostas da naturalidade *Fortalezense* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
33.	37,5% = Nordeste. 12,5% = Juazeiro do Norte(CE); Interior do NE; Qualquer lugar; CE; e Norte/NE.	37,5% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Fortaleza(CE); Qualquer lugar; e Norte/NE.	37,5% = Ceará. 25% = NE; e Qualquer lugar. 12,5% = Norte/NE.
34.	75% = Não. 25% = Sim.	25% = Não. 75% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.
34.1	100% = Em qualquer situação.	57,1% = Em qualquer situação. 42,9% = No trabalho. 28,6% = Com os amigos, informalmente; e Em casa, com a família. 14,3% = Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua.	75% = Em qualquer situação. 25% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior à sua; e Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente; No trabalho; e Fora de casa, com a família.
35.	37,5% = Na escola; e Na profissão de vendedor(a) ambulante. 25% = Em novelas; Na profissão de vendedor(a) de loja; Em programas de rádio; Na missa/culto; e Em qualquer situação. 12,5% = Em jornal a nível local; Na profissão de garçom; Em música; e Em nenhuma situação. 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico; Em outros programas de outras emissoras; Em outros programas locais de TV; Na universidade; Na profissão de professor(a); Na profissão de comissário(a) de bordo; e Na profissão de administrador.	37,5% = Na missa/culto 37,5% = Em qualquer situação 37,5% = Em programas de rádio 12,5% = Na universidade 12,5% = Na profissão de vendedor(a) de loja 12,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 12,5% = Na profissão de professor(a) 12,5% = Na profissão de administrador 12,5% = Na escola 12,5% = Em novelas 12,5% = Em jornal a nível local 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Em outros programas locais de TV 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em nenhuma situação 0% = Em música 0% = Em jornal a nível nacional	37,5% = Em qualquer situação 37,5% = Em programas de rádio 25% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 12,5% = Na escola 12,5% = Em outros programas locais de TV 12,5% = Em novelas 12,5% = Em nenhuma situação 12,5% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na universidade 0% = Na profissão de vendedor(a) de loja 0% = Na profissão de professor(a) 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Na missa/culto 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em jornal a nível nacional 0% = Em jornal a nível local
36.	87,5% = Não 12,5% = Sim	100% = Não 0% = Sim	75% = Não 25% = Sim

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 30 – Respostas da naturalidade *Não Nordestina* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,4 = bonito:_:feio 2,0 = inteligente:_:não inteligente 2,0 = elegante:_:deselegante Média = 2,1	3,1 = bonito:_:feio 3,3 = inteligente:_:não inteligente 3,0 = elegante:_:deselegante Média = 3,1	1,9 = bonito:_:feio 2,3 = inteligente:_:não inteligente 1,7 = elegante:_:deselegante Média = 2,0
28.	62,5% = Classe C 50% = Classe D 25% = Todas as classes 12,5% = Classe B 0% = Classe A	62,5% = Todas as classes 25% = Classe C 25% = Classe B 25% = Classe A 12,5% = Classe D	57,12% = Todas as classes 42,84% = Classe D 42,84% = Classe C 14,28% = Classe B 0% = Classe A
29.	37,5% = Todas as idades 37,5% = 15 a 22 anos 25% = 23 a 35 anos 12,5% = 36 a 49 anos 0% = 50 anos em diante	62,5% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 25% = 36 a 49 anos 0% = 23 a 35 anos 0% = 15 a 22 anos	57,12% = Todas as idades 42,84% = 15 a 22 anos 28,56% = 23 a 35 anos 14,28% = 36 a 49 anos 0% = 50 anos em diante
30.	50% = Ens. Méd. compl. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 37,5% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Méd. incompl. 37,5% = Ens. Fund. II. 37,5% = Ens. Fund. I. 37,5% = Analfabeto. 0% = Pós-grad. 0% = Ens. Sup. compl.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Méd. incompl. 37,5% = Ens. Méd. compl. 25% = Pós-grad. 25% = Ens. Sup. compl. 25% = Ens. Fund. II. 25% = Analfabeto. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 12,5% = Ens. Fund. I.	57,12% = Qualquer nível. 42,84% = Analfabeto. 42,84% = Ens. Fund. II. 42,84% = Ens. Fund. I. 28,56% = Ens. Méd. incompl. 28,56% = Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad. 0% = Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl.
31.	75% = Todos 25% = Feminino 0% = Outro 0% = Masculino	75% = Todos 25% = Masculino 0% = Outro 0% = Feminino	100% = Todos 0% = Outro 0% = Masculino 0% = Feminino
33.	37,5% = Ceará. 25% = Qualquer lugar; e NE. 12,5% = Fortaleza(CE).	37,5% = Qualquer lugar; e NE. 12,5% = PE; e RJ.	50% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Qualquer lugar.
34.	75% = Não 25% = Sim	75% = Não 25% = Sim	100% = Não 0% = Sim
34.1	100% = Em casa, com a família. 50% = No trabalho 50% = Com os amigos, informalmente 50% = Fora de casa, com a família 50% = Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com os amigos, formalmente. 0% = Com pessoas com escolaridade superior à sua. 0% = Em qualquer situação.	100% = Em qualquer situação.	



**Quadro 30 – Respostas da naturalidade *Não Nordestina* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
35.	75% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 75% = Na escola 62,5% = Em novelas 50% = Na universidade 50% = Na profissão de vendedor(a) de loja 50% = Em música 37,5% = Em jornal a nível local 37,5% = Na profissão de garçom 25% = Na missa/culto 25% = Em programas de rádio 25% = Em outros programas locais de TV 12,5% = Na profissão de professor(a) 12,5% = Na profissão de administrador 12,5% = Em qualquer situação 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em nenhuma situação 0% = Em jornal a nível nacional	50% = Na universidade 50% = Na profissão de garçom 50% = Na profissão de administrador 37,5% = Na profissão de vendedor(a) de loja 37,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 37,5% = Na escola 37,5% = Em qualquer situação 37,5% = Em novelas 37,5% = Em música 25% = Na profissão de professor(a) 25% = Na missa/culto 25% = Em outros programas de outras emissoras 12,5% = Em jornal a nível local 12,5% = No Fantástico (TV Globo) 12,5% = Na profissão de comissário(a) de bordo 12,5% = Em programas de rádio locais de TV 12,5% = Em jornal a nível nacional 0% = Em nenhuma situação	57,12% = Em novelas 42,84% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 42,84% = Na escola 28,56% = Na missa/culto 28,56% = Em qualquer situação 28,56% = Em jornal a nível local 14,28% = Em programas de rádio 14,28% = Na profissão de professor(a) 14,28% = Em outros programas locais de TV 14,28% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na universidade 0% = Na profissão de vendedor(a) de loja 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em nenhuma situação 0% = Em jornal a nível nacional
36.	100% = Não 0% = Sim	100% = Não 0% = Sim	85,68% = Não 14,28% = Sim

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 29 e 30, a respeito da produção aspirada de /z/, encontramos um resultado semelhante ao visto sobre a glotalização de /ʒ/, com os participantes fortalezenses apresentando médias maiores do que os não nordestinos para os três bancos de dados analisados. A maior diferença entre essas médias, desta vez, pode ser vista para a gravação do NORPOFOR: enquanto os fortalezenses atribuíram média 3,0, os não nordestinos, deram apenas 2,1. Uma das justificativas que estes deram para isso é que “As palavras são pronunciadas tão rapidamente que não soa nada compreensível.” (P. 13). Para os trechos do PORCUFORT, as avaliações de ambos os grupos foram melhores, com os não nordestinos apresentando uma média aproximadamente neutra (3,1), enquanto a dos fortalezenses foi acima disso (3,8). Esses resultados demonstram uma atitude positiva dos

fortalezenses em relação ao seu próprio falar – e, como veremos mais adiante, a maioria deles admite fazer uso da variante glotal de /z/, o que não tinha acontecido em relação à aspiração de /ʒ/.

Quanto à classe social, em relação à gravação do NORPOFOR, verificamos um resultado semelhante ao que encontramos sobre a glotalização de /ʒ/: a maioria dos participantes de ambos os grupos escolheu a classe C. Para os outros dois *corpora* avaliados, constatamos uma atitude mais “flexível” vinda dos não nordestinos, pois a maior parte deles respondeu que esses trechos poderiam estar presentes em todas as classes sociais, enquanto que, para a maioria dos fortalezenses, os trechos do Suricate, representam a classe C, em primeiro lugar, e a D, em segundo. Para justificar essa resposta, uma das participantes não nordestinas argumentou que “[...] Isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo.” (P. 15). Já em relação à gravação do PORCUFORT, a maior parte dos fortalezenses fez uma avaliação positiva, escolhendo a classe B, em primeiro lugar, e a classe A, em segundo.

Em relação à faixa etária, a maioria dos indivíduos de ambos os grupos respondeu que a variante aspirada de /z/ poderia acontecer em todas as idades, em relação a todos os trechos analisados, argumentando que o fenômeno não depende dessa variável para ocorrer.

A respeito do nível de escolaridade, a atitude dos fortalezenses é semelhante à que encontramos sobre a glotalização de /ʒ/: a maioria colocou, em primeiro lugar, a resposta “qualquer nível”, para os três bancos de dados analisados; no entanto, em segundo lugar, para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, esses participantes escolheram os níveis mais baixos de escolaridade (Analfabeto e Ensino Fundamental I). Os não nordestinos, por sua vez, só não apresentaram a opção “qualquer nível” em primeiro lugar quando se depararam com a gravação do NORPOFOR, para a qual eles associaram o nível de Ensino Médio completo. Em relação aos trechos do PORCUFORT, as respostas escolhidas demonstram uma avaliação mais positiva dos fortalezenses do que dos não nordestinos, pois, enquanto para o primeiro grupo, ao lado da opção “qualquer nível”, apareceram os níveis mais altos de escolaridade – Ensino Superior completo e Pós-graduação –, para o outro grupo, em segundo lugar, estavam as opções Ensino Médio completo e Ensino Médio incompleto.

Quanto ao gênero, só houve unanimidade nas respostas dos não nordestinos e apenas quando eles se depararam com as imagens do Suricate, sobre as quais todos eles afirmaram que a variante glotal de /z/ poderia acontecer em todos os gêneros. Entretanto, para uma participante fortalezense, esses trechos remetem ao gênero feminino. Em relação à

gravação do NORPOFOR, metade dos fortalezenses associou esse uso ao gênero feminino, levando em consideração, como já mencionamos, mais a maneira de construção da frase do que a produção aspirada de /z/ feita pelas informantes do NORPOFOR. O mesmo ocorreu para 25% dos participantes de ambos os grupos que escolheram o gênero masculino para os trechos do PORCUFORT.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /z/, para a maioria dos não nordestinos, em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate, esse fenômeno está ligado a quem pertence à região Nordeste – mas também a “qualquer lugar do Brasil” em relação à gravação do PORCUFORT. Já quando eles se depararam com a gravação do NORPOFOR, a maior parte deles restringiu esse espaço para o Estado do Ceará. Esta resposta foi dada pela maioria dos fortalezenses quando eles se depararam com as imagens do Suricate. Para os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, a maioria dos participantes desse grupo ampliou o espaço de ocorrência do fenômeno para a região Nordeste. Por essas respostas, podemos perceber algo semelhante ao que constatamos em relação à variante aspirada de /z/: um maior percentual de fortalezenses do que de não nordestinos restringindo mais precisamente o lugar ao qual esse fenômeno está associado: o próprio Estado de origem deles mesmos.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /z/, mais uma vez, as imagens do Suricate fizeram com que um maior percentual (50%) de fortalezenses passasse a admitir o uso da variante glotal. Por outro lado, nenhum dos não nordestinos, quando se deparou com esse banco de dados, reconheceu produzir o fenômeno. Como já explicamos anteriormente, é provável que isso tenha ocorrido pelo fato de esses participantes não terem se identificado (ou mesmo entendido) com uma característica marcante da Página, de compartilhar trechos que expõem cenas de um cotidiano ligado à vida de nordestinos e, mais especificamente, dos cearenses. E com os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, 25% dos participantes de ambos os grupos responderam “sim”. Dentre os fortalezenses que deram essa resposta em relação ao primeiro banco de dados, todos eles disseram realizar o fenômeno em qualquer situação; para os trechos do PORCUFORT, além dessa resposta, alguns deles também reconheceram produzir a variante aspirada de /z/ em todas as outras situações apresentadas pela questão; e, para as imagens de Suricate, eles só não admitiram fazer esse uso: no trabalho; com os amigos, formalmente; e fora de casa, com a família. Dentre os não nordestinos que responderam “sim” para os trechos do NORPOFOR, eles reconheceram realizar o fenômeno: em casa, com a família; no trabalho; com os amigos,

informalmente; fora de casa, com a família; e com pessoas com escolaridade inferior a deles. Já em relação à gravação do PORCUFORT, eles admitiram fazer esse uso em qualquer situação.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /z/, as opções “na profissão de vendedor(a) ambulante” e “na escola” – mais associadas a um uso informal da língua – foram escolhidas pela maior parte dos informantes de ambos os grupos em relação aos trechos do NORPOFOR. Para esse banco de dados, embora 25% dos fortalezenses tenham escolhido a opção “em qualquer situação”, as outras respostas que eles deram (com exceção de “jornal a nível local”) costumam remeter a um menor nível de formalidade no uso da língua. Em contrapartida, para esses trechos, 50% dos não nordestinos escolheram a opção “na universidade”, a qual não foi mencionada por nenhum dos fortalezenses. Em relação à gravação do PORCUFORT, essa resposta foi dada por 50% dos não nordestinos e por apenas 12,5% dos fortalezenses. Além disso, esses trechos foram associados por 12,5% dos não nordestinos às respostas “em jornal a nível nacional”, “no fantástico (TV Globo)”, “em jornal a nível local” e “na profissão de comissário(a) de bordo” – situações frequentemente ligadas a um alto nível de formalidade no uso da língua –, enquanto que nenhum fortalezense as marcou. Essas escolhas demonstram uma avaliação mais positiva dos não nordestinos do que dos fortalezenses em relação aos trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT. Já ao se depararem com as imagens do Suricate, ocorreu o inverso: a maior parte dos fortalezenses mostrou uma atitude mais “flexível” ao escolher a opção “em qualquer situação” (ao lado de “em programas de rádio”), enquanto a maioria dos não nordestinos associou esses trechos a situações de menor formalidade, como “em novelas”, “na profissão de vendedor(a) ambulante” e “na escola”.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a glotalização de /z/, verificamos o mesmo que foi mencionado sobre /ʒ/: só houve unanimidade na resposta dos participantes de ambos os grupos em relação à gravação do PORCUFORT, sobre a qual todos responderam “não”. Com os não nordestinos, esse resultado se repetiu quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, os quais foram rejeitados por uma participante (12,5%) fortalezense, fazendo, assim, com que este grupo tenha demonstrado uma atitude mais conservadora do que o primeiro em relação a esse banco de dados. Resultado semelhante foi encontrado com as imagens do Suricate, quando mais fortalezenses do que nordestinos responderam “sim”. Por isso, verificamos que os fortalezenses foram mais conservadores do que os não nordestinos.

Enfim, podemos constatar que a produção aspirada de /z/ foi mais bem avaliada por não nordestinos do que por fortalezenses, resultado que refuta a nossa hipótese inicial, pois considerávamos que, ao reconhecer uma variante presente no seu próprio sotaque, os fortalezenses reagiriam sobre ela de forma mais positiva, e os não nordestinos teriam uma atitude neutra sobre isso.

Ao compararmos as reações de ambos os grupos em relação à glotalização de /ʒ/ e à de /z/, percebemos que a aspiração de /z/ é um fenômeno mais bem avaliado por indivíduos de fora do Nordeste – locais onde o fenômeno ainda fora pouco estudado e relatado. Além disso, embora haja essa escassez de estudos, constatamos por esse resultado que essa variante tende a ser mais bem aceita e, até mesmo, utilizada no PB.

#### 6.4.3 Resumo das respostas por Naturalidade do participante: Fortalezense e Não Nordestino sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas por Naturalidade do participante do teste de atitudes – Fortalezense e Não Nordestino – a respeito da produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.

#### Quadro 31 – Resumo das respostas por Naturalidade do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/

(continua)

Questão	Fortalezense x Não Nordestina – /ʒ/	Fortalezense x Não Nordestina – /z/
<i>Beleza, inteligência e elegância</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,5);</li> <li>• Maior média: Fortalezenses (2,9); Suricate (3,0).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,8);</li> <li>• Maior média: Fortalezenses (3,2); PORCUFORT (3,8).</li> </ul>
<i>Classe social</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (571,1%).</li> <li>• Maiores: Não Nordestinos (132,1%); PORCUFORT e Suricate (50%);</li> <li>• Menores: Fortalezenses (325%); NORPOFOR (162,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (448,3%).</li> <li>• Maiores: Não Nordestinos (169,6%); PORCUFORT (87,5%);</li> <li>• Menores: Fortalezenses (212,5%); NORPOFOR e Suricate (87,5%).</li> </ul>
<i>Faixa etária</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (292,9%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fortalezenses (162,5%); Suricate (75%);</li> <li>➤ Não Nordestinos (130,4%); os 3 corpora (50%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (357,1%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fortalezenses (200%); NORPOFOR e Suricate (75%);</li> <li>➤ Não Nordestinos (157,1%); PORCUFORT (62,5%).</li> </ul> </li> </ul>
<i>Escolaridade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (380,4%); Altas (371,4%).</li> <li>• Maiores: Não Nordestinos (183,9%); PORCUFORT (100%).</li> <li>• Menores: Fortalezenses (225%); Suricate (87,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Altas (419,6%); Baixas (335,8%).</li> <li>• Maiores: Fortalezenses (225%); PORCUFORT (112,5%).</li> <li>• Menores: Não Nordestinos (198,3%); Suricate (85,8%).</li> </ul>

**Quadro 31 – Resumo das respostas por Naturalidade do participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/**

(conclusão)

Questão	Fortalezense x Não Nordestina – /ʒ/	Fortalezense x Não Nordestina – /z/
<b>Gênero</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos para os 3 corpora (500%):               <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Não Nordestinos (287,5%); NORPOFOR e Suricate (100%);</li> <li>➢ Fortalezenses (212,5%); Suricate (100%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos para os 3 corpora (462,5%):               <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Não Nordestinos (250%); NORPOFOR e Suricate (100%);</li> <li>➢ Fortalezenses (212,5%); Suricate (87,5%).</li> </ul> </li> </ul>
<b>Lugar de origem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (194,6%): Não Nordestinos (119,6%); PORCUFORT e Suricate (50%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (114,3%): Não Nordestinos (64,3%); NORPOFOR e PORCUFORT (25%).</li> <li>• Ceará (103,6%): Fortalezenses (62,5%); PORCUFORT e Suricate (25%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (212,5%): Não Nordestinos (112,5%); Suricate (50%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (125%): Não Nordestinos (75%); PORCUFORT (37,5%).</li> <li>• Ceará (137,5%): Fortalezenses (75%); Suricate (37,5%).</li> </ul>
<b>Fazer uso</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (525%);</li> <li>• Mais reconhecem: Fortalezenses (62,5%); Suricate (37,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (400%);</li> <li>• Mais reconhecem: Fortalezenses (100%); PORCUFORT (75%).</li> </ul>
<b>Situações gerais de uso</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (537,5%);</li> <li>• Mais formal: Fortalezenses (125%); PORCUFORT e Suricate (50%).</li> <li>• Mais informal: Não Nordestinos (350%); NORPOFOR e PORCUFORT (125%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (448,3%);</li> <li>• Mais formal: Fortalezenses (112,5%); PORCUFORT (50%).</li> <li>• Mais informal: Não Nordestinos (310,8%); Suricate (85,8%).</li> </ul>
<b>Ter vergonha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (498,2%);</li> <li>• Menor vergonha: Não Nordestinos (273,2%); NORPOFOR (100%).</li> <li>• Maior vergonha: Fortalezenses (75%); Suricate (37,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (548,2%);</li> <li>• Menor vergonha: Não Nordestinos (285,7%); NORPOFOR e PORCUFORT (100%).</li> <li>• Maior vergonha: Fortalezenses (37,5%); Suricate (25%).</li> </ul>
<b>Geral</b>	❖ Avaliaram mais positivamente: <b>Não Nordestinos.</b>	❖ Avaliaram mais positivamente: <b>Não Nordestinos.</b>
<b>/ʒ/ x /z/</b>	<b>A aspiração de /z/ é mais bem aceita do que a de /ʒ/, tendendo a ser mais utilizada no PB.</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

## 6.5 RESPOSTAS POR CIDADE/ESTADO ONDE MORA O PARTICIPANTE: EM FORTALEZA E FORA DO NORDESTE SOBRE A PRODUÇÃO ASPIRADA DE /ʒ/ E DE /z/

Nesta subseção, apresentaremos, de início, separadamente, as respostas dadas pelos participantes do teste de atitudes que moram em Fortaleza e pelos que moram fora do Nordeste. Em seguida, faremos uma análise comparando as respostas de cada grupo. A nossa hipótese inicial era de que os que moram fora do Nordeste (tanto os fortalezenses quanto os não nordestinos) apresentam uma atitude negativa em relação às variantes aspiradas de /ʒ/ e

de /z/, enquanto os participantes que residem em Fortaleza fazem uma avaliação positiva sobre esse fenômeno.

### 6.5.1 Cidade/Estado onde mora: atitudes linguísticas dos participantes que moram Em Fortaleza e Fora do Nordeste sobre a produção aspirada de /z/

**Quadro 32 – Respostas dos que moram *Em Fortaleza* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,4 = bonito: _:feio 2,1 = inteligente: _:não inteligente 2,5 = elegante: _:deselegante Média = 2,3	2,6 = bonito: _:feio 2,9 = inteligente: _:não inteligente 2,6 = elegante: _:deselegante Média = 2,7	1,9 = bonito: _:feio 2,3 = inteligente: _:não inteligente 1,9 = elegante: _:deselegante Média = 2,0
28.	87,5% = Classe C 62,5% = Classe D 37,5% = Classe B 0% = Classe A 0% = Todas as classes	50% = Classe D 50% = Classe C 25% = Classe B 12,5% = Todas as classes 12,5% = Classe A	50% = Classe C 37,5% = Classe D 25% = Todas as classes 25% = Classe B 0% = Classe A
29.	37,5% = Todas as idades 37,5% = 23 a 35 anos 37,5% = 15 a 22 anos 12,5% = 36 a 49 anos 0% = 50 anos em diante	50% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 25% = 36 a 49 anos 0% = 15 a 22 anos 0% = 23 a 35 anos	75% = Todas as idades 25% = 15 a 22 anos 12,5% = 23 a 35 anos 0% = 50 anos em diante 0% = 36 a 49 anos
30.	37,5% = Ens. Fund. I. 37,5% = Analfabeto. 25% = Qualquer nível 25% = Ens. Méd. compl. 25% = Ens. Méd. incompl. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 0% = Pós-grad. 0% = Ens. Sup. compl.	50% = Ens. Fund. I. 50% = Analfabeto. 25% = Ens. Sup. compl. 25% = Ens. Méd. compl. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Qualquer nível. 12,5% = Pós-grad. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 12,5% = Ens. Méd. incompl.	50% = Qualquer nível. 50% = Ens. Fund. I. 25% = Analfabeto. 12,5% = Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Méd. compl. 12,5% = Ens. Fund. II. 0% = Pós-grad. 0% = Ens. Sup. incompl. 0% = Ens. Sup. compl.
31.	75% = Todos 12% = Feminino 0% = Masculino; Outro.	75% = Todos 25% = Masculino 0% = Feminino; Outro.	100% = Todos
33.	25% = Qualquer lugar. 12,5% = CE; Juazeiro do Norte(CE); Interior do NE; Interior qualquer; PE e CE; e MG.	25% = Ceará. 12,5% = Interior qualquer; Interior do CE; Qualquer lugar; NE; CE e PE; e SP.	50% = Ceará. 25% = Nordeste. 12,5% = Interior do NE; e Qualquer lugar.
34.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.	75% = Não. 25% = Sim.
34.1	50% = Com os amigos, informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; Em qualquer situação. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	66,7% = Em qualquer situação 33,3% = No trabalho; Com os amigos, formal e informalmente 0% = Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	100% = Em qualquer situação.

**Quadro 32 – Respostas dos que moram *Em Fortaleza* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
35.	37,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 37,5% = Na escola 37,5% = Em qualquer situação 25% = Na profissão de vendedor(a) de loja 12,5% = Em outros programas de outras emissoras 12,5% = Na universidade 12,5% = Na profissão de garçom 12,5% = Na missa/culto 12,5% = Em programas de rádio 12,5% = Em novelas 12,5% = Em nenhuma situação 12,5% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na profissão de professor(a) 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Em outros programas locais de TV 0% = Em jornal a nível nacional 0% = Em jornal a nível local	62,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 37,5% = Em novelas 25% = Na universidade 25% = Na profissão de vendedor(a) de loja 25% = Na missa/culto 25% = Na escola 25% = Em qualquer situação 12,5% = Na profissão de professor(a) 12,5% = Na profissão de garçom 12,5% = Em programas de rádio 12,5% = Em outros programas de outras emissoras 12,5% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Em outros programas locais de TV 0% = Em nenhuma situação 0% = Em jornal a nível nacional 0% = Em jornal a nível local	37,5% = Em qualquer situação 25% = Na universidade 25% = Na escola 12,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 12,5% = Na missa/culto 12,5% = Em programas de rádio 12,5% = Em novelas 12,5% = Em nenhuma situação 0% = Na profissão de vendedor(a) de loja 0% = Na profissão de professor(a) 0% = Na profissão de garçom 0% = Na profissão de comissário(a) de bordo 0% = Na profissão de administrador 0% = Fantástico (TV Globo) 0% = Em outros programas locais de TV 0% = Em outros programas de outras emissoras 0% = Em música 0% = Em jornal a nível nacional 0% = Em jornal a nível local
36.	87,5% = Não 12,5% = Sim	62,5% = Não 37,5% = Sim	62,55 = Não 37,5% = Sim

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 33 – Respostas dos que moram *Fora do Nordeste* para a produção aspirada de /ʒ/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(continua)

Questão	/ʒ/ – NORPOFOR	/ʒ/ – PORCUFORT	/ʒ/ – SURICATE
27.	2,8 = bonito: _ : feio 2,8 = inteligente: _ : não inteligente 2,6 = elegante: _ : deselegante Média = 2,7	3,1 = bonito: _ : feio 3,1 = inteligente: _ : não inteligente 2,8 = elegante: _ : deselegante Média = 3,0	2,6 = bonito: _ : feio 3,3 = inteligente: _ : não inteligente 2,6 = elegante: _ : deselegante Média = 2,8
28.	62,5% = Classe C 50% = Classe D 25% = Todas as classes 0% = Classe B 0% = Classe A	62,5% = Todas as classes 37,5% = Classe B 37,5% = Classe A 25% = Classe C 12,5% = Classe D	57,12% = Todas as classes 57,12% = Classe D 28,56% = Classe C 0% = Classe B 0% = Classe A



**Quadro 33 – Respostas dos que moram *Fora do Nordeste* para a produção aspirada de /3/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/3/ – NORPOFOR	/3/ – PORCUFORT	/3/ – SURICATE
29.	50% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 25% = 36 a 49 anos 25% = 23 a 35 anos 0% = 15 a 22 anos	62,5% = 50 anos em diante 37,5% = 36 a 49 anos 37,5% = Todas as idades 25% = 23 a 35 anos 12,5% = 15 a 22 anos	57,12% = 15 a 22 anos 42,84% = 23 a 35 anos 14,84% = 36 a 49 anos 14,84% = Todas as idades 0% = 50 anos em diante
30.	62,5% = Ens. Fund. I. 50% = Ens. Fund. II. 37,5% = Qualquer nível 37,5% = Ens. Méd. incompl. 37,5% = Analfabeto. 25% = Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.	62,5% = Qualquer nível. 50% = Ens. Sup. compl. 25% = Pós-grad. 12,5% = Ens. Sup. incompl. 12,5% = Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Méd. compl. 12,5% = Ens. Fund. II. 0% = Ens. Fund. I.; Analfabeto.	71,40% = Qualquer nível. 28,56% = Ens. Fund. II. 28,56% = Analfabeto. 14,28% = Ens. Méd. incompl. 14,28% = Ens. Méd. compl. 14,28% = Ens. Fund. I. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.
31.	62,5% = Todos 37,5% = Feminino 0% = Outro; Masculino.	87,5% = Todos 12,5% = Masculino 0% = Outro; Feminino.	100% = Todos
33.	37,5% = Nordeste. 12,5% = Interior do CE; Norte/NE; CE; Qualquer lugar; e Interior qualquer.	62,5% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = Norte/NE.	50% = Nordeste. 25% = Qualquer lugar. 12,5% = Norte/NE.
34.	100% = Não	100% = Não	85,68% = Não. 14,28% = Sim.
34.1		100% = Em qualquer situação.	100% = Em qualquer situação.
35.	62,5% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 50% = Na escola 37,5% = Em programas de rádio 37,5% = Em outros programas locais de TV 37,5% = Em novelas 37,5% = Em música 37,5% = Em jornal a nível local 25% = Na universidade 25% = Vendedor(a) de loja 12,5% = Professor(a) 12,5% = Garçom 12,5% = Administrador 12,5% = Na missa/culto 12,5% = Em qualquer situação 0% = No Fantástico (TV Globo); Na profissão de comissário(a) de bordo; Em outros programas de outras emissoras; Em nenhuma situação; Em jornal a nível nacional.	62,5% = Na universidade 62,5% = Na escola 50% = Na profissão de vendedor(a) de loja 50% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 50% = Na profissão de garçom 37,5% = Na profissão de professor(a) 37,5% = Na profissão de administrador 37,5% = Em novelas 25% = Na missa/culto 25% = Em programas de rádio locais de TV 25% = Em jornal a nível local 12,5% = Na profissão de comissário(a) de bordo 12,5% = Em qualquer situação 12,5% = Em outros programas de outras emissoras 12,5% = Em música 0% = No Fantástico (TV Globo) 0% = Em nenhuma situação 0% = Em jornal a nível nacional	57,12% = Na profissão de vendedor(a) ambulante 57,12% = Na escola 42,84% = Em novelas 28,56% = Na missa/culto 28,56% = Em qualquer situação 28,56% = Em programas de rádio 28,56% = Em jornal a nível local 14,28% = Em outros programas locais de TV 14,28% = Garçom 14,28% = Professor(a) 14,28% = Na universidade 14,28% = Vendedor(a) de loja 14,28% = Administrador 14,28% = Em outros programas de outras emissoras 14,28% = Em música 0% = Em jornal a nível nacional; No Fantástico (TV Globo); Comissário(a); Em nenhuma situação.
36.	100% = Não 0% = Sim	100% = Não 0% = Sim	86,68% = Não 14,28% = Sim

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 32 e 33, a respeito da produção aspirada de /ʒ/, entre as notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância, os participantes que moram em Fortaleza deram médias menores do que os que moram fora do Nordeste para os três bancos de dados analisados. A maior diferença entre essas médias pode ser vista para as imagens do Suricate: enquanto os primeiros atribuíram média 2,8, os do outro grupo, deram apenas 2,0. Uma das justificativas que os que moram fora do Nordeste deram para isso é que:

Em relação ao bonito e feio, marquei mais para o feio porque me agrada mais o som da maneira mais “original” de cada palavra; no inteligente marquei neutro porque acho que isso não tem a ver com inteligência, mas com regionalismo. Marquei como deselegante porque acho a expressão “doido” informal demais e não acho muito elegante. (P. 15).

E as outras justificativas seguiram o mesmo raciocínio, associando a produção aspirada de /ʒ/ a uma situação de fala mais informal. Esses resultados demonstram que o fato de morar na cidade onde o fenômeno ocorre não é garantia de avaliação positiva para o mesmo – embora, como veremos mais adiante, haja mais moradores de Fortaleza do que de fora do Nordeste que admitem fazer esse uso.

Quanto à classe social, em relação à gravação do NORPOFOR, a maior parte dos participantes de ambos os grupos escolheu as classes mais baixas: C e D. Para os trechos do PORCUFORT e do Suricate, encontramos um resultado diferente do que esperávamos, pois a maioria dos que moram fora do Nordeste teve uma atitude mais “flexível”, dando como resposta “todas as classes”, enquanto a maioria dos que moram em Fortaleza colocou, novamente, as classes mais baixas.

Em relação à faixa etária, para a maioria dos que moram em Fortaleza, a glotalização de /ʒ/, em todos os trechos analisados, pode ocorrer em todas as idades – para os trechos do NORPOFOR, essa resposta apareceu ao lado das faixas etárias mais jovens (15-22 e 36-49 anos). Essa resposta só foi igual para a maior parte dos que moram fora do Nordeste quando eles se depararam com a gravação do NORPOFOR, considerando-a correspondente a todas as idades. Para os trechos do PORCUFORT, 62,5% desses participantes responderam que o fenômeno corresponderia às pessoas com 50 anos ou mais e, para as imagens do Suricate, 57,1% deles escolheram a faixa de 15 a 22 anos.

A respeito do nível de escolaridade, para as imagens do Suricate, a maior parte dos participantes de ambos os grupos considerou que o fenômeno poderia ocorrer em qualquer nível. Porém, para os que moram em Fortaleza, essa resposta veio ao lado de

“Ensino Fundamental I”, que corresponde ao segundo nível mais baixo de escolaridade apresentado na questão. Para os trechos do NORPOFOR, a maioria dos indivíduos de ambos os grupos concordou em classificar o fenômeno no nível de Ensino Fundamental I – para os que moram em Fortaleza, essa escolha veio ao lado de “Analfabeto”. Para os trechos do PORCUFORT, podemos perceber respostas bem diferentes de ambos os grupos: enquanto a maioria dos que moram em Fortaleza fez uma avaliação mais negativa e colocou, em primeiro lugar, o nível de Ensino Fundamental I (e Analfabeto), 62,5% dos que residem fora do Nordeste associaram esses trechos a qualquer nível, e 50% deles os elevaram ao nível de Ensino Superior completo. Para justificar essa escolha, um indivíduo morador de Fortaleza afirmou, sobre a gravação do PORCUFORT, que houve “Uso exagerado do sotaque.” (P. 1). Já para uma das participantes que não moram nessa cidade, a justificativa foi: “Porque já vi pessoas de diferentes formações falando assim. Isso não tem a ver com formação ou falta de estudo, mas com regionalismo.” (P. 15).

Quanto ao gênero, 62,5% dos que residem fora do Nordeste, quando se depararam com a gravação do NORPOFOR, consideraram que a glotalização de /ʒ/ está ligada ao gênero feminino. As justificativas que eles deram, porém, são as que já comentamos anteriormente, as quais levaram mais em consideração a maneira de construção da frase do que a realização aspirada de /ʒ/ feita pelas informantes do NORPOFOR. Já, para os moradores de Fortaleza, esse percentual feminino foi menor, de 25%. Para os trechos do PORCUFORT, houve mais residentes de fora do Nordeste (87,5%) do que de Fortaleza (75%) afirmando que o fenômeno poderia ocorrer em todos os gêneros. E para as imagens do Suricate, 100% dos participantes de ambos os grupos deram essa resposta mais “flexível”, ao considerarem que o fenômeno não dependeria do gênero para ocorrer.

Em relação ao lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /ʒ/, para a maioria dos que moram fora do Nordeste, em relação aos três *corpora* analisados, esse uso ocorre na região Nordeste. Uma das justificativas que eles deram foi “O sotaque nordestino é um dos mais bonitos a meu ver. É reconhecível em qualquer parte do Brasil.” (P. 6); e outra: “Pela forma ‘cantada’ de falar.” (P. 15). Para os trechos do PORCUFORT e do Suricate, as outras respostas desses indivíduos foram “qualquer lugar do Brasil” e “Norte/Nordeste”. Já para a maior parte dos que residem em Fortaleza, em relação a esses dois bancos de dados, o espaço de quem faz uso da variante glotal de /ʒ/ é restrito ao Estado do Ceará. E quando esses participantes se depararam com a gravação do NORPOFOR, a maioria deles ampliou o espaço de ocorrência do fenômeno para “qualquer lugar do Brasil”. De maneira geral,

podemos verificar que os participantes que moram em Fortaleza restringiram mais o espaço de ocorrência da variante aspirada de /ʒ/ do que os que residem fora do Nordeste.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /ʒ/, dentre os que moram fora do Nordeste, apenas um respondeu que sim e somente quando se deparou com as imagens do Suricate, afirmando que faria esse uso em qualquer situação. Quanto aos residentes de Fortaleza, a maioria não admitiu produzir o fenômeno, e esse percentual foi ainda maior em relação à gravação do NORPOFOR (87,5%), sobre a qual reconheceram fazê-lo com os amigos (informalmente) e com a família (dentro e fora de casa), mas também poderiam fazer esse uso em qualquer situação. Em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate, houve uma pequena maior adesão, de 25% dos participantes que moram em Fortaleza. Para o último *corpus*, os que responderam “sim” reconheceram fazer esse uso em qualquer situação. Para os trechos do PORCUFORT, além dessa resposta, eles também mencionaram que o fariam no trabalho e com os amigos (formal e informalmente). Esses resultados demonstram que o fato de não residir nessa cidade diminui as possibilidades de o participante reconhecer que faz uso da variante aspirada de /ʒ/.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /ʒ/, a opção “na profissão de vendedor(a) ambulante” foi escolhida pela maior parte dos informantes de ambos os grupos, em relação aos trechos do NORPOFOR. Para a maioria dos participantes que residem em Fortaleza, essa resposta apareceu ao lado das opções “na escola” e “em qualquer situação”. Para as imagens do Suricate, enquanto 37,5% dos moradores de Fortaleza afirmaram que o fenômeno poderia ocorrer em qualquer situação, 57,1% dos que não residem no Nordeste disseram que isso ocorreria “na profissão de vendedor(a) ambulante” e “na escola”. Essas escolhas mostram que os que moram em Fortaleza tiveram uma atitude menos conservadora do que os que não residem nessa cidade em relação a esse banco de dados. Quanto à opção “na universidade”, ela foi escolhida, em relação à gravação do PORCUFORT, por mais residentes de fora do Nordeste (62,5%) do que por moradores de Fortaleza (25%). Esse fato nos leva a concluir que, para esses trechos, os que residem fora do Nordeste fizeram uma avaliação mais positiva do que os que moram em Fortaleza. Para os trechos do NORPOFOR, aconteceu algo semelhante – porém em menor número –, com mais residentes de fora do Nordeste (25%) do que moradores de Fortaleza (12,5%) escolhendo essa opção. Para as imagens do Suricate, porém, esses percentuais para essa resposta se invertem para esses dois grupos. Quanto à resposta “em jornal a nível local” – situação frequentemente ligada a um nível relativamente alto de formalidade no uso da língua

–, os trechos do PORCUFORT e do Suricate foram associados a essa opção pelos que residem fora do Nordeste, enquanto que nenhum morador de Fortaleza marcou-a para nenhum dos *corpora* analisados. Essas escolhas demonstram uma avaliação mais positiva dos que residem fora do Nordeste do que dos que moram em Fortaleza em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /z/, essa resposta só foi unânime com os que residem fora do Nordeste e o foi quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT, afirmando que não; para as imagens do Suricate, uma participante desse grupo disse “sim”. Já os moradores de Fortaleza demonstraram uma atitude mais conservadora, principalmente em relação aos trechos do PORCUFORT e do Suricate, para os quais 37,5% deles responderam que sentiriam vergonha de quem fizesse uso da variante glotalizada de /z/; para a gravação do NORPOFOR, apenas uma participante (12,5%) deu essa resposta.

Enfim, podemos constatar que a produção aspirada de /z/ foi mais bem avaliada por residentes de fora do Nordeste do que por moradores de Fortaleza, resultado que refuta a nossa hipótese inicial, pois considerávamos que o fato de o participante morar na cidade onde o fenômeno ocorre faria com que ele o visse de forma mais positiva.

### 6.5.2 Cidade/Estado onde mora: atitudes linguísticas dos participantes que moram Em Fortaleza e Fora do Nordeste sobre a produção aspirada de /z/

#### Quadro 34 – Respostas dos que moram Em Fortaleza para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate

(continua)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	3,0 = bonito:_.:feio 2,4 = inteligente:_.:não inteligente 2,5 = elegante:_.:deselegante Média = 2,6	3,4 = bonito:_.:feio 3,5 = inteligente:_.:não inteligente 3,4 = elegante:_.:deselegante Média = 3,4	2,3 = bonito:_.:feio 2,6 = inteligente:_.:não inteligente 2,4 = elegante:_.:deselegante Média = 2,4
28.	75% = Classe C 37,5% = Classe D 12,5% = Todas as classes; 12,5% = Classe B 0% = Classe A	37,5% = Todas as classes 37,5% = Classe B 25% = Classe C 25% = Classe A 0% = Classe D	50% = Classe C 37,5% = Todas as classes 37,5% = Classe D 25% = Classe B 0% = Classe A
29.	37,5% = Todas as idades 37,5% = 23 a 35 anos 25% = 15 a 22 anos 12,5% = 36 a 49 anos 0% = 50 anos em diante	50% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 25% = 36 a 49 anos 0% = 23 a 35 anos 0% = 15 a 22 anos	75% = Todas as idades 25% = 15 a 22 anos 12,5% = 23 a 35 anos 0% = 50 anos em diante 0% = 36 a 49 anos

**Quadro 34 – Respostas dos que moram *Em Fortaleza* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no Suricate**

(conclusão)

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
30.	37,5% = Qualquer nível; Ens. Méd. compl.; Ens. Fund. I; Analfabeto. 25% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Méd. incompl.; Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Sup. compl. 0% = Pós-grad.	50% = Qualquer nível. 25% = Ens. Méd. compl. 12,5% = Pós-grad.; Ens. Sup. compl.; Ens. Méd. incompl. 12,5% = Ens. Fund. II; Analfabeto. 0% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Fund. I.	50% = Qualquer nível; Ens. Fund. I. 37,5% = Analfabeto. 25% = Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Masculino; Outro.	62,5% = Todos. 37,5% = Masculino. 0% = Feminino; Outro.	100% = Todos.
33.	25% = NE; Qualquer lugar; e CE. 12,5% = Juazeiro do Norte(CE); e Interior do NE.	25% = CE; e NE. 12,5% = Fortaleza(CE); Qualquer lugar; PE; e RJ.	50% = Ceará. 25% = NE; e Qualquer lugar.
34.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.	62,5% = Não. 37,5% = Sim.
34.1	50% = Em qualquer situação. 25% = No trabalho; Em casa, com a família. 0% = Com os amigos, formal e informalmente; Fora de casa, com a família 0% = Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua.	60% = Em qualquer situação. 40% = No trabalho; Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família. 20% = Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família. 20% = Com pessoas com escolaridade inferior à sua. 0% = Com pessoas com escolaridade superior à sua.	66,7% = Em qualquer situação. 33,3% = Com os amigos, informalmente; Em casa, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior e sup. à sua. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Fora de casa, com a família.
35.	50% = Vendedor(a) ambulante; Escola 37,5% = Vendedor(a) de loja; Novelas; Música 25% = Universidade; Missa/culto; Rádio; Em qualquer situação 12,5% = No Fantástico; Garçom; Em nenhuma situação 0% = Professor(a); Comissário(a); Administrador; Outros programas locais de TV; Em outros programas de outras emissoras; Jornal a nível nacional; Jornal a nível local.	37,5% = Novelas; Em qualquer situação 25% = Universidade; Vendedor de loja; Vendedor(a) ambulante; Missa/culto; Rádio 12,5% = Professor(a); No Fantástico; Garçom; Comissário(a); Administrador; Escola; Outros programas locais de TV; Outros programas de outras emissoras; Música; Jornal a nível nacional; Jornal a nível local 0% = Em nenhuma situação.	50% = Em qualquer situação 37,5% = Vendedor(a) ambulante; Escola 25% = Rádio; Novelas 12,5% = Professor(a); Missa/culto; Música 0% = No Fantástico; Universidade; Vendedor(a) de loja; Garçom; Comissário; Administrador; Outros programas locais de TV; Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível nacional; Jornal a nível local; Em nenhuma situação.
36.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	100% = Não.	75% = Não. 25% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 35 – Respostas dos que moram *Fora do Nordeste* para a produção aspirada de /z/ no NORPOFOR, no PORCUFORT e no SURICATE**

Questão	/z/ – NORPOFOR	/z/ – PORCUFORT	/z/ – SURICATE
27.	2,6 = bonito:_:feio 2,6 = inteligente:_:não inteligente 2,3 = elegante:_:deselegante Média = 2,5	3,6 = bonito:_:feio 3,8 = inteligente:_:não inteligente 3,3 = elegante:_:deselegante Média = 3,6	2,6 = bonito:_:feio 2,9 = inteligente:_:não inteligente 2,4 = elegante:_:deselegante Média = 2,6
28.	50% = Classe C 37,5% = Todas as classes; D 0% = Classe A; Classe B.	37,5% = Classe A; B; Todas 25% = Classe C; Classe D.	42,84% = C; D; Todas. 0% = Classe A; Classe B.
29.	75% = Todas as idades 12,5% = 50 anos em diante 12,5% = 15 a 22 anos 0% = 23 a 35; 36 a 49 anos.	62,5% = Todas as idades 25% = 50 anos em diante 12,5% = 36 a 49 anos 0% = 15 a 22; 23 a 35 anos.	57,12% = Todas as idades 28,56% = 15 a 22; 36 a 49 anos 14,28% = 23 a 35 anos; 50 anos em diante.
30.	50% = Qualquer nível. 37,5% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Fund. II; Ens. Fund. I; Analfabeto. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.	50% = Ens. Sup. compl.; Pós-grad. 37,5% = Qualquer nível. 25% = Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl.; Ens. Fund. II. 12,5% = Ens. Sup. incompl.; Ens. Fund. I; Analfabeto.	57,12% = Qualquer nível. 42,84% = Ens. Fund. II. 28,56% = Ens. Fund. I; Analfabeto; Ens. Méd. incompl.; Ens. Méd. compl. 0% = Pós-grad.; Ens. Sup. incompl.; Ens. Sup. compl.
31.	62,5% = Todos. 37,5% = Feminino. 0% = Outro; Masculino.	87,5% = Todos. 12,5% = Masculino. 0% = Feminino; Outro.	85,68% = Todos. 14,28% = Feminino. 0% = Outro; Masculino.
33.	37,5% = Nordeste. 25% = Ceará. 12,5% = Norte/NE; Qualquer lugar; e Fortaleza.	50% = Nordeste. 37,5% = Qualquer lugar. 12,5% = Norte/NE.	57,1% = Nordeste. 14,3% = Qualquer lugar; CE; e Norte/NE.
34.	87,5% = Não. 12,5% = Sim.	50% = Não. 50% = Sim.	85,68% = Não. 14,28% = Sim.
34.1	100% = Com os amigos, informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior. 0% = No trabalho; Com os amigos, formalmente; Com pessoas com escolaridade sup. à sua; Em qualquer situação.	80% = Em qualquer situação. 20% = No trabalho; Com pessoas com escolaridade sup. 0% = Com os amigos, formal e informalmente; Em casa e Fora dela, com a família; Com pessoas com escolaridade inferior.	14,28% = Em qualquer situação.
35.	62,5% = Vendedor(a) ambulante; Escola 50% = Novelas; Jornal a nível local 37,5% = Vendedor(a) de loja; Garçom 25% = Universidade; Missa/culto; Rádio; Outros programas locais de TV; Música 12,5% = Administrador; Professor(a); Qualquer situação. 0% = Jornal a nível nacional; No Fantástico; Comissário(a); Outros programas de outras emissoras; Em nenhuma situação.	37,5% = Universidade; Missa/culto; Escola; Em qualquer situação 25% = Vendedor(a) de loja; Vendedor(a) ambulante; Professor(a); Administrador; Rádio; Novelas; Música 12,5% = Garçom; Outros programas locais de TV; Outros programas de outras emissoras; Jornal a nível local 0% = No Fantástico; Comissário(a); Jornal a nível nacional; Em nenhuma situação.	42,84% = Novelas 28,56% = Vendedor(a) ambulante; Rádio; Outros programas locais de TV; Jornal a nível local 14,28% = Missa/culto; Escola; Música; Em qualquer situação; Em nenhuma situação 0% = No Fantástico; Universidade; Vendedor(a) de loja; Professor(a); Garçom; Comissário(a); Administrador; Outros programas de outras emissoras; Em jornal a nível nacional.
36.	100% = Não.	100% = Não.	85,68% = Não. 14,28% = Sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pode ser visto nos quadros 34 e 35, a respeito da produção aspirada de /z/, entre as notas atribuídas à beleza, inteligência e elegância, os participantes que moram em Fortaleza deram uma média discretamente maior (2,6) do que os que residem fora do Nordeste (2,5), apenas para a gravação do NORPOFOR. Para os outros dois bancos de dados analisados, foram os participantes do segundo grupo que deram médias maiores. Para os trechos do PORCUFORT, as avaliações de ambos os grupos foram melhores, com os que residem fora do Nordeste apresentando uma média de 3,6, enquanto a dos que moram em Fortaleza foi um pouco abaixo disso (3,4). Esses resultados demonstram algo semelhante ao que encontramos em relação à aspiração de /ʒ/: uma atitude menos conservadora vinda dos participantes que residem fora do Nordeste e o fato de que morar na cidade onde o fenômeno ocorre não é garantia de avaliação positiva para o mesmo – embora, como veremos mais adiante, haja mais moradores de Fortaleza do que de fora do Nordeste que admitem fazer esse uso.

Quanto à classe social, em relação à gravação do NORPOFOR, a maior parte dos participantes de ambos os grupos escolheu a classe C. Para as imagens do Suricate, encontramos um resultado diferente do que esperávamos, pois 50% dos que residem em Fortaleza colocaram apenas a classe C, enquanto 42,9% dos que moram fora do Nordeste tiveram uma atitude aparentemente mais “flexível”, dando como resposta “todas as classes”, mas também classe C e classe D. Para a gravação do PORCUFORT, a maior parte dos participantes de ambos os grupos respondeu “todas as classes”. No entanto, ao lado dessas respostas, os indivíduos que residem fora do Nordeste fizeram uma avaliação mais positiva, escolhendo as duas classes mais elevadas (A e B), enquanto os moradores de Fortaleza colocaram apenas a classe B nessa mesma hierarquia.

Em relação à faixa etária, mais uma vez, a maioria dos indivíduos de ambos os grupos respondeu que a variante aspirada de /z/ poderia acontecer em todas as idades, argumentando que o fenômeno não depende dessa variável para ocorrer.

A respeito do nível de escolaridade, a resposta “qualquer nível” foi dada pela maioria dos participantes de ambos os grupos quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR e do Suricate. Para 50% dos que residem em Fortaleza, essa resposta se repetiu para a gravação do PORCUFORT. Embora essa resposta seja considerada mais “flexível”, uma avaliação mais positiva sobre esse banco de dados foi encontrada entre os indivíduos que moram fora do Nordeste, quando 50% deles associaram esses trechos aos níveis mais altos de escolaridade (Ensino Superior completo e Pós-graduação). Alguns deles justificaram essa



resposta argumentando: “Pelo bom uso das palavras.” (P. 6) ou “A complexidade da frase exige um grau de instrução maior.” (P. 7).

Quanto ao gênero, só houve unanimidade nas respostas dos moradores de Fortaleza e apenas quando eles se depararam com as imagens do Suricate, sobre as quais 100% deles afirmaram que a variante glotal de /z/ poderia acontecer em todos os gêneros. Entretanto, para uma participante (14,3%) que reside fora do Nordeste, esses trechos remetem ao gênero feminino, justificando que “A expressão parece ser relativa ao público feminino.” (P. 7). Para a gravação do NORPOFOR, 37,5% dos participantes de ambos os grupos associaram o fenômeno ao gênero feminino; os 62,5% afirmaram que esses trechos se relacionariam a todos os gêneros. E para a gravação do PORCUFORT, houve um percentual maior de indivíduos moradores de Fortaleza (37,5%) associando esses trechos ao gênero masculino do que dos que residem fora do Nordeste (12,5%).

A respeito do lugar de origem de quem faz uso da aspiração de /z/, para a maioria dos que residem fora do Nordeste, em relação a todos os trechos analisados, esse fenômeno está ligado a quem pertence à região Nordeste. Essa resposta se repetiu com a maior parte dos moradores de Fortaleza quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR e do PORCUFORT – ao lado das respostas “Ceará” (para esses dois bancos de dados) e “qualquer lugar do Brasil” (para o primeiro banco). Para as imagens do Suricate, a maioria desses participantes restringiu o espaço de ocorrência do fenômeno para o Estado do Ceará. Por essas respostas, podemos perceber um maior percentual de moradores de Fortaleza do que do outro grupo de participantes restringindo mais precisamente o lugar ao qual esse fenômeno está associado: o próprio Estado onde eles residem atualmente.

Quanto ao fato de os participantes do teste realizarem ou não a glotalização de /z/, o maior percentual dos participantes de ambos os grupos passou a admitir esse uso ao se depararem com a gravação do PORCUFORT, quando 50% deles deram essa resposta. Para esse *corpus*, entre os moradores de Fortaleza que responderam “sim”, a maioria afirmou fazer esse uso em qualquer situação, e, além dessa resposta, eles só não marcaram a opção “com pessoas com escolaridade superior a deles”; entre os residentes de fora do Nordeste, a maior parte também disse realizar a variante glotal de /z/ em qualquer situação, mas também marcaram as opções “no trabalho” e “com pessoas com escolaridade superior a deles”. Para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, houve mais indivíduos moradores de Fortaleza (37,5%) do que de fora do Nordeste (12,5%) que reconheceram fazer uso da variante aspirada de /z/. Neste grupo, a participante que respondeu “sim” afirmou realizar o fenômeno em qualquer situação, em relação às imagens do Suricate; para a gravação do NORPOFOR, o

informante desse mesmo grupo que deu essa resposta admitiu fazer esse uso com os amigos (informalmente), com a família (dentro e fora de casa) e com pessoas com escolaridade inferior a dele. Já entre os moradores de Fortaleza que deram essa resposta para os trechos do NORPOFOR e do Suricate, a maioria afirmou realizar a glotalização de /z/ em qualquer situação; além dessa resposta, eles marcaram, ainda, a opção “em casa, com a família”.

Quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam produzir a aspiração de /z/, as opções “na profissão de vendedor(a) ambulante” e “na escola” – mais associadas a um uso informal da língua – foram escolhidas pela maior parte dos informantes de ambos os grupos em relação aos trechos do NORPOFOR. Para as imagens do Suricate, enquanto 50% dos moradores de Fortaleza afirmaram que o fenômeno poderia ocorrer em qualquer situação, 42,9% dos que não residem no Nordeste disseram que isso ocorreria “em novelas”. Essas escolhas mostram que os que moram em Fortaleza tiveram uma atitude menos conservadora do que os não residem nessa cidade, em relação a esse banco de dados. Quanto à opção “na universidade”, ela foi escolhida, em relação à gravação do PORCUFORT, por mais residentes de fora do Nordeste (37,5%) do que por moradores de Fortaleza (25%). Esse fato nos leva a concluir que, para esse *corpus*, os que residem fora do Nordeste fizeram uma avaliação mais positiva do que os que moram em Fortaleza. Para os trechos do NORPOFOR, 25% dos informantes de ambos os grupos marcaram essa opção. Para as imagens do Suricate, essa resposta não foi marcada por nenhum participante do teste. Os trechos do PORCUFORT foram associados por 12,5% dos moradores de Fortaleza às respostas “em jornal a nível nacional”, “no fantástico (TV Globo)”, “em jornal a nível local” e “na profissão de comissário(a) de bordo” – situações frequentemente ligadas a um alto nível de formalidade no uso da língua –, enquanto que nenhum residente de fora do Nordeste as marcou. Essas escolhas demonstram uma avaliação mais positiva dos moradores de Fortaleza do que dos participantes do outro grupo em relação aos trechos do PORCUFORT.

Por último, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /z/, só houve unanimidade na resposta dos participantes de ambos os grupos em relação à gravação do PORCUFORT, sobre a qual todos responderam “não”. Com os residentes de fora do Nordeste, esse resultado se repetiu quando eles se depararam com os trechos do NORPOFOR, os quais foram rejeitados por uma moradora de Fortaleza (12,5%), fazendo, assim, com que este grupo tenha demonstrado uma atitude mais conservadora do que o primeiro em relação a esse banco de dados. Resultado semelhante foi encontrado com as imagens do Suricate, quando houve mais moradores de Fortaleza do que de fora do Nordeste

respondendo “sim”. Por isso, verificamos que os residentes dessa cidade foram mais conservadores do que os que moram fora dela.

Enfim, podemos concluir, de maneira geral, que a atitude dos dois grupos foi bastante semelhante a respeito da produção glotalizada de /z/, mas com os moradores de Fortaleza sendo um pouco mais conservadores em algumas situações. Esse resultado refuta, de certa maneira nossas hipóteses iniciais de que os moradores dessa cidade reagiriam de forma mais positiva do que os que residem fora dela.

### 6.5.3 Resumo das respostas por Cidade/Estado onde mora o participante: Em Fortaleza e Fora do Nordeste sobre a produção aspirada de /ʒ/ e de /z/

O quadro a seguir mostra, resumidamente, as respostas dadas por Naturalidade do participante do teste de atitudes – Em Fortaleza e Fora do Nordeste – a respeito da produção aspirada de /z/ e de /ʒ/.

#### Quadro 36 – Resumo das respostas por Cidade/Estado onde mora o participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /ʒ/

(continua)

Questão	Em Fortaleza x Fora do Nordeste – /ʒ/	Em Fortaleza x Fora do Nordeste – /z/
<i>Beleza, inteligência e elegância</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,6);</li> <li>• Maior média: Fora do Nordeste (2,8); PORCUFORT (3,0).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (2,9);</li> <li>• Maior média: Fora do Nordeste (2,9); PORCUFORT (3,6).</li> </ul>
<i>Classe social</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (573,2%).</li> <li>• Maiores: Fora do Nordeste (182,1%); PORCUFORT (100%);</li> <li>• Menores: Em Fortaleza (337,5%); NORPOFOR (150%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (448,3%).</li> <li>• Maiores: Fora do Nordeste (155,4%); PORCUFORT (75%);</li> <li>• Menores: Em Fortaleza (225%); NORPOFOR (112,5%).</li> </ul>
<i>Faixa etária</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (264,9%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Em Fortaleza (162,5%); Suricate (75%);</li> <li>➢ Fora do Nordeste (102,4%); PORCUFORT (62,5%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todas</i> para os 3 corpora (357,1%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Fora do Nordeste (194,65%); NORPOFOR (75%);</li> <li>➢ Em Fortaleza (162,5%); Suricate (75%).</li> </ul> </li> </ul>
<i>Escolaridade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baixas (392,9%); Altas (371,4%).</li> <li>• Maiores: Fora do Nordeste (246,4%); PORCUFORT (137,5%).</li> <li>• Menores: Em Fortaleza (250%); PORCUFORT (100%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Altas (419,6%); Baixas (332,2%).</li> <li>• Maiores: Fora do Nordeste (244,6%); PORCUFORT (137,5%).</li> <li>• Menores: Em Fortaleza (175%); Suricate (87,5%).</li> </ul>
<i>Gênero</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todos</i> para os 3 corpora (500%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Em Fortaleza (250%); Suricate (100%);</li> <li>➢ Fora do Nordeste (250%); Suricate (100%).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Todos</i> para os 3 corpora (460%): <ul style="list-style-type: none"> <li>➢ Fora do Nordeste (235%); PORCUFORT e Suricate (87,5%);</li> <li>➢ Em Fortaleza (225%); Suricate (100%).</li> </ul> </li> </ul>

**Quadro 36 – Resumo das respostas por Cidade/Estado onde mora o participante do teste de atitudes sobre a produção aspirada de /z/ e de /z/**

(conclusão)

Questão	Em Fortaleza x Fora do Nordeste – /z/	Em Fortaleza x Fora do Nordeste – /z/
<i>Lugar de origem</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (187,5%): Fora do Nordeste (150%); PORCUFORT (62,5%).</li> <li>• Qualquer lugar para os 3 corpora (112,5%): Fora do Nordeste (62,5%); PORCUFORT e Suricate (25%).</li> <li>• Ceará (100%): Em Fortaleza (87,5%); Suricate (50%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nordeste para os 3 corpora (219,6%): Fora do Nordeste (144,6%); PORCUFORT e Suricate (50%).</li> <li>➤ Qualquer lugar para os 3 corpora (126,8%): Fora do Nordeste (64,3%); PORCUFORT (37,5%);</li> <li>➤ Em Fortaleza (62,5%); NORPOFOR e Suricate (25%).</li> <li>• Ceará (139,3%): Em Fortaleza (100%); Suricate (50%).</li> </ul>
<i>Fazer uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (523,2%);</li> <li>• Mais reconhecem: Em Fortaleza (62,5%); PORCUFORT e Suricate (25%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (398,2%);</li> <li>• Mais reconhecem: Em Fortaleza (125%); PORCUFORT (50%).</li> </ul>
<i>Situações gerais de uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (539,2%);</li> <li>• Mais formal: Em Fortaleza (162,5%); Suricate (62,5%).</li> <li>• Mais informal: Fora do Nordeste (339,2%); os 3 corpora (112,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informais (442,9%);</li> <li>• Mais formal: Em Fortaleza (162,5%); PORCUFORT (62,5%).</li> <li>• Mais informal: Fora do Nordeste (230,4%); NORPOFOR (125%).</li> </ul>
<i>Ter vergonha</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (501,2%);</li> <li>• Menor vergonha: Fora do Nordeste (285,7%); NORPOFOR e PORCUFORT (100%).</li> <li>• Maior vergonha: Em Fortaleza (87,5%); PORCUFORT e Suricate (37,5%).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não para os 3 corpora (548,2%);</li> <li>• Menor vergonha: Fora do Nordeste (285,7%); NORPOFOR e PORCUFORT (100%).</li> <li>• Maior vergonha: Em Fortaleza (37,5%); Suricate (25%).</li> </ul>
<i>Geral</i>	❖ Avaliaram mais positivamente: <b>Fora do Nordeste.</b>	❖ Avaliaram mais positivamente: <b>ambos igualmente.</b>
<i>/z/ x /z/</i>	<b>A aspiração de /z/ é mais bem aceita do que a de /z/, tendendo a ser mais utilizada no PB.</b>	

Fonte: Elaborado pela autora.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi realizar dois trabalhos: a descrição e análise linguística do uso variável de fricativas no português culto falado na cidade de Fortaleza-CE, com base teórico-metodológica na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008); e a análise das atitudes linguísticas de falantes do PB (tanto de Fortaleza, quanto de fora do Nordeste). Ao final desse processo, embora reconheçamos que ainda haja muito a ser feito a respeito desses dois tópicos, podemos dizer que os objetivos foram atingidos.

Em relação ao primeiro desses trabalhos, fizemos análises separadas para as aspirações de /ʒ/, de /z/ e da coda diante de /d/ com /z ʒ/. Durante a coleta de dados, percebemos que o fenômeno poderia estar sendo influenciado pelo difusionismo lexical. Por isso, resolvemos incluir essa teoria em nossas análises<sup>112</sup> e comprovamos essa influência preponderante sobre a glotalização de /ʒ/ e de /z/.

Em resumo, podemos concluir que a glotalização de /ʒ/ em posição de ataque silábico apresentou um percentual de 12,9% de ocorrências. Em termos intralinguísticos, esses dados foram influenciados essencialmente pela difusão lexical de Vocábulos Usuais, principalmente por “/ʒ/á”, “a /ʒ/ente” (= “nós”), “/ʒ/ente” (= “pessoa”) e “se/ʒ/a”, observando ainda um avanço desse processo para a palavra “igre/ʒ/a(s)”, influenciado pelo contexto fonológico subsequente do Vocábulo Usual “/ʒ/á”, que é o mesmo: [a]<sup>113</sup>. Apenas a variável intralinguística Dimensão do Vocábulo, com os Trissílabos ou maiores sendo os únicos a favorecer o fenômeno, não sofreu influência do difusionismo lexical, o que nos leva a entender que a glotalização, no falar culto de Fortaleza, tende a ocorrer também em cadeias vocabulares grandes<sup>114</sup>.

Em termos extralinguísticos, confirmamos a nossa hipótese inicial de que quanto maior fosse a Faixa Etária, maior seria o número de ocorrências da forma glotalizada, pois os informantes que possuíam 51 anos ou mais foram os únicos a mostrarem um índice favorecedor à regra. Esse resultado, de acordo com a tradição sociolinguística, indicaria uma mudança em progresso; porém, ao verificarmos que o fenômeno da aspiração continua ocorrendo na mesma comunidade de fala, em dados mais atuais – como os do projeto

<sup>112</sup> Cf. CHEN; WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991; 1992; 1995; 1997.

<sup>113</sup> Cf. OLIVEIRA, 1992.

<sup>114</sup> Cf. MOLLICA; MATTOS, 1989.

NORPOFOR e de imagens da página Suricate Seboso –, concluímos que estamos diante de uma variação estável. A circunstância de a variante aspirada ocorrer de maneira preponderante na faixa etária mais idosa é explicada pelo fato de esses indivíduos já estarem fora do mercado de trabalho e, em consequência disso, estarem mais isentos de avaliação social, tendendo a se preocupar menos com o monitoramento do seu discurso, tornando-o mais informal. Portanto, esse uso glotalizado poderá ocorrer, em maior quantidade, quando os indivíduos das faixas etárias mais jovens estiverem na mais idosa.

A respeito do Sexo, verificamos que apenas os homens mostraram-se favorecedores à glotalização de /ʒ/, confirmando nossa hipótese inicial. Para explicarmos esse resultado, precisamos pesquisar a ficha das informantes e verificamos que as mulheres que apresentaram os maiores percentuais de aspiração não estavam mais tão preocupadas com a divisão do trabalho entre os sexos e com a lógica do casamento<sup>115</sup>, pois elas já estavam aposentadas de empregos cuja renda fazia com que elas não dependessem de seus cônjuges. Enquanto as demais (a maioria) apresentavam essa dependência financeira.

Já o percentual de 13,7% de ocorrências de glotalização de /z/ pode ser explicado, resumidamente, pelo fato de elas também terem sofrido uma forte influência do processo de difusão lexical de Vocábulos Usuais, principalmente, “mai/z/” (conjunção) e “mai/z/” (advérbio), “nói/z/”, “fai/z/”, “me/z/mo”, “fa/z/en(d)o” e “i/z/empo”, “p(r)ici/z/a”, “co(i)/z/a”, “poi/z/” e “di/z/”, sendo esses três últimos mais presentes apenas no falar de fortalezenses (em comparação a outros falares do PB), e com a glotalização de “poi[h]” e “di[h]” sendo liderada, em nossa amostra, pelas mulheres. Esse mesmo processo de difusão lexical pôde ser observado, também, nos vocábulos “rapai/z/”, “talvei/z/”, “depoi/z/”, “vei/z/”, “demai/z/”, “trêi/z/”, “sei/z/”, “doi/z/”, “dei/z/” e “fei/z/”, que podem constituir casos prováveis de avanço desse processo para uma mudança sonora influenciada pelos Vocábulos Usuais “mai/z/”, “fai/z/”, “nói/z/”, “coi/z/a” e “poi/z/”, cujo contexto fonológico precedente é o mesmo: [j]<sup>116</sup>. E foram alguns desses vocábulos que atuaram no resultado da variável Dimensão do Vocábulo, com apenas os Dissílabos mostrando-se relevantes ao fenômeno.

Por outro lado, encontramos também fatores intralinguísticos que não sofreram influência desse processo: o Contexto Fonológico Subsequente a [l], revelando-se, portanto, como um ambiente fonético favorecedor ao fenômeno, sem sofrer a atuação de Vocábulos Usuais; a Tonicidade, pois apenas as Pretônicas mostraram-se relevantes ao fenômeno, e nenhum Vocábulo Usual pertencia a esse grupo; e a Posição na Sílabla e na Palavra, com

<sup>115</sup> Cf. BOURDIEU, [1982] 1996.

<sup>116</sup> Cf. OLIVEIRA, 1992.

apenas a posição de Coda Interna, diante de [l], apresentando resultado favorável à glotalização de /ʒ/. Entretanto, na posição de Coda Interna, diante de [m], e de Coda em Fim de Palavra (morfológica), percebemos novamente a influência de vocábulos antecidos pela semivogal [j] mencionados anteriormente.

Em termos extralinguísticos, na glotalização de /z/, quanto ao Sexo, verificamos, novamente, que são os homens os únicos a favorecer o fenômeno em análise. Mais uma vez, buscamos, na ficha das informantes, a posição social das mulheres participantes e verificamos, além dos resultados encontrados para /ʒ/, que havia uma informante que, embora a renda e o *status* de sua profissão fossem desvalorizados socialmente, produzira um número significativo de ocorrências glotais de /z/. Essa situação leva-nos a concluir que a aspiração de /z/ encontra-se num estágio de aceitação social mais avançado do que a de /ʒ/ – resultados que, posteriormente, foram comprovados pela análise do teste de atitudes. Em relação à Faixa Etária, mais uma vez, foram os de idade mais avançada os únicos a se mostrarem relevantes à glotalização de /z/.

O percentual de 61,3% de dados de glotalização em coda com /z ʒ/ diante de /d/ apresentou, em termos intralinguísticos, uma única variável, a Tonicidade, com apenas as Tônicas favorecendo o processo e também sendo influenciadas preponderantemente pelo processo de difusão lexical dos Vocábulos Usuais “de/z ʒ/de”, “mai/z ʒ/” (conjunção) e “mai/z ʒ/” (advérbio), “nói/z ʒ/” e “atravéi/z ʒ/” e, ainda, o avanço desse processo com vocábulos antecidos pela semivogal [j]: “talvei[ɦ]”, “rapai[ɦ]” e “vei[ɦ]”. As outras variáveis selecionadas pelo GoldVarb X foram as extralinguísticas: Faixa Etária e Sexo, as quais mostraram os mesmos resultados que foram encontrados nas análises anteriores, ou seja, são favorecedores à regra a Faixa Etária de 51 anos em diante e o Sexo Masculino.

O segundo trabalho que executamos nesta pesquisa foi a realização do teste de atitudes linguísticas. Para analisar esses resultados, separamos as respostas entre as variáveis Gênero, Escolaridade, Naturalidade e Cidade/Estado onde mora atualmente. Dentro de cada uma delas, seccionamos as respostas dadas para cada fonema em análise (/ʒ/ e /z/). Fizemos, ainda, uma análise geral, sem separar os participantes entre essas variáveis.

Na análise geral sobre a aspiração de /ʒ/ no teste de atitudes, constatamos que os trechos do PORCUFORT contendo essa variante foram os mais bem avaliados pelos participantes. No entanto, em termos gerais, houve avaliações mais negativas do que positivas em relação aos três *corpora* avaliados (NORPOFOR, PORCUFORT e Suricate), embora

quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, a grande maioria tenha respondido que não; e o maior percentual “de vergonha” foi associado às imagens do Suricate. Em contrapartida, quase todos os participantes do teste não admitiram fazer uso dessa variante; apenas 20% reconheceram realizá-lo e foi quando se depararam com as imagens do Suricate – o que nos faz perceber que o tom humorístico contido nesse *corpus* levou os participantes a uma maior identificação com a variante aspirada de /ʒ/. Dessa maneira, essas respostas levam-nos a concluir que o fenômeno em análise é um *marcador* linguístico, pois apenas diante de um teste de atitudes é que os falantes tratam-no de forma estigmatizada, mas não costumam fazê-lo em situações mais “naturais” da fala.

Outro dado que nos chamou atenção foi que, embora tivéssemos constatado através da análise variacionista dos dados do PORCUFORT que o fenômeno é favorecido apenas pela Faixa Etária mais avançada, no teste, todos os participantes relataram que a glotalização de /ʒ/ não depende dessa variável para ocorrer, pois ela pode acontecer em todas as idades. Esse resultado reforça a nossa tese de que o fenômeno não constitui uma mudança linguística, mas sim uma variação estável. Outro resultado interessante foi que, embora na análise variacionista que fizemos apenas o Sexo Masculino tivesse apresentado um resultado favorável à glotalização de /ʒ/, no teste, quase todos os participantes afirmaram que ela pode ocorrer em qualquer gênero – o que nos levou a concluir, inicialmente, que o gênero feminino não estivesse mais ligado ao conservadorismo linguístico<sup>117</sup>.

A respeito da glotalização de /z/ no teste de atitudes, na análise geral, encontramos respostas muito parecidas com as obtidas para a aspiração de /ʒ/. No entanto, ao comparamos as respostas dadas aos dois fenômenos, algumas nos chamaram atenção. Sobre a classe social, verificamos que, em ambos os contextos, os três *corpora* foram avaliados, pela maioria dos participantes, como pertencentes às classes mais baixas; porém, em relação à glotalização de /z/, houve um número maior de participantes escolhendo essas classes. Em contrapartida, quanto à escolaridade, houve uma avaliação um pouco mais positiva em relação à glotalização de /z/ do que à de /ʒ/. Além disso, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a glotalização de /z/, os percentuais de rejeição diminuiriam em relação a todos os trechos analisados. Analisando todas essas respostas, podemos concluir que houve uma avaliação mais positiva sobre a produção aspirada de /z/ do que sobre a de /ʒ/.

---

<sup>117</sup> Cf. FISHER, 1958; BOURDIEU, 1996; MONTEIRO, 2000.



Ao separarmos os participantes por Gênero (Feminino e Masculino), verificamos que, na avaliação sobre a produção aspirada de /ʒ/, as mulheres fizeram avaliações mais positivas do que os homens – resultado que refuta nossa hipótese inicial de que ambos os gêneros reagiriam de forma semelhante e refuta a tradição sociolinguística que considera a mulher mais conservadora do que o homem em suas atitudes linguísticas. Esse resultado pôde ser percebido, principalmente, em relação às respostas que elas deram sobre: i) a quais classes sociais poderiam pertencer quem fizesse uso dessa variante – as opções com as classes mais altas foram marcadas mais por mulheres do que por homens; ii) as situações em que o participante ou outras pessoas poderiam fazer esse uso – com mais mulheres do que homens marcando as situações mais formais de uso; iii) se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/ – com mais homens do que mulheres admitindo ter esse sentimento.

Em contrapartida, quanto à escolaridade de quem faz uso da variante aspirada de /ʒ/, houve mais homens do que mulheres escolhendo os níveis mais altos; além de terem sido eles os que mais admitiram realizar esse uso – resultado corroborado pelos dados que submetemos ao GolVarb X e contradito sobre o que a maioria das mulheres afirmou a respeito do fato de a produção aspirada de /ʒ/ não depender de gênero para ocorrer.

Quanto às avaliações que os Gêneros masculino e feminino fizeram a respeito da produção aspirada de /z/, verificamos avaliações praticamente iguais de ambos os gêneros – resultado que confirma nossa hipótese inicial. Quanto às respostas que eles deram às perguntas do teste, constatamos que são muito parecidas com as obtidas para a aspiração de /ʒ/. No entanto, ao comparamos as respostas dadas aos dois fenômenos, algumas destacaram-se. Quanto à escolaridade, em relação à variante aspirada de /z/, foram, desta vez, as mulheres as que marcaram as opções com os maiores níveis. Quando questionados se fazem ou não esse uso, novamente, os participantes do gênero masculino se identificaram mais do que os do gênero feminino, mas, desta vez, o percentual dos homens que admitiram foi bem maior quando comparado ao resultado apresentado sobre a variante glotal de /ʒ/ – esse resultado, além de ser condizente com o que verificamos com os dados que foram submetidos ao GoldVarb X, demonstra que há um maior reconhecimento do uso da variante aspirada de /z/ do que da de /ʒ/ pelos homens. E quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /z/, o percentual de quem tem esse sentimento foi menor quando comparado ao obtido para a variante glotal de /ʒ/. Pelas respostas dadas a essas duas questões

(34 e 36), podemos concluir que a realização aspirada de /z/ se encontra num estágio mais avançado de aceitação do que a de /ʒ/.

Ao separarmos os participantes por Escolaridade (Com Ensino Superior e Sem Ensino Superior), verificamos que, na avaliação sobre a produção aspirada de /ʒ/, os participantes sES fizeram uma avaliação mais positiva sobre a produção glotalizada de /ʒ/ – resultado que confirma tanto nossa hipótese inicial quanto a tradição sociolinguística, a qual considera que os falantes com maior escolaridade costumam usar com maior frequência as formas padrão do que os que possuem menor escolaridade<sup>118</sup>.

Esse resultado pode ser exemplificado quando os participantes responderam se fazem ou não uso da variante aspirada de /ʒ/ e verificamos um maior número de indivíduos sES do que cES admitindo realizar esse uso – esse resultado é confirmado por autores que associaram esse uso a pessoas com baixa escolaridade<sup>119</sup>. E quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, os participantes cES só foram menos conservadores do que os sES em relação à gravação do NORPOFOR; para os demais trechos, verificamos um maior percentual de rejeição do primeiro do que pelo segundo grupo. Diante disso, concluímos que a realização aspirada de /ʒ/ é um fenômeno desprestigiado, fato que certamente dificultará a sua possibilidade de implementação no sistema linguístico.

A respeito da variante glotal de /z/, novamente, encontramos avaliações mais positivas do que as verificadas para a de /ʒ/. No entanto, a maior parte dessas avaliações foram feitas, também, pelos participantes sES, o que corrobora o desprestígio do fenômeno.

Ao separarmos os participantes por Naturalidade (Fortalezense e Não Nordestina), verificamos que, na avaliação sobre a produção aspirada de /ʒ/, os não nordestinos fizeram uma avaliação mais positiva do que os fortalezenses – resultado que refuta nossa hipótese inicial de que estes, ao se identificarem com uma variante do seu próprio falar, teriam uma atitude mais positiva, enquanto os não nordestinos reagiriam apenas de forma neutra sobre o fenômeno.

Em contrapartida, quando questionados se fazem ou não esse uso, houve um número bem maior de fortalezenses do que de não nordestinos admitindo realizar a variante aspirada de /ʒ/ em qualquer situação – resultado que nos leva a concluir que os fortalezenses reconhecem esse uso no seu falar. Entretanto, quando perguntados se sentiriam ou não

<sup>118</sup> Cf. LABOV, 2008; MARQUES, 2001; SILVA, 2004; VOTRE, 2004; ALENCAR, 2007.

<sup>119</sup> Cf. AGUIAR, 1937; BUENO, 1967; SERAINE, 1972; RONCARATI; UCHOA, 1988.

vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, verificamos um número bem maior de fortalezenses do que de não nordestinos admitindo esse sentimento.

A respeito da produção aspirada de /z/, constatamos novamente que os não nordestinos fizeram uma avaliação mais positiva do que os fortalezenses. A única resposta que não seguiu essa tendência foi em relação à escolaridade, pois houve mais não nordestinos do que fortalezenses escolhendo os menores níveis. No geral, ao compararmos as avaliações feitas por fortalezenses e não nordestinos para a variante glotal de /ʒ/ e para a de /z/, corroboramos os resultados anteriores, com a segunda sendo mais bem avaliada do que a primeira e mostrando uma tendência a ser mais utilizada no PB, em geral, do que a outra.

Ao separarmos os participantes por Cidade/Estado onde eles moram atualmente (Em Fortaleza e Fora do Nordeste), verificamos que a produção aspirada de /ʒ/ foi mais bem avaliada por moradores de fora do Nordeste do que de Fortaleza – resultado que refuta nossa hipótese inicial de que os participantes que moram em Fortaleza, pelo fato de viverem na cidade onde o fenômeno ocorre, fariam uma avaliação mais positiva do que os que residem fora do Nordeste.

Em contrapartida, quanto às situações em que o participante ou outras pessoas poderiam fazer esse uso, verificamos um número bem maior de residentes de fora do Nordeste do que de moradores de Fortaleza relacionando o fenômeno a situações de maior informalidade no uso da língua. Além disso, quando questionados se fazem ou não esse uso, apenas um residente de fora do Nordeste admitiu realizar a variante glotal de /ʒ/, enquanto um número maior de moradores de Fortaleza reconheceram fazê-lo, embora a maioria deles o tenha negado. Entretanto, quando perguntados se sentiriam ou não vergonha de quem realizasse a aspiração de /ʒ/, encontramos um maior percentual moradores de Fortaleza do que de fora do Nordeste rejeitando esse uso.

A respeito da produção aspirada de /z/, encontramos respostas muito parecidas e, desta vez, com percentuais bastante próximos, não sendo assim possível revelar qual das duas formas de aspiração estaria num estágio de aceitação maior. No entanto, quando questionados se fazem ou não esse uso, o número de participantes de ambos os grupos admitindo realizar a variante aspirada de /z/ foi maior do que o que encontramos para /ʒ/, repetindo o percentual ainda maior entre os moradores de Fortaleza. Por essa resposta, podemos concluir que a realização aspirada de /z/ se encontra num estágio mais avançado de aceitação do que a de /ʒ/.

A aceitação ou não do uso de uma variante é influenciada, segundo Calvet (2002), pelo modo como a pessoa percebe o discurso dos outros. Então, se levarmos em consideração que a maioria dos participantes declarou não sentir vergonha de quem utiliza a variante aspirada de /ʒ/ e de /z/, podemos concluir que ela é, sim, aceita por eles. Em relação à variante glotal de /ʒ/, houve mais avaliação negativa do que positiva, e os elementos que tornaram a avaliação dos informantes do teste mais positiva foram: os trechos do PORCUFORT, as participantes de gênero feminino, os indivíduos sem Ensino Superior, os informantes de origem não nordestina e os residentes de fora do Nordeste. E em relação à variante glotal de /z/, houve, ao contrário de /ʒ/, mais avaliações positivas do que negativas, e os elementos responsáveis por isso foram os mesmos citados para /ʒ/, porém com os participantes de ambos os gêneros avaliando a variante aspirada de /z/ de maneira igual.

Uma resposta que se repetiu entre quase todos os participantes foi a de que a aspiração, tanto de /ʒ/ quanto de /z/, não dependeria de gênero para ocorrer. Diante disso, pudemos constatar que, diferente do que encontramos nos resultados das análises variacionistas que pesquisamos (RONCARATI; UCHOA, 1988; CARVALHO, 2000; MARTINS, 2007; PELICIONI, 2008; SANTOS, 2009; SANTOS, 2012), a atitude linguística dos participantes do teste revelou que esse fenômeno não constitui uma marca de uso masculina nem seria atribuído a ele um *status* de variante sexista (MEYERHOFF, 2006).

Apesar de termos comprovado uma tendência de uso desse fenômeno no falar culto dos fortalezenses (e em falares de outros lugares do País) e de termos obtido avaliações equilibradamente positivas e negativas pelos participantes do teste, isso ainda não é suficiente para que haja a sua implementação no sistema linguístico, principalmente, pelo fato de se tratar de uma variante do plano fonológico, ou seja, distante da escrita, a qual ainda concentra o maior prestígio. Além disso, os participantes com Ensino Superior – também detentores de maior prestígio social –, de maneira geral, não avaliaram esse fenômeno de forma positiva, fato que também dificulta a sua implementação. Esse quadro leva-nos ainda a entender por que o fenômeno, apesar de ter seu maior uso entre indivíduos de idade mais avançada, não constitui uma mudança em progresso, mas sim uma variação estável, que, em termos labovianos, seria um caso de “enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua” (LABOV, 2008, p. 188).

Tais resultados confirmam ainda que, *para e na* comunidade de fala fortalezense, a glotalização de /ʒ/ e de /z/ revela-se como um *marcador*, pois essa realização, na maioria das vezes, não foi admitida como utilizada por esses falantes – ou seja, revelando-se abaixo

do nível de consciência deles –, porém eles conseguiram fazer avaliação desse fenômeno através do teste de atitudes ao qual foram submetidos. Dessa forma, é justamente no problema da avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) que constatamos que os falantes fortalezenses, embora avaliem negativamente as variantes aspiradas de /ʒ/ e de /z/, ainda as produzem de maneira inconsciente – resultado comprovado pela análise variacionista da amostra do PORCUFORT.

Ressaltamos que ainda há muito o que pesquisar sobre a glotalização de fricativas no falar fortalezense, especialmente ao colocarmos em confronto dados provenientes de falantes sem Ensino Superior. É possível, também, utilizar outras respostas, já coletadas nos testes de atitudes, como classe socioeconômica e comunidades de prática a que o participante pertence, além da análise de avaliações linguísticas envolvendo diversos falares conhecidos pelos informantes, sobre as atitudes deles diante de imitações que possam fazer do seu próprio falar e suas avaliações mais diretas sobre o falar fortalezense e sobre o fenômeno em análise.

Esperamos, ainda, que este trabalho contribua para a descrição do PB e forneça subsídios para o letramento materno e estrangeiro, a partir do conhecimento de variantes do PB, aprendendo a respeitá-las e a usá-las nas diversas situações comunicativas. Além disso, acreditamos que a investigação que fizemos possa auxiliar os profissionais do teatro, do cinema e da televisão que, em muitos dos seus trabalhos, tentam representar o falar cearense sem, muitas vezes, conhecer suas variantes e os condicionamentos que influenciam a sua ocorrência. Acreditamos, ainda, que o conhecimento desta variante, ao caracterizar particularidades do falar fortalezense, possa auxiliar os trabalhos da linguística forense para fins de perícia, permitindo a identificação de evidências da fala em tribunais.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 51, p. 271-307. 1937.
- ALENCAR, M. S. M. de. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza**: as realizações dos fonemas /r/ e /r̄/. 2007. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). **Dos sons às Palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 187-200.
- \_\_\_\_\_; SOARES, M. E. **A linguagem falada em Fortaleza**: diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.
- ARAÚJO, A. A. de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- \_\_\_\_\_. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, RJ: CiFEFiL, 2011, v. 15, n. 5, t. 1, p. 835-845. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- AULER, M. Difusão lexical num fenômeno de aspiração do português. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 43-51, jul./dez. 1992.
- BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BASSI, A. A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano: perspectiva fonológica-variacionista. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1., 2011, Maringá, PR. **Anais...** Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2011, v. 1, p. 2-733.
- BUENO, F. da S. **A formação histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- BISOL, L. O sândi e ressilabação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 31, n. 2, p. 159-168. 1996.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=eSA3cEosTB8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=ressilaba%C3%A7%C3%A3o&f=false](https://books.google.com.br/books?id=eSA3cEosTB8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=ressilaba%C3%A7%C3%A3o&f=false)>. Acesso em: 19 mar. 2018.

\_\_\_\_\_.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPURCS, 2002.

BORTONI-RICARDO S. M. **Educação em Língua Materna**: a Sociolinguística na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1998a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília, 1998b.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais ensino médio**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 1998c.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Tradução de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, PR, v. 15, n. 1, p. 77-94, jun. 2012.

CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. 1979. 201 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

\_\_\_\_\_. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 11, p. 34-49. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod\\_resource/content/1/01d17t03.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf)>. Acesso em: 6 mar. 2017.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. 1991. 168 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991.

CARVALHO, R. S. de. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. 2000. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/alipa/teses\\_mestrado/tese\\_rosana.PDF](http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_rosana.PDF)>. Acesso em: 12 jan. 2016.

CAVALCANTE, A. P. P.; MONTEIRO, M. C. S.; CARNEIRO, J.; SALES, J. V. Suricate Seboso no *Facebook*: linguagem, identidade e memória do Nordeste em rede. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 1, p. 223-232, maio 2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3617>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=9bYV43UhKssC&printsec=frontcover&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=9bYV43UhKssC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 5 mar. 2017.

CHEN, M. Y.; WANG, W. S-Y. Sound change: actuation and implementation. **Language**, Washington, DC, v.51, n. 2, p. 255-281, jun. 1975. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/412854>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

COAN, M.; FREITAG, R. Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de lingu@gem**: Revista Eletrônica de Linguística, Uberlândia, MG, v. 4, n. 2, p. 173-194, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11618/6863>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

COSTA, E. P. M. da; FARIA, V. F. S. Atitudes linguísticas de migrantes sulistas em Mato Grosso: um estudo em Sinop. **Cordis**: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, São Paulo, SP, v. 1, n. 8, p. 243-266, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/download/12929/9397>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

CYRANKA, L. F. M; RONCARATI, C. Atitudes Linguísticas: uma pesquisa em escolas públicas de Juiz de Fora (MG-Brasil). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Ideia, 2009. p. 1-20.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. 3. ed. England: Blackwell, 1990.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/book/9780080423999>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistics variant. **Word**, Cambridge, MA, v. 1, n. 14, p. 47-56. 1958. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00437956.1958.11659655>>. Acesso em: 20 mar. 2016.



FISHMAN, J. A. The Sociology of Language: an interdisciplinary social approach to language in society. **Language in Society**, Rowley, MA, v. 3, n. 2, p. 312-320, 1972. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0047404500004437>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

FREITAG, R. M. Ko. Prefácio: Atitudes e Identidade Linguística: muito chão pela frente. In: CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 3-8. Disponível em: <<https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/atitudes-linguisticas-e-avaliacoes-subjetivas-de-alguns-dialetos-brasileiros-1070>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

\_\_\_\_\_; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, SP, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907/4367>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

GUEDELHA, C. A. M. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, MG, v. 13, n. 2, p. 1-20, set. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/guedelha.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 1., 2001, Fortaleza, **Anais...** Fortaleza, CE: Imprensa Universitária/UFC, 2001, p. 32-37. v. 1.

\_\_\_\_\_; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HEWSTONE, G.; GILES, H. Social groups and social stereotypes. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Orgs.). **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin's Press, 1997. p. 271-283.

HORA, D. da. Processo de palatalização das fricativas na Língua Portuguesa. **Revista do GELNE**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 2, p. 34-36, 1999.

\_\_\_\_\_; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. *Status* da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/6860/4992>>. Acesso em: 8 maio 2018.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=B3NIAeabrHwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=B3NIAeabrHwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 13 nov. 2017.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, Washington, DC, v. 57, n. 2, p. 267-308, jun. 1981.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT; W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluation reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal Social Psychology**, Montreal, QB, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEITE, C. M. B. Estereótipos Sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, BA, v. 9, n. 1, p. 71-90, jun. 2011.

Disponível em:

<<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/199/285>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo. Loyola, 2002. p. 63-90.

MARQUES, S. M. O. **A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa**. 2001. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

MARTINS, F. S. A pronúncia do -S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFAM, 16., 2007, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2007. p. 1-16.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. London: Routledge, 2006.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-569.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

\_\_\_\_\_; MATTOS, P. B. de. Dois processos de assimilação fonológica no português falado semi-espontâneo do Rio de Janeiro. **Relatório final do projeto Mecanismos funcionais do uso da língua**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 11 p.

\_\_\_\_\_. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, 53-64, jul./dez., 1992.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 147-179.

MOTA, J. A.; ROLLEMBERG, V. L. S. Constrictivas implosivas em área nordestina. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, BA, n. 17, p. 79-86, jul. 1995. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/issue/viewIssue/1103/18>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

OLIVEIRA, M. A. de. The neogrammarian controversy revisited. **International Journal of the Sociology of Language**, Dallas, TX, v. 89, p. 93-105, 1991.

\_\_\_\_\_. Aspectos da difusão lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.

\_\_\_\_\_. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 3, n.1, p. 75-91, jan./jun. 1995.

\_\_\_\_\_. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 6, n. 2, p.31-58, jul./dez. 1997.

PASTORELLI, D. S. A crença e a atitude linguística do capanemense. **Línguas & Letras**, Cascavel, PR, v. 12, n. 22, p. 13-41, jan./jun. 2011.

PELICIOLI, R. A aspiração de fricativas na fala de Salvador. In: CONGRESO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 15., 2008, Montevidéo. **Anais...**, Montevidéo: ALFAL, 2008. p. 1-7.

PHILLIPS, B. S. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, Washington, DC, v. 60, n. 2, p. 320-342, jun. 1984.

PINTO, C. M. A.; FRAGA, L. Professores de língua em formação e o /r/ retroflexo: um estudo sobre atitudes. **Línguas & Letras**, Cascavel, PR, v. 12, n. 22, p. 149-179, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/5774/4489>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

PLACHI, D. Atitudes linguísticas: variedades encenadas em foco. **Todas as Letras**. São Paulo, SP, v. 10, n. 2, p. 95-104. 2008. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/449/265>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

PRETI, D. A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. p. 21-34.

RAMOS, J. M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 5, n. 1, p. 103-125, jan./jun. 1997. Disponível em:

<<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1045/1169>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

RODRIGUES, A. G. P. **Ramo rê se rai dá certo**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

RONCARATI, C. N. Variação fonológica e morfossintática na fala cearense. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE, 17., 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1999. p. 1-12.

\_\_\_\_\_; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: RONCARATI, C. N.; ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. **Projeto Dialetos Sociais Cearenses**. Fortaleza: UFC, 1988.

SALES, J. V. M. **O menino Sebosinho**: a estratégica representação de infância na página Suricate Sebo. 2016. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/ngn/lab/goldvarb.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2016.

SANTOS, D. R. dos. **A variação do /S/ pós-vocálico na fala de Petrópolis, Itaperuna e Paraty**. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, G. dos. **O português afro-brasileiro de Helvécia**: análise de <S> em coda silábica. Salvador, 2012. 282 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTANA, V. R.; SELLA, A. F.; BUSSE, S. Crenças e atitudes linguísticas sobre falantes de espanhol argentino em região de fronteira. **Travessias**, Cascavel, PR, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/6414/5001>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília: UnB, 1993.

SERAINÉ, F. Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, v. 86, n. 86, p. 5-23, 1972.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em:

<[https://imago.letras.ufg.br/up/156/o/Disserta\\_o\\_Daniel\\_Marra.pdf](https://imago.letras.ufg.br/up/156/o/Disserta_o_Daniel_Marra.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SILVA, G. M. O. e. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução a Sociolinguística variacionista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

TAVARES, M.; SANTOS, L. C. dos. Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados-MS. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 44, p. 117-134, jun. 2012.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. Londres: Penguin, 2000.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIEDEMER, M. L. As faces da comunidade de fala. **Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, SC, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/810/865>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado aos participantes do teste de atitudes linguísticas

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Variação, mudança e atitudes linguísticas**: a realização de fricativas nos falares popular e culto de Fortaleza”. Os objetivos deste estudo consistem em descrever, analisar e avaliar atitudes linguísticas sobre a realização variável das fricativas /v s z ch j/ nos falares popular e culto dos fortalezenses: aspiração e manutenção.

Caso você autorize, você irá: 1) contribuir para o ensino de língua materna e estrangeira, auxiliando professores e alunos a conhecer melhor a diversidade linguística brasileira e a saber como lidar nas inúmeras situações de heterogeneidade linguística com as quais se defrontam; 2) colaborar com a investigação das implicações que poderiam existir no desenvolvimento de habilidades dos falantes no uso das variedades prestigiadas, visto que ainda existe uma distância entre o prestígio da variedade culta da língua utilizada pela escola e os dialetos previamente desprestigiados dos alunos, podendo gerar nestes indisposições para o desenvolvimento dessas habilidades; 3) colaborar com a descrição do português falado no Brasil, com o registro e com a sistematização das “inovações/mudanças” linguísticas para que se faça um provável percurso da história das línguas; 4) contribuir para os profissionais do teatro, do cinema, da televisão e da linguística forense; 5) contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o falar cearense.

A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que estuda, trabalha, recebe cuidados de saúde. Há risco quanto a sua participação, sendo esse: constrangimento, caso não se sinta à vontade para responder às perguntas do questionário. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém, se sentir desconforto emocional, dificuldade ou desinteresse poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador.

Os dados serão armazenados em 01 (um) CD, contendo todos os questionários digitalizados. Ao término da pesquisa, esses dados ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Germana Pontes Rodrigues.

Você não receberá remuneração pela participação. Em estudos parecidos com esse, os participantes não têm seus nomes mencionados, mas recebem os devidos agradecimentos gerais dos pesquisadores no texto final da pesquisa. E a sua participação pode contribuir para trazer informações importantes sobre a diversidade linguística do português brasileiro e sobre as atitudes que os falantes têm sobre ela, de modo que a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos. As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação. Além disso, você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone e e-mail da pesquisadora principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Ana Germana Pontes Rodrigues.

Ana Germana Pontes Rodrigues,

Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE,

Telefones: (85) 87271956 / 96757927 / 92568448. E-mail: [anager\\_maninha@hotmail.com](mailto:anager_maninha@hotmail.com)

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação

Sendo que:

- (    ) aceito participar  
(    ) não aceito participar

Fortaleza, ..... de ..... de .....

\_\_\_\_\_  
Assinatura

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE que funciona na Av. Paranjana, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85) 3101-9890, email cep@uece.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.



## APÊNDICE B – Arquivo de condições com as chaves de codificação

### Arquivo 1: /ʒ/

#### 1º) Variável dependente:

- Manutenção: 1
- Glotalização: 2

#### Variáveis independentes:

##### 2º) Contexto Fonológico Precedente:

- [a]: a via/ʒ/aø
- [ẽ]: ɫ falan/ʒ/e, estran/ʒ/eiros
- [e]: e igre/ʒ/a, se/ʒ/a
- [ɛ]: ɜ pre/ʒ/udicando
- [ê]: Q em /ʒ/uazeiro do Norte
- [i]: i ori/ʒ/em
- [ĩ]: j atin/ʒ/iø
- [o]: o no/ʒ/o, o/ʒ/e
- [ɔ]: ɔ lo/ʒ/inha
- [õ]: O lon/ʒ/e
- [u]: u fomo /ʒ/á
- [u]: U su/ʒ/o
- [ũ]: v num /ʒ/á, um /ʒ/ojo
- [ɹ]: v trabalhei /ʒ/á
- [w]: w meu /ʒ/erente, eu /ʒ/á
- [ɦ]: R ener/ʒ/ia, aler/ʒ/ia
- [z]: z elez /ʒ/á
- Pausa: # /ʒ/esuis, /ʒ/ustamente, /ʒ/á, /ʒ/ente

##### 3º) Contexto Fonológico Subsequente:

- [a]: @ via/ʒ/aø
- [ẽ]: \$ via/ʒ/anøø
- [e]: p /ʒ/ereissati, /ʒ/eito
- [ɛ]: ˘ /ʒ/eral
- [ê]: ˘ via/ʒ/ẽi, /ʒ/ente
- [i]: i atin/ʒ/iø, reli/ʒ/ioso
- [ĩ]: “ igre/ʒ/inha
- [i]: B passa/ʒ/eø, o/ʒ/e
- [o]: % /ʒ/ogo, arran/ʒ/ô
- [ɔ]: ! /ʒ/orge
- [õ]: não tem na amostra
- [u]: ? a/ʒ/uda, /ʒ/ustamente
- [ũ]: \* /ʒ/unto
- [u]: ≡ ve/ʒ/o, bei/ʒ/o

##### 4º) Posição na Sílabla e na Palavra:

- ataque início da palavra: f /ʒ/á
- ataque interior da palavra: l ve/ʒ/o

##### 5º) Tonicidade:

- Pretônica: 4 /ʒ/eral
- Tônica: 5 igre/ʒ/inha
- Postônica: 6 aléø/ʒ/ica

##### 6º) Dimensão do Vocábulo:

- Monossílabo: m /ʒ/á
- Dissílabo: d /ʒ/eral
- Trissílabo ou maior: t /ʒ/ustamente

##### 7º) Natureza do Vocábulo:

- Nomes (substantivos, adjetivos, numerais, advérbios): S igre/ʒ/a
- Verbos: V ve/ʒ/o
- Conectivos: X /ʒ/unto a
- Vocábulo Usual “hoje” (que não estejam nos fatores anteriores): C o/ʒ/e
- Vocábulo Usual “já” (que não estejam nos fatores anteriores): D /ʒ/á
- Vocábulo Usual “gente (=pessoas)” (que não estejam nos fatores anteriores): E /ʒ/ente
- Vocábulo Usual “a gente” (=nós) (que não estejam nos fatores anteriores): K a /ʒ/ente
- Vocábulo Usual “seja” (que não estejam nos fatores anteriores): L se/ʒ/a

##### 8º) Sexo:

- Masculino: H
- Feminino: F

##### 9º) Faixa Etária:

- 22-35 anos: I
- 26-49 anos: A
- 51 anos em diante: I

**Arquivo 2: /z/****1º) Variável dependente:**

- Manutenção: 1
- Glotalização: 2

**Variáveis independentes:****2º) Contexto Fonológico Precedente:**

- [a]: a ca/z/a
- [ɐ]: ɫ trã/z/ito, tran/z/mitiø
- [e]: e me/z/mo
- [ɛ]: ʒ ape/z/aø
- [ẽ]: não tem na amostra
- [i]: i frí/z/eø, fí/z/ico, sorri/z/o, sincreti/z/mo
- [ĩ]: j øcin/z/entado, quin/z/e
- [o]: o maravilho/z/o
- [ɔ]: ç ido/z/as
- [õ]: O on/z/e
- [u]: u ônibu/z/ lá
- [u]: U buracu/z/inho
- [ũ]: C cun/z/inhá
- [ɹ]: y coi/z/a
- [w]: w Deu/z/ me, jornal/z/im
- Consoante: não tem na amostra
- Pausa: # /z/ico, ø/z/atamente, ø/z/emplo

**3º) Contexto Fonológico Subsequente:**

- [a]: @ surpre/z/a
- [ɐ]: \$ ra/z/ãø
- [e]: p fa/z/eø
- [ɛ]: ˘ às ve/z/ era, /z/é
- [ẽ]: ˘ i/z/emplo
- [i]: ˘ di/z/ia
- [ĩ]: ˘ di/z/incarnado
- [i]: B ba/z/e
- [o]: % ti/z/oøreøro, ca/z/oø
- [ɔ]: ! dua/z/ oras, i/z/olado
- [õ]: ! ori/z/ontes, mai/z/ onesto
- [u]: ? Je/z/uis
- [ũ]: \* fei/z/ uma
- [u]: ≡ sorri/z/o
- [b]: b poi/z/ bem
- [g]: g re/z/gataø
- [v]: v di/z/via
- [m]: M me/z/mo
- [n]: n mai/z/ não
- [l]: g nói/z/ levamos
- [ʌ]: não tem na amostra

**4º) Posição na Sílabla e na Palavra:**

- Coda fim de palavra (morfológica): l poi/z/ bem
- Coda interna: k di/z/via
- Ataque: l fa/z/er, /z/ico

**5º) Tonicidade:**

- Pretônica: 4 i/z/mola, re/z/gate
- Tônica: 5 me/z/mo
- Postônica: 6 ca/z/a

**6º) Dimensão do Vocábulo:**

- Monossílabo: m mai/z/
- Dissílabo: d me/z/mo
- Trissílabo ou maior: t di/z/incarnado

**7º) Natureza do Vocábulo:**

- Nomes (substantivos, adjetivos, numerais, advérbios): S re/z/gate, dei/z/ anos
- Verbos: V u/z/á
- Conectivos: X apó(i)/z/ a
- Pronomes: W no/z/ inscrevemos
- Morfema verbal de primeira pessoa do plural “-mo/s””: P somo/z/ imperfeitoø
- Vocábulo específico “ma(i)s” (que não estejam nos fatores anteriores): C ma/z/ isso (=408), mai/z/ antigo (=232)
- Vocábulo Usual “pois” (que não estejam nos fatores anteriores): D poi/z/ é
- Vocábulo Usual “nós” (que não estejam nos fatores anteriores): E nói/z/ abitamos
- Vocábulo Usual “existe” (que não estejam nos fatores anteriores): G e/z/iste
- Vocábulo Usual “coisa” (que não estejam nos fatores anteriores): K coi/z/a
- Vocábulo Usual “fazer” (que não estejam nos fatores anteriores): L fa/z/eø
- Vocábulo Usual “mesmo” (que não estejam nos fatores anteriores): N me/z/mo
- Vocábulo Usual “exemplo” (que não estejam nos fatores anteriores): Y e/z/emplo
- Vocábulo Usual “preci/z/ar” (que não estejam nos fatores anteriores): R preci/z/á
- Vocábulo Usual “di/z/er” (que não estejam nos fatores anteriores): Q di/z/ê

**8º) Sexo:**

- Masculino: H
- Feminino: F

**9º) Faixa Etária:**

- 22-35 anos: J
- 36-50 anos: A
- 51 anos em diante: I

**Arquivo 3: coda de /z ʒ/****1º) Variável dependente:**

Manutenção: 1

Glotalização: 2

**Variáveis independentes:****2º) Contexto Fonológico Precedente:**– [a]: a dua/ʒ z/ dicas, SIMPA/ʒ z/ depois

– [ɐ]: não tem na amostra

– [e]: e de/ʒ z/de

– [ɛ]: não tem na amostra

– [ê]: não tem na amostra

– [i]: i de/ʒ z/dizer

– [ĩ]: não tem na amostra

– [o]: não tem na amostra

– [ɔ]: não tem na amostra

– [õ]: não tem na amostra

– [u]: u vamo/ʒ z/ dizem

– [ũ]: não tem na amostra

– [ɹ]: ɹ Jesui/ʒ z/ dizia, atravéi/ʒ z/ do– [w]: w Deu/ʒ z/ do**3º) Contexto Fonológico Subsequente:**– [d]: b de/ʒ z/do, atravéi/ʒ z/ do, fei/ʒ z/ deiz– [dʒ]: g de/ʒ z/de, Jesui/ʒ z/ dizia**4º) Posição na Sílabla e no Vocábulo:**– coda fim de palavra (morfológica): ɹ atravéi/ʒ z/ do– coda interior da palavra: n de/ʒ z/de**5º) Tonicidade:**– Pretônica: 4 de/ʒ z/dizer, no/ʒ z/ deu– Tônica: 5 de/ʒ z/de, Deu/ʒ z/ do– Postônica: 6 atravéi/ʒ z/ do**6º) Dimensão do Vocábulo:**– Monossílabo: m Deu/ʒ z/ do, no/ʒ z/ deu– Dissílabo: d de/ʒ z/de, Jesui/ʒ z/ dizia– Trissílabo ou maior: t atravéi/ʒ z/ do**7º) Natureza do Vocábulo:**– Nomes (substantivos, adjetivos, numerais): S Deu/ʒ z/ do– Verbos: V de/ʒ z/dizer– Conectivos: X apó/ʒ z/ duas– Pronomes: W no/ʒ z/ deu– Morfema verbal de primeira pessoa do plural “-mo/s/”:  
P vamo/ʒ z/ dizem– Vocábulo Usual “ma(i)s” (que não estejam nos fatores anteriores): C mai/ʒ z/ de– Vocábulo Usual “nós” (que não estejam nos fatores anteriores): E nói/ʒ z/ demos– Vocábulo Usual “através” (que não estejam nos fatores anteriores): G atravéi/ʒ z/ do– Vocábulo Usual “desde” (que não estejam nos fatores anteriores): K de/ʒ z/de**8º) Gênero/Sexo:**– Masculino: H– Feminino: F**9º) Faixa Etária:**– 22-35 anos: J– 26-49 anos: A– 51 anos em diante: I

APÊNDICE C – Questionário para o teste de atitudes linguísticas

**PARTE 1**

01. Qual o gênero/sexo que você considera que ocupa na sociedade?

( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro \_\_\_\_\_

02. Idade:

( ) 18 a 35 anos ( ) 36 a 50 anos ( ) 51 em diante

03. Naturalidade: \_\_\_\_\_

3.1 (Caso não seja fortalezense, mas more em Fortaleza) Há quanto tempo exatamente veio morar em Fortaleza? \_\_\_\_\_

04. Bairro onde mora atualmente: \_\_\_\_\_

4.1 Bairro onde morou a maior parte de sua vida? \_\_\_\_\_

05. Você mora em:

( ) casa ou apartamento própria(o), com sua família.

( ) casa ou apartamento própria(o), sozinho(a).

( ) casa ou apartamento alugada(o), com sua família.

( ) casa ou apartamento alugada(o), sozinho(a).

( ) quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).

( ) quarto ou cômodo alugado, com sua família.

( ) habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, etc.

( ) Outra situação: \_\_\_\_\_

06. Renda mensal média (se morar com a família, a média total): \_\_\_\_\_

07. Quais e quantos dos itens abaixo há em sua casa?

	Há			Não há
	1	2	3 ou +	
1. Automóvel nacional	(A)	(B)	(C)	(D)
2. Automóvel importado	(A)	(B)	(C)	(D)
3. TV apenas com canais abertos	(A)	(B)	(C)	(D)
4. TV com antena parabólica	(A)	(B)	(C)	(D)
5. TV por assinatura	(A)	(B)	(C)	(D)
6. Computador	(A)	(B)	(C)	(D)
7. Tablet	(A)	(B)	(C)	(D)
8. DVD	(A)	(B)	(C)	(D)
9. Blu-ray	(A)	(B)	(C)	(D)
10. Máquina de lavar roupa	(A)	(B)	(C)	(D)
11. Máquina de lavar louça	(A)	(B)	(C)	(D)
12. Aspirador de pó	(A)	(B)	(C)	(D)
13. Geladeira	(A)	(B)	(C)	(D)
14. Freezer	(A)	(B)	(C)	(D)
15. Micro-ondas	(A)	(B)	(C)	(D)
16. Telefone fixo	(A)	(B)	(C)	(D)
17. Celular pré-pago	(A)	(B)	(C)	(D)
18. Celular pós-pago	(A)	(B)	(C)	(D)

08. Grau de escolaridade:

- ( ) Não estudou.  
 ( ) Do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental (antigo primário).  
 ( ) Do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental (antigo ginásio).  
 ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.  
 ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) completo.  
 ( ) Ensino superior incompleto.  
 ( ) Ensino superior completo. Graduação em \_\_\_\_\_  
 ( ) Pós-graduação (mestrado, especialização, doutorado) em \_\_\_\_\_

09. Possui algum curso de língua estrangeira?

- ( ) Sim ( ) Não

9.1 Caso sua resposta seja afirmativa, qual(is)? \_\_\_\_\_

9.2 Caso sua resposta seja afirmativa, por quanto tempo? \_\_\_\_\_

10. Profissão: \_\_\_\_\_

11. Local de trabalho: \_\_\_\_\_

12. Até quando seu pai estudou?

- ( ) Não estudou.  
 ( ) Do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental (antigo primário).  
 ( ) Do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental (antigo ginásio).  
 ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.  
 ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) completo.  
 ( ) Ensino superior incompleto.  
 ( ) Ensino superior completo.  
 ( ) Pós-graduação (mestrado, especialização, doutorado).  
 ( ) Não sei.

13. Até quando sua mãe estudou?

- ( ) Não estudou.  
 ( ) Do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental (antigo primário).  
 ( ) Do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental (antigo ginásio).  
 ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.  
 ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) completo.  
 ( ) Ensino superior incompleto.  
 ( ) Ensino superior completo.  
 ( ) Pós-graduação (mestrado, especialização, doutorado).  
 ( ) Não sei.

14. Você lê:

	Frequentemente	Eventualmente	Nunca
1. Jornais?	(A)	(B)	(C)
2. Revistas de informação geral?	(A)	(B)	(C)
3. Revistas de humor/quadrinhos?	(A)	(B)	(C)
4. Revistas de divulgação científica (ex.: Ciência Hoje, Galileu, etc.)?	(A)	(B)	(C)
5. Romance?	(A)	(B)	(C)
6. Conto?	(A)	(B)	(C)
7. Crônica?	(A)	(B)	(C)
8. Poesia?	(A)	(B)	(C)
9. Texto da Bíblia?	(A)	(B)	(C)
10. Outro texto religioso?	(A)	(B)	(C)

15. O que e com qual frequência você costuma escrever:

	Frequentemente	Eventualmente	Nunca
1. Bilhete manuscrito?	(A)	(B)	(C)
2. Agenda (manuscrita)?	(A)	(B)	(C)
3. Bate-papo online?	(A)	(B)	(C)
4. E-mail?	(A)	(B)	(C)
5. Artigo para jornal?	(A)	(B)	(C)
6. Artigo acadêmico?	(A)	(B)	(C)
7. Crônica?	(A)	(B)	(C)
8. Poesia?	(A)	(B)	(C)
9. Conto?	(A)	(B)	(C)
10. Comentários em redes sociais	(A)	(B)	(C)
11. Outro: _____	(A)	(B)	(C)

16. Você costuma usar a Internet?

( ) Sim ( ) Não

16.1 Caso sua resposta seja afirmativa, com qual frequência?

( ) Frequentemente ( ) Às vezes

17. Você participa/participou de algum dos grupos abaixo?

	Frequentemente	Às vezes	Não participo
1. Igreja ou grupo religioso.	(A)	(B)	(C)
2. Partido político ou movimento social.	(A)	(B)	(C)
3. Sindicato ou associação profissional.	(A)	(B)	(C)
4. Grupo de bairro ou associação comunitária.	(A)	(B)	(C)
5. Clube recreativo ou associação esportiva.	(A)	(B)	(C)
6. Grupos anônimos	(A)	(B)	(C)

18. Locais/formas de diversão:

	Frequentemente	Às vezes	Nunca
1. Cinema.	(A)	(B)	(C)
2. Teatro.	(A)	(B)	(C)
3. Jogos eletrônicos	(A)	(B)	(C)
4. Praia.	(A)	(B)	(C)
5. Estádio (futebol).	(A)	(B)	(C)
6. Outro local (outro esporte): _____	(A)	(B)	(C)
7. Futebol society.	(A)	(B)	(C)
8. Outro esporte com os amigos: _____	(A)	(B)	(C)
9. Restaurante.	(A)	(B)	(C)
10. Bar.	(A)	(B)	(C)
11. Shopping.	(A)	(B)	(C)
12. Show musical.	(A)	(B)	(C)
13. Circo.	(A)	(B)	(C)
14. Parque de diversão.	(A)	(B)	(C)
15. Viagem para lugares no Brasil	(A)	(B)	(C)
16. Viagem para lugares fora do Brasil.	(A)	(B)	(C)

19. Assiste TV?

( ) Todos os dias ( ) Às vezes ( ) Nunca

19.1 A que tipo de programa prefere assistir? (Pode marcar mais de um.)

- Novelas    Esporte    Noticiário    Humor    Programas de auditório  
 Documentário

20. Ouve rádio?

- Todos os dias    Às vezes    Nunca

20.1 Que tipo de programa prefere ouvir? (Pode marcar mais de um.)

- Músicas apenas    Radionovela    Esporte    Noticiário    Humor

21. Para ter uma boa vida no futuro, quais, dentre os fatores abaixo, você considera importantes? (Você pode marcar mais de um.)

- Ter sido um bom(a) aluno(a) na faculdade.  
 Ter cursado uma boa escola ou faculdade.  
 Ter conhecimentos profissionais práticos e úteis.  
 Ter cultura geral (conhecer língua, ler livros, etc.)  
 Falar, em todas as situações, de acordo com a norma padrão.  
 Ter amigos influentes.  
 Vir de uma família rica.  
 Ser esperto(a).  
 Ter sorte na vida.  
 Ser honesto(a) e justo(a).  
 Ser trabalhador(a).  
 Ser generoso(a) e solidário(a) com os outros.  
 Ter fé e seguir os ensinamentos religiosos.  
 Casar-se com alguém rico.  
 Ser proativo.

22. Você se relaciona, pessoal e/ou virtualmente, com alguém de outro estado e/ou outra região?

- Sim    Não

22.1 Caso sua resposta seja afirmativa, de onde essa(s) pessoa(s) é(são)? \_\_\_\_\_

22.2 Caso sua resposta seja afirmativa, com que frequência?

- Frequentemente    Eventualmente

## PARTE 2

23. Você já teve a oportunidade de perceber diferentes tipos de falar (sotaque, dialeto) entre pessoas de outro estado? Poderia dar algum exemplo, caracterizando essa fala (sotaque, dialeto), mostrando como essas pessoas falavam?

24. Ainda quanto a esses tipos de falar (sotaque, dialeto), você acha que algum sotaque detém mais prestígio (respeito, admiração, valor social) do que o outro? Qual? Por quê?

25. Quando você está (ou se você estivesse) em outra cidade e fala(sse) com as pessoas, você acha que os habitantes dessa cidade conseguem (conseguiriam) identificar de onde você é (a sua cidade/Estado de origem) apenas pela maneira como você fala (sotaque, dialeto)? Cite exemplos.

26. Já ocorreu de alguém imitá-lo quanto ao modo de falar (sotaque, dialeto)? Em caso afirmativo, o que você sentiu? Em caso negativo, *imagine* e diga como seria a sua reação?

### PARTE 3 (Eliminada das análises)

37. Se você falasse rapidamente e pronunciasse as palavras de modo relaxado (descontraído, informal), que frases você diria? [Responder oralmente (para você mesmo) e depois por escrito. Se quiser, pode gravar.]

- Eu ta\_\_a te esperando
- Carne num aguenta\_\_a mais, né?!
- Será que ele foi le\_\_ar ela no hospital?
- Tu num \_\_ai nem me convidar?
- É uma panela de arro(i)\_\_\_
- Tem negó\_\_\_o de meia e de inteira lá?
- Ma(i)\_\_\_ num sei quais são suas atitudes
- Ele tinha ma\_\_\_ õ meno assim un\_\_ 17 anos
- Pô\_\_\_, amiga, eu num faço nem questão
- O arro(i)\_\_\_ lá em ca\_\_a também é...
- Que eu vô levar a Belinha em ca\_\_a
- Tudo bem que o pessoal é da ca\_\_a, ma(i)\_\_\_ não
- Num ia ser a cô\_\_a mais sofisticada
- De vê muita cô\_\_a acumulada
- Só me\_\_mo de...
- Onde eu moro tá tendo fe\_tival, né
- Problema de constipação inte\_\_tinal
- Belinha, pelo menos ma\_\_tiga
- Ela \_\_á terminou as coisa?
- Eu sempre da\_\_\_a a oportunidade
- [...] a estabilidade, de\_\_\_e mantê-la
- Ma(i)\_\_\_ pá entrá, eu tive que fazê concurso
- Ma(i)\_\_\_ num identificamos
- Da\_\_\_ nossas famílias
- [...] eu vô sê demitido me\_\_\_mo que sô celetista
- [...] Sô Ca\_\_\_telo Branco, minha mãe é Ca\_\_\_telo Branco da Silvéra
- [...] a Igre\_\_\_a católica
- [...] cuidá se\_\_\_a lá do que fô
- A sociedade ho\_\_e \_\_á também \_\_á num forma
- De \_\_\_d'a repreensão oral
- Eu \_\_á ta\_\_a
- Eu \_\_á tava cheia
- Quando for meia-noite, a \_\_ente tá voltando
- Eu já cheguei, tu sabe, de\_\_de de manhã
- Vamo, D. Zida, atra(i)\_\_\_ dela



**FRICATIVA /z/ (3-): PARTE 3.1 – NORPOFOR (N), PARTE 3.2 – PORCUFORT (P) e PARTE 3.3 – SURICATE (S)**

Obs.: Não se trata de um teste de ortografia. Por isso, o teste é sobre como essas palavras que estão incompletas são pronunciadas.

	3-N (fricativa /z/ <sup>120</sup> )	3-P (fricativa /z/)	3-S (fricativa /z/)
As palavras ao lado incompletas são pronunciadas, nas gravações, com o som de "R."  Separadamente (por coluna), a partir de cada exemplo (das <b>palavras incompletas</b> ) que você ouviu:	-Ma(i)___ não sei quais são suas atitudes -Ele tinha ma___ õ meno assim un___ 17 anos -Po___, amiga, eu num faço nem questão -O arro(i)___ lá em ca___a também é... -Tudo bem que o pessoal é da ca___a, ma(i)___ não -De ver muita co___a acumulada -Só me___mo de...	- Ma(i)___ num identificamos - Da___ nossas famílias - [...] eu vou ser demitido me___mo que sou celetista	Anexo B
27. Como você classificaria o <b>falar</b> (sotaque, dialeto) com o qual esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b> ) foram pronunciados? Marque em um dos espaços.	2,8 = - bonito: <u>1,2,6</u> : <u>9,15</u> : <u>3,5,8,10,14</u> : <u>12</u> : <u>4,7,11,13,16</u> : ___ : feio  2,5 = - inteligente <u>2,6</u> : <u>8,9</u> : <u>5,7,11,15</u> : <u>10,12</u> : <u>1,3,4,13,14,16</u> : ___ : não-inteligente  2,4 = - elegante: <u>2,6</u> : <u>9</u> : <u>3,7,8,10,15</u> : <u>12</u> : <u>1,4,5,11,13,14,16</u> : ___ : deselegante  Média = 2,6	3,5 = - bonito: <u>3,5,6,8,9</u> : <u>2,12,15</u> : <u>7,11,13,14</u> : <u>1,4,10</u> : <u>16</u> : ___ : feio  3,6 = - inteligente <u>5,6,7,8,9</u> : <u>2,10,12</u> : <u>1,3,11,13,14,15</u> : <u>4</u> : <u>16</u> : ___ : não-inteligente  3,3 = - elegante: <u>5,6,9</u> : <u>2,8,12,15</u> : <u>1,3,7,10,11,13</u> : <u>4</u> : <u>14,16</u> : ___ : deselegante Média = 3,5	2,4 = - bonito: <u>2,6</u> : ___ : <u>3,5,8,12,14</u> : <u>4,10,15</u> : <u>1,7,9,11,16</u> : ___ : feio  2,7 = - inteligente <u>2</u> : <u>6</u> : <u>1,4,5,7,8,11,12,14,15</u> : <u>10</u> : <u>3,9,16</u> : ___ : não-inteligente  2,4 = - elegante: <u>2</u> : ___ : <u>3,4,5,6,7,8,12,15</u> : <u>10</u> : <u>1,9,11,14,16</u> : ___ : deselegante Média = 2,5
27.1 Justifique	Justifique: 1-	Justifique: 1-	Justifique: 1-

<sup>120</sup> Quando o teste é apresentado ao informante, não há esse detalhamento de qual fricativa ele está analisando em cada coluna.

	<p>2- Porque eu gostei da fala.  3-  4-  5-  6- A inteligência é nítida na conversa entre as amigas.  7- Não dá pra compreender algumas palavras.  8- O sotaque não é feio, só é uma fala mais coloquial do que formal. São diálogos de dia a dia.  9- Razoável.  10-  11- Aparenta troca de letras.  12-  13- As palavras são pronunciadas tão rapidamente que não soa nada compreensível.  14- Apesar de eu compreender as variedades da língua, este sotaque não se encaixaria na linguagem padrão e ele remete a pessoas de baixa renda e pouca escolaridade.  15- Essa forma de falar lembrou demais uma amiga que tenho de Fortaleza e marquei a primeira com uma escala mais para “bonita” porque acho esse jeito dela de falar muito gostoso. Para as duas opções seguintes, mantive o neutro porque continuo com a mesma opinião de que esses sotaques não tem relação com inteligência ou elegância.  16- O som não é agradável ao ouvido.</p>	<p>2-  3-  4-  5-  6- Bem inteligente, palavras difíceis.  7- A construção da primeira frase é mais complexa.  8- É o sotaque, é bonito, é inteligente, e diferente.  9- Aparenta um bom vocabulário.  10-  11-  12- Bem construído e pronunciado.  13- Emprego do “mais”, em vez de “mas”, e “num”, em vez de “não”.  14- Linguagem bastante comum e informal, único detalhe que é menos recorrente é a pronúncia de “mesmo”.  15- Apesar de ser um sotaque geral, ele fala de forma bem pausada e compassada e pronuncia as palavras de forma mais elegante. Me parece um contexto mais formal do que os demais.  16-</p>	<p>2-  3-  4-  5-  6- Inteligente e não precisa usar belas palavras.  7- Porque é muito diferente da pronúncia correta “coisa”.  8- O sotaque não é feio, só é uma fala mais coloquial do que formal. São diálogos de dia a dia.  9- Horrível.  10-  11-  12- Sotaque é neutro pra mim.  13-  14- Sotaque nordestino sendo utilizado de maneira informal.  15- Em relação ao bonito e feio, marquei mais para o feio porque me agrada mais o som da maneira mais “original” de cada palavra, mas as outras opções coloquei como neutras porque entendo que isso tem mais relação com um regionalismo do que com a pessoa ser inteligente ou elegante ou seus opostos.  16- Pois quase não é possível entender o que a pessoa que escreveu quis transmitir.</p>
<p>28. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b>) dessa forma, pertence à qual classe social? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>0% = ( ) Classe A  6,3% = (9 ) Classe B  62,5% = (2,3,5,7,8,9,10,11,12,14) Classe C  37,5% = (4,7,10,11,13,14) Classe D  25% = (1,6,15,16) Todas as classes</p> <p><u>Justifique:</u>  1-  2- Porque tem voz de pobre.  3-  4-  5-  6- Não vejo diferença entre rico ou pobre nesse exemplo.  7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor poder aquisitivo.</p>	<p>31,3% = (5,6,7,10,12) Classe A  37,5% = (2,3,5,7,10,13) Classe B  25% = (4,5,10,13) Classe C  12,5% = (8,13) Classe D  37,5% = (1,9,11,14,15,16) Todas as classes</p> <p><u>Justifique:</u>  1-  2- Pessoa da cidade.  3-  4-  5-  6- Pessoa de classe A com palavras diferentes.  7- A construção frasal é mais complexa e rebuscada, sobretudo no primeiro áudio.  8- Acredito que as palavras trocadas pelo som de “r”,</p>	<p>0% = ( ) Classe A  13,3% = (2,10) Classe B  46,7% = (1,3,5,6,10,11,14) Classe C  40% = (1,5,7,10,11,14) Classe D  40% = (4,8,9,12,15,16) Todas as classes</p> <p><u>Justifique:</u>  1-  2-  3-  4-  5-  6- Pede a refeição na rede.  7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor grau de instrução.  8- Acredito que as palavras trocadas pelo som de</p>

	<p>8- Acredito que as palavras trocadas pelo som de "r", sejam mais de pessoas com escolaridade baixa, digo pelas experiências que já tive. Mas, no geral, por causa do sotaque até pessoas que têm escolaridade alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.</p> <p>9- 10- 11- 12- 13- Normalmente são de pessoas que não tiveram acesso à escolarização. 14- Linguajar popular, bastante recorrente em pessoas de baixa renda. 15- Para mim isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo. 16- Não há como afirmar, pois a classe social não está ligada ao nível de escolaridade.</p>	<p>sejam mais de pessoas com escolaridade baixa, digo pelas experiências que já tive. Mas, no geral, por causa do sotaque até pessoas que têm escolaridade alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.</p> <p>9- Independente da classe social. 10- 11- 12- Bem construído e pronunciado. 13- Parece que isso é uma característica regional mesmo. Evidentemente, aqueles com maior grau de instrução, saberão se colocar em diferentes ambientes. 14- Comum em todas as classes, mas esta pronúncia de "mesmo" é menos comum nas famílias de renda mais elevada. 15- Para mim isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro, mas me parece o falar de alguém que tem estudo. 16- A classe não determina o nível de escolaridade.</p>	<p>"r", sejam mais de pessoas com escolaridade baixa, digo pelas experiências que já tive. Mas, no geral, por causa do sotaque até pessoas que têm escolaridade alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.</p> <p>9- Está na mídia. 10- 11- Linguagem simplificada. 12- Por ser sotaque. 13- 14- A forma de falar aparenta ser utilizada principalmente por indivíduos de baixa renda. 15- Para mim isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo. 16- Acredito que uma classe mais baixa, mas a classe não indica o nível de escolaridade ou cultural da pessoa.</p>
<p>29. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, possui qual faixa etária? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>18,8% = (10,12,14) 15 a 22 anos 18,8% = (3,9,11) 23 a 35 anos 6,3% = (9) 36 a 49 anos 6,3% = (5) 50 anos em diante 56,3% = (1,2,4,6,7,8,13,15,16) Todas as idades</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- Porque vivem em todas as áreas sociais, na cidade, no campo etc. 3- 4- 5- 6- Um papo entre amigas jovens e pode também ser um papo entre amigas não tão jovens. Não vi diferença pelo sotaque. 7- Acredito que independe da idade. 8- Acho que não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio que a pessoa está inserida, do que a idade que ela</p>	<p>0% = ( ) 15 a 22 anos 0% = ( ) 23 a 35 anos 18,8% = (6,10,12) 36 a 49 anos 25% = (5,7,9,10) 50 anos em diante 56,3% = (1,2,4,8,11,13,14,15,16) Todas as idades</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- Pessoas de qualquer nível. 3- 4- 5- 6- Porque parece já ter uma carreira sólida, e isso leva tempo. 7- Parece a forma de falar de pessoas mais velhas. 8- Acho que não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio que a pessoa está inserida, do que a idade que ela tem. 9- Aparenta conhecimento.</p>	<p>26,7% = (6,9,10,16) 15 a 22 anos 13,3% = (9,16) 23 a 35 anos 13,3% = (7,16) 36 a 49 anos 6,7% = (7) 50 anos em diante 66,7% = (1,2,3,4,5,8,11,12,14,15) Todas as idades</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- 3- 4- 5- 6- Mais jovens: gírias. 7- Parece ser uma expressão utilizada por pessoas mais velhas. 8- Acho que não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio que a pessoa está inserida, do que a idade que ela tem. 9- Linguagem dos jovens.</p>

	<p>tem.</p> <p>9- Parece ter mais maturidade.</p> <p>10-</p> <p>11-</p> <p>12- Informal e com tom jovem.</p> <p>13- Penso que seja uma característica de independe de faixa etária.</p> <p>14- O vocabulário utilizado e a maneira como as frases se organizam dão a impressão de jovialidade.</p> <p>15- Acho que é um jeito de falar muito típico de quem é, por exemplo, de Fortaleza e, por isso, não tem idade.</p> <p>16- Não se pode afirmar com certeza, pois muitas pessoas podem utilizar este tipo de linguagem.</p>	<p>10-</p> <p>11- Qualquer idade pode ter esse sotaque.</p> <p>12- Parece de alguém bem estudioso, por isso a idade maior.</p> <p>13- Independe de faixa etária.</p> <p>14- A idade não parece influenciar neste sotaque.</p> <p>15- Acho que é um jeito de falar muito típico de quem é, por exemplo, de Fortaleza, e, por isso, não tem idade.</p> <p>16- A idade não significa que uma pessoa usa ou não certo tipo de linguagem.</p>	<p>10-</p> <p>11-</p> <p>12- Por se tratar de uma pronúncia, não acho que uma idade seria certa.</p> <p>13-</p> <p>14- Faixa etária não parece influir na utilização deste sotaque.</p> <p>15- Acho que é um jeito de falar muito típico de quem é, por exemplo, de Fortaleza e, por isso, não tem idade.</p> <p>16- A idade não influencia no falar; assim como jovens falam, as pessoas mais velhas também podem utilizar esta linguagem coloquial.</p>
<p>30. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, possui qual nível de escolaridade? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>37,5% = (1,4,7,10,14,16) Analfabeto.</p> <p>37,5% = (1,4,7,10,14,16) Ens. Fund. I.</p> <p>31,3% = (1,7,10,14,16) Ens. Fund. II.</p> <p>31,3% = (1,7,10,14,16) Ens. Méd. incompl.</p> <p>37,5% = (1,5,9,10,14,16) Ens. Méd. compl.</p> <p>12,5% = (1,12) Ens. Sup. incompl.</p> <p>6,3% = (1 ) Ens. Sup. compl.</p> <p>0% = ( ) Pós-grad.</p> <p>43,8% = (2,3,6,8,11,13,14) Qualquer nível.</p>	<p>12,5% = (10,13) Analfabeto.</p> <p>6,3% = (13 ) Ens. Fund. I.</p> <p>18,8% = (3,13,15) Ens. Fund. II.</p> <p>18,8% = (10,13,15) Ens. Méd. incompl.</p> <p>25% = (4,10,13,15) Ens. Méd. compl.</p> <p>6,3% = (15 ) Ens. Sup. incompl.</p> <p>31,3% = (5,6,7,10,15) Ens. Sup. compl.</p> <p>31,3% = (5,6,7,12,15) Pós-grad.</p> <p>43,8% = (1,2,8,9,11,14,16) Qualquer nível.</p>	<p>33,3% = (1,7,10,11,14) Analfabeto.</p> <p>40% = (1,3,7,10,11,14) Ens. Fund. I.</p> <p>33,3% = (6,7,10,11,14) Ens. Fund. II.</p> <p>20% = (6,10,14) Ens. Méd. incompl.</p> <p>20% = (6,10,14) Ens. Méd. compl.</p> <p>0% = ( ) Ens. Sup. incompl.</p> <p>0% = ( ) Ens. Sup. compl.</p> <p>0% = ( ) Pós-grad.</p> <p>53,3% = (2,4,5,8,9,12,15,16) Qualquer nível.</p>
<p>30.1. Por que você acha isso?</p>	<p>1- É de uso normal de todos os ambientes do Nordeste.</p> <p>2-</p> <p>3- Porque a pessoa fala com o som do “s” e do “r” no final das palavras.</p> <p>4-</p> <p>5- Pela pronúncia diferente.</p> <p>6- Porque a escolaridade não muda sotaque.</p> <p>7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor grau de instrução.</p> <p>8- Como mencionei anteriormente, acho que é uma característica do sotaque. Se você relaxar e não estiver preocupada com isso, em algum momento algumas letras serão trocadas ou ‘engolidas’, mesmo se você for mestre em letras.</p>	<p>1- Pronúncia que acaba sendo usada por todos.</p> <p>2- Porque essa pessoa fala melhor um pouco.</p> <p>3-</p> <p>4-</p> <p>5-</p> <p>6- Pelo bom uso das palavras.</p> <p>7- A complexidade da frase exige um grau de instrução maior.</p> <p>8- Como mencionei anteriormente, acho que é uma característica do sotaque. Se você relaxar e não estiver preocupada com isso, em algum momento algumas letras serão trocadas ou ‘engolidas’, mesmo se você for mestre em letras.</p> <p>9- Indiferente.</p>	<p>1- É muito despreocupado.</p> <p>2-</p> <p>3- Porque muitas pessoas nordestinas têm o sotaque de falar errado.</p> <p>4-</p> <p>5- Me parece regionalismo.</p> <p>6- Pede permissão à mãe: mais jovens.</p> <p>7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor grau de instrução.</p> <p>8- Como mencionei anteriormente, acho que é uma característica do sotaque. Se você relaxar e não estiver preocupada com isso, em algum momento algumas letras serão trocadas ou ‘engolidas’, mesmo se você for mestre em letras.</p>

	<p>9- Aparenta mais estudo.  10-  11-  12- Construções gramaticais “erradas”.  13- Talvez seja por questões socioculturais mesmo.  14- Quem atinge nível superior costuma abandonar este sotaque por conta da pressão social e convívio com novos sotaques.  15- Porque, como já disse antes, não é uma questão de idade, classe social ou instrução, mas de forma de falar por questões culturais.  16- Pois a troca de letras, e a forma de falar é um tanto quanto desqualificada.</p>	<p>10-  11-  12-  13- Emprego do “mais”, em vez de “mas”, e “num”, em vez de “não”.  14- Porque é um linguajar bastante comum, mas a pronúncia de “mesmo” que aparece no exemplo é menos comum com pessoas que completaram o ensino superior.  15- Me parece um jeito de falar de alguém que tem um pouco mais de estudo e está em um contexto um pouco mais formal.  16- Pois as pessoas podem utilizar uma linguagem mais informal em momentos fora da instituição de ensino, não sendo assim possível identificar.</p>	<p>9- Indiferente.  10-  11- Maneira incorreta de dizer.  12- Por ser pronúncia, não acho que depende de escolaridade.  13-  14- Por estar relacionado à baixa renda, consequentemente está relacionado à baixa escolaridade.  15- Porque, como já disse antes, não é uma questão de idade, classe social ou instrução, mas de forma de falar por questões culturais.  16- Pois é uma linguagem coloquial onde não se aplica as regras básicas de escrita, mas pode ser que seja utilizada somente em ambiente informal.</p>
<p>31. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, possui qual gênero? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>37,5% = (3,5,6,7,10,11) Feminino  0% = ( ) Masculino  0% = ( ) Outro _____  62,5% = (1,2,4,8,9,12,13,14,15,16) Todos</p> <p><u>Justifique:</u>  1-  2- Não depende do gênero das pessoas.  3- A voz é feminina.  4-  5-  6- Pelo “amiga” e conselhos amorosos.  7- Pelas palavras utilizadas, caracteriza-se por ser relativo ao público feminino.  8- Da mesma forma que eu acho que não se filtra sotaque por idade, acontece o mesmo com o gênero. Esse fator não altera o sotaque.  9- Independente do gênero.  10-  11-  12-  13- Isso independe de gênero.  14- Este linguajar não se trata de uma questão de gênero.  15- Para mim, é um jeito de falar típico de quem é de Fortaleza.  16- Pois não é o sexo da pessoa que define sua forma</p>	<p>0% = ( ) Feminino  25% = (3,5,9,10) Masculino  0% = ( ) Outro _____  75% = (1,2,4,6,7,8,11,12,13,14,15,16) Todos</p> <p><u>Justifique:</u>  1-  2- Não depende de gênero.  3- A voz é masculina.  4-  5-  6- Feminino ou masculino não faz diferença o sotaque.  7- Acho que independe de gênero.  8- Da mesma forma que eu acho que não se filtra sotaque por idade, acontece o mesmo com o gênero. Esse fator não altera o sotaque.  9- O homem aparenta conhecimento empírico.  10-  11-  12-  13- Independe de gênero.  14- O gênero não está relacionado a este sotaque.  15- Por ser um regionalismo, não tem a ver com gênero.  16- Pois não é o gênero que define a forma de falar.</p>	<p>6,7% = (7 ) Feminino  0% = ( ) Masculino  0% = ( ) Outro _____  93,3% = (1,2,3,4,5,6,8,9,10,11,12,14,15,16) Todos</p> <p><u>Justifique:</u>  1-  2-  3- Tanto faz o masculino como o feminino.  4-  5-  6- Não vi diferença entre masculino e feminino.  7- A expressão parece ser relativa ao público feminino.  8- Da mesma forma que eu acho que não se filtra sotaque por idade, acontece o mesmo com o gênero. Esse fator não altera o sotaque.  9- Indiferente.  10-  11-  12-  13-  14- Não está relacionado ao gênero.  15- Não é uma questão de gênero, apenas de sotaque e regionalismo.  16- Pois tanto faz o gênero, não é por ser mulher ou homem, ou homossexual que a pessoa vai utilizar ou não estes termos.</p>

<p>33. Você acha que uma pessoa que tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, poderia ser de que lugar (cidade/Estado de origem)?</p>	<p>de falar.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1- Nordeste em geral.</li> <li>2- Juazeiro do Norte.</li> <li>3- Interior do Nordeste.</li> <li>4- Em qualquer lugar.</li> <li>5- Nordeste.</li> <li>6- Com certeza Nordeste.</li> <li>7- Parece um pouco com a forma de falar das pessoas de Fortaleza e também do interior do Ceará, mas não sei dizer como é em outros lugares.</li> <li>8- Norte/Nordeste.</li> <li>9- Independente da região.</li> <li>10- Nordeste.</li> <li>11- Ceará.</li> <li>12- Ceará.</li> <li>13- Fortaleza/Ceará.</li> <li>14- Pode ser de qualquer lugar do país.</li> <li>15- Para mim, remete demais à Fortaleza.</li> <li>16- Da região Nordeste.</li> </ol> <p>Total =  31,3% (1,5,6,7,16) = Nordeste.  25% (7,11,12,13) = Ceará.  18,8% (4,9,14) = Qualquer lugar.  6,3% (2) = Juazeiro do Norte(CE);  6,3% (3) = Interior do NE.  6,3% (8) = Norte/NE.  6,3% (15) = Fortaleza(CE).</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Ceará.</li> <li>2- Fortaleza.</li> <li>3- Tanto faz se da capital ou do interior.</li> <li>4- Nordestinos.</li> <li>5- Nordeste pela forma de falar o R.</li> <li>6- Nordeste.</li> <li>7- Não consigo identificar.</li> <li>8- Norte/Nordeste.</li> <li>9- Indiferente.</li> <li>10- Nordeste.</li> <li>11- Pernambuco.</li> <li>12- Rio de Janeiro.</li> <li>13- Não respondeu.</li> <li>14- Poderia ser de qualquer lugar do país.</li> <li>15- Essa forma de falar não me fez pensar especificamente em pessoas do Ceará, me pareceu algo mais geral, mas acho que ainda é predominante do Nordeste do Brasil.</li> <li>16- Nordeste.</li> </ol> <p>Total =  37,5% (4,5,6,10,15,16) = Nordeste.  25% (7,9,13,14) = Qualquer lugar  12,5% (1,3) = Ceará;  6,3% (2) = Fortaleza(CE);  6,3% (8) = Norte/NE;  6,3% (11) = PE;  6,3% (12) = RJ.</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1- Ceará.</li> <li>2- Interior e capital do Ceará.</li> <li>3- Nordeste.</li> <li>4- Em qualquer lugar.</li> <li>5- Nordeste.</li> <li>6- Não respondeu.</li> <li>7- Ceará.</li> <li>8- Norte/Nordeste.</li> <li>9- Indiferente.</li> <li>10- Ceará.</li> <li>11- Alguns lugares do Nordeste.</li> <li>12- Ceará.</li> <li>13-</li> <li>14- Do Nordeste em geral.</li> <li>15- Nordeste.</li> <li>16- Nordeste.</li> </ol> <p>Total =  40% (3,5,11,14,15,16) = Nordeste.  33,3% (1,2,7,10,12) = Ceará.  20% (4,6,9) = Qualquer lugar.  6,7% (8) = Norte/NE.</p>
<p>33.1 Justifique</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1-</li> <li>2-</li> <li>3-</li> <li>4-</li> <li>5- Pelo ritmo.</li> <li>6- O sotaque nordestino é um dos mais bonitos a meu ver. É reconhecível em qualquer parte do Brasil.</li> <li>7- Porque conheço pessoas que falam assim ou, ao menos, parecido.</li> <li>8- Porque é onde normalmente se fala assim, se você for buscar e comparar nos outros estados e regiões, o sotaque difere bastante um com outro.</li> <li>9- A região não interfere.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1-</li> <li>2-</li> <li>3-</li> <li>4-</li> <li>5- Pelo sotaque.</li> <li>6- A classe social mais elevada pela escolaridade boa sem tanto sotaque.</li> <li>7-</li> <li>8- Porque é onde normalmente se fala assim, se você for buscar e comparar nos outros estados e regiões, o sotaque difere bastante um com outro.</li> <li>9- Indiferente.</li> <li>10-</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1-</li> <li>2- Porque só ouvi de pessoas do Ceará.</li> <li>3-</li> <li>4-</li> <li>5- Pela forma de falar.</li> <li>6-</li> <li>7- Porque conheço pessoas que falam assim ou, ao menos, parecido.</li> <li>8- Porque é onde normalmente se fala assim, se você for buscar e comparar nos outros estados e regiões, o sotaque difere bastante um com outro.</li> <li>9- É global.</li> <li>10-</li> </ol>

	<p>10- 11- 12- 13- Tenho amigos dessa região. 14- Não é um sotaque que se limita a uma determinada região, ele está presente em grande parte dos brasileiros que possuem renda baixa. 15- Por ser idêntica à forma de falar de uma amiga que é de Fortaleza. 16- Pelo sotaque.</p>	<p>11- 12- 13- 14- Pronúncias comuns em todo o país. 15- Pela forma “assoviada” de falar. 16- Pela pronúncia.</p>	<p>11- 12- 13- 14- Porque parece uma expressão nordestina. 15- Já ouvi amigos nordestinos falarem assim e não observo pessoas da minha região falando dessa forma. 16- Pois é nesta região que as pessoas utilizam este linguajar.</p>
<p>34. Você acha que você tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma?</p>	<p>25% = (1,2,9,14) Sim 75% = (3,4,5,6,7,8,10,11,12,13,15,16) Não</p>	<p>50% = (1,2,4,5,6,7,9,14) Sim 50% = (3,8,10,11,12,13,15,16) Não</p>	<p>26,7% = (1,2,4,8) Sim 73,3% = (3,5,6,7,9,10,11,12,14,15,16) Não</p>
<p>34.1 Caso sua resposta seja afirmativa, em que situação? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>25% = (9 ) No trabalho 25% = (14 ) Com os amigos, informalmente 0% = ( ) Com os amigos, formalmente 50% = (9,14) Em casa, com a família 25% = (14 ) Fora de casa, com a família 25% = (14 ) Com pessoas com escolaridade inferior à sua 0% = ( ) Com pessoas com escolaridade superior à sua 50% = (1,2) Em qualquer situação ( ) Outras: _____</p>	<p>30% = (1,4,7) No trabalho 20% = (1,4) Com os amigos, informalmente 10% = (1 ) Com os amigos, formalmente 20% = (1,4) Em casa, com a família 10% = (1 ) Fora de casa, com a família 10% = (4 ) Com pessoas com escolaridade inferior à sua 10% = (7 ) Com pessoas com escolaridade superior à sua 70% = (2,5,6,8,9,11,14) Em qualquer situação ( ) Outras: _____</p>	<p>0% = ( ) No trabalho 25% = (4 ) Com os amigos, informalmente 0% = ( ) Com os amigos, formalmente 25% = (4 ) Em casa, com a família 0% = ( ) Fora de casa, com a família 25% = (4 ) Com pessoas com escolaridade inferior à sua 25% = (4 ) Com pessoas com escolaridade superior à sua 75% = (1,2,8) Em qualquer situação ( ) Outras: _____</p>
<p>35. Em que situações <u>falares</u> (sotaques, dialetos) semelhantes a esse ocorreriam? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>43,8% = (1,6,10,12,14,15,16) Em novelas 0% = ( ) Em jornal a nível nacional 0% = ( ) No Fantástico (TV Globo) 0% = ( ) Em outros programas de outras emissoras 25% = (5,13,14,16) Em jornal a nível local 12,5% = (14,15) Em outros programas locais de TV 25% = (1,5,12,14) Em programas de rádio 31,3% = (1,10,12,13,16) Em música 25% = (3,5,11,14) Na missa/culto 56,3% = (1,5,6,10,11,12,13,14,15) Na escola</p>	<p>31,3% = (3,4,10,14,16) Em novelas 6,3% = (12 ) Em jornal a nível nacional 6,3% = (12 ) No Fantástico (TV Globo) 12,5% = (12,14) Em outros programas de outras emissoras 12,5% = (3,14) Em jornal a nível local 12,5% = (10,14) Em outros programas locais de TV 25% = (1,4,6,14) Em programas de rádio 18,8% = (10,13,14) Em música 31,3% = (3,6,7,12,14) Na missa/culto</p>	<p>33,3% = (4,10,14,15,16) Em novelas 0% = ( ) Em jornal a nível nacional 0% = ( ) No Fantástico (TV Globo) 0% = ( ) Em outros programas de outras emissoras 13,3% = (14,16) Em jornal a nível local 13,3% = (7,14) Em outros programas locais de TV 26,7% = (1,4,7,14) Em programas de rádio 13,3% = (6,14) Em música 13,3% = (11,14) Na missa/culto 26,7% = (6,10,11,14) Na escola</p>

	<p>25% = (10,11,13,15) Na universidade  37,5% = (3,5,11,12,13,15) Na profissão de vendedor(a) de loja  56,3% = (3,5,7,10,11,12,13,14,15) Na profissão de vendedor(a) ambulante  6,3% = (15) Na profissão de administrador  25% = (5,10,13,15) Na profissão de garçom  0% = ( ) Na profissão de comissário(a) de bordo  6,3% = (15) Na profissão de professor(a)  18,8% = (2,8,9) Em qualquer situação  6,3% = (4) Em nenhuma situação</p>	<p>25% = (7,10,13,14) Na escola  31,3% = (7,10,12,13,14) Na universidade  25% = (3,10,13,14) Na profissão de vendedor(a) de loja  25% = (4,10,13,14) Na profissão de vendedor(a) ambulante  18,8% = (7,12,14) Na profissão de administrador  12,5% = (10,14) Na profissão de garçom  6,3% = (12) Na profissão de comissário(a) de bordo  18,8% = (7,12,14) Na profissão de professor(a)  37,5% = (2,5,8,9,11,15) Em qualquer situação  0% = ( ) Em nenhuma situação</p>	<p>0% = ( ) Na universidade  0% = ( ) Na profissão de vendedor(a) de loja  33,3% = (4,7,10,11,14) Na profissão de vendedor(a) ambulante  0% = ( ) Na profissão de administrador  0% = ( ) Na profissão de garçom  0% = ( ) Na profissão de comissário(a) de bordo  6,7% = (14) Na profissão de professor(a)  33,3% = (2,3,8,9,12) Em qualquer situação  6,7% = (5) Em nenhuma situação</p>
<p>36. Você teria vergonha de alguém que tenha esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto)?</p>	<p>6,3% = (4) Sim  93,8% = (1,2,3,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16) Não</p>	<p>0% = ( ) Sim  100% = (1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16) Não</p>	<p>20% = (1,7,9) Sim  80% = (2,3,4,5,6,8,10,11,12,14,15,16) Não</p>



**FRICATIVA /ʒ/ (5-): PARTE 3.1 – NORPOFOR (N), PARTE 3.2 – PORCUFORT (P) e PARTE 3.3 – SURICATE (S)**

	5-N (fricativa /ʒ/)	5-P (fricativa /ʒ/)	5-S (fricativa /ʒ/)
<p>As palavras ao lado incompletas são pronunciadas, nas gravações, com o som de “R.”</p> <p>Separadamente (por coluna), a partir de cada exemplo (das <b>palavras incompletas</b>) que você ouviu:</p>	<p>-Ela __á terminou as coisas?            -Quando for meia-noite, a __ente tá voltando            -Eu já cheguei, tu sabe, de__de de manhã            -Vamo, D. Zida, atra(i)__ dela</p>	<p>- [...] a Igre__a católica            - [...] cuidar se__a lá do que for            - A sociedade ho__e __á também __á num forma            - De__d'a repreensão oral</p>	<p>Anexo B</p>
<p>27. Como você classificaria o <b>falar</b> (sotaque, dialeto) com o qual esses exemplos (das <b>palavras incompletas</b>) foram pronunciados ?</p> <p>Marque em um dos espaços.</p>	<p>2,6 = -            bonito: <u>6</u> : <u>2,15</u> : <u>1,3,5,8,9,12,14</u> : <u>13</u> : <u>4,7,10,11,16</u>            _ : feio</p> <p>2,4 = - inteligente  <u>6</u> : <u>2,8</u> : <u>5,7,11,12,15</u> : <u>1,9,13</u> : <u>3,4,10,14,16</u> : não-inteligente</p> <p>2,2 = -            elegante: <u>6</u> : <u>2,6</u> : <u>1,3,5,7,8,9,12,13,15</u> : <u>10</u> : <u>4,11,14,16</u> : deselegante</p> <p>Média = 2,4</p>	<p>2,9 = -            bonito: <u>6,8</u> : <u>2,9,12</u> : <u>3,5,7,10,14,15</u> : <u>13</u> : <u>1,4,11,16</u> : feio</p> <p>3,0 = - inteligente  <u>6,8,9</u> : <u>2,10,12</u> : <u>5,7,11,14,15</u> : <u>13</u> : <u>1,3,4,16</u> : não-inteligente</p> <p>2,7 = -            elegante: <u>6</u> : <u>2,8,9,12</u> : <u>3,7,10,14,15</u> : <u>13</u> : <u>1,4,5,11,16</u> : deselegante            Média = 2,9</p>	<p>2,2 = -            bonito: <u>2,6</u> : <u>6</u> : <u>3,5,8,14</u> : <u>12,15</u> : <u>1,4,7,9,10,11,16</u> : feio</p> <p>2,7 = - inteligente  <u>2,6,8</u> : <u>6</u> : <u>1,5,7,11,12,14,15</u> : <u>13</u> : <u>3,4,9,10,16</u> : não-inteligente</p> <p>2,2 = -            elegante: <u>2,6</u> : <u>6</u> : <u>3,5,7,8</u> : <u>12,15</u> : <u>1,4,9,10,11,14,16</u> : deselegante            Média = 2,4</p>
<p>27.1 Justifique</p>	<p>Justifique:</p> <p>1-            2- Porque eu gostei da fala.            3-            4-</p>	<p>Justifique:</p> <p>1-            2-            3-            4-</p>	<p>Justifique:</p> <p>1-            2-            3-            4-</p>

	<p>5- 6- Inteligente. 7- Não dá pra compreender algumas palavras. 8- O sotaque não é feio, só é uma fala mais coloquial do que formal. São diálogos de dia a dia. 9- Pouco compreensível. 10- 11- A troca do “g” por “r” acho deselegante. 12- Não indica nenhum nível específico de Inteligência, sendo assim bem neutro. 13- Consegui compreender pouco nesse áudio. 14- Apesar de eu compreender as variedades da língua, este sotaque não se encaixaria na linguagem padrão e ele remete a pessoas de baixa renda e pouca escolaridade. 15- Essa forma de falar lembrou demais uma amiga que tenho de Fortaleza e marquei a primeira com uma escala mais para “bonita” porque acho esse jeito dela de falar muito gostoso. Para as duas opções seguintes, mantive o neutro porque continuo com a mesma opinião de que esses sotaques não têm relação com inteligência ou elegância. 16- Complicado de se ouvir e entender o que a pessoa tenta pronunciar.</p>	<p>5- 6- Inteligente porque é coerente no que fala. 7- Construções apropriadas. 8- É o sotaque, é bonito, é inteligente, e diferente. 9- Compreensível. 10- 11- Deselegante “derda” = “desde a”. 12- Bem construído e pronunciado. 13- O sotaque e a velocidade comprometem o entendimento das palavras. 14- Linguagem informal. Pronuncia com a substituição do "J" pelo "R" em algumas palavras. 15- Não acho que seja uma questão de inteligência e não acho feio ou deselegante falar assim. Acho que é um costume apenas, um regionalismo.</p>	<p>5- 6- Inteligente pegar a blusa pra arrumar o controle. 7- Porque é muito diferente da pronúncia correta “jogar”. 8- O sotaque não é feio, só é uma fala mais coloquial do que formal. São diálogos de dia a dia. 9- Horrível. 10- 11- 12- 13- 14- Sotaque nordestino sendo utilizado de maneira informal. 15- Em relação ao bonito e feio, marquei mais para o feio porque me agrada mais o som da maneira mais “original” de cada palavra; no inteligente marquei neutro porque acho que isso não tem a ver com inteligência, mas com regionalismo. Marquei como deselegante porque acho a expressão “doido” informal demais e não acho muito elegante. 16- Pois quase não é possível entender o que a pessoa que escreveu quis transmitir.</p>
<p>28. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, pertence à qual classe social? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>0% = ( ) Classe A 18,8% = (1,10,12) Classe B 75% = (1,2,3,6,7,8,9,10,11,12,13,14) Classe C 56,3% = (1,4,5,6,7,9,10,11,14) Classe D 12,5% = (15,16) Todas as classes</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- Pessoas do campo (interior). 3- 4- 5- 6- “terminou de arrumar as coisas”. Classe A teria empregada. 7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor poder aquisitivo. 8- Acredito que as palavras trocadas pelo som de “r”, sejam mais de pessoas com escolaridade baixa,</p>	<p>25% = (6,7,8,12) Classe A 31,3% = (6,7,8,10,12) Classe B 37,5% = (1,2,7,10,11,13) Classe C 31,3% = (1,4,10,11,13) Classe D 37,5% = (3,5,8,14,15,16) Todas as classes</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- Pessoa do interior. 3- 4- 5- 6- Palavras difíceis. 7- A construção frasal é mais complexa e rebuscada. 8- Acredito que as palavras trocadas pelo som de “r”, sejam mais de pessoas com escolaridade baixa, digo pelas experiências que já tive. Mas, no geral, por causa do sotaque até pessoas que têm escolaridade</p>	<p>0% = ( ) Classe A 13,3% = (2,10) Classe B 40% = (1,3,5,9,10,14) Classe C 46,7% = (1,4,5,6,7,9,14) Classe D 40% = (6,8,11,12,15,16) Todas as classes</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- 3- 4- 5- 6- Jogar vídeo game com amigo. 7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor grau de instrução. 8- Acredito que as palavras trocadas pelo som de “r”, sejam mais de pessoas com escolaridade baixa, digo pelas experiências que já tive. Mas, no geral,</p>

	<p>digo pelas experiências que já tive. Mas, no geral, por causa do sotaque até pessoas que têm escolaridade alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.</p> <p>9- Falta de estudo. 10- 11- 12- 13- Normalmente são de pessoas que não tiveram acesso à escolarização. 14- Linguajar popular, bastante recorrente em pessoas de baixa renda. 15- Para mim isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo. 16- Não há como afirmar, pois a classe social não está ligada ao nível de escolaridade.</p>	<p>alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.</p> <p>9- Aparenta estudos. 10- 11- 12- Bem construído e pronunciado. 13- O sotaque e a velocidade comprometem o entendimento das palavras. 14- Sotaque desvinculado da classe social. 15- É um sotaque de um local, não de uma classe social. 16- A classe não determina o nível de escolaridade.</p>	<p>por causa do sotaque até pessoas que têm escolaridade alta às vezes, em uma conversa menos formal, acabam falando dessa forma também.</p> <p>9- Falta de estudo. 10- 11- 12- Por ser sotaque. 13- 14- A forma de falar aparenta ser utilizada principalmente por indivíduos de baixa renda. 15- Para mim isso é muito mais uma forma de falar, um sotaque, do que uma questão de muito ou pouco dinheiro ou muito ou pouco estudo. 16- Acredito que uma classe mais baixa, mas a classe não indica o nível de escolaridade ou cultural da pessoa.</p>
<p>29. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, possui qual faixa etária? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>18,8% (9,10,12) 15 a 22 anos 31,3% (3,6,7,9,10) 23 a 35 anos 18,8% (1,7,13) 36 a 49 anos 12,5% (5,7) 50 anos em diante 43,8% (2,4,8,11,14,15,16) Todas as idades</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- Porque vivem no interior. 3- 4- 5- 6- São duas jovens conversando. 7- Não parece ser uma linguagem típica de adolescente. 8- Acho que não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio que a pessoa está inserida, do que a idade que ela tem. 9- Imaturidade. 10- 11- Qualquer idade pode ter esse tipo de pronúncia. 12- Parece algo jovem. 13- Penso que seja uma característica que independe de faixa etária. 14- Acredito que este sotaque está presente igualmente</p>	<p>6,3% = (15) 15 a 22 anos 12,5% = (6,15) 23 a 35 anos 31,3% = (3,6,10,13,15) 36 a 49 anos 43,8% = (5,6,7,9,10,12,13) 50 anos em diante 43,8% = (1,2,4,8,11,14,16) Todas as idades</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- Pessoas de qualquer nível. 3- 4- 5- 6- Com boa escolaridade e estudo, isso leva tempo. 7- Parece a forma de falar de pessoas mais velhas. 8- Acho que não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio que a pessoa está inserida, do que a idade que ela tem. 9- Aparenta maturidade. 10- 11- Qualquer idade pode ter esse sotaque. 12- Parece um padre. 13- A voz parece ser de um senhor de meia idade. 14- A idade não parece influenciar neste sotaque.</p>	<p>40% = (6,7,9,10,15,16) 15 a 22 anos 26,7% = (6,9,15,16) 23 a 35 anos 6,7% = (16) 36 a 49 anos 0% = ( ) 50 anos em diante 60% = (1,2,3,4,5,8,11,12,14) Todas as idades</p> <p><u>Justifique:</u> 1- 2- 3- 4- 5- 6- Mais jovem. 7- Parece linguagem do público adolescente. 8- Acho que não existe faixa etária separada para um sotaque, conheço pessoas de todas as idades que podem falar assim ou não. Depende mais do meio que a pessoa está inserida, do que a idade que ela tem. 9- Linguagem dos jovens. 10- 11- 12- Por se tratar de uma pronúncia, não acho que uma idade seria certa. 13-</p>

	<p>em todas as faixas etárias.</p> <p>15- Achei o jeito de falar parecido com o de pessoas do interior, independente da idade.</p> <p>16- Não se pode afirmar com certeza, pois muitas pessoas podem utilizar este tipo de linguagem.</p>	<p>15- Acredito que em praticamente todas as idades se fala assim se se aprende a falar assim por conta de questões culturais. Não marquei o grupo de mais idade, porque relaciono muito essa forma de falar a quem fala mais rápido e geralmente as pessoas de mais idade falam mais devagar e compassadamente.</p> <p>16- A idade não significa que uma pessoa usa ou não certo tipo de linguagem.</p>	<p>14- Faixa etária não parece influir na utilização deste sotaque.</p> <p>15- Acho que é um sotaque de pessoas mais jovens por conta da gíria.</p> <p>16- A idade não influencia no falar; assim como jovens falam, as pessoas mais velhas também podem utilizar esta linguagem coloquial.</p>
<p>30. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, possui qual nível de escolaridade? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>37,5% = (1,4,7,10,14,16) Analfabeto.</p> <p>50% = (1,4,5,7,10,13,14,16) Ens. Fund. I.</p> <p>37,5% = (1,7,10,13,14,16) Ens. Fund. II.</p> <p>31,3% = (1,10,13,14,16) Ens. Méd. incompl.</p> <p>25% = (9,10,14,16) Ens. Méd. compl.</p> <p>6,3% = (12 ) Ens. Sup. incompl.</p> <p>0% = ( ) Ens. Sup. compl.</p> <p>0% = ( ) Pós-grad.</p> <p>31,3% = (2,3,6,8,15) Qualquer nível.</p>	<p>18,8% = (1,4,11) Analfabeto.</p> <p>25% = (1,3,4,11) Ens. Fund. I.</p> <p>18,8% = (1,11,13) Ens. Fund. II.</p> <p>12,5% = (11,13) Ens. Méd. incompl.</p> <p>18,8% = (9,10,13) Ens. Méd. compl.</p> <p>12,5% = (10,13) Ens. Sup. incompl.</p> <p>37,5% = (6,7,9,10,12,13) Ens. Sup. compl.</p> <p>18,8% = (6,7,10) Pós-grad.</p> <p>37,5% = (2,5,8,14,15,16) Qualquer nível.</p>	<p>26,7% = (1,4,7,14) Analfabeto.</p> <p>40% = (1,3,4,7,10,14) Ens. Fund. I.</p> <p>20% = (7,10,14) Ens. Fund. II.</p> <p>13,3% = (10,14) Ens. Méd. incompl.</p> <p>13,3% = (10,14) Ens. Méd. compl.</p> <p>0% = ( ) Ens. Sup. incompl.</p> <p>0% = ( ) Ens. Sup. compl.</p> <p>0% = ( ) Pós-grad.</p> <p>60% = (2,5,6,8,9,11,12,15,16) Qualquer nível.</p>
<p>30.1. Por que você acha isso?</p>	<p>1- É mais despreocupado com o uso completo de palavra, por isso não usado pelos níveis mais altos de instrução.</p> <p>2-</p> <p>3- Porque a pessoa fala com o som do "r".</p> <p>4-</p> <p>5- Pelo modo de falar.</p> <p>6- Qualquer nível falaria assim.</p> <p>7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor grau de instrução.</p> <p>8- Como mencionei anteriormente, acho que é uma característica do sotaque. Se você relaxar e não estiver preocupada com isso, em algum momento algumas letras serão trocadas ou 'engolidas'. Mesmo se você for mestre em letras.</p> <p>9- Aparenta falta de estudo.</p> <p>10-</p> <p>11-</p> <p>12- Parece algo "normal" e "certo".</p>	<p>1- Uso exagerado do sotaque.</p> <p>2- Porque essa pessoa fala melhor um pouco.</p> <p>3-</p> <p>4-</p> <p>5-</p> <p>6- Inteligente.</p> <p>7- A complexidade da frase exige um grau de instrução maior.</p> <p>8- Como mencionei anteriormente, acho que é uma característica do sotaque. Se você relaxar e não estiver preocupada com isso, em algum momento algumas letras serão trocadas ou 'engolidas', mesmo se você for mestre em letras.</p> <p>9- Indiferente.</p> <p>10-</p> <p>11-</p> <p>12-</p> <p>13- Aparentemente, só questões de pronúncia.</p> <p>14- Não reflete a escolaridade do indivíduo.</p>	<p>1- É muito despreocupado.</p> <p>3- Porque muitas pessoas nordestinas têm o sotaque de falar errado.</p> <p>4-</p> <p>5- Me parece regionalismo.</p> <p>6-</p> <p>7- Porque é o modo de falar de pessoas mais simples, com menor grau de instrução.</p> <p>8- Como mencionei anteriormente, acho que é uma característica do sotaque. Se você relaxar e não estiver preocupada com isso, em algum momento algumas letras serão trocadas ou 'engolidas'. Mesmo se você for mestre em letras.</p> <p>9- Indiferente.</p> <p>10-</p> <p>11- Parece mais uma característica de sotaque do que erro.</p> <p>12- Por ser pronúncia, não acho que depende de escolaridade.</p>

	<p>13- Talvez seja por questões socioculturais mesmo.</p> <p>14- Quem atinge nível superior costuma abandonar este sotaque por conta da pressão social e convívio com novos sotaques.</p> <p>15- Porque, como já disse antes, não é uma questão de idade, classe social ou instrução, mas de forma de falar por questões culturais.</p> <p>16- Pois a troca de letras, e a forma de falar é um tanto quanto desqualificada.</p>	<p>15- Porque já vi pessoas de diferentes formações falando assim. Isso não tem a ver com formação ou falta de estudo, mas com regionalismo.</p> <p>16- Pois as pessoas podem utilizar uma linguagem mais informal em momentos fora da instituição de ensino, não sendo assim possível identificar.</p>	<p>13-</p> <p>14- Por estar relacionado à baixa renda, consequentemente está relacionado à baixa escolaridade.</p> <p>15- Porque, como já disse antes, não é uma questão de idade, classe social ou instrução, mas de forma de falar por questões culturais, sendo neste caso mais comum em pessoas mais jovens.</p> <p>16- Pois é uma linguagem coloquial onde não se aplica as regras básicas de escrita, mas pode ser que seja utilizada somente em ambiente informal.</p>
<p>31. Quem tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, possui qual gênero? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>31,3% = (1,3,5,6,7) Feminino</p> <p>0% = ( ) Masculino</p> <p>0% = ( ) Outro _____</p> <p>68,8% = (2,4,8,9,10,11,12,13,14,15,16) Todos</p> <p><u>Justifique:</u></p> <p>1-</p> <p>2- Não depende do gênero das pessoas.</p> <p>3- A voz é feminina.</p> <p>4-</p> <p>5-</p> <p>6- Na arrumação da casa geralmente é mulher.</p> <p>7- Pelas palavras utilizadas, caracteriza-se por ser relativo ao público feminino.</p> <p>8- Dá mesma forma que eu acho que não se filtra sotaque por idade, acontece o mesmo com o gênero. Esse fator não altera o sotaque.</p> <p>9- Independente do gênero.</p> <p>10-</p> <p>11-</p> <p>12-</p> <p>13- Isso independe de gênero.</p> <p>14- Este linguajar não se trata de uma questão de gênero.</p> <p>15- Para mim, é um jeito de falar típico de quem é de Fortaleza.</p> <p>16- Pois não é o sexo da pessoa que define sua forma de falar.</p>	<p>0% = ( ) Feminino</p> <p>18,8% = (3,5,12) Masculino</p> <p>0% = ( ) Outro _____</p> <p>81,3% = (1,2,4,6,7,8,9,10,11,13,14,15,16) Todos</p> <p><u>Justifique:</u></p> <p>1-</p> <p>2- Não depende de gênero.</p> <p>3- A voz é masculina.</p> <p>4-</p> <p>5-</p> <p>6- O sotaque aqui não difere entre masculino e feminino.</p> <p>7- Acho que independe de gênero.</p> <p>8- Da mesma forma que eu acho que não se filtra sotaque por idade, acontece o mesmo com o gênero. Esse fator não altera o sotaque.</p> <p>9- Indiferente.</p> <p>10-</p> <p>11-</p> <p>12-</p> <p>13- Independe de gênero.</p> <p>14- O gênero não está relacionado a este sotaque.</p> <p>15- Por ser um regionalismo, não tem a ver com gênero.</p> <p>16- Pois não é o gênero que define a forma de falar.</p>	<p>( ) Feminino</p> <p>( ) Masculino</p> <p>( ) Outro _____</p> <p>100% = (1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,14,15,16) Todos</p> <p><u>Justifique:</u></p> <p>1-</p> <p>2-</p> <p>3- Tanto faz o masculino como o feminino.</p> <p>4-</p> <p>5-</p> <p>6- Não vi diferença no masculino e feminino.</p> <p>7- Independe de gênero.</p> <p>8- Da mesma forma que eu acho que não se filtra sotaque por idade, acontece o mesmo com o gênero. Esse fator não altera o sotaque.</p> <p>9- Indiferente.</p> <p>10-</p> <p>11-</p> <p>12-</p> <p>13-</p> <p>14- Não está relacionado ao gênero.</p> <p>15- Não é uma questão de gênero, apenas de sotaque e regionalismo.</p> <p>16- Pois tanto faz o gênero, não é por ser mulher ou homem, ou homossexual que a pessoa vai utilizar ou não estes termos.</p>
<p>33. Você acha que uma pessoa que</p>	<p>1- Ceará.</p> <p>2- Juazeiro do Norte.</p> <p>3- Interior do Nordeste.</p>	<p>1- Ceará.</p> <p>2- Interior.</p> <p>3- Tanto faz se da capital ou do interior.</p>	<p>1- Ceará.</p> <p>2- Interior e capital do Ceará.</p> <p>3- Nordeste.</p>

<p>tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma, poderia ser de que lugar (cidade/Estado de origem)?</p>	<p>4- Em qualquer lugar. 5- Nordeste. 6- Nordeste. 7- Parece o modo de falar de pessoas do interior do Ceará. 8- Norte/Nordeste. 9- Independente da região. 10- Interior. 11- Pernambuco e Ceará. 12- Minas Gerais. 13- Fortaleza/Ceará. 14- Pode ser de qualquer lugar do país. 15- Para mim, remete demais à Fortaleza, por conta de uma amiga que tenho que fala assim, mas me lembrou em alguns momentos pessoas do interior falando. 16- Da região Nordeste.</p> <p>Total = 18,8% (4,9,14) = Qualquer lugar. 18,8% (5,6,16) = Nordeste. 12,5% (1,13) = Ceará. 12,5% (10,15) = Interior qualquer. 6,3% (2) = Juazeiro do Norte(CE). 6,3% (3) = Interior do NE; 6,3% (7) = Interior do CE. 6,3% (8) = Norte/NE. 6,3% (11) = PE e CE. 6,3% (12) = MG.</p>	<p>4- Interior do Ceará. 5- Nordeste, pela forma de falar chiando. 6- Nordeste. 7- Não consigo identificar. 8- Norte/Nordeste. 9- Indiferente. 10- Nordeste. 11- Ceará e Pernambuco. 12- São Paulo. 13- Não consegui perceber nada demais. 14- Nordeste. 15- Essa forma de falar não me fez pensar especificamente em pessoas do Ceará, me pareceu algo mais geral, mas acho que ainda é predominante do Nordeste do Brasil. 16- Nordeste.</p> <p>Total = 37,5% (5,6,10,14,15,16) = Nordeste. 18,8% (7,9,13) = Qualquer lugar. 12,5% (1,3) = Ceará. 6,3% (2) = Interior qualquer. 6,3% (4) = Interior do CE. 6,3% (8) = Norte/NE 6,3% (11) = PE e CE 6,3% (12) = SP.</p>	<p>4- Interior do Ceará. 5- Nordeste. 6- Não respondeu. 7- Não consigo identificar. 8- Norte/Nordeste. 9- Indiferente. 10- Ceará. 11- Alguns lugares do Nordeste. 12- Ceará. 13- 14- Do Nordeste em geral. 15- Nordeste. 16- Nordeste.</p> <p>Total = 40% (3,5,11,14,15,16) = Nordeste. 26,7% (1,2,10,12) = Ceará. 20% (6,7,9) = Qualquer lugar. 6,7% (4) = Interior do CE. 6,7% (8) = Norte/NE.</p>
<p>33.1 Justifique</p>	<p>1- Por ter ouvido algumas pessoas daqui. 2- 3- 4- 5- Pelo ritmo. 6- O sotaque nordestino é um dos mais bonitos a meu ver. É reconhecível em qualquer parte do Brasil. 7- Porque conheço pessoas que falam assim ou, ao menos, parecido. 8- Porque é onde normalmente se fala assim, se você for buscar e comparar nos outros estados e regiões, o sotaque difere bastante um com outro. 9- A região não interfere. 10-</p>	<p>1- 2- 3- 4- 5- 6- O “s” puxado e a troca do “s” pelo “r”. 7- Porque é onde normalmente se fala assim, se você for buscar e comparar nos outros estados e regiões, o sotaque difere bastante um com outro. 8- 9- Indiferente. 10- 11- 12-</p>	<p>1- 2- Porque só ouvi de pessoas do Ceará. 3- 4- 5- Pela forma de falar. 6- 7- 8- Porque é onde normalmente se fala assim, se você for buscar e comparar nos outros estados e regiões, o sotaque difere bastante um com outro. 9- 10- 11- 12-</p>

	<p>11- 12- 13- Tenho amigos dessa região. 14- Não é um sotaque que se limita a uma determinada região, ele está presente em grande parte dos brasileiros que possuem renda baixa. 15- Por ser, em boa parte, idêntica à forma de falar de uma amiga que é de Fortaleza, e por ter alguns momentos em que reconheço o sotaque de pessoas do interior falando. 16- Pelo sotaque.</p>	<p>13- 14- É o sotaque comum destas regiões. 15- Pela forma "cantada" de falar. 16- Pela pronúncia.</p>	<p>13- 14- Porque parece uma expressão nordestina. 15- Já ouvi amigos nordestinos falarem assim e não observo pessoas da minha região falando dessa forma. 16- Pois é nesta região que as pessoas utilizam este linguajar.</p>
<p>34. Você acha que você tem esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto), pronunciando esses exemplos (das <u>palavras incompletas</u>) dessa forma?</p>	<p>6,3% = ( 2 ) Sim 93,8% = ( 1,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14 ,15,16) Não</p>	<p>12,5% = (2,9) Sim 87,5% = (1,3,4,5,6,7,8,10,11,12,13,14,15,16) Não</p>	<p>20% = (1,2,8) Sim 80% = (3,4,5,6,7,9,10,11,12,14,15,16) Não</p>
<p>34.1 Caso sua resposta seja afirmativa, em que situação? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>0% = ( ) No trabalho 50% = ( 1 ) Com os amigos, informalmente 0% = ( ) Com os amigos, formalmente 50% = ( 1 ) Em casa, com a família 50% = ( 1 ) Fora de casa, com a família 0% = ( ) Com pessoas com escolaridade inferior à sua 0% = ( ) Com pessoas com escolaridade superior à sua 50% = ( 2 ) Em qualquer situação ( ) Outras: _____</p>	<p>25% = ( 1 ) No trabalho 25% = ( 1 ) Com os amigos, informalmente 25% = ( 1 ) Com os amigos, formalmente 0% = ( ) Em casa, com a família 0% = ( ) Fora de casa, com a família 0% = ( ) Com pessoas com escolaridade inferior à sua 0% = ( ) Com pessoas com escolaridade superior à sua 75% = (2,8,9) Em qualquer situação ( ) Outras: _____</p>	<p>( ) No trabalho ( ) Com os amigos, informalmente ( ) Com os amigos, formalmente ( ) Em casa, com a família ( ) Fora de casa, com a família ( ) Com pessoas com escolaridade inferior à sua ( ) Com pessoas com escolaridade superior à sua 100% = (1,2,8) Em qualquer situação ( ) Outras: _____</p>
<p>35. Em que situações <u>falares</u> (sotaques, dialetos) semelhantes a esse ocorreriam? (Pode marcar mais de uma.)</p>	<p>25% = (10,14,15,16) Em novelas 0% = ( ) Em jornal a nível nacional 0% = ( ) No Fantástico (TV Globo) 6,3% = ( 1 ) Em outros programas de outras emissoras 18,8% = (13,14,16) Em jornal a nível local 18,8% = (7,14,15) Em outros programas locais de TV 25% = (1,5,7,14) Em programas de rádio 18,8% = (10,13,16) Em música 12,5% = (3,14) Na missa/culto 43,8% = (1,6,10,11,13,14,15) Na escola</p>	<p>37,5% = (3,4,10,14,15,16) Em novelas 0% = ( ) Em jornal a nível nacional 0% = ( ) No Fantástico (TV Globo) 12,5% = (10,14) Em outros programas de outras emissoras 12,5% = (5,14) Em jornal a nível local 12,5% = (5,14) Em outros programas locais de TV 18,8% = (1,5,14) Em programas de rádio 12,5% = (10,14) Em música 25% = (6,11,12,14) Na missa/culto</p>	<p>26,7% = (10,14,15,16) Em novelas 0% = ( ) Em jornal a nível nacional 0% = ( ) No Fantástico (TV Globo) 6,7% = ( 5 ) Em outros programas de outras emissoras 13,3% = (5,16) Em jornal a nível local 6,7% = ( 5 ) Em outros programas locais de TV 20% = (1,5,14) Em programas de rádio 6,7% = (14) Em música 20% = (5,11,14) Na missa/culto</p>

	<p>18,8% = (10,13,15) Na universidade  25% = (3,11,13,15) Na profissão de vendedor(a) de loja  50% = (3,5,7,10,11,13,14,15) Na profissão de vendedor(a) ambulante  6,3% = (15 ) Na profissão de administrador  12,5% = (10,13) Na profissão de garçom  0% = ( ) Na profissão de comissário(a) de bordo  6,3% = (15 ) Na profissão de professor(a)  25% = (2,8,9,12) Em qualquer situação  6,3% = (4 ) Em nenhuma situação</p>	<p>43,8% = (5,7,10,11,13,14,15) Na escola  43,8% = (5,7,10,11,13,14,15) Na universidade  37,5% = (3,5,11,13,14,15) Na profissão de vendedor(a) de loja  56,3% = (1,3,4,5,10,11,13,14,15) Na profissão de vendedor(a) ambulante  18,8% = (5,14,15) Na profissão de administrador  31,3% = (5,10,13,14,15) Na profissão de garçom  6,3% = (14) Na profissão de comissário(a) de bordo  25% = (7,12,14,15) Na profissão de professor(a)  18,8% = (2,8,9) Em qualquer situação  0% = ( ) Em nenhuma situação</p>	<p>40% = (5,7,10,11,14,15) Na escola  20% = (5,10,11) Na universidade  6,7% = (5 ) Na profissão de vendedor(a) de loja  40% = (5,6,10,14,15) Na profissão de vendedor(a) ambulante  6,7% = (5 ) Na profissão de administrador  6,7% = (5 ) Na profissão de garçom  0% = ( ) Na profissão de comissário(a) de bordo  6,7% = (14 ) Na profissão de professor(a)  33,3% = (2,3,8,9,12) Em qualquer situação  6,7% = (4 ) Em nenhuma situação</p>
<p>36. Você teria vergonha de alguém que tenha esse <u>falar</u> (sotaque, dialeto)?</p>	<p>6,3% = (4 ) Sim  93,8% = (1,2,3,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16) Não</p>	<p>18,8% = (1,4,9) Sim  81,3% = (2,3,5,6,7,8,10,11,12,13,14,15,16) Não</p>	<p>26,7% = (1,4,7,9) Sim  73,3% = (2,3,5,6,8,10,11,12,14,15,16) Não</p>



**PARTE 4**

38. Grau de empatia com Fortaleza:

38.1 Você gosta(va)(ria) de morar em Fortaleza?

( ) Sim ( ) Não

38.2 De que festas realizadas em Fortaleza você mais gosta(va)(ria)? \_\_\_\_\_

38.3 De que comidas típicas dessa cidade (ou região à qual ela pertence) você mais gosta(va)(ria)?

38.4 Do que você mais gosta(va)(ria) da cidade de Fortaleza?

38.5 Do que você menos gosta(va)(ria)?

39. Você torce para qual time?

40. Você acha que as pessoas de outras localidades brincam com o falar (sotaque, dialeto) fortalezense? Por quê?

41. Você vê isso (de acordo com a sua resposta anterior) de forma positiva ou negativa? Por quê?

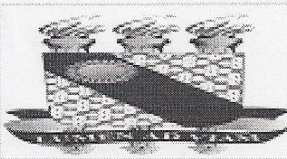

42. Depois dessa entrevista, você saberia dizer que fenômeno (variação) da fala (sotaque, dialeto) estamos investigando?

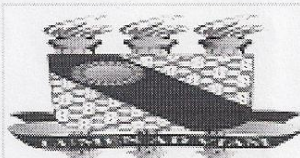
(42.1 Que “sons”?)

42.2 Por que você acha que esse fenômeno (variação) ocorre?

**ANEXOS**

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas

	<b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE</b>									
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>										
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>										
<b>Título da Pesquisa:</b> Variação, mudança e atitudes linguísticas: a realização de fricativas nos falares popular e culto de Fortaleza										
<b>Pesquisador:</b> Ana Germana Pontes Rodrigues										
<b>Área Temática:</b>										
<b>Versão:</b> 2										
<b>CAAE:</b> 40428914.9.0000.5534										
<b>Instituição Proponente:</b> FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ FUNECE										
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio										
<b>DADOS DO PARECER</b>										
<b>Número do Parecer:</b> 984.666										
<b>Data da Relatoria:</b> 13/03/2015										
<b>Apresentação do Projeto:</b>										
A pesquisa intitulada “Variação, mudança e atitudes linguísticas: a realização de fricativas nos falares popular e culto de Fortaleza” tem como objetivo “descrever, analisar e avaliar atitudes linguísticas sobre a realização variável das fricativas /v s z ch j/ nos falares popular e culto dos fortalezenses: aspiração e manutenção”. De acordo com a pesquisadora, para descrição e análise do fenômeno, será adotado o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa, que procura sistematizar os dados linguísticos, descrever a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social e estabelecer relações entre os fatores linguísticos e extralinguísticos.										
<b>Objetivo da Pesquisa:</b>										
A pesquisadora apresentou como objetivos secundários “a) Investigar as variáveis linguísticas – como os contextos fonológicos precedente e subsequente ao segmento, a posição dele na sílaba, sua tonicidade, frequência de uso e seu status morfológico, a dimensão do vocábulo e a classe morfológica –, que atuam sobre o comportamento do fenômeno em análise em cada fonema; b) Investigar os condicionamentos sociais – gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, grau de monitoramento estilístico – que interferem na realização de cada fricativa em estudo, nos falares popular e culto dos fortalezenses; c) Examinar, a partir dos resultados obtidos com cada fonema e em cada falar, se o fenômeno encontra-se em variação estável ou se há indícios de uma mudança										
<table border="0"> <tr> <td><b>Endereço:</b> Av. Silas Munguba, 1700</td> <td><b>CEP:</b> 60.714-903</td> </tr> <tr> <td><b>Bairro:</b> Itaperi</td> <td><b>Município:</b> FORTALEZA</td> </tr> <tr> <td><b>UF:</b> CE</td> <td><b>E-mail:</b> anavaleska@usp.br</td> </tr> <tr> <td><b>Telefone:</b> (85)3101-9890</td> <td><b>Fax:</b> (85)3101-9906</td> </tr> </table>			<b>Endereço:</b> Av. Silas Munguba, 1700	<b>CEP:</b> 60.714-903	<b>Bairro:</b> Itaperi	<b>Município:</b> FORTALEZA	<b>UF:</b> CE	<b>E-mail:</b> anavaleska@usp.br	<b>Telefone:</b> (85)3101-9890	<b>Fax:</b> (85)3101-9906
<b>Endereço:</b> Av. Silas Munguba, 1700	<b>CEP:</b> 60.714-903									
<b>Bairro:</b> Itaperi	<b>Município:</b> FORTALEZA									
<b>UF:</b> CE	<b>E-mail:</b> anavaleska@usp.br									
<b>Telefone:</b> (85)3101-9890	<b>Fax:</b> (85)3101-9906									



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 984.666

em progresso; d) Cotejar os resultados obtidos neste trabalho com os já obtidos em outras variedades do português brasileiro. e) Investigar as atitudes linguísticas de falantes fortalezenses residentes em sua cidade natal, de fortalezenses que já moram há muito tempo fora de Fortaleza e de migrantes de outras regiões (especialmente do Sul e Sudeste do Brasil) que vivem nesta cidade, tanto os que possuem nível superior quanto os que não o possuem, a fim de verificar se existe ou não estigmatização da forma aspirada [h, ] e se há coerência entre essa atitude e o uso que, de fato, eles fazem”.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Quanto aos riscos, a pesquisadora descreve “A primeira parte da pesquisa não apresenta riscos, uma vez que não fará contato pessoal com os entrevistados. Nesta parte, serão apenas realizadas transcrições fonéticas das palavras, pronunciadas pelo informante, que apresentem o fenômeno analisado. Além disso, o objeto de nossa análise é a massa de dados estatísticos apresentada pelo programa computacional que será alimentado por codificações resultantes das transcrições fonéticas. Assim, o programa computacional já recebe os dados codificados. Por isso, não haverá nenhuma exposição de trechos da fala do informante que possam identificá-lo. Na segunda parte, com o teste de atitudes, faremos um contato pessoal com os novos participantes que deverão responder a um questionário escrito”.

E os benefícios apresentados são “Contribuição para o ensino de língua materna e estrangeira, auxiliando professores e alunos a conhecer melhor a diversidade linguística brasileira e saibam como lidar nas inúmeras situações de heterogeneidade linguística com as quais se defrontam; Colaboração com a investigação das implicações que poderiam existir no desenvolvimento de habilidades dos falantes no uso das variedades prestigiadas, visto que ainda existe uma distância entre o prestígio da variedade culta da língua utilizada pela escola e os dialetos previamente desprestigiados dos alunos, podendo gerar nestes indisposições para o desenvolvimento dessas habilidades; Colaboração com a descrição do português falado no Brasil; Registro e sistematização das “inovações/mudanças” linguísticas para que se faça um provável percurso da história das línguas; Atendimento do interesse de três tipos de pesquisador (BRIGHT, 1966): o sociólogo, o linguista histórico e o planejador linguístico; Contribuição para os profissionais do teatro, do cinema, da televisão; Contribuição para a linguística forense; A aspiração da fricativa /v/ é um fenômeno bastante recorrente no falar fortalezense, o que amplia o conhecimento sobre o falar cearense”.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisadora demonstra aprofundamento teórico e a pesquisa atendeu a maioria das

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700

**Bairro:** Itaperi

**CEP:** 60.714-903

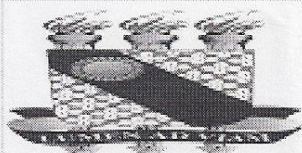
**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3101-9890

**Fax:** (85)3101-9906

**E-mail:** anavaleska@usp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 984.666

orientações de revisão do CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

1) Quanto ao TCLE:

- Está em forma de convite – ok;
- Apresenta o título e o objetivo da pesquisa – ok;
- Explicita adequadamente os riscos de desconforto emocional, dificuldade ou desinteresse e os benefícios e a estratégia de armazenamento da amostra que será transcrita, bem como o que será feito posteriormente com esse material – ok;
- Consta o telefone, endereço e e-mail do CEP – ok;
- Há telefone, nome completo e campo para assinatura do pesquisador responsável. Mas, não há e-mail – ok;

2) Quanto à Folha de rosto:

- Contém a assinatura do pesquisador responsável – ok;
- Contém a assinatura e carimbo do Vice-diretor de Centro de Humanidades - ok;

3) Quanto à Carta de Anuência:

- O número de cartas de anuência corresponde ao número de instituições onde será realizada a pesquisa- ok;
- Está descrito o título da pesquisa e o nome do pesquisador principal -ok;
- Está descrito na carta de anuência o que será realizado na instituição - ok;
- Está descrito que os dados serão coletados somente após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa- ok;
- Apresenta o carimbo da instituição e assinatura do responsável-ok;

4) Quanto ao Termo de Fiel Depositário:

- Estão descritos os documentos que serão analisados –ok;
- Estão descritos título e objetivos da pesquisa- ok;
- Garante o anonimato dos participantes e os princípios éticos de apenas analisar os dados referentes ao estudo- ok.

5) Quanto ao cronograma - A pesquisadora apresentou um cronograma especificando que o período para o levantamento de dados ocorrerá entre 8/12/14 e 8/12/2015.

Destaca-se, no entanto, que o projeto foi submetido ao Comitê em 03/01/2015, após a data prevista para início da coleta de dados. Mesmo após receber orientações para adequação do cronograma a autora manteve a data inicial de coleta em Dezembro de 2014, sem especificar se nesse período foi feito uso do material já armazenado em banco de dados ou se teve contato com

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700

**Bairro:** Itaperi

**CEP:** 60.714-903

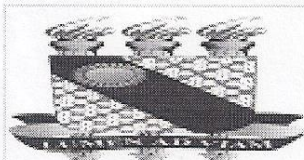
**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3101-9890

**Fax:** (85)3101-9906

**E-mail:** anavaleska@usp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 984.666

os participantes da pesquisa antes da autorização do CEP.

6) Quanto ao orçamento:

- O financiamento será próprio - ok;
- Descreve o que será gasto e com recurso de qual instituição - ok;
- Há coerência entre o método e o orçamento - ok.

**Recomendações:**

Recomendação, cuidar com o cronograma pois o CEP precisa de um período para analisar os dados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

- 1- Folha de rosto adequada – ok ;
- 2- Riscos aos participantes foram identificados – estão descritos somente no TCLE- ok;
- 3- Benefícios informados – ok ;
- 4- TCLE - ok;
- 5- Termo de anuência – ok;
- 6– Termo de fiel depositário – ok;
- 7- Orçamento –ok.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Fazer observação quanto ao cronograma.

FORTALEZA, 13 de Março de 2015

Assinado por:  
Ana valeska Siebra e silva  
(Coordenador)

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br

ANEXO B – Imagens da página Suricate Seboso utilizadas no teste de atitudes linguísticas

**3-S:** fricativa /z/ (seis imagens)



Fonte: <<https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034.58982.255108341285168/394129670716367/?type=3&theater>>. Acesso em: 18 fev. 2017.



Fonte: <<https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034.58982.255108341285168/454253974703936/?type=3&theater>>. Acesso em: 18 fev. 2017.



Fonte: <<https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034.58982.255108341285168/402465136549487/?type=3&theater>>. Acesso em: 18 fev. 2017.



Fonte: <<https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034.58982.255108341285168/579801555482510/?type=3&theater>>. Acesso em: 18 fev. 2017.





Fonte: <[https://akphoto1.ask.fm/522/867/297/1650003020-1q86oe7-cb8a657dhtblbk0/original/316394\\_325676024228399\\_800837065\\_n.jpg](https://akphoto1.ask.fm/522/867/297/1650003020-1q86oe7-cb8a657dhtblbk0/original/316394_325676024228399_800837065_n.jpg)>. Acesso em: 18 fev. 2017.



Fonte: <<https://www.facebook.com/suricateseboso?fref=ts>>. Acesso em 7 jan. 2015.

5-S: frivativa /3/ (uma imagem)



Fonte: <<https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034.58982.255108341285168/262729967189672/?type=3&theater>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

ANEXO C – Quadro de informantes do PORCUFORT com o número dos inquéritos utilizados na amostra

<b>Quadro do PORCUFORT</b>						
Distribuição dos inquéritos gravados por gênero, faixa etária, escolaridade e registro						
Gênero						
Masculino			Feminino			
Registro						
Faixa etária	DID	D2	EF	DID	D2	EF
<b>I</b> <b>(22-35)</b>	01, 27, 50	-	-	06, 106, 20	-	-
<b>II</b> <b>(36-50)</b>	10, 46, 42	-	-	09, 12	-	-
<b>III</b> <b>(51 em diante)</b>	15, 44, 49	-	-	13, 24, 32	-	-

Fonte: Araújo (2000).